

IRRESISTÍVEL

ELA ESCOLHEU SER DELE

Copyright © 2022 Vall Chruscielski

Capa: Hórus Editorial

Diagramação: Criativa Literária

Edição de Texto: Criativa Literária

Todos os direitos reservados.

É proibida a distribuição ou reprodução, total ou parcial, de qualquer parte desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, mecânico ou eletrônico, sem o consentimento por escrito das autoras. Registros de

Direitos Autorais pela Biblioteca Nacional.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas ou acontecimentos é apenas coincidência.

Este romance segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

VALL CHRUSCIELSKI

IRRESISTÍVEL

ELA ESCOLHEU SER DELE

Este livro apesar de trazer cenas Bdsrn, não retrata
um casal que viva exclusivamente esse estilo. Aqui,
é sobre se permitir viver o que quiser, da forma
que desejar, sem preconceito ou julgamentos.
É sobre escolher ser feliz.
Boa leitura.

EPÍGRAFE

Um dia você conhecerá alguém e tudo fará sentido. Por que todos os outros relacionamentos não deram certo? Por que ninguém nunca foi bom o suficiente? Por que você sempre sentiu que algo estava faltando? Cada peça que você sempre quis e, cada peça que você nem sabia que precisava, de repente, estará lá e tudo finalmente se encaixará do jeito que deveria.

Moolovers



PRÓLOGO

Só percebemos que amamos alguém de verdade quando nos permitimos amar. Sem medo nem receio, nos entregando por completo. É como saltar em queda livre, confiante de que o outro vai estar lá para te segurar.

Quando esse sentimento chega, não há certo ou errado: o importante é a intensidade vivida entre as partes.

O tesão.

O gozo.

A permissão.

Para isso, não precisamos de aprovação — de ninguém, muito menos da sociedade. Cabe a nós decidirmos o que desejamos viver.

Quis você no instante em que te conheci; quis ser sua de todas as formas imagináveis. Desejei sua dominação, sua intensidade e todo o seu prazer misturado ao meu.

Na vida, não existe uma pessoa perfeita, porque não somos perfeitos, mas encontrei em você a combinação perfeita de felicidade e luxúria.

Vou te amar imprudentemente, sem palavras soltas ao léu. Vou te amar com toda a pureza do meu coração e com todas as nuances do meu tesão. Vou te amar nos dias bons, naqueles não tão bons e até mesmo quando o caos chegar, fazendo-nos pensar em desistir.

Prometo te amar com meu corpo e com minha alma. Nesta vida ou em outra, se existir.



CAPÍTULO 1

Aena

Meus olhos ardem depois de tantas horas lendo. A prova final do curso de Agronomia acontecerá nas próximas semanas, e preciso tirar dez. Eu me recuso a tirar uma nota medíocre, porque de medíocre já basta a vida que eu levo. Parei os estudos por alguns anos, não posso mais ficar presa nisso.

O sino sobre a porta toca e ela range ao ser aberta. A contragosto, tiro o olhar do livro e levanto a cabeça, apenas para ver um homem entrar. O desconhecido passa os olhos por toda a loja enquanto fala ao telefone. Sua voz soando alto dentro da minha pequena loja. Noto que ele tem um sotaque diferente, bem leve, com uma vibração no “r” das palavras. Acho bonitinho, mas não consigo identificar de onde vem.

Ele segue falando, sem me encarar por um segundo sequer, sua atenção voltada para os pequenos vasos de plantas que estão arrumados na prateleira de cima. Pelo modo como articula as palavras, dá para notar que é bem seguro de si. Inclusive, diria que deve ser rico. Há nele aquele ar austero e uma confiança bem sedutora. Dou um sorrisinho, que ele não nota, distraído com a conversa.

Geralmente, atendo homens mais velhos e muito menos atraentes. Nada parecido com o monumento à minha frente. Ele está de costas, então não consigo fazer uma análise detalhada de seu rosto, mas o porte alto e os ombros largos ganham a minha atenção.

— O que devo comprar? — Ouço sua voz grossa dizer para a pessoa com que está com ele ao telefone, ao mesmo tempo toca o botão de uma rosa.

Acho tão interessante que eles sempre preferem as rosas, quando há tantas opções magníficas disponíveis.

— Não sei qual escolher, não entendo de flores. — Um longo suspiro vem dele. — Está bem, vou ver o que consigo.

Observo-o encerrar a ligação e enfiar o aparelho no bolso da frente da calça. Em seguida, sem tirar os olhos das flores, estala os dedos no ar, me chamando.

É isso mesmo? Ele estalou os dedos como se chamasse um cachorrinho?

Quanta arrogância!

Eu me aproximo, tentando calcular quanto deve ter na conta bancária. O cara exala riqueza, e o gesto que acabou de fazer só comprova isso: como se esperasse que todos estivessem à sua disposição. A forma como se veste também deixa claro seu status: calça jeans desbotada, camisa cor-de-rosa clara, com as mangas dobradas até os cotovelos. A cara da riqueza.

Com isso em mente, chego mais perto, decidida a fazê-lo comprar todas as dúzias de rosas da loja. Tenho uma fatura que vence amanhã, além das que já estão vencidas, e uma boa venda pode me garantir que não terei multa por atraso.

— No que posso ajudar, *senhor*? — Dou meu toque de sarcasmo. Claramente, ele não é um “senhor”, mas...

— Preciso de flores. — O homem segue olhando para os vasos.

— Que pena, acho que entrou no lugar errado. — Não consigo conter o deboche.

Por mais que eu trabalhe com flores, não posso ser considerada uma. Ou talvez possa, dependendo da ocasião.

— Humm... — murmura, ainda sem virar para mim.

Que cara presunçoso, penso enquanto deixo meus olhos percorrerem seu corpo de cima a baixo. Ele deve ter mais de 1,85 m e alguns fios do seu cabelo castanho reluzem com a luz do sol, que entra pela vitrine.

— Qual você acha que vai agradar uma senhora de idade?

— Uma dúzia de cada a fará feliz.

Finalmente, o homem se vira para mim, seus lábios repuxando num sorriso. Por alguns segundos, fico sem ar, embaçada com a beleza dele. Olhos castanhos muito escuros me encaram de volta, mas é a boca grossa e bem desenhada que me faz arfar. Respiro fundo uma vez e percebo que ele também está surpreso. Talvez por ter esperado encontrar uma mulher mais velha em vez de uma jovem de vinte e poucos anos.

— Qual é a sua preferida? — ele questiona.

Fico sem saber o que responder, já que amo todas por motivos diferentes.

— Bom, acho que não vai comprá-las para mim. — Levanto o rosto e o encaro.

Sou presenteada com um sorriso amplo, que o deixa ainda mais atraente. Só que isso não apaga sua falta de gentileza, principalmente no modo como chama as pessoas. Antes que eu conclua o pensamento, o sorriso já desapareceu.

— Comprar flores, especialmente para uma pessoa de idade, não é só questão de gosto — volto a falar. — Sabe se ela gosta das que exalam a fragrância ou se prefere algo mais discreto? Sabe se é alérgica ou tem rinite? Se a resposta for sim, devemos evitar as que soltam pólen.

— Eu... acho que ela não é alérgica a nada. — Ele parece perdido.

— Para uma pessoa de idade — prossigo —, recomendo flores que não necessitem de muito cuidado. Orquídeas e antúrios, por exemplo. — Aponto para onde as flores estão, logo atrás dele. O homem as observa e, com um leve sacudir de cabeça, concorda com o que eu acabei de dizer.

— Qual é a ocasião?

— Hoje é aniversário da minha avó. Fui escalado para levar flores.

— Então, sugiro as orquídeas.

— E por que não rosas? Não são as preferidas das mulheres?

Não, não são. Mas não vou dizer isso em voz alta.

Aprendi que é sempre melhor deixar o cliente decidir o que levar. Devemos apenas indicar duas ou três opções, mas a escolha é dele.

— Se você acha que ela vai gostar... — Deixo a frase morrer.

Ele olha para as rosas e depois para a orquídea, como se debatesse internamente o que fazer.

— Vou levar a orquídea.

— Tem preferência de cor?

Aponta para a Vanda, uma espécie de cor vibrante e de beleza muito peculiar. A que escolheu é em tom azul-royal.

— Boa escolha. Tenho certeza de que sua avó vai adorar. Do contrário, pode voltar aqui e devolvo o seu dinheiro.

— Está certo — responde com um esboço de sorriso.

Pego o vaso na prateleira, levo-o até o balcão e começo a fazer um lindo embrulho. Bem à altura do homem à minha frente.

Enquanto preparo o laço, sinto um arrepio na nuca, como se estivesse sendo observada. Mas antes que eu consiga olhar para cima, ouço-o dizer:

— Você é uma mulher difícil de ler.

O quê? Ele estava tentando me ler? Por quê?

Finjo não ouvir, até porque não tenho ideia de como interpretar sua frase. O homem não repete, apenas me entrega o cartão e eu o pego. Antes de colocá-lo na máquina, leio seu nome: Erick Magalhães.

Será que ele é de alguma cidade vizinha? Será que está morando aqui ou veio só para o aniversário da avó? Não vou perguntar. E, na verdade, não importa. Ele vai sair por aquela porta e, possivelmente, nunca mais nos veremos.

É então que seu telefone toca de novo.

— Alô? Sim, estou terminando a compra, achei... — Enquanto segue falando, viro a máquina para ele, que digita a senha sem pensar. — É uma orquídea. Recomendação da vendedora. Achei ela bem bonita.

Há uma ênfase nas palavras que me faz hesitar por um segundo, acreditando que pode estar se referindo a mim. Mas logo afasto a ideia boba. Entrego a nota fiscal e o cartão para ele, que os enfia no bolso, sem nem mesmo conferir o valor.

— Não é isso, também é muito bon... Quero dizer, deixa para lá, você entendeu. Vou sair daqui e ir direto para aí. Está certo, vou pegar as bebidas no caminho. Tchau, mãe. — Ele desliga, puxando o ar com força.

Estendo a flor lindamente embalada.

— Obrigado.

— Sempre às ordens, senhor.

Ele observa a embalagem e a etiqueta com o nome da loja, colocada estrategicamente em cima do grande laço.

— Flores e pelúcias? — Lê em voz alta o que está escrito e, em seguida, seu olhar percorre a loja toda.

— Antes vendíamos os dois, mas as flores começaram a brigar com os bichos, então achei melhor ficar só com elas.

Ele solta uma risada baixa, e novamente percebo como é charmoso quando sorri.

— Como se chama? — quer saber.

— Queen Flores. — Claro que sei que perguntou o meu nome, mas não vejo nenhuma necessidade em contar. Afinal, ele já está de saída.

— Sabe onde fica o comércio Saru? Sou novo por aqui, minha mãe disse que é perto.

— Desça a rua, é logo na esquina. Agora, tenha cuidado por lá, dizem que o café deles tem uma substância que vicia.

— Vou me lembrar disso, Queen Flores — fala com deboche e sai com um sorriso presunçoso no rosto.



CAPÍTULO 2

Erick

Meu dia começou uma merda e acabou tomando um rumo inesperado.

Pelo menos é o que penso quando passo pela porta da floricultura, tentando conter o sorriso que quer se formar em meu rosto.

Queen Flores... Leio o letreiro da loja assim que entro no carro. Quem é aquela mulher? Acho que nunca conheci uma que tivesse beleza e petulância na mesma medida. Quando entrei na floricultura, estava esperando uma senhora de sessenta anos, cabelos grisalhos e um sorriso doce. Mas nunca aqueles olhos...

Enquanto um era de um azul intenso, o outro tinha um tom escuro de verde. E se o impacto deles não tivesse sido o suficiente, ainda vieram acompanhados de uma pele branca como leite, uma boca grossa, sobrancelhas atrevidas e um nariz arrebitado.

Queen Flores...

Balanço a cabeça e me toco de que ainda estou segurando a orquídea que aquele espetáculo de mulher me vendeu. Se ela tivesse tentado me vender a loja inteira, eu teria comprado. Acho que nunca precisei de tanto autocontrole na vida — levando em conta que sou obrigado a lidar com meu pai diariamente —, apenas para não a jogar sobre o balcão e descobrir se ela também tem cheiro de flores.

Coloco a orquídea e o celular no banco do carona e acelero o carro.

Tenho coisas importantes a fazer e não posso deixar que minha imaginação tome conta. Talvez mais tarde, quando eu estiver sozinho na cama.

Parado no sinal, escuto a chegada de uma mensagem. Olho para o lado e vejo que foi meu pai quem enviou. Nem me dou ao trabalho de ler, porque já sei que coisa boa não é.

Estou cansado de brigar com ele sobre o futuro da empresa e nunca conseguir com que minhas ideias sejam ouvidas. Meu pai insiste que sou um moleque e que não sei do que estou falando. “Seu bisavô fazia assim, seu avô fazia assim e, agora, eu faço assim também” é o seu discurso e a justificativa que usa. Como se inovar fosse um grande problema.

Nossa vinícola é reconhecida, tem um nome forte no mercado, mas nos dias de hoje precisamos de inovação — e é isso que ele não entende. Não é por ser um negócio que passou de geração em geração, que precisa ficar preso ao tradicional. Podemos ser algo ainda melhor do que somos hoje.

— Cabeça-dura — murmuro num tom frustrado. — Não sou um moleque recém-formado.

O sinal abre e acelero o carro, seguindo para a casa da minha avó. Pelo visto, nem o encontro com a mulher da floricultura foi capaz de recuperar o meu bom humor por completo.



CAPÍTULO 3

Aena

— Não, infelizmente as tulipas estão em falta. O fornecedor sequer me deu uma data para o envio — explico pela sétima vez.

A pessoa do outro lado da linha parece não me ouvir e insiste em saber das benditas tulipas. Quando desliga, ainda está resmungando algo sobre nunca ter nada nesta cidadezinha.

Nova Ventura é, de fato, bem pequena. Uma cidade típica de interior, cuja única vantagem é a universidade pública, onde estudo. Para a minha loja, isso não conta muito, afinal, estudantes são sempre ferrados de grana e nunca compram flores.

Coloco o telefone no gancho e reviro os olhos duas vezes seguidas para Elena. Só que minha melhor amiga, nem percebe meu desgosto, pois está focada em seu livro.

— Juro que vou ficar louca — diz, frustrada. Sento-me ao seu lado, pegando meu livro sobre teoria da mutação genética, enquanto Elle geme alto e leva as mãos ao rosto. — Será que preciso mesmo concluir isso?

Se fosse por Elle, ir para a Universidade não teria sido uma escolha. Ela é um ano mais nova do que eu e está terminando agora a faculdade, seus pais praticamente a obrigaram. “Elena, mulheres independentes têm, sim, que fazer faculdade” é o discurso que eles sempre usam. Já minha amiga retruca, afirmando que ter um diploma não é sinônimo de sucesso na vida, muito menos de independência. Para ela, trabalhar na loja de roupas dos

pais, bem do outro lado da rua, é o que a faz feliz. E, para isso, não precisa ser formada em Administração.

— Já decidi o que pretende fazer quando acabar a Universidade? Vai fechar a floricultura e sair em busca de um emprego? — minha amiga pergunta.

— Realmente não sei. Amo o meu trabalho. — Dou de ombros. — Talvez alce novos horizontes, talvez fique por aqui mesmo... Quem sabe eu resolva aborrecer as flores e volte a vender bichos de pelúcia? — Sorrio para Elle.

— Quem sabe você se torne uma especialista na arte do sarcasmo?

— Neste assunto, já tenho doutorado, amiga.

Ela me atira uma folha de papel amassada, mas estou alerta e pego a bolinha antes de me acertar.

— Fala sério!

— Estou falando. A verdade é que não tenho como sair daqui e abandonar o meu pai. Você sabe que ele não pretende deixar Nova Ventura. Por isso, ainda não sei o que fazer da minha vida — explico, observando as duas pessoas que admiram as flores da vitrine.

O telefone de Elle toca, atraindo minha atenção para ela.

— Alô? Estou na Queen Flores. — Ela fica quieta e, de repente, se levanta toda acesa e começa a falar de forma acelerada. Totalmente curiosa e sem um pinga de educação, presto atenção no que diz: — Sério que vai vir? Sim, eu estava um pouco distraída na boate. — Ela rói o canto da unha. — Como assim? — Elle caminha apressada entre os vasos de flores e para em frente à vitrine. — Estou vendo. Estou aqui, sobe um pouquinho a rua e logo vai ver a floricultura.

Ela desliga o celular, enfiando-o no bolso traseiro da calça. Em seguida, começa a ajeitar o cabelo.

— Quem você chamou para vir aqui? — pergunto, curiosa.

— Meu namorado.

— Finalmente vou conhecer “o namorado”?

— Hoje, você vai descobrir por que saí com ele logo de cara. Tenho certeza de que vai se apaixonar também — ela fala com um enorme sorriso no rosto.

No segundo seguinte, o sino da porta soa alto.

— Oi, gata.

Antes que minha amiga possa responder, um homem a envolve em seus braços e lhe dá um beijo no estilo desentupidor de pia. Apenas observo a cena, chegando até a ficar um pouco constrangida. Os clientes

que estavam frente da vitrine olham escandalizados para dentro da loja e vão embora. Como o casal não parece inclinado a se soltar, pigarreio baixinho. Nada. Então, pigarreio mais alto. É aí que Elle, com relutância, se afasta um pouco dele.

— Oi... — Passa a mão nos cantos da boca. — Atena, este é Ronaldo, mas todo mundo o chama de Roy. — Pelo visto, o tal namorado também é afeito a apelidos, que nem Elena. — Roy, essa é Atena.

Olho para o sujeito e chego à conclusão de que ele não tem nada de especial: magricelo, cabelo escorrido e oleoso e usa uma camisa dois números acima do seu tamanho.

Conheço bem a amiga que tenho e sei que ela não ficaria com um cara sem atributos. Agora só me resta saber quais são, porque, à primeira vista, está difícil de encontrar.

— Ah... Oi, é um prazer conhecer você — apresso-me em dizer.

— Cara, isso é incrível — Roy fala, andando entre as fileiras de jasmims.

— Sim, por isso se chama Queen! — Elle exclama, empolgada, com aquele seu jeitinho de miss simpatia.

Estou tão acostumada a passar meus dias na loja que não me surpreendo tanto assim, diferente de quem entra pela primeira vez. Olho ao redor e vejo uma explosão de cores, espécies de flores, formas diferentes e aromas também. É impossível conter o sorriso de orgulho que se forma em meu rosto.

Roy se aproxima de um vaso, abaixando-se para fixar os olhos na etiqueta colada ali.

— *Trachelospermum jasminoides*. Eu poderia colocar esse nome no meu gato.

Elle me olha e caímos na risada.

Então, descubro o porquê de ela ter se interessado por Roy: minha amiga tem uma quedinha por homens que não seguem o padrão, contanto que sejam bem-humorados. E esse cara não tem nada de padrãozinho.

— Vamos, Elle. — Ele agarra a mão da namorada.

— Vamos.

— Até mais, deusa grega.

Ah, amiga, que sujeito é esse que você arrumou? O cara mal me conhece e já faz piada com o meu nome?

Elle me dá um beijo e sai. No mesmo momento, meu pai entra pela porta dos fundos, carregando uma caixa de flores.

— Tem mais duas no carro. Você pode pegar, por favor?

— Claro, pai.

Na mesma hora, faço o que pede: vou até o carro, que está estacionado nos fundos da loja, e pego as outras caixas. Quando retorno, deixo-as ao lado do balcão, para organizar tudo no lugar certo daqui a pouco. Só preciso dar uma palavrinha com meu pai antes.

Como não o vejo na loja, resolvo ir para o andar de cima, onde fica nosso apartamento, sabendo que o sino da porta vai avisar caso um cliente apareça.

Assim que entro em casa, encontro-o deitado no sofá. Ele parece cansado, mais do que o normal. Também, o que posso esperar de um homem que trabalha muito e descansa pouco?

Eu era um bebezinho quando minha mãe sumiu no mundo com outro homem, somos apenas nós dois para dar conta da loja e de nossa casinha modesta. Apesar das dificuldades, meu pai sempre esteve presente. Mesmo que se desdobrasse para nos sustentar, ele dava um jeito de ir a todas as festas da escola, até mesmo no Dia das Mães.

Este homem é tudo para mim — sempre foi e sempre será —, e vê-lo desse jeito me preocupa.

— Está tudo bem, pai?

Ele levanta um pouco a cabeça, olhando em minha direção.

— Sim, só não dormi muito bem à noite. Estou precisando descansar um pouco.

— Então descanse. Vou voltar para a loja e estudar um pouco mais — aviso.

— Se precisar, fico lá — oferece, mesmo que a exaustão esteja estampada em seu rosto.

— Não precisa. O movimento está bem tranquilo, posso estudar lá. Fique aqui e descanse um pouco.

Enquanto desço para loja, penso que, nos últimos dias, papai parece mais cansado do que o normal. Resolvo ficar de olho.



CAPÍTULO 4

Atena

— Atena, minha querida, como você está?

Estou conferindo as notas de entrada e saída do caixa quando dona Ane entra na loja. Levanto os olhos e me deparo com o rosto conhecido de uma das nossas clientes mais antigas e fiéis. Não consigo deixar de sorrir ao notar seu chapéu verde-limão, com uma tulipa presa no lado esquerdo da aba. Toda vez que vem à floricultura, usa um chapéu de cor diferente — parece até a Rainha da Inglaterra. Ela os tem de todas as cores e formas, desde os mais simples até os mais espalhafatosos.

— Olá, dona Ane. Estou bem, e a senhora?

— Na minha idade, não posso dizer que está ruim. — Ela ri. Nos últimos meses, dona Ane esteve bastante abalada, nem parecia a mesma pessoa. Mas isso é o que acontece quando se perde o amor de sua vida. Deve ser difícil ficar sozinha depois de anos convivendo com a mesma pessoa. Pelo visto, desde que o neto se mudou para a cidade, o humor de dona Ane está melhor, e fico muito feliz ao vê-la sorrindo de novo. — Seu pai está por aí?

— No quintal, podando algumas plantas. Quer que eu vá chamá-lo? — ofereço, já começando a me levantar.

— Não, minha querida, não precisa. Fiz uma encomenda com ele outro dia: duas dúzias de begônias. — Ela se aproxima do balcão. — São para o aniversário surpresa da Luci — confidencia, referindo-se a uma de suas amigas, que também é nossa cliente.

— Meu pai falou. — Sorrio para ela. — Um segundo que vou conferir aqui.

— Por favor.

Começo a digitar no teclado do computador, abrindo a planilha de encomendas.

— Está prevista para chegar amanhã, no horário da manhã — confirmo.

— Tem certeza, minha filha? — indaga, preocupada.

— Tenho sim. Mas para a senhora ficar tranquila, vou ligar para o fornecedor e verificar se tudo está dentro do prazo.

Toda as vezes que faz uma encomenda, é a mesma coisa: ela fica muito preocupada se vai chegar, se o fornecedor vai mandar as flores certas, se não tem problemas com o carro de entrega...

Pego o telefone e disco o número conhecido.

— Ah, querida. Quero te agradecer pela orquí... — dona Ane começa a dizer, porém ergo um dedo, interrompendo-a, quando o fornecedor atende.

Falo o número do pedido e ele me garante que as flores já estão no caminhão de entrega e sairão amanhã cedo, logo no primeiro horário. Agradeço e desligo.

— Pronto, confirmada a entrega.

— Você é um anjo! — Leva as mãos ao meu rosto e aperta minhas bochechas. — Desculpa, mas precisava saber se estava tudo certo. Fiquei responsável pelas flores, sabe? Não quero decepcionar.

— Imagina, a senhora não precisa se desculpar — digo com sinceridade, porque não conheço outra pessoa tão boazinha quanto dona Ane.

Ela olha para a porta dos fundos e acompanho seu olhar. Acho que está esperando papai aparecer. Sinceramente, não sei o que tanto essas senhoras da cidade conversam com ele. Será que sabem da nossa história? Será que sabem que minha mãe achou melhor ir embora no mundo com outro homem?

Não vou negar que, em uma determinada época, tive vontade de saber mais sobre a mulher que me deu à luz, talvez tentar localizá-la. Mas aí olhava para o meu pai e me lembrava de tudo pelo que passou. Ele ficou um bom tempo sofrendo por ela, e isso fez com que meu coração virasse gelo, tanto que, hoje em dia, nem a considero como mãe.

Ser mãe vai muito além de ter um filho ou de ser biologicamente relacionada a uma pessoa. Ser mãe é amar, é cuidar dos machucados, é acalantar os choros e conversar sobre as inseguranças. É apoiar, torcer, brigar e dar beijinhos antes de dormir. É tudo aquilo que ela nunca fez por mim.

— Passo que horas para buscar? — A voz de dona Ane me faz sair dos pensamentos. Ergo o olhar para ela e vejo que tem o celular na mão.

— Esse fornecedor costuma entregar cedo, acredito que por volta das dez horas a senhora já possa vir buscar.

— Ah, esse horário não vai dar. Tenho que ir à igreja com a Elina. — Ela faz uma pausa e nega com a cabeça. — Tadinha, soube do genro dela, aquele que mora no Bahia?

— Soubemos sim. Muito triste — digo com sinceridade, lembrando de quando escutei a notícia da morte precoce, causada por um acidente.

— A coitada está arrasada. — Ela volta a balançar a cabeça com imenso pesar. — Sendo assim, vou mandar outra pessoa pegar as flores.

— Não tem problema. Peça para me procurar.

— Você é uma boa filha, Atena — dona Ane diz, dando dois tapinhas carinhosos na minha mão.

— A senhora não sabe? Estou concorrendo ao prêmio de melhor filha do ano.

Ela ri alto.

— Não vai ter pra ninguém.

Em seguida, dona Ane se despede e deixa a loja. Fecho a planilha no computador e volto a me concentrar nas notas fiscais. Quando termino, aproveito que o movimento não está dos maiores e estudo mais um pouco.

Já no final do dia, me dou conta de que papai não voltou à floricultura. Preocupada, desligo o computador, vou até a frente da loja para recolher os vasos de flores que tinha deixado do lado de fora e, por fim, tranco a porta. Pego as correspondências sobre o balcão, os livros e subo para casa.

No meio da escada, sinto o cheiro delicioso de molho de tomate. Ao entrar, vejo meu pai parado de frente para a janela, falando com alguém ao telefone. Com total falta de educação, presto atenção na conversa.

— Não tem problema — ele diz para a pessoa do outro lado da linha. — Tudo ficará bem, afinal, deve estar morando fora do país.

Acredito que deva estar falando com alguma das senhoras que tanto conversam com ele. Deixo-o ali e vou até o meu quarto. Jogo os livros sobre a cama e, desajeitada, arranco os sapatos dos pés e calço as pantufas. Passo no banheiro para lavar as mãos e volto para a cozinha.

— Nossa, o cheiro é de dar água na boca. — Ao me ouvir, ele se vira rapidamente para mim com os olhos arregalados em surpresa.

— Vou terminar o jantar. Atena já subiu. — E desliga sem nem dar adeus, vindo até mim.

Tento abrir o armário para pegar os pratos, mas precisamos nos

espremer. Nossa casa é bem pequena. Quando um entra na cozinha, o outro quase tem que sair, de tão apertada que é.

— Deixa que eu pego pra você — papai diz, rindo, quando percebe que não vai dar certo.

Segurando os pratos, dou a volta no pequeno espaço e começo a arrumar a mesa. As contas a serem pagas ficam no caminho, quase como uma metáfora maldosa da vida. Tiro-as de cima da mesa e, por um momento, ignoro-as.

— Estamos comemorando algo hoje e não sei? — Papai ergue a sobrancelha com a minha pergunta enquanto coloca a travessa sobre o descanso. — Você fez “massonada” com bastante parmesão por cima — explico, usando nome dado por mim quando era pequena.

É apenas uma macarronada comum, mas que sempre comemos quando algo positivo acontece ou em ocasiões especiais. Quase um ritual.

— Não, filha, só achei que merecíamos uma noite especial. — Papai serve o meu prato e, na mesma hora, minha boca enche de água.

As primeiras garfadas são feitas em silêncio, a não ser pelos muitos “hmmm” que não consigo controlar. Como sempre, está delicioso.

— Tenho notado o senhor cansado — volto a falar. — Está precisando de alguma coisa? Posso tentar ajudar mais...

— Está tudo bem, fique tranquila. — Sua expressão é de puro amor quando estende a mão e acaricia a minha. — Não sei o que seria da minha vida sem você.

— Eu sei. — Levanto o rosto, o garfo parado no ar, e fico séria. — Estaria casado com uma dessas senhoras com quem o senhor sempre está batendo papo.

— Nunca! — solta com uma risada.

— Ah, pai, nem te contei. — Bebo um gole de água. — Dia desses, um riquinho metido entrou na loja e estalou os dedos para me chamar.

— Você devia estar desatenta, provavelmente o moço queria a sua ajuda. — Ele enfia outra garfada de “massonada” na boca.

Giro o garfo ao redor do macarrão e, depois de muitas voltas, levo-o à boca.

— Que nada... era só mal-educado mesmo.

E bonito. Muito bonito. Mas resolvo omitir o fato.

— Espero que não tenha usado esse seu sarcasmo nato com o rapaz.

— Claro que não! — digo em um tom de falsa indignação. — Só avisei que, aqui em cima, às terças e sextas, o senhor dá aula de boas maneiras. Espero que ele apareça — brinco com ele, que me encara assustado, mas logo percebe que é brincadeira e sorri.

— Atena, você não tem jeito.

Não consigo me segurar e dou uma piscadinha. Ficamos em silêncio por vários minutos enquanto devoramos a comida.

— Dona Ane também esteve na loja hoje. Perguntou pelo senhor — aviso, raspando o prato.

— Veio confirmar a entrega das flores? — ele quer saber e eu apenas assinto com a cabeça. — Terminou? — Aponta para o meu prato vazio.

— Sim, mas pode deixar que cuido da limpeza da cozinha. É o justo, já que fez todo o jantar.

— Tudo bem, obrigado, amor do papai. Vou deitar e ler um livro. — Ele dá um beijo na minha testa. — Boa noite, filha.

— Boa noite, pai.

Assim que sai, pego o celular em cima da pilha de envelopes de contas, escolho uma playlist para faxinar, coloco os fones e começo o serviço. Enquanto lavo a louça e mexo meu quadril ao som do sertanejo, meus pensamentos me levam até o mal-educado, lembrando-me de seu porte grande e ombros largos. Fico imaginando se os músculos por baixo daquela roupa arrumadinha são definidos... Se ele sorri com frequência... Se ele...

Balanço a cabeça, afastando as fantasias. De que adianta ficar pensando naquele homem, se não irei vê-lo de novo?



CAPÍTULO 5

Aena

Quando volto da faculdade, no dia seguinte, vejo através da vidraça uma mulher conversando com o meu pai. Mas é a sua aparência de gente rica que me faz estranhar.

Primeiro, o almofadinha do Erick, agora essa senhora.

Desde quando nossa floricultura virou alvo dos ricos?

Que continue assim, amém. A conta de água, já atrasada, agradece.

Noto que ela usa um vestido rosa-claro, que vai até a altura dos joelhos. O figurino acompanha um cinto largo, marcando sua cintura, e um salto alto. O cabelo é castanho-claro e está bem alinhado em um coque baixo. Definitivamente, ela é da alta sociedade e não deve morar em Nova Ventura.

Meu pai sorri, mas fica meio estranho quando me vê entrando.

— Vou indo. Até outro dia, Sebastião.

Quando a mulher se vira para mim, confirmo as suspeitas de que nunca a tinha visto por aqui. Fora que ela é de outro nível: seu rosto é lindo, com traços finos e olhos castanho-claros. Ela evita olhar para mim ao sair, o que me deixa ainda mais confusa.

— Quem era? — Aponto para a porta recém-fechada.

Dou a volta no balcão e guardo o material no armário.

— Só uma cliente — meu pai comenta, dando de ombros. Algo me diz que ele não está sendo sincero, afinal, ela saiu sem levar nada. Abro a

boca para falar isso, porém sou interrompida. — Você chegou mais cedo hoje. Aconteceu alguma coisa?

— Dois professores faltaram — explico. — Só tivemos o primeiro tempo.

Sempre que isso acontece, sinto-me um tanto frustrada. Acordei cedo, me arrumei, saí de casa... e só fiquei cinquenta minutos na faculdade. Não são nem nove horas da manhã e já estou de volta.

— Entendi. Preciso levar essas flores até a igreja. — Ele pega dois cestos e sai rumo à porta dos fundos. — Ah, e a encomenda da dona Ane está na estufa.

Nem tenho tempo de responder e ele já desapareceu de vista.

Resolvo reorganizar a vitrine, dando destaque ao buquê de dalias. Coloco um vaso de rosas brancas ao lado esquerdo e, à direita, um de flores do campo. Quando estou voltando para o balcão, ouço o sino da porta soar. Viro-me na mesma hora, porém estanco no lugar. Para a minha surpresa, o homem do outro dia acabou de entrar na loja.

Acho que estou tendo um derrame, porque meu cérebro congela e perco a total habilidade de me mexer. Nem sei se estou respirando. A única coisa que consigo fazer é permitir que meus olhos desçam por aquele corpo enorme.

Mais do que da outra vez, hoje Erick parece ter saído de dentro de uma revista. Minha garganta fica seca quando o vejo de terno, porém sem o paletó. Ele ajeita a manga da camisa branca, que a essa hora do dia ainda está impecavelmente desamassada. Por cima dela, usa um colete risca de giz de três botões, que combina com a calça social.

Procuru não reagir, mas confesso que é uma missão quase impossível. Andando na minha direção ele passa a mão no cabelo — que está uma bagunça, como se tivesse saído de um vendaval. — Cada passo que dá parece ritmado com a batida dentro do meu peito.

O sino da porta toca novamente, obrigando-me a sair do transe e tirar os olhos da criatura mais linda que já vi.

Putá merda, acho que a temperatura subiu uns quinze graus nos últimos vinte segundos.

Mas então Roy também aponta na porta e tudo volta ao normal.

— Oi, deusa grega, Ele está aqui? — O namorado de Elena chega mais perto e deixa um beijo na minha bochecha.

— Oi, Roy — cumprimento-o, ainda tentando recobrar minhas funções cerebrais. — Não, ela não está. — Minha resposta faz com que ele se afaste um pouco fique parado no meio da loja, como se pensasse em algo.

— Ei, que tal um show na sexta à noite, na Saturno? — Roy convida, se referindo a uma boate famosa da cidade, bem perto aqui de casa. Acho que só fui lá uma vez.

De repente, minha pele fica quente e preciso respirar fundo duas vezes. De canto de olho, vejo que Erick nos observa — e apenas seu olhar é capaz de me fazer ebullir por dentro. Tentando me desprender da sensação de ser acariciada com os olhos por aquele homem impressionante, volto minha atenção para o namorado da minha amiga.

— Vou pensar. — Sorrio para Roy.

— Beijo, deusa grega. Fui!

Dito isso, bate a porta, fazendo a sineta ressoar bem alto.

— Oi, Queen. — A voz grossa e com aquele sotaque gostoso me faz virar para Erick, e noto que está com a cara fechada.

— Oi. — Finjo, propositalmente, que esqueci seu nome. — Você por aqui de novo?

— Isso não é interessante? — Desta vez, é ele que usa o sarcasmo. — Hoje vim buscar uma encomenda para a minha avó.

— Sua avó? — Minha voz sai mais aguda do que eu esperava enquanto vou para trás do balcão.

— Anebelle Magalhães — acrescenta.

Estarrecida, digito agilmente no teclado do computador e puxo a lista de pedidos, só para confirmar se tinha ouvido direito. O único pedido que tinha para essa manhã era da...

— A dona Ane é a sua avó? — Tento esconder o choque, mas tenho certeza de que não consigo.

— Sim, minha avó.

Abro e fecho a boca, piscando algumas vezes.

Como assim? Dona Ane é uma pessoa incrivelmente humilde, educada, gentil e amorosa. Como pode ter um neto mal-educado e cheio de pompa?

— Difícil de... — Engulo as palavras. Não posso soltar um “é difícil de acreditar, já que vocês são tão diferentes”.

— Sou o neto preferido dela — afirma, cheio de si. — Muito prazer, Erick Magalhães. E você é...? — Ele estende a mão e a aceito, encarando o local onde nos tocamos.

Quando tento me soltar, Erick desliza o dedo lentamente pela minha palma, causando-me uma sensação estranha, que faz minha respiração ficar ofegante. Meus olhos voam para seu rosto e noto um leve sorriso satisfeito estampado ali.

Droga, ele percebeu a minha reação.

Na mesma hora, puxo a mão com mais força e afasto-me dele, abaixando o rosto e olhando para os papéis sobre a mesa.

— Sou a dona da floricultura. — Balanço a cabeça, me obrigando a retomar minhas faculdades mentais. Está na hora de dar o troco, e deixá-lo curioso sobre o meu nome é bem divertido.

— Então, Queen... — Ele afasta um vaso de miniorquídeas para o lado no balcão, apoiando o cotovelo sobre o tampo de madeira. — As flores da minha avó chegaram?

Sua indagação soa tão malditamente *sexy*, que não sei se sinto vontade de calar sua boca com um tapa ou com um beijo.

— Chegaram, sim. — Pigarreio, passando a língua pelos lábios. É então que noto Erick acompanhar o movimento, me encarando sem pudor. — Aguarde um momento, vou buscar.

Saio pela porta dos fundos, ciente que estou sendo cuidadosamente observada, e entro na estufa. Aproveito que estou a sós e tento controlar minha respiração. Não consigo entender por que, desde o primeiro dia, Erick causa esse agradável desgosto em mim. Coloco a mão no peito, meu coração está acelerado, odeio minha reação à presença dele. Ao mesmo tempo, sei que não posso me esconder para sempre.

Encontro a encomenda e volto para a loja, carregando tudo de uma vez.

— Podia ter pedido a minha ajuda — ele diz, todo solícito e pega as caixas das minhas mãos.

— Obrigada.

Depois de apoiar as embalagens em cima da bancada, com toda aquela pompa e elegância, busca pela carteira no bolso traseiro da calça.

— Não precisa, sua avó já deixou tudo pago com o meu pai.

— Ah... ela deve ter esquecido de me avisar.

Pego um grande plástico e passo em volta das caixas, a fim de manter as flores protegidas. Depois, uso a fita adesiva para fixar bem. Tento manter o máximo de foco na tarefa, tudo para não precisar olhar para Erick.

— Prontinho. Mande um abraço meu para sua avó.

Erick tem os antebraços apoiados no balcão enquanto seus olhos se mantêm presos a mim. Tinha que ser tão bonito?

— Mando sim, mas em nome de quem? — A pergunta dele me faz encará-lo.

— Ela sabe. — Mordo a bochecha para conter a risada.

Eu sei que deve estar louco para descobrir o meu nome, mas hoje acordei malvada. Depois, não pretendo facilitar nadinha para ele.

— Parece que todos sabem, menos eu. — Travo a mandíbula, me esforçando para não soltar uma risada.

Ele tira o celular do bolso da frente da calça e começa a digitar.

— O que está fazendo?

— Vou mandar seu abraço para a vovó.

— Jogando sujo, senhor Magalhães. — Assim que as palavras saem da minha boca, ele afasta o telefone, os olhos buscando os meus com tanta intensidade que quase não consigo encará-lo. Minha boca se entreabre e, por um segundo, o ar me falta.

— Na verdade, nem comecei a jogar ainda, Queen.

Erick sorri, mas não é qualquer sorriso: há uma mistura de frieza e prazer no modo como o canto dos lábios se erguem. Preciso me esforçar ao máximo para manter a compostura, tentando não demonstrar que estou quase sucumbindo.

Se ele continuar sorrindo desse jeito por aí, vai acabar cometendo um genocídio: o desgraçado é mais letal do que qualquer arma química no mundo.

— Oi, vó. — Pisca para mim, como se não tivesse tentado me matar há um segundo com seu sorriso, e começa a falar com dona Ane. — Tudo bem sim. É, estou aqui com as flores... não, vó. O pai? Não. — Ele anda calmamente pela loja, e é a minha vez de segui-lo com os olhos. Mordo o lábio, pedindo silenciosamente que dona Ane não diga meu nome. — Isso, uma moça. Ela é jovem, tem cabelo castanho e olhos extraordinários. Filha? — Ele vira o rosto em minha direção. — Atena?

Ergue uma sobancelha, como se estivesse provando que consegue tudo o que quer. Apenas dou de ombros com indiferença, ao mesmo tempo que me sinto derrotada.

Droga.

— Então, a Atena está mandando um abraço para a senhora. Ah, ela é um doce? Sim, vovó, estou sendo gentil. Sempre sou.

“É por isso que amo dona Ane”, penso comigo mesma, enquanto desvio o olhar daquele monumento de homem e começo a dar baixa na planilha de entrega e retirada.

Ouç-o soltar uma gargalhada alta e isso chama imediatamente a minha atenção. Tento ser discreta ao observá-lo por baixo dos cílios. Sua risada é intensa e parece bater em mim com uma vibração diferente.

O que tem nesse homem?

Será esse jeito quente e gelado ao mesmo tempo?

Ele vira e quase sou pega no flagra observando-o, mas ainda bem que sou rápida o suficiente.

— Por isso é a minha avó preferida. Bom, tenho que ir. Outro para a senhora.

Erick encerra a ligação e enfia o celular no bolso. Durante vários segundos, apenas me observa com cuidado, caminhando lentamente para perto do balcão. Sinto cada pedacinho da minha pele se aquecer sob sua análise meticulosa. E ao mesmo tempo que quero fugir, também quero ficar.

— A-te-na. — Sua voz sussurrada pronuncia cada sílaba do meu nome, como se estivesse testando-o em sua boca. — Atena — repete, e um arrepio sobe em minha coluna, invadindo até o estômago.

É estranho ouvi-lo dizer a pequena palavra. Dá a impressão de que ele deixou de ser um desconhecido, um cliente qualquer. Agora, realmente nos conhecemos. E não tenho ideia de como me sinto a respeito disso.

— Oi, Erick.

Ele levanta de novo aquela sobrancelha. Desta vez, puxo a respiração e consigo manter-me firme diante da intensidade que me atinge.

— Acho que saí na frente do nosso jogo. — Erick ergue apenas um canto da boca, os olhos ainda presos em mim. — Um a zero para mim, A-te-na.

— Pensei que você não tinha começado a jogar.

Com aquele sorriso letal, ele pega as caixas e vai em direção à saída. Porém, para em frente à porta e volta-se para trás.

— Jogo é jogo, Atena.



CAPÍTULO 6

Atena

Fecho a pasta com as faturas vencidas e, quando levanto a cabeça, vejo Elle e Roy entrando.

— Oi, Atena, tudo bem? — Minha amiga acena com uma mão, enquanto a outra se mantém presa à do namorado.

— Oi, gente. Estou bem, e vocês?

— Tudo certo — os dois dizem juntos e sou obrigada a rir.

— Sentimos sua falta ontem — Elle comenta, fazendo biquinho.

— Marquei de sair com vocês? — Sei que estão falando sobre a boate, mas opto por me fazer de desentendida.

— Não lembra que passei aqui e avisei que iríamos à Saturno? — Roy franze o cenho.

— Ah, desculpa, acabei esquecendo. — Abano o ar com a mão, dispensando a ideia.

— Falando sério, Atena, você deveria ter ido. Foi muito bom. Vamos repetir a dose e você vai junto na próxima — Elle diz, animada.

— Legal. Talvez eu vá. — Viro e verifico no computador os próximos casamentos e quais flores serão usadas. Tenho muita coisa para resolver em pouco tempo.

Há mais ou menos um ano, papai e eu começamos a decorar a igreja para os casamentos. Antes, as noivas fechavam contratos com floriculturas da cidade vizinha, mas o padre nos ajudou com uma delas e, depois

disso, passamos a ter alguns pedidos. Noivas são exigentes e surtadas, mas entendemos que se trata de um dia muito especial e damos nosso melhor para que tudo fique do jeitinho que elas pedem.

— Atena, você precisa de mais animação nessa sua vida pacata — minha amiga insiste no assunto.

— Estou bem assim, Elle — garanto a ela.

— O que ficou fazendo que não foi?

— Eu esqueci, insisto na mentira. Depois tinha que acordar bem cedo hoje para receber um fornecedor. Além disso, estou atolada com os casamentos do mês. — Tento colocar o máximo de firmeza na voz.

Só que a desculpa não é o suficiente para que Elle aceite minha desculpa esfarrapada, tanto que minha amiga apoia os cotovelos no balcão e me encara. Seus dedos tamborilam na madeira, fazendo barulho com as unhas compridas.

— Teve um cara que perguntou por você lá — diz em tom conspiratório.

— Onde?

Ela atira um lápis em mim.

— Pelo amor de Zeus, parece que nem está prestando atenção na nossa conversa. Ontem à noite, na boate! — Eleva o tom de voz.

— Quem era ele? — ignoro seu drama e volto a digitar.

— Na verdade, nunca o tinha visto antes. Não sei quem é, mas era bem bonito, forte, alto e tinha um jeito diferente de falar.

Por alguma razão, isso provoca um tremor no meu estômago.

Não, não pode ser...

— O que ele queria saber? — Ergo a cabeça e encaro minha amiga, tentando disfarçar a curiosidade.

— Eu o ouvi perguntar para uma das garçonetes se ela conhecia uma moça chamada Atena, ou a dona da Queen Flores. A moça disse que não. Quando me virei para dizer que eu conhecia, ele já tinha se afastado.

— Acho que era o mesmo rapaz que estava aqui no outro dia — Roy comenta, abraçando Elle por trás e confirmando minhas suspeitas.

Erick foi atrás de mim? Mas como ele sabia...? É claro! Roy me convidou na frente dele. Mas por que foi até lá?

“Pare de pensar nisso, Atena”, meu cérebro briga com as partes do meu corpo que sempre ficam afetadas quando se trata daquele homem.

Isso não vai dar certo. Erick e aquele sorriso precisam ficar longe de mim.

— Ele estava com alguém? — Não altero a voz, fingindo desinteresse.

- Não parecia estar acompanhado. — É Roy quem afirma.
- O que será que ele queria comigo?
- Você sabe quem é ele? — Elle pergunta, cheia de suspeitas.
- Se for quem estou pensando, é o neto de uma cliente.
- Hum, talvez ele tenha ficado caído por você — ela sugere.
- Acho que... sei lá. — Fico sem saber como continuar a frase. —

Agora, me contem: a noite foi divertida?

Mudo o rumo da conversa.

— Muito! Você precisa ir, estamos pensando em voltar na sexta que vem. Vou levar um amigo meu, acho que vocês vão se dar bem — Roy diz, todo animado.

— Nem pensar. Um encontro com um amigo seu? Agradeço, mas passo.

— Por favor! Por favor! Vamos, Atena — Elle implora, pulando no lugar.

— Nunca! Não vou sair com quem nunca vi.

Os dois trocam um olhar cúmplice.

— Bom, isso vai ser bem fácil de resolver. Roy pode pedir para ele dar uma passadinha aqui na floricultura e pronto.

Olho apavorada para o namorado de Elle.

— Não se atreva a fazer isso. — Aponto um dedo em sua direção, ameaçando-o.

— Fique tranquila, Atena, não vou dizer que você adorou a ideia e está ansiosa para um encontro. — Roy ri e balança as duas sobrancelhas para mim.

Viro para ele e atiro um olhar mortal, que diz “não estou para brincadeira”.

— Vai dar tudo certo. — Elle me dá um sorriso insinuante.

Os dois estão loucos se acham que serei capaz de sair com um desconhecido, ainda por cima amigo do Roy.



CAPÍTULO 7

Atena

Nos dias que seguem, toda vez que ouço o sino da porta tocar, olho apavorada para ela. Uma ansiedade agita meu estômago sempre que penso na possibilidade de ser Erick entrando na loja. Desde a última vez que nos vimos, ele vem preenchendo meus pensamentos com bastante frequência. Seu sorriso, o jeito que me olha... Mas é aquele maldito ar dominante que me faz ficar assim, com o coração acelerado.

“Jogo é jogo, Atena.”

Que jogo, Erick?

Que tipo de jogo um homem lindo como ele quer comigo? Não sei. Ao mesmo tempo que estou curiosa para descobrir, confesso que estou apreensiva. Talvez louca, ou só iludida mesmo. Por mais que eu saiba do meu valor, estamos em níveis diferentes, tanto de status quanto de beleza.

Suspiro fundo e volto a mirar a porta. Mais uma vez, não é Erick que entra, e não sei se me sinto grata ou decepcionada por isso.

— Boa tarde, posso ajudá-lo? — pergunto ao homem alto e de cabelo curto que acabou de chegar.

— Oi, sou o Leonel, amigo do Roy. Ele me disse que esta é a melhor floricultura da cidade.

Fico em choque por alguns segundos, sem conseguir acreditar que Elle e Roy realmente armaram para mim. Mas logo respiro fundo algumas vezes e me recomponho.

— Por que tenho a impressão de que não foi só isso que ele te disse? — Encaro-o.

O tal de Leonel sorri, coçando a nuca.

— Você deve ser Atena. Vou logo dizendo que Roy não fez jus quando falou de você, já que é três vezes mais bonita.

Sorrio tímida para ele. Olhando para o cara, constato que é tão estranho quanto o amigo.

Pelas minhas flores, onde será que Elena encontra esses tipos?

— Roy falou para você vir aqui tentar me convencer a ir à boate, não é? — sou direta, porque tenho certeza de que foi isso o que aconteceu.

— Acertou — Leonel confessa, olhando para os lados como se tivesse sido pego no flagra.

— Desculpa, mas não vou.

— Ele disse isso também — afirma, agora sorrindo. — Mas achei que poderia te fazer mudar de ideia. A Saturno é bem legal, e não precisamos estar juntos, se este for o problema. — Ele dá de os ombros. — Vai só para se divertir um pouco. Dançar, beber alguma coisa, curtir com a gente...

Penso se vale a pena fazer isso. Tenho andado ocupada demais com os estudos, isto é fato. Além do mais, a floricultura também toma muito do meu dia.

Olho para o rapaz à minha frente. Com as mãos no bolso da calça, ele me encara de volta. A blusa é tão larga quanto às que Roy usa. Seu cabelo também é bagunçado, como se não visse um pente há semanas, talvez meses. Mas tem um sorriso bonito e parece bonzinho, pelo menos. Não que eu tenha qualquer interesse nele, porque isso está longe de ser verdade. Só que passar um tempo com Elle, fora da floricultura, é algo que sempre adorei fazer. Quando foi a última vez que saímos para dançar?

— A cidade toda vai estar lá. Vamos, será legal... — Leonel incentiva, como se lesse meus pensamentos. Para piorar, ele junta as mãos, implorando.

— Está bem. — Opto por aceitar. — Mas a primeira bebida é por sua conta.

— Com certeza! — Abre um sorriso.

Logo, a lembrança de um outro sorriso me vem à mente. Um que deveria ser proibido por lei.

— Quer que eu passe aqui para te pegar ou a gente se encontra lá?

Balanço a cabeça e volto para o agora, apagando a imagem de Erick da cabeça.

— Nos vemos lá.

— Está bem. — Acena para mim e sai da loja.

Fico olhando-o andar até desaparecer pela rua.

Caraca, eu vou matar Elle e Roy por isso. Tudo bem, o cara não é o estranho que eu achei que seria. Até que é bonitinho, mas não faz o meu tipo. No entanto, mesmo aceitando ir sem intenção de ficar com ele, não deixa de ser um encontro marcado.



Opto por percorrer a pé os dez quarteirões até a Saturno, e me arrependo cinco metros depois. Onde eu estava com a cabeça quando decidi usar essas botas com saltinho? Andar com elas na calçada de paralelepípedo é um verdadeiro terror. A cidadezinha de Nova Ventura é pequena, porém bem cuidada. As ruas são amplas e há calçamento para os pedestres, mesmo que de paralelepípedo, para atrapalhar o uso de saltos.

Resolvi usar calça, uma bem justa e preta, e como a noite está com um clima ameno, vesti uma regata vermelha de alça fina. Na verdade, tinha até me arrumado mais, só que fiquei com medo de Leonel achar que eu estava toda produzida para ele. Então, coloquei uma coisa mais simples — e seja o que Deus quiser!

Passo olhando ao redor, os postes iluminando meu caminho. Suspiro fundo, pensando se algum dia vou sair daqui? Mas sei que, se depender da boa vontade do meu pai, isso jamais vai acontecer. Ele ama este lugar. Lembro-me como ficou feliz quando comprou o imóvel. Este é um dos principais motivos de eu não saber o que fazer depois que me formar: não posso deixar meu pai sozinho, cuidando da floricultura. Mesmo que eu tente convencê-lo, ele vai arrumar todas as desculpas do mundo para não ir embora de Nova Ventura — e isso significa que há uma chance de eu ficar presa aqui para sempre. Papai já se sacrificou muito por mim, não posso pedir que sacrifique ainda mais.

Antes que o pensamento evolua, Saturno aparece bem à minha frente e reparo que o lugar está lotado por fora. Ou seja, por dentro deve estar também. Demoro um tempo considerável na fila, até que finalmente consigo entrar.

Enquanto tento encontrar minha amiga, me espremendo entre pessoas que dançam e conversam alto, presto atenção no local: mesas ocupam o espaço e há um balcão alinhado com a parede direita, onde fica o bar. Na última, e única, vez que vim aqui, a decoração estava diferente. Agora, há uma atmosfera mais escura, com luzes vermelhas e roxas piscando ao ritmo

da música. Dou uma olhada ao redor e cumprimento algumas pessoas, que reconheço serem da faculdade. De repente, uma mão toca meu ombro.

Assustada, giro rapidamente e relaxo quando vejo Elle acompanhada de Roy. Ela me dá dois beijos, um de cada lado do rosto. De imediato, percebo o quanto está animada.

— Não sabia que estaria tão lotado — queixo-me, ao mesmo tempo que forço um sorriso. A velha que habita em mim não curte aglomerações, mas não quer magoar a amiga.

— Hoje tem uma banda tocando, por isso está assim — explica, passando o braço pelo meu ombro. — Estou tão feliz que tenha vindo!

Olho para ela e aceno, não tendo certeza se compartilhamos da mesma euforia.

— Atena, você deve ter impressionado o Leonel. Ele já perguntou se você vinha umas mil vezes — Roy revela e dá uma piscadinha.

Quando uma música sensual começa a tocar, Roy puxa Elle para seus braços e os dois começam a se pegar a minha frente. Por um momento, penso que seus corpos vão se fundir, de tão colados que estão.

Subitamente, sinto uma vontade incômoda de estar nos braços de alguém... De ser tocada com carinho e luxúria ao mesmo tempo. De ser abraçada. De ter alguém beijando meu pescoço e deixando as mãos passearem livremente pelas curvas do meu corpo. Nunca me importei de estar sozinha, sempre dominei a arte da solidão — e por escolha própria.

Então, o que me fez ter essa vontade? E por que agora?

A imagem do rosto de Erick cintila na minha frente, acompanhada de um calor desconcertante, que sobe por minhas pernas e chega ao local onde elas se encontram. Balanço a cabeça e, o mais rápido que consigo, apago a imagem dele. Não mesmo!

Ele? Não, não e não.

O nome disso é carência. Seca. Muito tempo sem beijar na boca faz com que a gente tenha alucinações.

Mesmo sem vontade, tento me mover ao ritmo da música, só para não parecer tão desconfortável com meus companheiros, só que a boate está tão cheia que mal tenho espaço. Depois de um tempinho, vejo Leonel andando em nossa direção. Até que ele é bem charmoso quando não está com roupas estranhas e o cabelo todo desgrehado. Ele se aproxima e para bem à minha frente, parece que nem vê Elle e Roy, já que seus olhos permanecem colados em mim.

— Oi, Atena, que bom que veio — Leonel diz, empolgado.

— Sim, cá estou. — Dou de ombros e ele sorri.

— Que bom — repete. Por vários segundos, ficamos em um silêncio estranho, como se nenhum de nós soubesse o que falar. — Fique aqui que vou cumprir a promessa e pegar algo para a gente beber. — Quando vou dizer para não ser cerveja, ele já se foi.

Olho para os lados à procura dos meus amigos, mas vejo os dois se afastando também. Só posso imaginar que foram buscar algo para beber. É então que noto duas mulheres deixando uma mesa vaga. Na mesma hora, corro para ocupar a cadeira. Meus pés agradecem. Maldita botinha e os paralelepípedos de Nova Ventura.

Não demora muito para que Roy e Elle apareçam com suas bebidas. Eles tomam os lugares ao meu lado e começamos a conversar sobre nada importante. Reparamos nas pessoas, nas roupas, nas danças, e as risadas rolam soltas. Quando Leonel chega, vejo que ele trouxe uma garrafa de cerveja para mim.

— Desculpa, tentei avisar que não gosto muito de cerveja — digo assim que ele me estende a bebida. Quando sente a minha recusa, faz uma cara de triste. — Não tem problema, você não sabia. Na verdade, tentei te avisar, mas a música está alta demais.

— O que você quer? — ele pergunta. — Vou pegar pra você.

— Não se preocupe. — Fico de pé. — Já volto.

Decido que é melhor pedir uma água por enquanto. Aproximo-me do balcão e aguardo para ser vista e atendida, o que parece ser quase impossível, já que a Saturno parece mais lotada a cada segundo. Não sei quanto tempo fico aqui, tentando conseguir a atenção do barman, mas sem sucesso. De repente, uma mão pousa sobre a minha. Viro-me de lado, já pronta para dizer a Elle que este lugar parece o inferno de tanta gente, mas meus olhos se deparam com um sorriso que eu jurava nunca mais ver de novo.

Erick.

Por vários segundos, tudo o que consigo fazer é prender o ar, apenas sentindo o calor de sua pele em contato com a minha. Meu corpo inteiro reage ao seu toque, me deixando presa à intensidade de seu olhar. Ao mesmo tempo que fico quente, fico gelada, já que arrepios sobem por minha coluna até meus mamilos ficarem eriçados. Quando isso acontece, imediatamente tomo uma atitude: puxo a mão bem rápido e tento fazer a melhor cara de quem não estava esperando por esse tipo de atrevimento.

Prazer, me chamo Sonsa.

— Oi, Queen, que prazer ver você novamente.

Levo alguns segundos para recobrar a sanidade e, quando faço isso, percebo que Erick não me chamou de Atena. Ah, pelo visto, voltamos aos

apelidos. Se ele pode fazer isso e fingir que não sabe o meu nome, então farei o mesmo.

— Oi, o senhor por aqui? Não sabia que frequentava esse tipo de lugar.

Acho que ele gosta demais da brincadeira, porque seu sorriso fica ainda maior — e seu efeito atômico sobre mim também.

Minha Nossa Senhora das mulheres que não transam há tempos, proíba esse homem de sorrir assim por aí, amém”, peço mentalmente.

Antes que ele possa responder, alguém o empurra para frente, fazendo com que cambaleie na minha direção. No instinto, estico as mãos.

Preciso fechar os olhos e inalar com força ao sentir o calor do seu peito sobre minhas palmas. Tê-lo tão perto traz uma consciência estranha para o meu corpo. Tento me mexer, mas é impossível. Seu cheiro maravilhoso me envolve e sinto meu coração bater acelerado ao ritmo da música. Parece que estou pulsando contra Erick, louca para me afastar e precisando me aproximar.

Mas então ele abaixa a cabeça lentamente, se aproximando cada vez mais do meu rosto. Os milésimos de segundos parecem durar uma eternidade.

Não sei o que vai acontecer, e não estou preparada para o que quer que seja. Seus lábios estão a centímetros dos meus, tanto que posso sentir o calor do seu hálito acariciar minha pele. Com os cílios tremulando, luto para não fechar os olhos e deixar bem claro o que quero neste momento.

Quando resta apenas uma respiração entre nós, ele desvia o rosto.

— Gosto do lugar — sussurra bem perto do meu ouvido, respondendo à pergunta que já tinha esquecido que fiz.

Um repertório infinito de xingamentos me vem à mente, ao mesmo tempo que agradeço por poder recobrar um pouco da sanidade.

Onde eu estava com a cabeça? Este homem deve ter algum tipo de feitiço, só pode!

Ele é bem mais alto que eu, então sou obrigada a elevar a cabeça para encará-lo. Por um momento, fico desconsertada com a forma que me olha, mas agora estou lúcida de novo. É por isso que desvio o rosto para ver se encontro o barman.

— Estranho, nunca o vi por aqui antes. Aliás, nunca o vi pela cidade.

— Finjo interesse no homem do outro lado do balcão, quando a verdade é que não sei o que acontece comigo quando Erick está por perto.

— Isso é verdade. Moro na cidade vizinha, mas estou começando a descobrir vantagens em Nova Ventura — sussurra outra vez, seu hálito causando mais arrepios na minha pele. — Acho que é o destino se esforçando para colocar você no meu caminho.

Finalmente o atendente se aproxima.

— Uma água para mim, por favor — peço, gritando mais alto que a música. — Sem gás e natural.

— Outra para mim, só que bem gelada. — De canto de olho, vejo Erick apoiar os antebraços no balcão, bem ao meu lado.

— Será mesmo que é o destino? — questiono, ainda sem encará-lo. Não posso fazer isso agora. Não sem antes ter certeza de que não irei sucumbir.

— Talvez...

Há um silêncio que segue, e nele posso sentir os olhos de Erick passeando por meu corpo. Enquanto ele me observa, apenas tento respirar. Por dentro, sinto meu estômago dar um nó. Maldito homem e malditas sensações que me causa.

É quase impossível manter o controle quando ele está tão perto. Ao mesmo tempo, não sei o que fazer. Se fosse qualquer outro, eu ignoraria com facilidade. Mas Erick... Há algo nele que me obriga a ficar aqui.

— Você está linda, Atena. — As palavras que escapam de sua boca me fazem arfar. Ou talvez seja a voz firme, rouca e *sexy* que atravessa a minha pele.

O atendente escolhe este momento para colocar as bebidas sobre o balcão, pelo que serei eternamente grata. Coloco o dinheiro sobre o tampo, pego a minha garrafa e, em seguida, tomo um longo gole de água — de repente, fiquei com a boca bem seca. Erick muda de posição e para de frente para a multidão.

— Seu namorado não parece entediado sem você. — Ele aponta a garrafa para a mesa onde meus amigos estão.

Olho para lá e vejo Roy e Elle aos beijos, enquanto Leonel conversa com uma garota. Tudo bem, não vim para ficarmos juntos, e ele sabia disso. Até me sinto aliviada.

— Ele não é meu namorado, só um amigo — justifico, mas nem sei o porquê.

— Humm... — Erick murmura, e acabo olhando para ele. Grande erro, porque seu olhar está preso em mim. Aqueles malditos e perfeitos olhos escuros, me encaram de volta, como se quisessem enxergar minha alma e descobrir tudo o que penso e sinto.

— Estou indo embora — aviso e viro-me para sair, mas sua mão quente segura meu braço, fazendo-me travar os pés.

— Saia comigo.

— Como? — Sou pega de surpresa.

— Amanhã é sábado. Saia comigo.

— Não posso — respondo de forma automática.

Ele entorta a cabeça de lado e me dá um meio sorriso.

— Eu sei que você pode se quiser, Queen.

— Vou pensar no seu caso — digo, mordendo a bochecha para não sorrir também.

— Então, eu ligo para você na floricultura.

Ele solta o meu braço, mas em vez de se afastar, dá um passo, ficando mais à minha frente. Engulo em seco e busco não fitar seus olhos, pois sei que vai descobrir o quanto é capaz de mexer comigo. Por mais que eu tente disfarçar, sua proximidade dificulta a minha fachada de indiferença.

— Queen? — É inevitável: seu chamado me obriga a erguer o rosto e encará-lo. — Não aceito não como resposta.

Com um sorriso presunçoso dançando em seus lábios, ele se aproxima ainda mais — e a boate parece ter esvaziado em um estalar de dedos. Até a música para de tocar. Ou então é a proximidade dele que me faz ficar apenas concentrada em Erick e esquecer o resto do mundo.

Vejo que, assim como eu, ele também respira de forma pesada. Seu peito sobe e desce rapidamente, e preciso me controlar para não esticar a mão e apenas... tocá-lo. Seus olhos me prendem, me dominam, me ordenam a ficar quieta e apenas aceitar o que está me oferecendo.

Então, ele sai andando como se nada tivesse acontecido.

Preciso de alguns segundos para me recuperar. Balanço a cabeça algumas vezes, tentando sair do estupor, e depois volto a tomar um gole de água.

Que homem é esse?

Com passos bastantes incertos, volto para a mesa, procurando-o pelo lugar, mas parece que Erick simplesmente evaporou no meio da multidão.

— Gente, desculpa, mas vou indo. Preciso levantar cedo para abrir a floricultura — colocando a garrafa sobre a mesa, aviso aos meus amigos.

Vejo que Leonel se afasta um pouco da menina e me encara.

“Ah, não vem, não. Você estava de papo com a mocinha dos cabelos loiros. E depois, não vim aqui para ficar com você”, penso, porém travo a língua.

— Mas já, Atena? — Ele pergunta, fazendo um bico enorme.

— Sim, amiga, nos vemos amanhã. Passe na floricultura.

— Sábado é meio complicado, tem muito movimento na loja. Se der, eu apareço por lá — ela diz com um sorriso e eu aceno a cabeça, concordando.

— Quer que a gente vá com você? — Roy oferece.

— Eu posso te levar — Leonel se manifesta.

— Não precisa, está tudo bem. Curtam o restante da noite.

Apressada, dou um tchauzinho para todos e vou em direção à saída. Assim que chego na rua, respiro profundamente, sentindo o ar fresco da noite entrar nos meus pulmões — e é um alívio. Lá dentro já estava sufocante, mas depois do meu encontro com Erick, respirar ficou impossível.

Não sei quanto tempo fiquei na Saturno. Talvez dez minutos, talvez dez dias. Tudo o que eu quero agora é ir para casa e me jogar na cama. Encontrar com Erick é um teste para cardíacos.

Começo a andar devagar, afinal, ainda estou de botinhas e o prefeito da cidade não tirou os paralelepípedos enquanto fiquei lá dentro. Mas logo me vejo obrigada a acelerar os passos, porque sou tomada por uma sensação incômoda de estar sendo seguida. Olhando para trás e ao redor, não vejo ninguém. Meu coração está acelerado e o medo me invade. Em momentos como este, ser mulher é uma maldição. Quando finalmente viro na rua de casa, estou ofegante. Não entro pela loja, optando pelos fundos. Corro para abrir o portão e fecho-o rapidamente. Já do lado de dentro, observo a rua com atenção e concluo que estou ficando louca: não há ninguém.

Melhor ser paranoica do que me colocar em risco à toa.

Solto a respiração que mantive presa e entro em casa, tentando me acalmar um pouco. Subo devagar os degraus e passo pela porta do quarto do meu pai, andando nas pontas dos pés. Não quero acordá-lo a essa hora. Quando entro no meu quarto, jogo-me na cama.

Fico assim por alguns segundos, só encarando o teto e pensando sobre o encontro com Erick. O que foi aquilo?

Desconstruo e reconstruo nossa interação na boate, para ver se chego a alguma maldita conclusão. No entanto, não posso negar que há uma química entre a gente. Na verdade, toda vez que ele se aproxima, meu corpo parece um vulcão em erupção. Negar que me senti excitada quando seu corpo estava perto do meu é garantir que meu nariz cresça igual ao do Pinóquio. Solto uma gargalhada, mas paro na mesma hora, tapando a boca, quando lembro que papai está dormindo a poucos metros.

“Saia comigo”, ele disse naquele tom mandão.

Mas não é só isso que me faz ficar confusa desse jeito, e sim o que há por trás das palavras. Ele quer me levar para jantar? Ele quer me levar para um cineminha? Ele quer...?

O que ele quer?

Não consigo entender aquele homem.

Também não consigo entender o que sinto quando estou perto dele.
“Não aceito não como resposta.”
E agora, o que eu faço?



CAPÍTULO 8

Aena

Demorei horrores para pegar no sono, acho que dormi apenas umas três horas. Agora, não são nem sete e estou aqui, com os olhos bem abertos. “Que saco”, reclamo comigo, sabendo que só abrimos a loja às nove da manhã.

Irritada por ter dormido pouco, levanto e vou direto para o banho. Fico debaixo d’água além do permitido pelo planeta, porque Erick se infiltra lentamente nos meus pensamentos, fazendo-me lembrar daquele sorriso e daquele olhar.

Cacete! Tem necessidade disso?

Levanto o rosto contra a água, lavo os cabelos e resolvo que é hora de deixar o banho. O planeta agradece, e a conta no fim do mês também. Já enrolada na toalha abro o armário e pego a roupa mais confortável que encontro: leggings e camiseta. Nos pés, pantufas do Darth Vader.

Paro em frente ao espelho e encaro o meu reflexo. Meu cabelo castanho-escuro para um pouco abaixo dos seios. E um pouco de sol me faria bem. A única coisa que se destaca em meu rosto são os olhos, justamente por conta de uma doença. A heterocromia fez com que eu nascesse com um olho azul e o outro verde. Vai entender...

Não me acho bonita, mas também não sou feia. Só não sou *sexy* como Elle. Minha amiga diz que por não me achar *sexy*, acabo me tornando. Na minha cabeça, isso não faz o menor sentido. A verdade é que nunca

consegui ser esse tipo de garota cheia de vaidades. Até queria ser mais vaidosa, só não tenho tempo nem dinheiro. Seria bom poder enxergar essa sensualidade que Elle diz que possuo, mas não consigo.

Alcanço a escova de cabelo na prateleira e começo a escovar os fios compridos. Sorrindo, dou uma última olhada para a garota no espelho, desejando a ela um pouco de coragem para viver mais um dia de luta. Saio para o corredor e vejo a porta do quarto de papai fechada, penso em bater, mas vou acordá-lo se ainda estiver dormindo.

Então resolvo descer para a floricultura e ajeitar tudo antes de abrir a loja. Verifico se todas as encomendas do dia estão prontas, se há alguma coisa atrasada e se tem flores ressecadas nas prateleiras. Faço o mesmo trabalho de sempre enquanto converso com as flores. Mas, pelo visto, tudo está perfeito.

De repente, ouço uma batida na porta.

— Será que Elle também perdeu o sono e veio trabalhar mais cedo?
— pergunto para um buquê de lírios.

Vou até a porta e abro um cantinho da persiana. Prendo a respiração e tenho um frio intenso na barriga ao ver que, do outro lado, Erick olha para mim com seu sorriso fatal e aponta para a maçaneta. Abro somente uma fresta e o encaro.

— Oi, Queen. Sabe, um dia desses alguém avisou que o café da lanchonete no fim da rua era algo viciante. Não dei ouvidos, e agora tenho vontade de tomar o café de lá o tempo todo. — Ele tem a cara mais deslavada do mundo. — Além disso, descobri que o bolo de chocolate também deve conter a tal substância.

Sorrindo, levanta uma embalagem para viagem do Saru, provavelmente contendo o bolo, e dois cafés. O efeito que tem sobre mim é imediato, me fazendo aquecer de dentro para fora, e já concluí que ter um sorriso assim devia ser proibido por lei.

Para piorar a situação, Erick fica ainda mais lindo pela manhã. Não perde a pose de cara rico, mas as roupas chamam menos atenção. Com uma camiseta preta do Nirvana e calça jeans desbotada, ele quase parece um homem normal. Quase, porque ninguém tem o direito de ser tão atraente assim.

Ao me dar conta de que fiquei olhando para ele por tempo demais, abaixo os olhos, envergonhada, e encaro os meus pés, apenas para ver que... Gloriosas flores! Pantufas?! Tenho vontade de sair correndo quando percebo que ele também nota a minha escolha de acessórios — e seu sorriso aumenta.

— Oi, Erick. O que faz aqui essa hora da manhã? — Levanto o

olhar e encontro o dele, meu sarcasmo e eu já esperando a piada. — Veio comprar alguma flor? Se não percebeu, a loja ainda está fechada.

— Trouxe café da manhã. Você e Darth Vader não vão recusar, não é?

Quase fecho a porta na cara dele, mas resolvo me controlar. Não posso demonstrar fraqueza agora. Por isso, puxo o ar com força e faço sinal para que ele entre.

— Só porque é do Saru — aviso assim que passa por mim, trancando a porta logo em seguida.

Acho injusto demais ele ser tão perfeito a essa hora da manhã. Erick pode até ser um almofadinha arrogante, mas não sou tão sonsa a ponto de dizer que ele é feio. Observo-o dar dois passos para o lado e colocar a bolsa sobre a mesa, em seguida os copos. Ele pega um e dá um gole, depois pega o outro e dá outro gole.

— Os dois estão deliciosos. Qual você quer? Pode escolher.

— Você bebeu dos dois — afirmo, indignada.

— Aham. Não se preocupe, não tenho nenhuma doença. Sou bem limpinho.

Tenho vontade de rir, mas me contenho.

Seria interessante sentir o gosto de sua boca na borda do copo, só que esse homem já brincou demais comigo.

“Jogo é jogo, Erick”, penso.

Lentamente, vou até ele e pego o copo da mão direita. Para provocá-lo — porque sei que é isso o que estava fazendo —, tiro um papel da caixa de lenço sobre a mesa e, olhando com deboche para ele, limpo a borda.

Erick levanta uma sobrancelha, sem acreditar na minha audácia.

Em seguida, jogo o papel na lata de lixo e dou um gole. Fecho os olhos ao sentir o sabor intenso do café. Quando os abro, Erick está me encarando com aquele mesmo olhar que me deu no bar ontem à noite. Isso me faz estremecer.

Tenho que admitir: ele mexe comigo.

— Essa forma que está me olhando pode me deixar inseguro.

Inseguro? Não sei se ele sabe o significado dessa palavra.

— Estou apenas analisando-o.

— E a que conclusão chegou?

Você é um homem fora da curva. Lindo, sexy, com o lado dominante bastante evidente. E está um passo à frente dos seres ditos normais. Ah, diria que é perigoso também. Daqueles que a gente quer correr o risco pra ver que tipo de perigo corre.

Concluo tudo isso com a boca fechada, é claro.

— Então? — questiona e sorve um pouco do seu café.

— Você acorda cedo — digo o óbvio e ele ri, enquanto toca a pétala de uma rosa caída sobre a prateleira. Depois, coloca o copo ao lado dela e abre os braços, como se confirmasse minha declaração.

— Ok. Eu também fiz a minha análise.

Levanto uma sobrancelha e o encaro.

— É mesmo? Manda aí.

Ele para por alguns segundos e me olha de cima a baixo. Desta vez, há uma leveza no modo como me avalia. Mesmo assim, sinto-me acariciada... e tento a me aproximar.

— Sim. Você é fã do Darth Vader — aponta para os meus pés, antes que eu faça algo digno de arrependimento — e gosta de tomar banho pela manhã.

— Humm. Muito esperto, já que meu cabelo está molhado e estou usando pantufas do Darth.

— Viu só como sou bom em analisar!

Ele abre a embalagem, retira um pedaço de bolo e o oferece para mim.

Minha boca imediatamente se enche de água ao ver a calda brilhando sobre a deliciosa fatia. Mais que depressa, aceito o pedaço e sento-me no chão. Sorrindo, Erick pega o outro pedaço e seu café, tomando o lugar ao meu lado. Mordemos juntos o bolo e soltamos um sonoro “hmmm”.

— É viciante!

— Sim! — confirmo, dando outra mordida.

— Então, Atena?

— Então, Erick? — devolvo a pergunta.

— Então...? — indaga novamente.

Nós nos encaramos.

Ele, como se quisesse arrancar algo de dentro de mim. Eu, por minha vez, sigo fingindo que esse olhar não me afeta em absolutamente nada.

— Como a deusa? — Inclina-se um pouco para o lado, e tenho a impressão de que quer me olhar melhor. Ou então sua presença está me deixando louca, o que é bem possível também.

— O quê?

— Seu nome. A deusa grega da sabedoria. Seu pai ou sua mãe gosta de mitologia grega ou é grego?

— Ah, sim. Meu avô tinha essa coisa com mitologia grega. Meu pai se chama Zeus e meu irmão, Thor.

Ele morde mais um pedaço do bolo, com os olhos arregalados, pensando no que eu disse. Contenho a vontade de rir, tomando mais um golinho do meu café.

— É sério isso? — A perplexidade está estampada em seu rosto.

— Não! — confesso e solto uma gargalhada alta. — Não tenho irmãos e meu pai não se chama Zeus.

— Queen? — ele chama, balançando a cabeça em negativa.

— Hum?

— Vou me lembrar do quanto você é cheia de gracinhas.

Erick enfia o último pedaço de bolo na boca e dá uma piscadinha. Assim que termina de engolir, aponta para mim.

— O que pensa a meu respeito, Queen?

“Ah, não queira saber...” Coloco controle na minha língua, porque revelar tudo pode ser bastante complicado. Eu mesma não entendo.

— No primeiro momento? — pergunto e ele acena, afirmando. — Que você era um cara um tantinho arrogante. — Não consigo conter o sarcasmo.

— E sou, não nego. Mas isso depende muito de com quem estou lidando.

— Não penso assim. — Erick me encara, fazendo uma grossa ruga marcar sua testa.

— Por que diz isso?

— Por quê? Deixe-me mostrar como foi que me chamou a primeira vez que entrou aqui.

Levanto-me do chão, deixo o restante do bolo e café no balcão e dou alguns passos, ficando entre as fileiras de flores. Coloco uma mão no ouvido, fazendo de conta ser o celular, e ando no corredor entre as flores. Então paro, olho para todos os lugares, menos para onde ele está sentado. Com um movimento rápido, ergo a mão e estalo os dedos no ar duas vezes seguidas.

Sorrindo, viro para onde ele está sentado e enfio o dedo indicador na boca fazendo de conta que vou provocar vômito. Erick me encara, mas não vê graça em meu gesto. Na verdade, tem uma expressão mortificada estampada no rosto.

— Foi exatamente assim que você fez — afirmo, pegando o bolo e o café e voltando para seu lado no chão.

— É assim que me vê?

— Naquele dia, sim.

— Desculpe, eu não...

— Está tudo bem — interrompo-o. — Afinal, posso dizer que hoje você se redimiou com honra. — Levanto o café e o bolo em sua direção.

Enfio o último pedacinho na boca e vejo que sua expressão ainda não amenizou. Isso faz com que eu me sinta um pouco mal por tê-lo

imitado. Por outro lado, ele bem que mereceu. Aquilo não é maneira de tratar uma pessoa.

— Você não morava aqui, não é? Seu sotaque é diferente — indago, curiosa, tentando mudar de assunto.

— Não, morava em Portugal, tem pouco tempo que mudei para cá. Eu bem que tento suavizar o sotaque, mas às vezes ele sobressai.

Percebo que olha fixamente para os meus lábios, depois aponta e leva o dedo até o canto da minha boca, limpando algo ali. Logo em seguida, seus olhos se prendem nos meus. E esse olhar é diferente. Tem uma intensidade estranha, que me faz tremer por dentro. É a mesma sensação de ontem à noite, como se o calor do corpo dele chegasse ao meu.

Engulo em seco, meu coração palpitando mais rápido. Erick desliza o dedo sobre meu lábio superior, lambuzando-o com a calda de chocolate do bolo que ficou ali. Depois, força o dedo na minha boca, pedindo silenciosamente que eu a abra. Obedeço devagar.

— Lamba. — Sua voz é arrastada, mas não me passa despercebido o comando contido ali.

Seu dedo desliza na minha língua e sinto o gosto de chocolate. Quero gemer, chupar o dedo, qualquer coisa... mas fico parada, estática, apenas fitando seus olhos — e noto a mudança neles. Estão mais escuros e há uma intensidade profunda contida ali. Um fogo me invade, deixando-me ciente do desejo que Erick é capaz de despertar em meu corpo. Ao mesmo tempo que fico desconsertada, também fico excitada, dominada pelo seu encantamento e pela forma magnética com que me olha.

O calor da excitação aumenta, me obrigando a comprimir um pouco as pernas, e meu gesto o faz inalar com força.

— Lamba — ele ordena de novo, a voz mais grossa.

Obediente, faço o que me pede, porque não existe a possibilidade de fugir: lentamente abro a boca e chupo seu dedo, limpando todo o chocolate que está ali. Noto que seu peito expande e a respiração fica mais ofegante. Lentamente, ele escorrega o dedo da minha boca e desce a mão pelo meu pescoço, envolvendo-o, sem desviar o olhar. Meu coração bate tão rápido que posso sentir a pulsação forte nas têmporas. Então, sua mão escorrega para trás, me puxando pela nuca com firmeza, até que seus lábios estão colados nos meus.

A sensação é de como levar um choque. A língua macia, quente e úmida envolve a minha, me possuindo. Ele geme enquanto os dedos enroscam em meu cabelo, mantendo-me firme contra seu ataque. Esse jeito de me prender faz cada pedaço de pele existente no meu pequeno corpo

pegar fogo. Não é um simples beijo. É sedutor, envolvente... irresistível.

Seu gosto é uma mistura de café, chocolate e Erick, que me deixa inebriada demais para conseguir me concentrar. Acompanho seus movimentos, sendo dominada por ele e me rendendo às sensações.

Quando envolve as mãos ao redor da minha cintura e me puxa para seu colo, fazendo-me ficar com as pernas uma de cada lado do seu corpo, um gemido baixo foge dos meus lábios. Completamente entregue, subo as mãos pelos seus ombros e acaricio seu cabelo. Mas enquanto minhas carícias são suaves, as deles são bruscas. Erick volta a enfiar os dedos no meu cabelo e puxa com força, pressionando o corpo contra o meu e deixando-me consciente de sua ereção entre minhas pernas.

Ele move o quadril para frente, friccionando aquele ponto entre nós, sinto meu corpo inteiro formigar com a sensação deliciosa. Estou completamente atordoada. Nunca imaginei ser possível sentir tanto prazer ainda vestida.

Erick morde meu lábio inferior, sugando-o com força para dentro da sua boca, e aperta mais os dedos no meu cabelo. Não resisto e solto um longo e prazeroso gemido, querendo mais. Precisando de mais. É então que ele afasta a cabeça da minha, porém mantém nossos rostos a poucos centímetros um do outro, escorregando a língua sobre meus lábios mais uma vez e limpando o restante de chocolate que tinha ficado por ali.

Respiro ofegante, sem conseguir controlar os saltos rápidos que meu coração dá.

— Você tem os olhos mais lindos que eu já vi — sussurra contra a minha boca. Nervosa, apenas esboço um fraco sorriso. — Queen, saia comigo hoje à noite?

— Eu... Eu... Por quê?

— Porque quero e preciso conhecer você melhor.

— Mas por quê? — insisto diante do poder da afirmação.

Preciso saber o motivo de todo esse interesse em mim. Apesar dessa química louca quando estamos perto, não quero ser apenas um brinquedo nas mãos dele.

— Atena, para algumas coisas não existe razão. Elas apenas têm que acontecer.



CAPÍTULO 9

Erick

Enquanto dirijo, noto que o dia está parecendo uma metáfora apropriada para o meu humor. O sol brilha no céu azul, com pouquíssimas nuvens claras, enquanto uma brisa deixa tudo ainda mais agradável. Só porque fiz progresso com a rainha das flores. Atena. Ah, Atena... Balanço a cabeça, sabendo muito bem que não consigo mais parar de pensar naquela mulher desde o nosso beijo, hoje mais cedo. Na verdade, desde que nos conhecemos.

Seu gosto ainda está na minha boca. Seu cheiro ainda está impregnado em mim. E eu quero mais. Ela ficou sob minha pele, e eu sabia que isso aconteceria no instante que vi aqueles olhos hipnóticos. O desejo que ela despertou em mim não é algo que consigo esquecer, muito menos ignorar. Parece que, a toda hora, seu rosto dança na minha mente, como a mais deliciosa forma de tortura.

Eu preciso ter essa mulher.

É mais do que apenas uma vontade. É uma necessidade, uma urgência. E se eu não resolver isso logo, se tornará uma obsessão.

A voz de Damiano, da banda Maneskin, serve como uma perfeita distração para o curto percurso até Lima, onde combinei de jogar golfe com meus amigos. Cantarolando junto com a banda, aumento o volume, e sigo para o clube.

Sem tirar os olhos da estrada, dou um leve toque no painel, que se abre, e pego os óculos de sol. Aproveito e abro a capota do conversível.

Em menos de trinta minutos, estou cruzando os grandes portões do clube de golfe de Lima. Procuro a vaga exclusiva para sócios, estacionamento e pego a bolsa com os tacos no porta-malas. Quando ouço um barulho de carro, levanto o rosto e vejo que Yosef também está chegando.

— Ora, ora, se não é o meu amigo, e sempre tão pontual, Erick Magalhães. — Sorrindo, solta a bolsa no chão e vem me dar um abraço.

— E aí, irmão, tudo certo? — Dou dois tapinhas nas suas costas.

— Cara, ando numa maré de sorte. — Ele volta a pegar a bolsa e seguimos para onde ficam os carrinhos de golfe.

— Fico feliz por você, irmão.

— E você, algum progresso com seu pai?

— Infelizmente, ainda não. O velho é muito cabeça-dura, mas não vou me dar por vencido.

Ele ficará orgulhoso com os projetos que estou desenvolvendo. Vou provar para ele que cresci como homem e como profissional. Esse dia vai chegar, e não vai demorar muito.

— Boa tarde, Jeremias — cumprimento o motorista do carro de golfe. Em seguida, meu amigo faz o mesmo.

— Boa tarde, senhores. Qual lado do campo hoje?

— Leve a gente para o B, por favor — peço gentilmente. Depois do comentário de Atena sobre a minha arrogância, tenho prestado mais atenção no modo como lido com as pessoas.

— É pra já.

— Bota pressão. Joga com as cartas certas que ele vai ceder — Yosef volta ao assunto enquanto seguimos até lá.

— Estou apostando nisso. Temos que fazer algumas mudanças, senão vamos acabar estagnados. Vejo muitas vinícolas por aí que estão começando a falir por conta disso — explico e Yosef concorda com a cabeça.

Mas antes que possa responder, seu telefone toca.

— Mensagem do Tiago. — Ele olha para o aparelho e, em seguida, para mim. — Teve um imprevisto e não vai poder vir.

— Bom, pelo jeito, terei que ganhar todas de você hoje — brinco.

Logo depois, Jeremias nos deixa no local. Escolho meu taco e Yosef também.

— Então, faça as honras. — Indica para que eu inicie.

— Com todo prazer.

Eu me posiciono, ajeitando as pernas e quadril, miro a bola, giro o corpo e a acerto, fazendo com que caia na direção certa.

— Eu avisei que vim para ganhar — declaro sem modéstia.

Yosef dá sua tacada. Ele vai tão bem quanto eu.

— O jogo está apenas começando, meu amigo.

Levanto os ombros e caminhamos até onde nossas bolas estão.

— Como foi a noite de ontem? Conseguiu o que queria?

Eu havia comentado com ele ao telefone sobre minha tentativa de encontrar Atena.

— Mais ou menos. — Na verdade, hoje de manhã foi bem melhor.

— Ela vale o esforço — afirmo, porém não entro em detalhes.

Atena tem algo diferente. Além de ser irresistivelmente petulante, ela me desafia, mas ao mesmo tempo não foge do meu domínio. Minha mão chega a coçar e meu pau tem espasmos toda vez que ela faz isso.

— Se vale, não a deixe escapar. Eu a conheço? Faz parte do clube? — quer saber.

— Ela não é do meio.

Yosef apoia o taco em um dos ombros e me encara.

— Vamos lá, mano. Você não está entrando nessa onda de contatinhos, né?

— Não, claro que não. Eu a conheci em Nova Ventura. Algo nela me diz que é a pessoa certa.

Nosso encontro no bar me deu coragem de ir atrás dela hoje cedo. Às vezes, até eu me surpreendo com a capacidade que tenho em ter boas ideias. Lembrar do que ela me disse sobre o café do Saru foi uma jogada de mestre. Era hora do segundo round, e eu só precisava de alguma desculpa para me aproximar.

— Ela é bonita? — Miro a bola e a faço voar no ar, acertando novamente a direção certa.

— De uma beleza estonteante.

Não digo que também é dona de uma irreverência sem tamanho. E pude provar dela quando limpou a borda do copo de café, só para mostrar que não se renderia facilmente.

Mal sabe ela que amei o que fez.

— Vai levá-la ao clube? — Yosef faz a jogada e quase acerta o buraco.

Pegamos as bolsas e seguimos pelo percurso delimitado. Sua pergunta desperta a minha curiosidade sobre como Atena reagiria se soubesse das minhas predileções. Será que sairia correndo e nunca mais falaria comigo de novo? Isso seria um problema.

— Ainda não sei como abordar o assunto com ela, mas pretendo. Não nego que estou gostando do jeito divertido dela. É desafiador e... ao mesmo, tempo há uma inocência nela. Não sei bem como explicar.

— Eu entendo bem, amigo. Foi assim com Joice, e ela é perfeita, combinamos bem. — Ele balança o taco. — Sua vez.

Faço a minha jogada, mas a bola cai longe do percurso. Yosef gargalha.

— Quero ver fazer melhor — ironizo.

Não tem como focar no jogo e falar de Atena. Avancei com calma quando a beijei, receoso de ser rejeitado, mas ela cedeu e isso foi a glória para mim. Agora, toda vez que penso nela, me vejo incapaz de esquecer os sons que emitiu, o jeito que seu corpo estava moldado ao meu, e tudo o que imagino fazer com ela.

Aquela mulher vai acabar me enlouquecendo.

— Você sabe que, na maioria das vezes, esse tipo de relação não dá certo.

— Yosef, sinceramente, preciso tentar. Porque, irmão, ela vale todos os riscos.

Seu cheiro de fêmea excitada exalava pelos poros quando a puxei para montar em mim. Nosso encaixe foi perfeito. Deixei a bela Atena descobrir como eu estava louco para estar dentro dela. Só de pensar nisso, meu pau já começa a dar sinais de vida.

“Acalme-se, Erick”, ordeno a mim mesmo. Yosef não precisa ver o efeito que Atena tem sobre mim.

Passamos o resto do dia jogando mais algumas partidas e é claro que sou completamente derrotado. Afinal, sempre que estamos em silêncio, é o rosto dela que vejo na minha mente.

Preciso dar um jeito de me encontrar com Atena de novo.

Minha Queen.

— Valeu, mano, pela bela partida — Yosef debocha.

— Não se acostume. — Aponto o dedo para ele e jogo a bolsa no porta-malas. — Mas, como dizem: azar no jogo, sorte no amor.

Ele ri alto e entra no carro. Faço o mesmo, torcendo para que esse ditado seja verdadeiro.

Enquanto dirijo, penso na contradição do que sinto por Atena: ao mesmo tempo que ela me fascina, também me irrita e me desestabiliza. São sentimentos que não costumo ter por mulher alguma — pelo menos não com tanta facilidade. A verdade é que quero a rainha das flores. Quero ela confiando em mim, desejando estar comigo.

Hoje à noite será o nosso encontro, e estou louco para ver o que vai acontecer. Por outro lado, preciso deixar claro para Atena que, nesta relação, eu mando e ela apenas obedece.



CAPÍTULO 10

Aena

Assim que Erick vai embora, começo a separar as contas do mês, porém me perco nos cálculos a todo momento, já que um certo homem sedutor não para de invadir meus pensamentos. Por fim, deixo para lá, e começo a ligar para os fornecedores. Um tempo depois, ouço o ronco da caminhonete nos fundos da loja e vejo meu pai descarregar vasos de folhagens. Eu jurava que ele ainda estava dormindo.

— Oi, pai — grito através da porta de serviço.

— Oi, filha. — Ele leva um vaso até a estufa.

— Achei que estivesse lá em cima. Quer ajuda?

— Não precisa. Saí logo cedo, tinha que buscar essas flores para o jardim da prefeitura — explica.

Volto para a lista e confirmo que só faltam dois fornecedores. Termino o serviço e, quando vejo, já são dez da manhã. Ligo para a loja de Elle, ansiosa para que atenda logo.

— De Luxe Boutique.

— Elle, sou eu. — Olho para trás, verificando se meu pai ainda está na estufa.

— Sei que é você, amiga. — Ela ri.

— Preciso conversar com você — confesso baixinho, agradecendo aos céus por não ter nenhum cliente fofoqueiro por aqui. Afinal, em uma cidade pequena, todo mundo adora saber da vida do outro.

— Aconteceu alguma coisa? Você parece nervosa.

É por isso que somos melhores amigas. Não preciso dizer muito para que ela detecte meu estado de puro pânico.

— Meio que... aceitei sair com um cara hoje à noite. — Fecho os olhos com força e espero a enxurrada de perguntas que sei que virá.

— O quê?! Como assim? Minha melhor amiga vai sair com alguém e não estou sabendo? Quando foi que isso aconteceu mesmo? Onde eu estava que perdi isso? — Ele dispara suas indagações e sei que, se eu não a interromper agora, outras virão.

— Você está sozinha na loja?

— Estou com as vendedoras, mas podemos ir lá pra cima, no escritório.

— Estou indo.

— Te espero na porta — ela avisa e desligo sem nem dizer tchau.

Com pressa, arrasto a porta e procuro por meu pai.

— Pai, preciso dar um pulo lá na Elle — grito para ele, que ainda está na estufa.

— Pode ir, filha. Tomo conta de tudo — garante.

Mal termino de ouvir e saio correndo. Em poucos segundos, atravesso a rua e vejo Elle me aguardando, com um sorriso bem descarado, na porta.

— Quero detalhes! — Ela nem me dá oi ante de deixar isso bem claro, já me puxando para dentro da loja.

— Não tenho a menor dúvida disso.

As vendedoras me cumprimentam, e retribuo o carinho.

— Samira, Carol, estarei lá em cima por um tempo. Por favor, só interrompa se for importante — Elle avisa a suas funcionárias, que afirmam de imediato.

Subimos apressadas pelos degraus da escada caracol e, ao entrarmos no escritório, sentamos lado a lado no sofá de veludo vermelho, que fica em frente à mesa de trabalho dela.

— Amo como este sofá é macio — sou sincera, gosto muito do tecido.

— Não desconversa. Vamos lá, amiga da onça, abre logo esse bico.

— Elle me encara. — Como não fez nenhum comentário, achei que não ia rolar nada entre você e o Leonel. Você foi embora praticamente correndo dele, sua danada...

— Não! Não é o Leonel — corto suas palavras.

Ela semicerra os olhos para mim.

— Desembucha! — diz, dando um tapa no meu braço.

Solto um gritinho e esfrego o lugar onde ela bateu.

— Lembra do cara que perguntou por mim no outro dia?

— O que você disse ser neto de uma cliente? — Aceno, afirmando com a cabeça. — Humm... como isso aconteceu tão rápido?

Aflita, cubro o rosto com as mãos.

— Eu não sei — confesso. — Ele e eu nos encontramos na Saturno ontem à noite. Ele me provocou de um jeito... e reagi como uma faísca em pólvora. — Elena faz uma cara de safada, como se entendesse muito bem o que estou dizendo. — E o pior você não sabe. Ele apareceu agora há pouco na floricultura, com café e bolo do Saru, e, hum... rolou uns amassos.

A última parte sai em um sussurro, até porque, ainda não consigo acreditar que isso realmente aconteceu. Depois que Erick foi embora, achei que tudo não tinha passado de um sonho, talvez uma alucinação. Mas as embalagens da cafeteria me provaram que foi mais do que apenas uma fantasia.

— Atena, agora estou curiosa, o que esse cara tem de tão especial? — Ela envolve minha mão na dela. — Tem certeza de que vai sair com ele? Você não o conhece, amiga. — Sinto a preocupação em sua voz.

— Eu não sei, Elle. Conheço a avó dele. Inclusive, você também a conhece, é a dona Ane, e ela é uma ótima pessoa. Sinceramente, ele também parece ser.

— Bom, se é neto da dona Ane... — Ela dá de ombros, aceitando a referência. — Mas como nunca o vimos por aqui antes?

— Ele não morava no Brasil, e acho que não mora em Nova Ventura, mas não tenho certeza.

— Entendi. Por que você disse que “meio que aceitou sair com ele hoje”? — Elena faz o sinal de aspas com os dedos, repetindo o que eu disse ao telefone.

— Porque ele não me deu escolha. Foi tipo “te pego, fique pronta”. Não quero que ele pense que basta estalar os dedos e estarei aos seus pés.

— Mas você sabe que esses caras são ótimos de cama, né? — Elle pisca para mim.

— O quê? Não vou transar com ele! — defendo-me na hora.

Mas então me lembro do beijo, e de como me sentei em seu colo e senti sua rigidez sob mim. De como reagi quando ele se moveu, fazendo com que meu corpo inteiro sentisse aquele tremor gostoso que...

— Vai por mim: se eu fosse você, aproveitava — Elle interrompe meus pensamentos. — O que tem a perder?

“Minha sanidade”, respondo para mim mesma.

— E se ele só quiser sexo?

— Queira só sexo também.

As palavras dela me deixam um pouco confusas. Elena sabe, tão bem quanto eu, que durante anos evitei relações mais íntimas. Afinal, minhas experiências não foram das melhores. Nada traumático, mas também nada excepcional. Tudo... morno demais. Não culpo os homens com quem me relacionei, porque, no fim das contas, era eu quem desistia deles.

— Eu não sei, Ele... — começo a falar, mas logo sou interrompida.

— Atena, viva primeiro, pense nas consequências depois. Estamos na idade perfeita pra isso — minha amiga encoraja. — Além do mais, acabou de me dizer que, entre vocês dois, as coisas são explosivas.

Apenas concordo com a cabeça, lembrando-me daqueles olhos escuros.

“Lamba”, ele disse, com o dedo na minha boca. E eu não queria outra coisa a não ser obedecê-lo. Erick é dono de uma personalidade dominante e intrigante, que desperta minha vontade de me entregar.

— Você acha? — pergunto, mordendo o canto da unha.

— Tenho certeza — Ele garante. — Pense nas histórias que poderá contar quando for velhinha. Mas agora venha, vamos provar uns vestidos — ela diz, animada, e começa a me puxar pela mão.

— O quê?

— Você tem até a noite para decidir se vai sair com o bonitão, mas se optar por ir, vai linda. E vai mostrar para ele que você é uma mulher que, além de inteligente, dona de uma língua afiada, é uma tremenda gostosa.

— Elena Tavares! — solto, falsamente ultrajada, sorrindo por dentro.

— Se não for por você, então que seja por mim. — Faço uma careta, sem entender muito bem o que quis dizer, e ela explica: — Vamos provar para os meus pais que meus talentos como administradora não se comparam aos meus talentos como personal stylist. Objetivo do dia: deixar um homem de quatro.

Com um sorriso no rosto, Ele se levanta e me leva para o outro lado da sala, onde tem uma gigantesca arara repleta de vestidos. Minha amiga passa a mão por vários e começa o processo de escolher alguns. Quando está satisfeita vira-se para mim.

— Vamos ao provador. Um desses deve servir para a ocasião. — Ela me acompanha até o andar de baixo e, em seguida, coloca todos os vestidos pendurados no cabide. — Vista-se e me chame se precisar de ajuda com alguma coisa. Estarei aqui, do lado de fora.

— Obrigada, Ele, mas preciso saber os valores antes mesmo de provar. Você sabe que ando com as contas até o talo. Logo, preciso saber quanto custa e a forma de pagamento também.

— Deixa de bobagem. Estou aqui para isso, não se preocupe. Veja o que mais gosta e prove. — Ela fecha a cortina na minha cara.

Viro para o grande espelho, observando que é iluminado por pequenas lâmpadas nas laterais, e encaro meu reflexo: estou uma pilha de nervos. Todo o papo motivacional com Elle não foi o suficiente para diminuir a ansiedade de um possível encontro com Erick mais tarde.

— Controle-se, Atena. Uma coisa de cada vez — sussurro para mim mesma, respirando fundo, e decido que está de hora de escolher uma roupa.

Olho para todos aqueles vestidos pendurados e um deles me chama a atenção. É de seda, rosa escuro, curto e rodado em baixo. As suas alças são finas e tem um decote modesto. Com entusiasmo, tiro as roupas, e o visto.

“Humm... Não, sério demais.”

Tiro-o e volto a olhar para as outras opções. É então que noto um por trás dos vários que ela trouxe. Puxo-o para frente e levanto-o diante dos olhos. Lindo!

Seu tecido é uma seda suave ao toque, e a cor azul bem escura combina com a minha personalidade. O decote é em v e o modelo para um pouco acima do joelho. Giro o cabide para ter uma visão das costas e me surpreendo: a parte de trás é aberta, com uma corrente fina e dourada, fica pendurada onde a pele vai ficar exposta. É delicado e, ao mesmo tempo, sedutor.

Sorrindo feito criança que ganhou doce, começo a me vestir.

— Pronto? — Elle grita do lado de fora.

Puxo a cortina e deixo que me veja.

— Que tal?

— Uau! Você está linda! — Minha amiga suspira e ajeita a corrente nas costas. — Não precisa experimentar mais nada. Sabia que esse ficaria maravilhoso no seu corpo.

— Jura que ficou bom mesmo?

— Sim! — Ela fica parada a minha frente seu olhar encontra o meu. — Acho que nunca a vi tão linda assim. Esse cara é um filho da mãe sortudo.

Sorrio e dou um leve tapa em seu braço.

— Pare com isso! E, sim, acho que esse vestido é o escolhido.

— Ótimo, mas ele vai ficar perfeito mesmo com os acessórios certos.

Ela vai até um móvel de madeira antigo, abre as gavetas e resgata alguns itens de lá. Depois, abaixando-se, abre a última e retira um sapato dourado de salto alto. Assim que fica em pé, sorri, levantando um cinto, pulseiras e os sapatos.

— Vamos deixar isso ainda melhor. — Elle se aproxima e passa o cinto dourado pela minha cintura. Ele tem uma pequena fivela em forma de laço. As pulseiras são delicadas, apenas fios finos e dourados. — Pronto, agora calce os sapatos.

Faço como pede enquanto Elle fica parada, olhando para mim. Assim que termino, segura meus ombros e gira meu corpo para a frente do espelho.

— Viu como ficou melhor? O bonitão não vai conseguir olhar para o lado. — Elle dá uma risada alta.

— Será que não vou estar arrumada demais, caso eu decida ir?

— Não. Você pode ir a qualquer lugar vestida assim, desde um restaurante mais simples, até um sofisticado. E o melhor: é fácil de tirar — diz, arrastando o zíper nas costas.

Reviro os olhos e nego, sacudindo a cabeça.

— Isso não vai acontecer.

— Vamos descobrir depois. Porque se ele é como disse, vai ser difícil resistir. — Atirando um olhar malicioso, ela fecha a cortina novamente.

Encaro o espelho, admirando mais uma vez a imagem refletida nele. Com um misto de sentimentos me dominando, retiro o vestido e visto minhas roupas.



Quando volto para a floricultura, dou de cara com meu pai arrumando alguns vasos.

— Oi, filha, que sacola é essa?

— Ah, são umas coisas que peguei na loja da Elle. Mas não se preocupe, estava fora da coleção, então ela gentilmente deu para mim — explico. — Fui convidada para sair hoje à noite, mas ainda não me decidi se vou mesmo.

Papai deixa um vaso de minirrosas de lado e anda até mim.

— Eu sinto tanto que tenha que aceitar coisas de sua amiga. Como seu pai, eu deveria prover tudo o que precisa. — Ele abaixa a cabeça e posso sentir sua vergonha daqui. — Perdoe-me filha.

Meu coração se quebra em mil pedaços quando ele se culpa assim. Afinal, sempre fez tudo que esteve ao seu alcance para me ver bem. Lembro-me de quando eu era apenas uma menininha e queria uma sandália transparente, igual à das minhas amiguinhas da escola.

Eu não sabia o valor daquilo, mas tinha noção de que não era barato, pois aparecia na televisão. Papai me ouvia falar entusiasmada sobre o tal sapato toda vez que o comercial rodava na TV. Quando foi meu aniversário, ele me levou até uma loja na outra cidade e comprou para mim. Hoje, sei que deve ter ficado meses pagando aquilo.

Solto as coisas que carrego no chão e, num impulso, passo meus braços sobre seus ombros e o abraço forte.

— Tudo o que eu preciso nesta vida é ter o senhor sempre comigo. Você, meu pai, é o melhor do mundo. Coisas não têm valor algum, tive tudo que uma filha pode desejar. — Ele se afasta e me dá aquele olhar, um que tem um pouco de tristeza, vergonha e muito amor. — Carinho, atenção, mas principalmente sua presença. Desde que me entendo por gente, o senhor esteve comigo. Para os momentos felizes e os tristes, sempre pude contar contigo. Então, não tem motivo para se sentir assim — concluo, dando-lhe um beijo no rosto.

— Eu te amo, filha.

— Eu te amo mais. — Afasto-me. — Ok, agora vamos parar com toda essa doçura, não quero que o senhor fique com diabete. — Ele sorri.

— Essa é minha filha.

Pego a sacola nas mãos e ele volta a cuidar das flores. Fico olhando para ele por um tempo, suas costas arcadas quando se abaixa para pegar um vaso. Meu pai sempre amou cuidar das plantas.

Observando-o, percebo que parece estar cada dia mais cansado. Está ali, nos ombros caídos, nas rugas ao redor dos olhos. A culpa me toma e penso que deveria adiar esse encontro e ficar com ele, afinal, hoje é sábado.

— Pai?

— Diga, filha.

— Não preciso sair, posso fazer o jantar e ficar com o senhor.

Ele endireita os ombros e vira a cabeça, encarando-me.

— Nem pensar! Você nunca sai, Atena. Quero que se divirta um pouco. Não se preocupe, seu velho sabe se virar. — Ele tenta me convencer. — Você vai sair com a Elle?

De repente, meu cérebro dá um giro de trezentos e sessenta graus enquanto decido se digo a verdade ou não. Opto por não mentir.

— Não, vou sair com um amigo.

Papai me observa, talvez ache que vou dizer mais alguma coisa, mas prefiro ficar só nisso. Até porque, apesar do beijo, Erick e eu somos apenas... nada. Erick e eu não somos nada. Até agora, foi só um beijo. Um beijo delicioso, que abalou meu mundo, me deixou ofegante, com as pernas

bambas e a calcinha em um estado deplorável, mas só um beijo — tão intenso que até Darth Vader sentiu o impacto.

Papai acena, afirmando.

— Saia e divirta-se, filha.

Com carinho, confirmo que irei.

Sentindo uma mistura louca de entusiasmo e dúvida, subo correndo as escadas, entro no quarto, retiro o vestido da sacola e, com cuidado, estendo-o sobre a cama. Ao lado, coloco as outras coisas que Elle pegou.

Sento na beirada da cama e reflito sobre esse encontro. É a melhor péssima ideia do mundo. Ou talvez a pior melhor ideia. Não sei. Estou confusa e precisando beijar aquele maldito de novo.

Estar com Erick é quase um desejo incontrolável. E por mais que ele tenha praticamente imposto para que eu aceitasse sair, isso é algo que eu quero também. Quero muito.

Minha Nossa Senhora das safadas em construção, me ajuda!



CAPÍTULO 11

Aena

Já passou de seis horas da noite, fiquei o dia inteiro debatendo se devo ou não ir ao encontro, mesmo que, no fundo, eu já soubesse a resposta. Checo a roupa em cima da cama e vejo que só falta a lingerie. Vou até o armário e olho para todas que tenho, pensando em qual usar. Não que eu esteja cogitando algo do tipo sexo com Erick, mas depois do que aconteceu hoje entre nós...

Não, definitivamente não vou fazer sexo com ele no nosso primeiro encontro oficial. No entanto, é melhor garantir. Opto por um conjunto de renda da mesma cor do vestido. A calcinha tem duas tiras finas na lateral e o sutiã é meia taça, sem bojo, no estilo francês.

Jogo a lingerie em cima da cama e entro no banheiro. Aproveito a água quente e relaxo um pouco, o que parece impossível. Erick não sai da minha cabeça. Seu toque incendeia a minha pele. E a mera possibilidade de ele me beijar mais tarde já faz com que borboletas levistem voo no meu estômago.

Fecho a ducha e busco por meu óleo perfumado, sua essência e de Anais Anais. Isso é um mimo que tenho e uso contando as gotas, já que custa muitos vasos de flores. Uso somente em ocasiões muito, mas muito especiais. Espalho suavemente contra a pele úmida, a deliciosa fragrância explodindo no ar.

De frente ao espelho, passo um pouco de creme nos cabelos, apenas

para que os fios fiquem mais definidos, e faço um coque no alto da cabeça. Desta forma, quando soltá-los, eles ficarão mais bonitos. Um pouco mais animada, aplico uma maquiagem básica: apenas rímel e batom — o que escolhi para usar hoje tem cor de melancia.

Volto para o quarto, olho para o relógio na cabeceira da cama e percebo que demorei muito mais do que deveria. Praguejo e começo a vestir as roupas, tomando muito cuidado para não a amassar.

Já pronta e de frente para o espelho, gosto do que vejo. Seco rapidamente o cabelo, ainda com o coque, e só então o desfajo. Dando uma leve chacoalhada, os fios caem em ondas sobre meus ombros.

— Pronta — digo para a imagem refletida, as borboletas agora sem nenhum controle dentro do meu estômago.

Ao descer para a loja, percebo que papai ainda está mexendo com as flores na parte de trás. Antes que eu vá falar com ele, a sineta toca e me assusto. A porta deveria estar trancada, mas papai deve ter esquecido de passar a chave. Quando me viro, paraliso ao ver quem é.

Erick.

Ele fica a meio caminho de entrar, seus olhos me observando lentamente de cima a baixo, como se eu fosse de outro planeta. Na mesma hora, um frio gostoso percorrer meu corpo inteiro.

— Erick?! — Meio que pergunto e exclamo ao mesmo tempo.

Para variar, ele está lindo, usando uma camisa branca, sem nenhuma ruga, e sua habitual calça jeans escura. Definitivamente, ele gosta desse modelo.

— Desculpe, assustei você? — diz, entrando na loja. Dá alguns passos lentos pelo corredor de vasos de flores e para bem à minha frente. Seu olhar é tão penetrante que me faz permanecer congelada no mesmo lugar. — Vejo que já está pronta... e linda, por sinal.

O modo como me encara, como se quisesse me comer no jantar, me deixa encabulada, mas resolvo que não posso ficar tão caída por este homem. Ou, pelo menos, não mais do que já estou. Então, decido brincar um pouco com essa segurança toda.

— Sim, estou pronta, mas não para sair com você. — Tento colocar o máximo de indiferença na voz.

— Você está falando sério? — Sua expressão fica pesada, com uma linha entre as sobrancelhas.

— Muito sério. — Coloco uma mão na cintura e deixo o quadril pender para o lado.

Erick olha para os lados e depois para mim, sem entender muito

bem o que está acontecendo. Mas é o modo desolado como me encara que me faz ter piedade dele.

— Estou brincando. — Começo a rir.

Ele sacode a cabeça em negação.

— Vou anotar essa no caderninho, e vai ter troco. — Sua expressão se suaviza.

Sem nunca deixar seus olhos longe dos meus, toca delicadamente a minha bochecha com o polegar. E apenas esta pequena parte dele encostando em mim já é o suficiente para que eu quase me derreta. Só que preciso recuperar um pouco da dignidade que me resta.

— É... achei que a porta estivesse trancada. — É a primeira coisa que me vem à mente.

— Ia falar exatamente isso. Tudo bem que esta é uma cidade interiorana, mas não dá para abusar. — Ele aproxima seu corpo e cola o rosto na lateral do meu. — Pense se eu fosse um perverso. — Suas palavras são assopradas em meu ouvido, mas logo ele volta a me encarar.

Meu coração dispara. Por alguns segundos, apenas empenho-me em controlar o descontrole que seu olhar me causa.

Engulo algumas vezes antes de responder:

— O perverso se daria mal, porque meu pai está...

— Estou aqui. — Viro abruptamente e vejo papai parado à porta dos fundos.

— P-pai? — O nervosismo marca a minha voz. Não queria que papai conhecesse Erick agora, mesmo sem saber por quê. Ele fixa o olhar em Erick. — Pai, esse é meu amigo, Erick. — Com um sorriso fraco, olho para o homem parado ao meu lado, que tem uma mão na minha cintura. — Esse é Sebastião, meu pai.

Para a minha surpresa, Erick abre um sorriso.

— Senhor, é um prazer conhecer o pai da minha encantadora amiga Atena.

Ele faz questão de colocar provocação nas últimas palavras. Talvez não tenha gostado de ser apresentado como amigo. Ele queria o quê? Que eu dissesse: "Pai, esse é o cara que me deu uns amassos hoje mais cedo"?

Meu pai reveza olhares entre nós dois. Levanto a sobrancelha e os ombros ao mesmo tempo.

— O prazer é meu — diz, aproximando-se e estendendo a mão para Erick, que, ainda sorrindo, a aceita.

— Estávamos falando sobre o risco de deixar a porta destrancada e algum perverso entrar — ele comenta, e acho que só faz isso por pensar que papai possa ter ouvido o que estava sussurrando no meu ouvido.

— Foi uma falha minha.

Preciso acabar logo com essa conversa antes que se estenda.

— Vamos? — sugiro e Erick me encara.

— Vamos sim, amiga. Foi um prazer conhecê-lo, senhor Sebastião.

— O prazer foi meu. E volte sempre. Amigos de Atena são sempre bem-vindos.

Os dois se despedem com cordialidade. Vou até meu pai e dou-lhe um beijo terno no rosto, preocupada em deixá-lo sozinho pelo resto da noite.

— Vai ficar bem?

— Atena, vá, divirta-se.

Aceno com a cabeça e me afasto dele, tentando manter o equilíbrio sobre o salto e o coração em um ritmo calmo dentro do peito.



CAPÍTULO 12

Erick

Indico para que Atena passe na frente e, na mesma hora, preciso prender a respiração. Uma maldita correntinha dourada balança em suas costas, ritmada com os passos sensuais. É impossível não criar fantasias da cena: ela de quatro, com o vestido embolado na cintura, enquanto seguro-a apenas pela corrente. Seu quadril arredondado bate no meu corpo enquanto entro nela com força, ouvindo-a gemer bem alto a cada estocada.

A vontade de jogá-la contra a primeira parede quase fala mais alto do que meu bom senso. Mas assim que entramos no carro e sinto seu perfume, todo o meu controle se esvai, puxo-a para perto, necessitando tê-la ainda mais colada a mim. Antes de nossos lábios se encontrarem, encaro-a intensamente, deixando que perceba o desejo quase indomável que sinto em possuí-la.

Nossos lábios se tocam e Atena não me beija: ela se entrega, gemendo baixinho na minha boca. Vivo uma verdadeira explosão de sensações. Frio e calor correm pelo meu corpo inteiro. Sentir seu gosto de novo só me deixa ainda mais viciado, e sei que preciso de mais. Sinto minha ereção dentro da calça implorando para chegar até ela, porque se apenas sua boca é capaz de me deixar desse jeito, não quero nem pensar no que vai acontecer quando ela estiver amarrada na minha cama.

E é este mesmo pensamento que me faz interromper o beijo. Ao me afastar, seus olhos bicolores brilham intensamente.

Minha Queen, assim você me deixa mais louco ainda.

— Algumas moedas por seus pensamentos — digo, colocando uma mexa do seu cabelo atrás da orelha. Aproveito e deslizo a ponta do dedo pela pele macia do seu ombro.

Um sorriso secreto surge em seus lábios, e tenho vontade de voltar a tomá-los junto aos meus.

— Meus pensamentos valem mais que algumas moedas.

Ela é tão linda, tão atrevida...

Apenas balanço a cabeça em negação e deixo para lá. Posiciono-me de frente para o volante e partimos. Sem um pingo de constrangimento, ela aperta os botões no painel — todos eles, um por um —, até conseguir fazer o som do rádio soar. *Editors* invade o carro e, pouco depois, já estamos na estrada.

— Por que tenho a sensação de que não queria que seu pai me conhecesse? — solto a pergunta e sinto seu olhar sobre mim.

— Porque eu não queria. — O modo direto como responde me deixa com vontade de sorrir, mas me contenho.

Rainha das flores e da petulância. E ao mesmo tempo que adoro seu comportamento, não consigo engolir o modo como fui apresentado.

— Percebi. Gostaria de saber por qual razão?

Isso feriu meu ego, mais do que eu gostaria de admitir. Não quero ser um amigo.

— Eu só preciso de um pouco mais de tempo. Nunca apresentei qualquer pessoa... humm... digamos, no sentido romântico da palavra. Ele só conheceu meus amigos.

— Então, sou um “amigo com quem está saindo”?

— E, não é?

Viro brevemente em sua direção e levanto uma sobrancelha.

— Bom saber, amiga — respondo, aborrecido.

Ela me encara, olhos meio arregalados, e volto minha atenção para a estrada.

— Sei que entendeu, Erick. Afinal, ainda estamos nos conhecendo.

— É assim que você conhece pessoas, Queen? — provoco, lembrando o que fizemos. É então que deixo uma mão recair sobre seu joelho e ela arfa. Talvez pela insinuação, talvez pelo toque inesperado. Pouco importa.

Bem devagar, subo um pouco a carícia, escorregando minha palma na pele sedosa, até que invado a área sob o vestido, parando bem no meio da coxa.

— É assim que você conhece pessoas, Queen? — repito a pergunta e,

de repente, meu toque fica mais brusco. Aperto sua perna gostosa e Atena solta um gemido alto, bem do jeito que eu gosto.

— Erick... — ela sussurra meu nome e não consigo conter um sorriso.

Retiro a mão de sua perna, retornando-a ao volante.

— Seu pai me pareceu ser uma pessoa muito legal — digo, como se nada tivesse acontecido.

Por vários segundos, Atena não me responde. Também não olho para ela. Fico esperando um xingamento, talvez um comentário cheio de atitude, mas nada vem.

Boa menina.

Por enquanto, vou deixar o assunto “amigo” de lado. Resolveremos essa questão em um momento mais apropriado.

— Ele é, mas sou sua única filha — finalmente diz, dando de ombros.

— É compreensível.

Olho para ela, que está quieta, com o rosto virado para fora da janela.

— Para onde estamos indo? Parece que estamos saindo da cidade.

— Ela se volta para mim.

— Você já vai descobrir. — Abro um sorriso.

Atena revira os olhos, ao mesmo tempo em que volta a mexer no rádio.

— O que você faz, Erick? — solta depois de um tempo.

— Trabalho com meu pai, na empresa da família.

— E o que fazem?

— Somos donos de uma vinícola e temos outros negócios também — explico, mas sem entrar em detalhes chatos. — E você? Sempre foi dona da floricultura?

— Sim, sempre. Meu pai a comprou quando eu ainda era adolescente.

Ela balança a cabeça, imagino se está pensando em mais coisas para me perguntar. Também estou louco para descobrir tudo sobre esta mulher instigante ao meu lado, só que tudo a seu tempo. E por mais que meu desejo por ela esteja me consumindo, aprendi que as coisas são muito melhores quando vêm acompanhadas de um pouco de paciência.

Eu poderia soltar várias questões agora. Saber se ela sempre morou naquela cidade, quais seus planos para o futuro, quantos anos tem, qual sua comida preferida e que tipo de filme gosta de assistir em uma noite chuvosa. Porém, uma única resposta é o que vai determinar o futuro da nossa relação — e isso tem me deixado ansioso demais.

— Foi por causa do trabalho que veio parar em Nova Ventura? Nunca o vi antes por aqui. — As palavras de Atena me trazem de volta à realidade.

— Quando meu avô ficou doente, voltamos ao Brasil para ficarmos junto dele pelo tempo que lhe restava. Não demorou muito e ele partiu para outro plano, aí voltamos nossa atenção para a vovó — confesso.

— Sinto muito pelo seu avô.

— Ele foi feliz, isso que importa.

Desta vez, é ela quem me toca, e diferente do que aconteceu antes, agora não há desejo nem provocações. É apenas um conforto, como se Atena quisesse me mostrar, de forma genuína, que se compadece da minha perda.

— No fim, é isso mesmo. — Tomo sua mão na minha e puxo-a até meus lábios, depositando um beijo demorado na palma.

O resto do percurso não é muito longo, e chegamos ao nosso destino em mais ou menos uma hora. De repente, minha ansiedade ganha proporções ainda maiores. Por mais que eu esteja louco por Atena, quero essa mulher do meu jeito.

Assim que estaciono, viro de lado no banco e a encaro.

— Nós estamos em São Paulo? — ela busca por confirmação.

— Sim. Vou levá-la a um lugar muito especial e deixar que descubra um pouco mais sobre mim e sobre o que eu gosto.

Observo-a atentamente, enquanto ela apenas fica em silêncio. Pelo pouco que a conheço, sei que está analisando muito bem as minhas palavras. Não consigo parar de encará-la, e seus olhos bicolores parecem buscar respostas que não estou disposto a dar agora. Preciso que ela veja o que tenho a mostrar.

Espero que goste...

O ar dentro do carro fica carregado com a energia que vibra entre nós dois. Atena observa meu rosto com cuidado. Por enquanto, deixo que ela faça isso. A vontade que sinto de puxá-la para o meu colo e me perder em seu corpo é enlouquecedora, e espero que, em breve, seja aplacada.

— Vamos? — Minha voz sai rouca, afetada por estar tão perto dela e não poder tocá-la sem correr o risco de ir para a cadeia por trepar em local público. Quando Atena ameaça abrir a porta, eu a impeço. — Espere.

Desço e corro para abrir a porta para ela. Uso o último resquício de gentileza que me resta e pego sua mão, ajudando-a a sair do carro. Intencionalmente, seguro firme e acaricio a sua palma. Não consigo mais ficar longe.

— Obrigada. — O agradecimento vem em um sussurro.

Isso só me leva a crer que causei o efeito desejado. Mas com ela é sempre difícil de prever.

Atena é diferente de todas as mulheres com quem já estive: ela é

meiga e, ao mesmo tempo, tem essa coisa de me desafiar. Sem falar nessa língua afiada. As outras sempre faziam o que eu queria, quando, como e onde eu queria — sem nunca questionar. Viro a cabeça de lado e olho para Atena, que retira alguns fios de cabelos do rosto e os coloca atrás da orelha.

Dá para ver que está nervosa.

— Que lugar é esse? Parece que estou em um castelo europeu.

Nada digo, apenas apoio a mão em suas costas, sonhando com o momento em que puxarei essa maldita corrente, e a direciono para dentro do lugar. Enquanto andamos, faço questão de tocar sua pele exposta com a ponta dos dedos. Imediatamente seu corpo reage, a pele ficando arrepiada.

Atrás dela, abro um sorriso, satisfeito pelo efeito que causo na pequena Queen.

Assim que passamos pelas grandes portas de madeira maciça, noto que se surpreende com o ambiente luxuoso. Tudo aqui foi minimamente planejado para dar destaque ao belo e ao caro. Yosef e eu nos empenhamos muito para deixar desse jeito, após ter herdado o lugar do meu avô. Fizemos uma grande reforma, é claro, mas valeu a pena. Foi assim que nos tornamos sócios.

— Interessante escolha de lugar — ela comenta, assim que nos instalamos na mesa que havia reservado.

Ela nem imagina o quão interessante é.

— Espero que goste da comida.

— Tenho certeza de que irei adorar. Não tenho problemas com comida, só com a falta dela.

É claro que Atena não deixaria suas gracinhas de lado.

Nosso garçom se aproxima, ganhando a nossa atenção.

— Boa noite, senhor Erick. — Ele se vira para Atena. — Boa noite, senhorita.

— Boa noite, Ricardo.

— Boa noite — Atena responde com entusiasmo, enquanto recebemos o cardápio e a carta de vinhos.

— Bebe vinho? — pergunto a ela.

— Não com frequência, mas posso acompanhá-lo — responde sem tirar os olhos do cardápio, parecendo bastante interessada nos pratos.

Escolho o vinho da nossa melhor safra. Um Vintage, 1999. Uvas extremamente selecionadas da nossa vinícola. Solicito que ele traga a bebida, enquanto Atena decide o que comer.

— E então, amiga, está pronta para fazer o seu pedido? — Ela abaixa o cardápio e me atira um olhar irritado.

“Vai ficar nisso para sempre?” Quase posso ouvi-la dizer.

— Estou meio indecisa — diz, por fim.

— Posso ajudar? Já provei todos os pratos do daqui.

— Todos? — indaga daquele jeito debochado que só ela tem.

O garçom volta com o a garrafa de vinho e me serve primeiro. Não faço questão de aprovar, já que conheço bem o que pedi, e apenas faço um sinal positivo, meneando a cabeça para a taça de Atena.

— Sim, todos. Recomendo o *filet au poivre*¹. Vai por mim.

— Então, será esse. — Ela abre um sorriso e peço o mesmo.

O garçom confirma os pedidos e se afasta.

— Como pode ter experimentado todos? — Há uma certa perplexidade na sua pergunta.

— Não sou apenas um mero frequentador daqui, Queen, sou sócio também.

— Ah! — Seus olhos se arregalam e o espanto aumenta. — Este é um dos outros negócios que mencionou?

— É, sim.

Tem um outro que vou te apresentar daqui a pouco, e espero que goste tanto quando deste.

— Você sempre morou em Portugal?

— Sim. Meu pai preferiu morar em Portugal e cuidar dos negócios por lá. Ele adora aquele lugar, mas, como expliquei antes, com a morte do vovô...

— Entendi. E vocês sempre fabricaram vinho? — Ela levanta a taça e gira o líquido observando-o rodar.

— Meu bisavô herdou as terras, que foram para meu avô e, agora, para o meu pai. — Elevo a taça em um brinde silencioso aos meus antepassados. — Antes, era apenas um hobby. Eles fabricavam para o consumo da família. Mas meu bisavô, um visionário, enxergou a possibilidade de virar um negócio lucrável e arriscou. Ele estava certo em sua visão, pois nos tornamos produtores reconhecidos mundialmente. Agora, me fale de você.

Ela levanta o olhar e posso notar uma tensão tomar conta de sua expressão. Já havia percebido que ela não gosta muito de falar de si, mas acabei de confirmar minhas suspeitas.

— O que quer saber?

— Quantos anos você tem? — começo com algo leve, sem querer entrar em terrenos perigosos.

— Tenho vinte e oito.

1 Filé mignon ao molho de pimenta.

— De que mês você é?

— Novembro.

— Temos praticamente a mesma idade, faço aniversário doze meses depois de você.

— Você estuda o quê?

— Agronomia. Vou me formar este ano. Tive que para um tempo, por isso estou me formando só agora. — Ela justifica, parecendo meio envergonhada.

— Aposto que escolheu o curso por conta da floricultura. — Ignoro propositalmente a parte dos estudos. Quero que ela fique confortável em se abrir.

Ela afirma e dá um gole no vinho.

— Foi mais pelo meu pai — explica. — Para ajudar com as plantas e as pragas.

— Temos, mais uma coisa comum, fora nossa idade. — Ela franze a testa, sem entender meu comentário. — Trabalhamos com nossos pais.

— Verdade, não tinha feito essa conexão ainda.

— Espero que tenhamos mais coisas em comum...

Nossa, como eu espero.

Olhando-me por baixo dos cílios, ela sorve mais da sua bebida. Posso sentir que pensa em algo, mas está hesitante em falar. Mesmo assim, espero. Preciso que Atena esteja bastante confortável comigo se tenho alguma chance de ela aceitar o que irei propor.

É minha vez de beber um pouco do vinho, mais ansioso a cada minuto.

— Você não tem compromisso com ninguém, não é? Digo, é solteiro? — Ah, então era isso o que a estava preocupando. Eu sabia que, em algum momento, ela faria esta pergunta.

— Sim, Atena, sou um homem desimpedido — garanto. — E você?

— Não tenho ninguém — ela diz, brincando com a taça, e algo me diz que já está pensando na próxima questão. Atena pode até tentar disfarçar, mas seus olhos revelam muito do que se passa em sua cabeça. E, no momento, algo a está incomodando.

— Pergunte-me o que quiser, Queen — encorajo-a e, para ajudar, ofereço um sorriso.

Atena balança a cabeça e solta o ar pelo nariz.

— O que quer de mim, Erick?

Deixo a taça de lado e me recosto na cadeira. É a minha vez de ficar um pouco desconfortável, sem entender muito bem a pergunta.

— Como assim?

— Temos você e eu. — Ela aponta de mim para ela. — Tenho certeza de que não sou o tipo de garota com quem costuma sair. Não estou dizendo por eu ser quem sou, mas pela nossa classe social.

A declaração me choca. Nunca pensei que uma mulher tão audaciosa pudesse ter esse lado inseguro.

— Fico até ofendido por pensar assim, Queen. Não vejo problema algum nisso. — Sou sincero.

De onde será ela que tirou esse absurdo?

— Não precisa se aborrecer. Eu só... precisava saber. Preciso saber — ela se corrige.

— Pois bem, eu quero você, Atena. Você me desperta algo e, sinceramente, não tenho como explicar ao certo o que sinto quando estamos no mesmo lugar. É só... — hesito, sem saber como continuar sem parecer um completo idiota ou um perverso. Como dizer que ela se tornou minha obsessão nos últimos dias sem que ela chame a polícia? — Eu quero você, Atena. Mais do que consigo explicar — repito. — E quanto à nossa classe social, nunca me importei com isso.

— Fico feliz em saber. — Seu olhar me sonda, como se procurasse saber se há verdade em minhas palavras.

É neste momento que o garçom escolhe aparecer com nossos pratos, e não sei se o xingo ou se o agradeço mil vezes. Jantamos em silêncio, digerindo a comida e a bomba que soltei sobre ela. E o pior de tudo é que Atena não disse nada. Deixei claro que a desejava e ela permaneceu quieta. Então, não tenho ideia se sente o mesmo, se está no mesmo desespero que eu. Suas atitudes mostram que sim, que ela também me quer. Mas daí a se entregar por completo... não sei. Não sei se minhas palavras serão suficientes para convencê-la a aceitar fazer parte do meu mundo. Enquanto comemos, não consigo parar de observá-la. Atena é tão linda que dá vontade de pintar um quadro dela só para passar horas admirando. Ainda em silêncio saboreia a comida fechando os olhos vez ou outra.

— Nossa! Isso estava delicioso — exclama, deitando os talheres na lateral do prato. Eu não senti o gosto de nada. Pela primeira vez na vida, o filé que tanto amo estava com gosto de papelão, tudo por conta da mulher à minha frente. — Obrigada, realmente foi uma ótima refeição.

— Que bom que gostou. — Tento forçar um sorriso, mas ele não alcança os olhos.

Chegou a hora que mais anseio.

Bebo o resto do vinho e coloco a taça sobre a mesa, tudo sem tirar

meus olhos da bela Atena. Queen não recua. Claro, ela está sempre me desafiando, mas será que está preparada para o que vem agora?

— Atena. — Ela levanta o rosto e encontra o meu. — Algo me diz que você é uma mulher destemida.

— Prossiga... — pede, a voz contendo o tom provocador de sempre.

Ah, Queen! Vamos ver até onde você vai com essa atitude.

Levanto e estendo a mão para ela.

Vamos lá, dona do atrevimento, prove-me que não tem medo. Como se lesse meus pensamentos, ela retira o guardanapo do colo e o coloca sobre a mesa. Em seguida, seus dedos quentes tocam a palma da minha mão — e meu corpo reage, sabendo o que está prestes a acontecer.

Puxando-a atrás de mim, sigo até uma porta, mas paro antes de entrar.

— Atrás desta porta, existe o meu mundo, um diferente de tudo que provavelmente já tenha visto. Hoje, vou apresentá-lo a você. Se por qualquer razão você não se sentir bem, nós saímos e a levo para casa.

Hora da verdade.



CAPÍTULO 13

Aena

— O que há aí dentro, Erick? — Decido saber.

Ele solta a minha mão para emoldurar meu rosto, seus olhos castanhos estão tão escuros e a profundidade com que me encara é como se pudesse ler minha alma por inteiro. Um desejo ardente sobe pelo meu corpo, deixando-me imediatamente acesa.

Ainda com a expressão bem séria, sua língua passeia devagar por meus lábios, para logo depois invadir minha boca em um beijo faminto. Os dedos se enfiam em meu cabelo, me fazendo sentir os fios sendo puxados. É impossível conter o gemido no momento que uma de suas mãos desce até o meio das minhas costas. Com um leve puxão, Erick prensa seu corpo ao meu, e posso sentir sua excitação contra meu ventre. Quero me esfregar a ele, mostrar que também não sou imune a esta energia crepitante entre nós. Quero me entregar, me jogar em seus braços e deixar que faça comigo o que quiser. Na verdade, estou cansada de resistir a esse homem tão confuso.

De repente, ele dá um passo para trás, o que quase me faz perder o equilíbrio.

Olho para os lados e...a gente está em um local público!

Sem dizer nada, Erick abre a porta e indica para que eu entre. Estou ofegante, atordoada, tentando retomar a respiração. Mesmo assim, dou um passo à frente. Logo reparo que paredes e chão são feitos de rocha bruta. Andamos por um corredor estreito, e a sensação de que estou em um castelo

medieval só aumenta. Erick vem logo atrás, em silêncio e sem me tocar. É então que a música, com uma batida pulsante, alcança meus ouvidos.

— Vire à direita. — Ouço-o dizer atrás de mim e faço como pede.

Alguns passos mais e... paro de andar. Pisco várias vezes, tentando entender o que meus olhos veem. Depois do que parece ser infinitos minutos, viro-me para trás, um pouco receosa. Erick está imóvel, com as mãos nos bolsos da calça e os olhos penetrantes fixos em mim. Neste momento, não sei quem está mais ansioso: ele ou eu.

Não tenho certeza se o que vejo é real. “O meu mundo”, Erick disse. Isso aqui é... parte dele? Meu coração bate forte dentro do peito, tão acelerado que tenho a impressão de que está tentando escapar do meu peito. E se minha respiração estava ofegante depois do beijo, não se compara ao modo errático como respiro agora. Mantenho meu rosto virado para frente, olho tudo ao meu redor. O lugar lembra uma boate, só que aqui as pessoas estão nuas, outras seminuas. A luz negra, de baixa intensidade, deixa o ambiente mais devasso.

Observo atentamente: tecidos e cordas cruzam o teto de ponta a ponta. Há um grande sofá que circunda metade do salão. Pessoas estão ali, mulheres e homens, se tocando sem qualquer pudor. Mais ao lado, um spot de luz ilumina a marca de um grande X no chão. Sobre ele, uma mulher pende, nua, o corpo todo amarrado por cordas. Um homem — vestido com um macacão largo, alças grossas e sem camisa por baixo — enfia um grande vibrador na sua boceta, enquanto as cordas servem como balanço, indo e vindo. Ela geme e se contorce cada vez que o vibrador entra e sai.

O que presencio é impactante, entretanto, um arrepio gelado transpassa meu corpo todo. Ouço minha pulsação acelerada bater forte na veia do pescoço. Percebo a reação do meu corpo, estou excitada, sentindo-me um voyeur parada ali, apenas assistindo à cena. E, assim como eles não sente pudor em se exhibir, eu não tenho em assistir.

— Está com medo? Quer ir embora?

Assustada com o seu timbre de voz, volto minha atenção para Erick. Busco fazer as palavras virem, mas meu cérebro ainda processa tudo que acontece à minha volta. A curiosidade do porquê ele me trouxe aqui grita bem mais alto. Como ele mesmo disse, sou uma mulher destemida, portanto, não vou sair daqui sem saber mais sobre isso, sobre ele e sobre o que esse local significa. Então, nego com a cabeça. Estou nervosa sim, mas medo?

— Não estou com medo, Erick. Nem quero ir embora.

Nesse instante, vejo a mudança acontecer: sua postura fica ereta e ele dá dois passos até mim, mesmo que ainda haja uma pequena distância

entre nós. Seus olhos me prendem, quentes como a chama de uma fogueira. Seu rosto angular está sério, fazendo com que ele pareça mais seguro de si do que nunca.

A música e os sons ao nosso redor não me passam despercebido, porém não consigo romper o domínio que, neste momento, Erick mantém sobre mim. Um gemido alto toma o lugar e um desejo surge entre minhas pernas, trazendo uma quentura ao meu rosto.

É uma mistura de prazer e curiosidade.

— Vem aqui. — Ele estende a mão.

Os gemidos das mulheres, os grunhidos dos homens, os sons de peles se chocando e chicotes estalando... quero fechar os olhos e, ao mesmo tempo, mantê-los aberto para observar tudo. Só que o olhar de Erick me mantém presa a ele — e não consigo desviar. Mais uma vez, sou refém de seu domínio.

Com passos incertos, vou até ele, meu corpo sendo tomado pela luxúria do momento. Tudo o que acontece à nossa volta — os sons, o cheiro almiscarado e doce, a batida ritmada da música sensual — deixa-me excitada de um jeito que nunca fiquei antes. Como se todos os meus sentidos tivessem sido ativados ao mesmo tempo.

Envolvo a minha mão na dele e um calor causado pelo desejo envolve meu corpo. Nós nos aproximamos e, sem pensar no que estou fazendo, passo a língua pelo lábio inferior. Eu sabia que Erick tinha algo que me consumia, mas isso... isso é outro patamar. Algo que eu nunca esperava presenciar.

Calmamente, ele agarra minha outra mão, levando as duas atrás do meu corpo, mantendo-as presas ali. Logo em seguida, sua boca carnuda e macia encontra a minha. Entregue às emoções, permito que me possua com seus beijos. E conforme ele se intensifica, o aperto dos seus dedos em meus braços aumentam.

Embriago-me dele, ficando cada vez mais úmida lá embaixo. Meu corpo dói de tanto desejo. Com os seios mais pesados, as pernas fracas, a pele sensível... Tudo em mim implora para que Erick acabe logo com esse desespero e me faça sentir o prazer que preciso. Quando ele força o quadril contra meu ventre, provocando-me, não consigo conter um gemido alto.

Gostaria de não demonstrar como me domina, mas neste lugar... é impossível. Sou envolvida por uma forte dose de sedução, dançando com emoções novas, embriagada pelo domínio desse homem. Lembro-me das palavras que Ele me disse sobre viver agora e pensar nas consequências depois. Motivada por elas, beijo-o com paixão e sem qualquer reserva.

Nossas línguas deslizam em sincronia, como se fizéssemos isso há muito tempo. Mas também há aquele ar de novidade que deixa tudo ainda

mais gostoso. A ereção de Erick contra a minha barriga aumenta a cada segundo, e nunca quis tanto que um homem me possuísse. Com as mãos presas, não posso tocá-lo. É por isso que começo a friccionar meu quadril contra ele, tentando deixar claro que estou pronta para mais.

É então que ele solta um grunhido rouco, enquanto morde meu lábio inferior, e depois volta a me beijar sem qualquer controle, como se quisesse me devorar. Estremeço, cheia de vontade que me libere as mãos. Meu corpo grita para ser tocado, mas Erick não o faz.

Ele afasta o rosto do meu, mas ainda retém minhas mãos presas atrás do corpo.

— Tem certeza de que vai ficar?

— Tenho — digo um pouco assustada, porém a curiosidade, adicionada ao desejo, fala mais alto.

— Você sabe algo sobre isso?

— Já li algumas coisas e vi em filmes também. — Seu olhar me estuda e não sei se está convencido. — Não sou uma menina inocente. — Tento convencê-lo

Sempre achei meus relacionamentos mornos demais e, por isso, pensava que eu era a culpada por não sentir prazer com meus parceiros. Um dia, por acaso, li um romance com a temática BDSM, depois busquei por filmes — e alguns falavam sobre lugares assim. Até procurei saber mais sobre as práticas, mas não me aprofundei. O problema é que nunca conheci um homem que despertasse minha vontade de experimentar algo novo. Pelo menos até Erick entrar na minha loja.

— Então, entende o que acontece aqui?

— Creio que sim. — Nunca estive em um lugar desse tipo, mas tinha uma ideia preconcebida do que acontecia.

— Certo. Preciso esclarecer algo para você: isso é um clube privado. As pessoas aqui são livres para viverem suas fantasias e desejos. Este — com a mão desprendida da minha, ele aponta para a frente — é o grande salão, chamado por nós como o “salão da luxúria”. Aqui, todos podem presenciar o que acontece.

Olho ao redor. À frente, uma mulher está debruçada sobre o que parece ser um banco, nua da cintura para baixo. Atrás dela, um homem, com uma vara fina na mão, aplica-lhe seguidos golpes. A mulher geme e se contorce com cada lapada que leva.

Franzo o cenho, imaginando que aquilo deve doer pra cacete.

— Não pense que ela está sentindo dor. Ao contrário disso, ela está sentindo muito prazer. Acredite.

Não digo nada, apenas continuo observando.

Do outro lado, há outras pessoas. Uma moça, que acredito ter uns vinte e poucos anos, está completamente nua, as mãos estão amarradas sobre a cabeça e as pernas esticadas, totalmente abertas. Observo que, nos seios, há algo preso nos bicos, que são ligados por uma fina corrente. Atrás dela, um homem — com um macacão preto de alças e sem camisa — segura um chicote com várias cerdas e, em curtos intervalos, defere alguns golpes. A mulher geme alto e se retorce todas as vezes.

— Isso é... intenso. — Isso era para ser apenas um pensamento, mas me dou conta de que deixei as palavras saírem.

Erick me olha.

— Atena, quem está aqui não vive as amarras que a sociedade impõe. São livres para expressarem seus desejos, prazeres e vontades. Ninguém julga ou condena, como a maioria das pessoas fazem com seus preconceitos erroneamente estabelecidos.

Ele está certo: não há motivo para julgar. Cada um sabe da sua vida e o que é melhor pra si. Depois, nada disso me causa medo ou me assusta; pelo contrário, estou excitada como nunca estive na vida. Na verdade, fascinada por me sentir assim. A mulher ali, completamente exposta, diante dos olhares de tantas pessoas, não está sendo mantida contra a sua vontade. Ela quis viver aquilo.

— É isso o que você faz? É isso o que gosta de fazer? — quero saber.

— Sim e sim. E algo em você me diz que gosta também.

Não posso negar que tudo aqui desperta o meu interesse e o desejo no meu corpo. Mas não digo nada a ele.

— Há algo muito importante que precisa saber — ele fala e encaro-o com atenção. — Tudo aqui envolve confiança mútua. Quem se entrega tem que confiar em quem domina, e quem domina tem que confiar em quem está se submetendo. Se não for assim, jamais dará certo. Compreende o que digo?

— Sim. — Aceno com a cabeça.

— Você não precisa conhecer a pessoa completamente, mas a conexão entre ambos precisa existir. A confiança é essencial para que a intimidade se estabeleça. Aqui, a confiança é o bem mais precioso, e é o que faz a relação realmente dar certo — ele explica com uma calma tão grande, que parece seda me envolvendo. — Entende o que eu digo?

— Sim, entendo — sou sincera.

— Gostaria que experimentasse viver isso comigo. Hoje. Agora.



CAPÍTULO 14

Erick

Não hesite, por favor. Não fuja agora.

Posso ver sua mente refletindo sobre o que vê, sobre o que sente, também sobre minhas palavras. Só espero que Atena seja a pessoa de mente aberta que imagino. Observo-a atentamente enquanto aguardo sua resposta. Os olhos estão brilhando em um misto de curiosidade e desejo, e acho que ela nunca esteve tão linda quanto agora. Ela está corada, e apostaria todo o dinheiro da minha conta bancária que está molhada também.

Não tenha medo de sentir, minha Queen.

Foi por isso que a trouxe até aqui: para que presenciasse. Espero que, depois do choque inicial, ela aceite submeter-se a mim. Tudo o que mais desejo é que diga sim, para que eu possa ter seu doce corpo com perfume de flores na minha cama. Quero imobilizá-la e fazê-la se abrir para o meu prazer. Para o nosso prazer.

Busco alguma resposta em seu olhar, ou talvez tente usar o meu para mostrar o quanto quero isso. Com ela. Só de pensar em Atena presa à cruz de Santo André, meu pau chega a latejar de tanto tesão. Eu me ajoelharia à sua frente, lamperia cada centímetro da sua pele e a faria berrar com cada orgasmo.

— Sim, podemos fazer isso... — ela fala baixinho, mas escuto cada uma de suas palavras com perfeição.

Meu coração explode em batidas rápidas e sou tomado pela euforia.

Ela aceitou!

Encaro-a profundamente, necessitando descobrir se é isso mesmo o que quer. Estudo suas reações: a boca está entreaberta, a respiração ofegante, os grandes e bicolores olhos brilham com intensidade e, em seu rosto, há um rubor que denuncia seu estado de excitação.

Sim, ela quer isso.

Porra! Essa mulher me confunde tanto. Como pode ser assim?

Em um momento, parece ser meiga, doce e um tanto inocente, apesar do humor ácido e da audácia. Desde que a vi, soube que era destemida, mas isso... Ah, aceitar isso de primeira, de fato, me surpreende. Imaginei que sairia correndo pela porta, sem olhar para trás.

Muito bem, minha rainha das flores, você realmente me fez o homem mais feliz esta noite.

Corro os dedos pela delicadeza que é seu rosto, recebendo a quentura que emana de sua pele, sigo até estar em seus lábios. Contorno-os com calma, traçando o desenho perfeito de sua boca. Sou tomado pela vontade de explorar cada centímetro do seu corpo e perceber cada reação que posso despertar nela. Entretanto, mantenho o controle. Os planos que tenho para nós dois são ainda melhores.

Afasto os dedos dos lábios e desço pelo pescoço, parando no decote do vestido, bem no vão entre os seios. Noto sua respiração ficar mais pesada, mais curta. Isso só faz a lascívia crescer. Fico radiante pelo efeito que consigo causar nela, louco para descobrir o que mais posso fazê-la sentir.

Seguro o seio direito com um suave toque, acariciando-o. Traço os dedos delicadamente sobre o tecido fino do vestido e vou para o esquerdo, prendendo o bico entumecido entre dois dedos e apertando um pouco mais forte. Ela geme baixinho, mas em momento algum tenta se afastar de mim. A verdade é que ela parece estar em transe nesse momento.

Entregue, bem do jeito que deve ser — e como eu a quero.

Deixo os seios e libero seus braços. No entanto, entrelaço uma de suas mãos à minha.

— Venha — digo e começo a puxá-la.

— Espere, o que está fazendo? — indaga assim que nos aproximamos da porta por onde entramos. — Nós...

Empurro seu corpo contra a parede e prendo-o com o meu. Com uma das mãos, seguro forte seu pescoço: ela geme e seus olhos se arregalam. Sem dar chance para qualquer palavra, colo meus lábios nos dela, recebendo seu gemido dentro da minha boca. Levo uma mão entre nossos corpos e vou subindo, levando junto seu vestido. Com as pontas dos dedos, afasto

a calcinha para o lado e envolvo a mão quase que inteira ao redor de sua boceta, apenas para descobrir que ela está encharcada.

Meu pau pulsa dentro da calça, louco para ficar enterrado nela. Distancio-me dos seus lábios, movendo a língua por seu rosto até estar no lóbulo da sua orelha.

— Você quer isso aqui, na frente de todo mundo? — sussurro e pressiono minha mão entre suas pernas, ao mesmo tempo que busco pela sinceridade em seus olhos.

— Minha resposta para você foi sim — ela diz, levantando uma sobrancelha e deixando seu lado desafiador aparecer.

Ah, a minha Queen.

Rapidamente afasto-me, rompendo todo o contato físico.

Atena fica sem entender e seus olhos não se desgrudam dos meus, como se buscassem alguma explicação. É isso aí, Queen, você vai começar a aprender quem tem o controle neste jogo.

Aproximo-me e volto a segurar sua mão.

— Vamos. — Desta vez, ela não questiona, apenas segue calada.

Abro a porta e saímos pelo corredor. Cumprimento a recepcionista ao passar pela porta do restaurante, puxando Atena atrás de mim. Passamos por várias pessoas que aguardam para entrar, mas não olho para ninguém. Nenhuma delas importam, apenas a mulher ao meu lado.

Quando nos aproximamos do carro, Atena para de andar e se desvencilha do meu enlace.

— Que brincadeira mais sem graça foi essa, Erick? Por que me trouxe aqui? — Há um tom diferente em sua voz, algo que me incomoda.

Atena está chateada, e não pelo que viu. É impressão minha ou ela está assim por estar... ido embora?

— Você disse sim — comento.

— Disse. Então, por que estamos indo embora? — Cruza os braços na frente do corpo. Em seus olhos, há uma dúvida que ainda não tinha visto.

— Porque eu quero. — Encaro-a profundamente, resistindo à vontade de beijá-la até que todas as suas incertezas desapareçam. — Agora, apenas faça o que eu mandar, ok?

Ela parece prestes a dizer mais alguma coisa, porém se cala.

É assim que eu gosto. Dou dois passos e estou com meu rosto a centímetros do dela, respirando seu ar e lutando com todas as minhas forças para não a tomar aqui mesmo, nesta merda de estacionamento, e fazer o que ambos queremos.

— Entre no carro, Atena.

Ela balbucia algo. Levanto uma sobrancelha, desafiando-a a ir adiante. Ela bufa, soltando o ar com força, mas obedece. Em silêncio, abro a porta do carro e aponto para que entre. Com um sorriso satisfeito dou a volta e posiciono-me de frente para o volante.

Vamos ver até quando a rainha da petulância vai conseguir ficar contida.

Ligo o carro e sigo com meu plano. Atena meneia a cabeça e me olha torto. Sei que essa língua afiada deve estar louca para soltar algumas boas palavras cheias de frustração, no entanto, ela me surpreende ficando quieta. Depois de algum tempo, ela liga o rádio, seleciona uma música e começa a cantarolar baixinho.

Fico esperando que me diga algo, mas sou surpreendido com seu silêncio. Quase vinte minutos se passam, até que ela finalmente pergunta:

— Será que posso ao menos saber para onde está me levando?

— Vou levá-la para casa — declaro.

— Minha casa?

Tenho vontade de rir.

— Sim, Queen. — Ela fica muda.

Não tenho tempo de observá-la, já que estamos entrando na rodovia. Sinto a apreensão, e talvez o desapontamento, preencher o carro junto com o silêncio. Não sei o que ela estava esperando, mas, com certeza, não era isso.

Uma coisa que Atena precisa entender é que jamais ficaria com ela no clube no nosso primeiro encontro. Será que não ouviu quando disse que é preciso confiança mútua para praticar aquilo? As coisas têm que acontecer com calma. Senão, colocaremos tudo a perder, antes mesmo de começar.

Não é segredo nenhum que eu a quero. Intensamente. E hoje foi apenas um teste. Eu tinha que saber se ela estava disposta a tentar. Agora, darei sequência aos meus planos, tomando cuidado para que ela não fuja de mim.



— Chegamos — anuncio, tirando o cinto de segurança e virando em sua direção.

Atena parece confusa e bastante frustrada. Ela desvia o olhar para onde o cinto está preso, leva a mão delicada até o botão, e a observo baixar um pouco a cabeça. Seu cabelo cai ao redor do rosto, em uma cortina escura.

Linda demais.

Nossos olhares se encontram e não consigo mais resistir: levo as mãos ao redor do seu rosto, puxando-a para um beijo cheio de delicadeza. Não é de intensidade que ela precisa neste momento, e sim de segurança. Só que uma de suas mãos agarra a minha nuca, enquanto a outra se enfia em meu cabelo. Deixei minha Queen desesperada com a ida ao clube.

Confesso que estou no mesmo estado: duro que nem pedra, desejando o dia em que sentirei seu prazer na minha língua. Atena é afrodisíaca, e seus beijos me deixam querendo mais. Só que este momento é dela, por mais que eu precise manter o controle, deixo-a ditar o ritmo das coisas agora. Não posso pressioná-la demais.

Então, suspirando contra meus lábios, ela se afasta, mas mantém a testa colada na minha e os olhos fechados.

— Não entendi nada do que aconteceu. Por que desistiu? — questiona num sussurro.

— Não desisti, Atena. — Ela afasta o rosto para longe, me estudando. Seguro suas mãos. — Eu precisava saber se teria coragem de viver aquilo comigo. Jamais tomaria você para mim naquele lugar.

— Mas eu gostei, queria muito experimentar. — Suas palavras saltam apressadas da boca.

— Eu sei que gostou, Queen.

Solto sua mão e, devagar, deslizo-a para baixo do vestido, arrastando os dedos pela pele quente de suas coxas. Atena arfa e se arrepia com meu toque, sua reação me faz latejar. Quando finalmente chego à renda de sua calcinha, paro de me mexer.

— Quer que eu continue? — pergunto, minha voz quase irreconhecível pelo desejo.

Ela apenas assente, seus olhos cintilando de tesão enquanto luta para mantê-los abertos. Atena empurra o quadril um pouco para frente e meus dedos ficam molhados com a umidade que já cobre o tecido.

Ah, Queen...

Só que hoje ela não vai descobrir tudo que sou capaz de fazer. É muito cedo para isso. Deixo minhas carícias sobre o tecido, bem lentas e suaves, enquanto ela se remexe no banco.

— Vou te mostrar tudo o que precisa saber, mas no momento e do jeito certo. — Coloco um pouco mais de pressão no toque e Atena geme, puxando o ar com força. Satisfeito com a provocação, me afasto dela. — Agora, eu quero que você entre e vá dormir. Sua noite foi agitada demais.

— Mas... mas... — Calo-a com o mesmo dedo que usei para a estimular, posicionando-o sobre seus lábios.

— Shhh. Faça o que estou mandando.

Atena estreita os olhos para mim.

— Farei o que está mandando. — Ela chega mais perto da minha boca, passando a língua por meu lábio inferior. — Mas se você não vai me fazer gozar antes de dormir, então eu mesma vou cuidar do... problema.

Bufando, abre a porta e sai.

Ah, minha rainha da audácia. Balanço a cabeça, rindo sozinho, enquanto a espero entrar em casa. Se ela acha que isso vai me abalar, está muito enganada.



CAPÍTULO 15

Aena

Entro em casa revoltada com Erick. Estou excitada, frustrada e não sei lidar com isso. Não mesmo! Sinto-me como uma imensa bola cheia de hormônios preste a eclodir.

Subo as escadas e vou direto para o meu quarto, tomando o cuidado de tirar os sapatos no corredor. Não quero fazer barulho e acabar acordando papai.

Depois de travar uma verdadeira batalha, consigo, por fim, abrir o zíper do vestido. Retiro-o do corpo e penduro no armário. Em seguida, visto meu pijama, lavo o rosto e me jogo sobre a cama.

Inferno!

Estou transbordando frustração, mas se ele pensa que não vou cumprir com o que disse no carro, está muitíssimo enganado. Alcanço o telefone na cabeceira da cama e seleciono no aplicativo uma playlist chamada “hora do sexo”, colocando o fone de ouvido. As músicas todas são sensuais e fazem a gente entrar logo no clima.

Com sutileza, passo as mãos pelo pescoço. É apenas um toque suave, sentindo a pele sob minha palma. Fecho os olhos, imaginando que deveria ser a mão grande do miserável do Erick, não a minha. Desço devagar e começo a acariciar levemente os seios. Toco um, depois o outro... Em seguida, junto os dois num aperto mais forte. Recordo-me de como ele me pressionou contra a parede. As mãos firmes tocando meus seios, seu pau

duro como rocha pressionando contra a minha barriga, os olhos penetrantes que me queimaram no clube também dançam na minha mente... Isso me leva a abrir os lábios e soltar um longo suspiro.

Deixo os seios e, só com as pontas dos dedos, toco a pele até a borda da calcinha. A luxúria me envolve, doce e quente, ao imaginar o que ele poderia fazer comigo. Com calma, enfio-os por baixo da renda e toco minha boceta, que implora por alívio. Estou tão úmida, que rapidamente sou invadida pela lembrança de ter os dedos dele ali.

Entre as dobras, acaricio a carne quente e molhada, rodeando o clitóris. Ainda com os olhos fechados, fantasio ser a língua dele ali, rodeando meu ponto mais sensível, lambendo como se eu fosse o doce mais saboroso do mundo, me arrancando gemidos e suspiros profundos.

Sem que eu perceba, seu nome salta dos meus lábios num sussurro longo. Estou tão excitada que o vazio me faz sentir dor. Dor do desejo reprimido. Então, empurro os dedos para baixo e enfio dois para dentro do meu centro carente. Movo-os indo e vindo; massageando o clitóris vez e outra. Sou invadida pelo cheiro dele, seu toque perfeito, seu domínio. Por Deus, quando ele me tocou...

Minha imagem atada sobre a cama — entregue a ele, incapaz de escapar, sendo açoitada por um chicote — invade meus pensamentos. Aumento a pressão e a velocidade com que me toco, imaginando como seria senti-lo dentro de mim. Sua força, seu tamanho... e meu corpo todo arrepia. Sinto as contrações chegando. Curvo as pernas e empurro o quadril contra meus dedos. De repente, a música para e o celular começa a tocar. Solto um suspiro indignado e tento não perder a concentração. Estou perto demais.

O som da chamada para, mas logo volta a tocar. Fecho os olhos, a frustração voltando. Penso em apenas ignorar, porém a insistência me leva a crer que pode ser importante. Uma expressão decepcionada cobre meu rosto quando sou obrigada a deixar meu momento de lado, amaldiçoando o Universo. Com minha boceta palpitando, atendo sem nem ao menos ver quem é.

— Alô? — Respiro fundo, procurando aquietar os ruídos vindo da minha respiração descompassada.

— Você não pode gozar, Queen. — A voz profunda, autoritária e extremamente sensual atravessa o telefone e me atinge como um tiro.

— O... quê?

A ligação fica muda. Espero para ver se ele diz alguma coisa, mas nada acontece. Indignada, franzo a testa, tiro o fone de ouvido e puxo o

telefone para frente do rosto. Só então me dou conta de que ele desligou. Ele desligou! Filho de uma égua!

Solto o telefone sobre a cama, louca de raiva por ele ter interrompido o meu momento. Levo a mão entre as pernas e tento voltar para onde parei, mas o tesão e o clima foram embora, como se Erick tivesse jogado um balde de água sobre a brasa.

Pego o travesseiro atrás da cabeça, cubro o rosto e solto um grito. Que ódio!



CAPÍTULO 16

Atena

Erick me olha, mulheres gemem, chicotes estalam e uma música sensual toca ao fundo...

— Este é o meu mundo, Queen.

Acordo atordoada. Não sei que dia é nem que horas são. Será que estou atrasada para a aula? Pego o relógio na cabeceira e vejo que já passou das dez horas. Mas lembro de que hoje é domingo. Então, afasto as cobertas e arrasto-me para fora da cama. Cambaleando de sono, caminho até o banheiro e tomo um banho morno, quase frio, na verdade. Só que nem isso é capaz de me despertar por completo. Estou exausta.

A noite em si foi cansativa, porém a madrugada foi pior ainda. Revirei na cama o tempo todo, sonhando com Erick, com o clube e com as promessas que ele não cumpriu. A frustração dominando meu corpo e me impedindo de relaxar.

Ao voltar para o quarto, enrolada na toalha, coloco uma calça, uma blusa de moletom e calço as pantufas do Darth Vader. Em seguida, saio pelo corredor, passo pelo quarto de papai, mas vejo que ele não está em casa.

— São dez horas da manhã, Atena — digo para mim mesma.

Vou para a cozinha, vejo que a mesa está posta e o café está na garrafa térmica. Sirvo-me de uma caneca, pego um pedacinho de pão fresco e noto um pedaço de papel embaixo da garrafa.

“Filha,

Fui à igreja ajudar na limpeza. Não se preocupe em abrir a loja hoje, nem em vir me ajudar.

Depois da faxina, vou passar um tempo com o padre. Mais tarde nos falamos.

Papai.”

Fico um pouco mal, afinal ontem saí e o deixei sozinho com a arrumação na loja. Hoje, levantei tarde e não fui ajudar na igreja. Sentindo-me a pior filha do Universo, sento e bebero um gole de café, os acontecimentos da noite tomando minha mente. O telefone toca, só estico o braço e o alcanço em cima do pequeno balcão.

— Bom dia! — afasto o aparelho do ouvido quando ouço a voz animada de Elle.

— Oi, amiga, bom dia.

— Fico muito feliz que já esteja acordada. Estou chegando aí, desce para abrir a porta.

Eu sabia que ela faria isso. Elle tem a coceira da curiosidade, tanto que nem me dá tempo de responder e já encerra a ligação. Devolvo o telefone ao seu lugar, pego a xícara de café sobre a mesa e desço. Assim que piso na floricultura, ouço a batida. Abro a porta e, com um gracejo exagerado, aponto para dentro. Elle me dá um abraço rápido e entra.

— Quero café. — Abusada como é, pega a xícara da minha mão e bebe um gole. — Ei, que cara é essa? Achei que estaria sorrindo de orelha a orelha. — Forço um sorriso bem aberto. — O que aconteceu?

— Venha, vamos conversar lá e cima — chamo. — Você logo vai descobrir o motivo para a minha cara estar assim.

— Aquele riquinho não foi abusado com você, foi? — ela pergunta quando estamos subindo as escadas.

Abusado? Não. Na verdade, o que me deixou assim foi a falta de atitude de Erick. Bem que eu queria que ele tivesse sido um pouco abusado. No bom sentido, claro. Só um pouquinho não faria mal algum.

— Não, Elle.

— Vai, Atena, conte logo o que aconteceu.

Aponto uma cadeira para ela e coloco mais café para nós duas.

— Nem sei por onde começar. — Sento-me à sua frente. — Es-

tou... estou... — Solto o ar com força e deixo a caneca na mesa. — Muito confusa — confesso.

Ele toma um gole de café, me olhando por cima da fumaça.

— Você, confusa? É mais grave do que imaginei. — Reviro os olhos com o comentário.

— Nós saímos, Erick me levou para jantar em um restaurante bem do estilo dele. — Ele pega um pedaço de pão passa margarina e começa a comer. — Aí, quando terminamos... — hesito, balançando a cabeça.

Nem sei por onde começar a contar o que aconteceu. Enfio o rosto nas mãos, tentando colocar um pouco de ordem nos pensamentos, e puxo o ar com força. Sei que minha amiga está me olhando atentamente, talvez até esteja um pouco preocupada, mas o que aconteceu ontem à noite foi intenso demais. Nunca pensei que conheceria um lugar como aquele, nem que eu pudesse ficar tão excitada apenas olhando e ouvindo. E com Erick ao meu lado... as coisas ganharam proporções que não consigo entender, muito menos explicar.

Que estou confusa, isso já sabia. Mas agora estou me sentindo cheia de tesão reprimido e sem saber o que fazer a respeito.

É por isso que subo o olhar para Elena e volto a história do começo, desde o momento que ele veio me pegar em casa, passando pela conversa no carro e chegando até o clube. Conto tudo com riqueza de detalhes. As mulheres, os homens, os casais, as cenas... enquanto minha amiga apenas escuta. Seus olhos ficam arregalados e tenho certeza de que, em algum ponto da conversa, ela parou de respirar.

— Sassinhora — diz com a boca cheia de pão, depois que eu termino. — Um clube de sexo e dominação, tipo, os que assistimos nos filmes e lemos nos livros? Daqueles que se amarra e chicoteia as pessoas?

— Desse tipo mesmo. — Ela balança a cabeça em negativa, como se não acreditasse. — Ele, pode parecer loucura o que vou dizer, mas eu queria muito ter vivido aquilo. — Faço uma pausa, recordando-me do quão frustrada Erick me deixou. — E, no fim, ele apenas me trouxe para casa. Sei que está fazendo o jogo dele, me deixando confusa e cheia de desejo. Apesar de nunca ter estado em um lugar como aquele, sei como isso funciona. Ele só não sabe que não estou no escuro quanto a isso.

Inclusive, Elena foi minha maior incentivadora a pesquisar sobre o assunto quando falei que meus relacionamentos eram mornos demais e, consequentemente, eu não conseguia seguir em frente com eles. É por isso que consigo falar de forma tão aberta com ela sobre o que aconteceu ontem.

— Mas, Atena, acho que você tem que ficar de olhos bem abertos com esse cara. Você nem sabe quem ele é direito — aconselha. — Conheço você

desde sempre. Por favor, amiga, a louca e sem noção dessa relação sou eu.

Não consigo conter a risada

— Não sou boba, Elle, nem você. A gente sabia que sexo era uma possibilidade. Saí de casa decidida a não fazer nada, porém confesso que fiquei desapontada quando não aconteceu, principalmente depois de descobrir que os gostos dele vêm de encontro aos meus — afirmo, louca para poder descobrir mais sobre o que ele tem a me oferecer. — Faz tempo desde a última vez, e você sabe que sempre quis experimentar essas coisas.

— Aí é foda.

— É, sim. Só não entendo por que ele desistiu no último momento. Ele estava louco de desejo, Elle... — Apoio a cabeça na mão, encarando minha amiga com um olhar desesperado.

Omiti a parte que ele quase me fez gozar no carro, me deixando à beira do precipício. Eu vi que ele me queria. Vi o quanto nossa interação o deixou excitado. Então, por que me mandou subir em vez de nos dar o alívio que ambos queríamos? Também deixo de fora a parte que ele ligou e me impediu de gozar.

— E agora, o vai fazer?

— Não tenho ideia — sou sincera. — Apesar desse joguinho de sedução e de ele achar que me tem na mão, quero viver isso. Você, melhor do que ninguém, sabe que meus relacionamentos não deram certo por causa dessa coisa morna que eu me recuso a viver.

— Sim, eu sei. Casos que nunca deram certo porque minha amiga nunca achou um homem que soubesse trepar do jeito que ela gosta.

— Elle, não fale assim, soa tão vadia. — Finjo ficar ofendida e ela gargalha na minha cara.

— Atena, Atena... Esse cara mexe com você. — Aponta o indicador bem no meu nariz e sou obrigada a concordar.

Elena só não tem ideia do quanto Erick mexe comigo. Na verdade, parece que ele despertou algo que estava adormecido dentro de mim. Fui criada para ser forte, independente e ter controle sobre tudo na minha vida. E amo ser desse jeito. Não abaixo a cabeça para ninguém e sei do meu valor. No entanto, quero saber como é não ter controle nenhum na cama. Apenas na cama. Na vida, não sou uma submissa. Entre quatro paredes, sempre desejei ser dominada, e faz tempo que tenho total consciência disso.

Fico imaginando a cena: Erick me comendo, enquanto estou amarrada, completamente entregue... Aquela submissão que ele desperta em mim. Apenas seu olhar ou uma única palavra já é capaz de me fazer refém de suas ordens.

— Ei, estou falando com você. — Ouço minha amiga me chamar.

— Desculpa, estava perdida em pensamentos. O que você estava dizendo?

— Estou preocupada com você.

— Não tem por quê — garanto.

— Só... cuidado para não se machucar, e não estou falando somente da parte física, viu? — Ela solta a xícara sobre a mesa e segura minha mão.

— Por favor, preste atenção onde está se metendo.

— Vou tomar cuidado.

— Assim espero. Agora, tenho que ir.

Ele se levanta da cadeira, deposita um beijo no topo da minha cabeça e vai embora, me deixando sozinha para pensar. Deito no sofá e apenas encaro o teto, sem saber o que fazer a respeito de Erick e das minhas vontades.

Detesto o morno, e acho que é por isso que sou tão antissocial. A maioria das pessoas se relacionam de forma superficial, enquanto sou intensa demais para isso. Talvez seja este o motivo que tenha me levado a evitar relacionamentos: é mais fácil não estar em um do que me frustrar com relações fracassadas.

Apenas um homem com quem fiquei teve mais atitude na cama, e foi naquele momento que descobri que era aquilo o que necessitava e que me dava prazer. Uma pena que não deu certo, porque eu queria viver mais essa intensidade, enquanto ele só queria às vezes, e de brincadeira.

Acho que foi por isso que fiquei tão intrigada quando conheci Erick: ele trouxe à superfície esse meu lado, que até então tinha ficado quietinho. Só não sei o que ele espera de mim.

Dou uma balançada na cabeça, a fim de afugentar a divagação sem fim, e busco pelo controle. Ligo a TV e vou logo para a listagem de filmes de suspense. Passo longe dos romances, porque hoje não estou no clima. De repente, ouço um barulho na escada e sei que é papai.

— Oi, filha. — Sua voz ressoa momentos depois.

— Oi, pai. Como foi lá hoje?

— Foi tudo bem. — Ele parece bem cansado. Sinto-me horrível mais uma vez.

— Quer que eu faça alguma coisa para o senhor comer? — Fico de pé.

— Não precisa, comi na companhia do padre. Obrigado, meu amor.

Ele deixa a chave sobre a mesa, abre a geladeira e pega uma garrafa de água. Observo-o atentamente enquanto serve-se de um copo e bebe. Estou cada vez mais preocupada com sua aparência cansada.

— Está tudo bem mesmo, pai?

— Não se preocupe comigo, Atena. Já disse que estou bem — ele garante e deixa o copo sobre a pia.

— Tem certeza?

— Tenho, acho que seu pai está ficando velho — brinca, mas nem isso é capaz de aliviar minha apreensão.

Quando vem para a sala, ele se vira para mim, apoiando-se no batente que faz divisão com a cozinha.

— Como foi ontem com o seu amigo?

Ah, se você soubesse...

— Foi tudo bem, me diverti bastante — minto.

Na verdade, até a metade da noite foi divertido.

— Que bom. Fico muito feliz que tenha saído. Você fica muito tempo em casa, envolvida com seus estudos, com a loja e comigo. Precisa de um tempo para as coisas boas também. — Sorrio sem graça para ele. — O rapaz parece ser boa pessoa, e é bem apresentável. Conheceu na faculdade?

Eu sabia que papai não ficaria sem fazer perguntas, por isso não queria que tivessem se encontrado.

— Por incrível que possa parecer, nós nos conhecemos na floricultura.

— Ele veio comprar flores? Filha, ele não é um cara compromissado, é?

Dou risada, negando com a cabeça.

— Ele veio buscar uma encomenda para a avó.

— Quem é a avó dele?

Isso era algo que eu não queria contar, porém agora não tem jeito.

— É a dona Ane, pai.

— Olha só... Não sabia. Uma vez ela me falou do neto que morava fora. Logo percebi que ele não era daqui, por conta do sotaque. Enfim, — abana uma mão —, se é neto de Ane, então é uma excelente pessoa.

Ele fala quase a mesma coisa que Elle quando soube da referência. Preciso me controlar para não rir.

— Acabei de escolher um filme. — Dou uma batidinha no sofá. — Vem, vamos assistir juntos.



No dia seguinte, quando estou entrando na loja depois da aula, vejo a mesma mulher do outro dia. De novo, ela está bem-arrumada, como se não pertencesse a este lugar.

— Boa tarde.

— Boa tarde — ela responde sem olhar para mim, passa pela porta e vai embora.

— Essa não é a mesma senhora do outro dia? — pergunto aquilo que já sei, apontando para a saída.

— Sim, é ela — meu pai confirma.

— E o que veio fazer aqui? — quero saber, mas ele não diz nada, apenas pega a agenda e anota algumas coisas. Passo pelos vasos de rosas e gardênias e paro ao lado do caixa. — Alguma encomenda grande para esta semana?

— Infelizmente não.

— Hum. — Sua escassez de palavras me deixa ainda mais intrigada sobre a mulher. Estou realmente achando que está escondendo algo de mim, então decido dar uma investigada. — Pai, pelo amor de Deus, se o senhor estiver namorando, eu quero saber. — Uso um tom divertido. Na mesma hora, ele me olha sem jeito.

— Atena, por favor.

Vou até ele e o abraço.

— Foi só um comentário, não precisa se aborrecer com a sua filha amada. — Dou risada.

Ele beija minha cabeça e se afasta. Sua reação me faz pensar se existe algo que está me escondendo, só que meu pai nunca mentiu para mim, ainda mais sobre esse assunto. Então, resolvo deixar isso de lado. Pelo menos por enquanto.

— Como foi a aula hoje? — pergunta da estufa.

— Foi boa.

Apesar de eu ter esperado que Erick estivesse na porta da loja quando cheguei, com café e bolo do Saru, como ele fez no outro dia. Afinal, tenho certeza de que sabe quão frustrada fiquei — e essa seria uma ótima forma de se redimir. Mas não há qualquer sinal dele por aqui.



A quarta-feira está fria e úmida quando saio com Elle da faculdade e começamos a andar pela calçada, lado a lado.

— Amiga, já teve notícias do bonitão?

— Ainda nada — confesso, tentando esconder o desapontamento.

Desde que voltamos do encontro de sábado, Erick não entrou em contato.

— Leonel ficou muito chateado de você ter saído cedo da Saturno. Veio até reclamar com a gente — ela comenta.

Nós nos afastamos brevemente para desviar de uma poça d'água, mas logo engatamos nossos braços de novo.

— Não sei por quê. Ele parecia bem feliz com aquela menina. — Reviro os olhos, cansada dessa atitude típica de homens, que sempre ficam interessados quando as mulheres não ligam para eles.

— O Leonel tem algumas admiradoras — minha amiga explica.

— Sério, Elle, nem ligo. Afinal, não é como se eu estivesse a fim dele.

— Eu sei. Seu encantamento é pelo bonitão. — Ela me empurra com o cotovelo.

— Como está a sua mãe? Tem tempo que não aparece em Nova Ventura — mudo de assunto. Não quero falar de Erick, porque apesar de ele ter me deixado irritada e sexualmente frustrada, confesso que estou com saudade. Não sou hipócrita: tenho que admitir que gosto de passar algum tempo com ele.

— Ela está bem, mas está enrolada com a reforma da fazenda.

Continuamos o caminho até a floricultura conversando sobre coisas não muito importantes, porém, quando viramos a esquina que dá na nossa rua, sou obrigada a estancar no lugar. Meu coração salta em batidas aceleradas e chego a suspirar.

— Não caia tão fácil nas graças dele — Elle dispara, empurrando o cotovelo contra minha costela, ao perceber quem está parado na frente da loja.

Quero muito dizer que serei forte, mas não posso mentir para a minha melhor amiga.

— Prometo tentar. — Elle me olha de lado e, com um meio sorriso, sacode a cabeça em negação.

Assim que nos aproximamos um pouco mais, ela beija meu rosto em despedida e vai para o outro lado da rua. Sigo olhando para ela até que entra na boutique. Respirando fundo para controlar a ansiedade, olho para frente, endireito o corpo e ando com calma.

Erick está com os olhos atentos ao celular e parece ler algo. Lentamente, vira o rosto para mim, o barulho do salto das minhas botas no calçamento chamando a sua atenção.

Seu olhar é firme, e tem aquela intensidade que já conheço. O magnetismo que sinto quando me olha é intraduzível. Sinto como se ele fosse a gravidade me puxando com toda a sua força. Foi exatamente esta

sensação que tive aquele dia, na boate. Por mais que eu queira escapar, não consigo. Não nego, é mais forte do que eu.

Também, convenhamos, quem consegue resistir a um homem tão bonito assim? Às vezes, ele nem parece humano — está mais para um deus grego, com aquele nariz reto, o maxilar definido e os olhos escuros, que ditam ordens e exigem obediência. Hoje, ele parece ter se superado: um suéter aberto na frente, camisa azul e, claro, calça jeans escura. Seu cabelo está bagunçado pelo vento que sopra forte. Às vezes, queria que ele fosse só um pouco feio, só um pouquinho. Seria tão mais fácil...

Sem tirar os olhos de mim, enfia o telefone no bolso da calça.

— O que faz aqui? — digo, parando à sua frente e soltando as palavras de forma bem mal-educada.

Não é porque me sinto atraída por ele que vou esquecer o que fez no nosso encontro, muito menos de sua ligação. E se ele espera outro comportamento de mim, então que faça sua parte para merecê-lo.

Erick estica o braço e verifica a hora em seu lindo relógio de ouro.

— Boa tarde, Atena. Não sabia que as boas maneiras tinham morrido.

— Também não sabia. Pensei que as pessoas tinham o hábito de avisar antes de uma visita — digo com todo o cinismo que existe em mim.

Com um leve impulso ele se afasta do carro e lentamente se aproxima, colando seu rosto ao lado do meu. Prendo a respiração quando o delicioso aroma do seu perfume me envolve.



CAPÍTULO 17

Erick

— Queen, por que parece tão irritada? — faço uma pausa dramática, olhando para o céu cinza de hoje, logo depois viro o rosto para a rainha das flores. — Não está feliz em me ver?

Atena apenas me encara. Chega a ser desconcertante ter a profundidade desses olhos de cores diferentes em mim. Ela me olha, mas não parece surpresa em me ver. Acho que “irritada” é mesmo o sentimento a ser considerado. Tenho vontade de rir, porém me contenho.

— O que faz aqui, Erick? — repete, colocando as mãos na cintura em um gesto de puro desafio.

Viro para o carro e, pela janela, pego a embalagem.

— Estava passando pelo Saru e lembrei do quanto gosta do bolo de chocolate. Então, trouxe um pedaço para você. — Ela levanta uma sobrancelha e comprime os lábios.

— Está querendo me comprar com bolo? — Dou um sorriso. O sorriso. Sei do efeito que causa nela. — Pois saiba que, pelo bolo do Saru, eu me vendo. — Atena toma o pacote da minha mão e solta uma risada gostosa, enquanto eu apenas balanço a cabeça, adorando cada segundo dessa interação. — Ia ficar aqui, me esperando?

Como sempre, sua petulância dá as caras.

— Acabei de chegar. Minha intenção era de te ligar para saber se estava aqui. — Giro o telefone na mão, enfatizando.

— Falando nisso, como conseguiu o meu número? — pergunta, me olhando com desaprovação.

Dou um passo até ela, diminuindo ainda mais a distância entre nós.

— Consigo tudo o que quero, Queen... — Resisto à vontade de correr o dedo por seu lábio, talvez de puxá-la para mim e sentir seu gosto de novo.

Vejo-a engolir em seco, seus olhos fixos na minha boca.

Isso, Atena... Eu sei que você sente o mesmo que eu.

Eu poderia contar a verdade e dizer que precisei ligar para a minha avó no meio da noite e pedir para que me desse o número dela, mas isso estragaria o momento.

Atena apenas respira fundo algumas vezes, até que balança a cabeça e reveza olhares entre mim e a porta da Floricultura.

— Quer entrar? — Fita o embrulho em suas mãos.

Sei que está irritada, mas algo me diz que não é só isso. Será que está chateada pelo meu sumiço?

— Não, só passei para deixar o bolo e ver se estava tudo bem com você. Tive que ficar fora da cidade uns dias, sabe como é, compromissos de trabalho.

Ela levanta o rosto e fixa o olhar no meu.

Ah, aí está a razão de estar chateada. Bom saber.

— Está tudo bem comigo. E foi tudo bem com os seus compromissos?

— Foi, sim. — Aproximo-me dela, apoiando a mão em sua cintura. Na mesma hora, percebo que sua respiração acelera.

— Que bom. — Seu tom é baixo e seu olhar desvia do meu, focando em meus lábios.

— Desde que cheguei, não via a hora de ver você — sussurro perto do seu ouvido.

É inevitável: meu corpo reage à proximidade, ao mesmo tempo que Atena solta um suspiro. Sei que ela também não é imune, talvez nem se dê conta do quanto é transparente em suas reações.

Ela tenta se desvencilhar do toque, porém aperto mais os dedos, impedindo-a de se afastar. Não consigo. Não, agora que a tenho tão perto. Sem nem pensar, trago seu corpo para perto do meu e colo nossos lábios. Tomo sua boca em um beijo lento, carregado de saudade e desejo, enquanto aprecio a maciez e sinto o gosto viciante que ela tem.

Por mais que minha vontade seja de tocá-la em todas as partes, estamos no meio da rua — preciso me controlar. Só que algo dentro de mim implora por mais. Então, aprofundo mais o beijo. Atena solta um leve gemido e as mãos agarram os meus braços, subindo até os ombros, para logo depois enroscar os dedos em meu cabelo, o que me faz arrepiar. Movo

a mão por baixo da sua blusa e sou recebido pelo calor da sua pele. Ela leva as dela contra meu peito e, num impulso, afasta-se, rompendo o contato.

Atena me encara, passando o dedo médio contra o lábio inferior. Há algo no modo como me olha, como se não soubesse o que fazer agora. Eu também não sei. Na verdade, sei exatamente o que eu quero — e não é nada apropriado para ser feito em público.

Esta mulher desperta o meu lado mais primal, me faz ter necessidade de tocá-la o tempo inteiro. Quero ouvi-la gritar meu nome, quero que ela fique ofegante enquanto vou bem fundo dentro dela, quero que suas pernas não aguentem o próprio peso depois de tanto gozar.

Mas, por enquanto, eu me contentaria se apenas pudesse voltar a beijá-la.

— Até mais, Erick. — Ela fica de costas e começa a andar rumo à floricultura.

Como assim, Queen? Não, isso não pode ficar assim. Corro até ela e a puxo para meus braços, prendendo-a junto do meu corpo já rígido.

Assustada, ela solta um gritinho e alguns fios de seu cabelo caem sobre o rosto. Com uma mão afasto-os, colocando-os atrás da orelha.

— Queen?

— Erick? — Meu nome é um sussurro em seus doces lábios.

— Quero me encontrar com você hoje à noite.

Seus olhos percorrem todo o meu rosto, como se tentassem ler algo ali.

— Hoje? Humm... acho que não vai dar, tenho que estudar. — Ela se livra do meu enlaço. — Mas me liga e a gente combina outro dia.

Apressada, entra na loja, deixando-me embasbacado. Depois de alguns segundos apenas olhando para a porta, sorrio e sacudo a cabeça em negação. Quando foi que achei que a rainha da petulância agiria de outra forma?

Mas ela ainda vai implorar por mim, ou não me chamo Erick Magalhães.



Assim que chego à vinícola, estaciono em frente à sala de degustação. Estamos com um grupo de americanos agendados para uma visita hoje, e isso é muito importante. Novos clientes internacionais é resultado certo de bons negócios.

Passo pelas taças de vinhos, depois confiro na cozinha tudo o que será servido para a harmonização durante a degustação. Sempre fazemos esse tipo de apresentação, já que a finalidade de uma boa degustação é extrair o máximo e o melhor de cada bebida.

Começamos sempre com vinhos mais jovens, pois suas características sensoriais e aromas são mais nítidos. Depois, passamos para os vinhos mais antigos, que possuem diversas camadas aromáticas, tornando a degustação mais lenta. Na maioria das vezes os clientes gostam de provar o que vão comprar, principalmente para exportação.

— Olha quem eu encontro aqui. — Ouço uma voz bastante familiar. Quando me viro, dou de cara com Cláudia.

Gerente de novos negócios em Lisboa, ela é uma grande amiga. Temos a mesma idade, além da mesma forma de pensar. É por isso que tem sido uma grande aliada na luta que travo com meu pai para modernizarmos a empresa.

— Cláudia? — Sigo até ela, envolvendo-a em um abraço.

— Já estava com saudade do meu chefe chato — brinca.

— O que faz aqui?

— Soube que tem um grupo grande de empresários americanos hoje. Então, decidi vir dar uma mãozinha. — Ela agita as duas mãos na frente do corpo, enfatizando.

— Agradeço muito — falo com sinceridade, ao mesmo tempo que continuo sem entender sua presença. — Agora, sério, o que faz aqui?

— Seu pai me convidou para acompanhar a visita. — Ela levanta as sobrancelhas, fazendo cara de quem não entendeu nada. Afastando-se, verifica as taças.

— Meu pai? Muito estranho — comento.

— Pois é, também achei, mas estou contente por estar aqui. Faz muito tempo desde a última visita.

— É verdade. E, sinceramente, fico feliz por ele ter feito isso. Acho que estamos progredindo. Sabe que você vai me ajudar muito estando aqui, não é?

— Claro que sei, chefe. — Ela tem uma expressão convencida no rosto, que me dá vontade de rir. — Sou o poder do convencimento em pessoa. — Balanço a cabeça, bem-humorado. — Vamos fechar as exportações com esse novo grupo hoje, acredite.

— Assim espero. Ganharíamos uns bons pontinhos com meu velho. Uma nova conta internacional nos fará muito bem neste momento.



No final do dia, entro em minha sala bastante satisfeito: a reunião com os novos clientes americanos foi produtiva. Eles fizeram algumas pequenas exigências, que eu mesmo já havia pontuado para meu pai, e Claudia, como sempre, foi extraordinária.

Enquanto ela está fazendo um tour nos campos de parreiras com o grupo, pego o celular para chegar as mensagens, porém a imagem de Atena me vem à mente.

Sem pensar muito, ligo para ela.

— Queen?

— Senhor, como está? — provoca.

— Humm... Estou bem. Estudou?

— Estou estudando.

— O que você vai fazer sexta à noite? Gostaria de levá-la a um lugar.

— Na sexta, tenho um compromisso inadiável com meus amigos.

— Amigos? — Impossível não lembrar de que fui apresentado como um amigo.

— Sim, por quê? Está com ciúme?

Atena tem o dom de testar os meus limites.

— Será que pode abrir mão desse compromisso para estar comigo?

— Posso pensar. No entanto, não gosto de cancelar compromissos, ainda mais os que não me deixam frustrada.

Pelo visto, além de ser a rainha da petulância, ela também é a rainha do rancor.

Oh, minha Queen, vamos arranjar uma forma de te acalmar da forma certa.

— Posso garantir que não vai se arrepender — falo baixinho e ouço sua respiração ficar mais pesada do outro lado da linha.

— Vou pensar sobre.

— Alguém já disse o quanto você é atrevida? — Ouço sua risada do outro lado.

— Algumas vezes.

— Queen, Queen...

— Até qualquer hora, Erick.

— Até sexta, Atena.

Encerro a ligação e jogo o aparelho sobre a mesa, imaginando se ela vai desistir de sair comigo. Não havia cogitado esta possibilidade. Será? Eu sabia que Atena era diferente de todas com quem já estive, mas isso... Ah, isso vai além do que imaginei.



CAPÍTULO 18

Aena

“Jogo é jogo, Erick”, penso assim que encerro a ligação. Mas o sorriso que decora meu rosto não consegue esconder o quanto fiquei feliz por ele ter me convidado para sair na sexta. Essa distância que tem mantido é incômoda demais, e mesmo que a gente não tenha nada sério, sei que quero estar cada vez mais perto dele. Erick é inevitável e irresistível.

A conversa que tive com Elle me volta à mente: preciso tomar cuidado para não sair machucada dessa situação.

— Só que, agora, você está trabalhando. Então, trate de pensar em outras coisas que não sejam aquele homem maravilhoso — digo a mim mesma e apanho a agenda para ver as anotações.

Percebo que, mais uma vez, meu pai vai jantar com o padre. Que estranho... O que tanto esses dois andam conversando? Sei que são amigos há anos, mas nunca fizeram tantas refeições em tão pouco tempo. Acho que já almoçaram e jantaram umas quatro vezes nas últimas duas semanas.

Antes que eu consiga pensar mais sobre o assunto, o sino na porta soa alto. Levanto o rosto e vejo dona Ane entrar.

— Olá, menina bonita.

— Oi, dona Ane, como está?

— Tudo bem, minha querida, e você? — O chapéu que usa hoje é rosa-escuro, com um cravo branco preso na aba. Não consigo conter o sorriso.

— Como sempre, estou muito bem, obrigada.

— Adoro esse seu bom humor, minha filha. E seu pai, como está?

— Ele está bem. Está lá nos fundos, quer que eu o chame? — Aponto para a porta atrás de mim.

— Não é necessário. — Abana o ar com a mão, dispensando a ideia. — Meu neto não é um homem lindo? — Ela solta assim, do nada.

Sinto meu rosto queimar.

Ah, dona Ane, se a senhora soubesse o que penso a respeito do seu netinho...

— Sim, muito bonito — limito-me a dizer.

Afinal, qual seria a alternativa?

1) Ele é um monumento de homem, completamente fora da curva;

2) É extremamente delicioso;

3) Erick, na verdade, é um safado que me levou para um clube de BDSM, mas se recusou a me fazer gozar no carro;

4) Quero que seu neto me amarre na cama e faça todos os tipos possíveis de sacanagem comigo.

Porém não acho que qualquer uma destas respostas seja muito apropriada.

Ela me olha e sorri.

— Minha filha, ele é um homem muito bom. Não por ser meu neto, mas por ter bom caráter. Um menino de ouro.

— É de pessoas assim que precisamos no mundo. — Sorrio para ela, com medo de relevar coisas demais.

— Vocês estão saindo, não é?

— Ah, não... não. A gente só... só... conversou... ele... veio aqui — começo a gaguejar.

Minha Nossa Senhora das mulheres confusas, socorro!

Dona Ane sorri para mim, como se arquitetasse alguma coisa. Em seguida, passa a admirar os arranjos de flores silvestres.

— Como estão maravilhosas essas flores!

— Estão mesmo, chegaram ainda há pouco. — Solto um suspiro de alívio pelo foco da conversa ter mudado, porém meu coração ainda bate acelerado dentro do peito.

Ela pega dois ramos grandes e me entrega.

— Vou levar estes aqui.

Faço o embrulho e, durante todo o tempo, percebo-a me olhando. Ela sabe a verdade do que está acontecendo entre mim e Erick, tenho certeza de que sabe. Será que ele falou com ela?

— Prontinho, aqui está.

Ela pega a embalagem, paga e logo agradece, deixando a loja. Assisto a senhora passar pela porta, questionando-me o que dirá a seu neto e como será que ele vai reagir.



A semana passou voando. Com a chegada das provas, mal tive tempo de respirar. Passei o tempo todo estudando e trabalhando, mesmo que a minha vontade fosse de jogar tudo para o alto. Não vejo a hora de fazer as finais no fim de novembro e me livrar disso de uma vez por todas.

Enquanto espero por Elle na escadaria da faculdade, pego na bolsa o livro que estou lendo — um romance de amor e superação. Mas é claro que não consigo terminar uma página antes de minha amiga aparecer.

— Oi. — Ouço sua voz atrás de mim.

— Oi. Demorou hoje, hein... — comento.

— Tive que ir até a sala dos professores deixar uma atividade de compensação de notas. — Ela faz uma careta.

— Para que matéria você precisou fazer uma atividade extra?

— A minha atormentação de sempre. — Elle me olha com uma expressão de desespero no rosto. — Estatística.

O ano todo, essa matéria foi um tormento para Elle. Guardo o livro na bolsa e descemos os degraus, tentando evitar ser atropelada por alguns alunos apressados. Elle segue reclamando da matéria e do querido e estimado professor.

Vamos todo caminho falando sobre os estudos e o tanto de trabalho que estamos tendo com o TCC. Passa de uma da tarde quando me despeço dela e entro na loja, apenas para encontrar papai sentado atrás do balcão. Olhando para ele, noto que uma funda ruga marca sua testa, o que deixa nítido que está preocupado.

— Tudo bem, pai?

— Oi, filha, tudo bem sim — ele diz, sem desviar os olhos da pilha de papéis à sua frente.

— Aconteceu alguma coisa? — quero saber, me aproximando.

— Só estava separando as contas do mês — explica.

Ah, agora entendo a sua cara de preocupação. Nossa situação financeira está pior a cada dia. Sempre pagamos uma conta quando a outra já está vencida. E damos sempre preferência para os fornecedores, já que não

podemos ficar sem as flores, senão afundamos de vez.

— Está muito ruim? — pergunto, mesmo com medo de ouvir a resposta.

— Até que não, vamos conseguir pagar todas as contas do mês passado e os fornecedores deste mês. — Há um alívio em seu tom.

— Ufa! — Solto o ar que estava prendendo. — É... pai, hoje à noite vou sair com aquele meu amigo — aviso de forma despretensiosa. — Tudo bem se o senhor ficar sozinho?

— Vai sair com o neto da Ane de novo? — Não consigo identificar a entonação na sua voz. Se o ato de sair com Erick é bom ou ruim.

— Sim, ele mesmo.

— Humm... — Meu pai fica quieto, o que me gera ainda mais confusão.

— O que foi?

— Nada, filha.

Eu me aproximo dele e toco em seu braço, imaginando apenas uma coisa para seu comportamento.

— O senhor está com ciúme. — Prendo os lábios e levanto as sobrancelhas.

— Um pouco — confessa.

— Oh, que bonitinho. — Dou risada.

Ele me lança um olhar sem graça.

— Você tinha dito que ele era somente seu amigo?

— A gente está se conhecendo. — Não minto, afinal, é o que estamos fazendo.

Talvez de um jeito que meu pai não gostaria de saber. Não posso revelar que estamos conhecendo cada parte do corpo um do outro.

— Entendo. — Ele dá dois tapinhas leves em minha mão. — Só... se cuide.

— Vou me cuidar, prometo. — Deixo um beijo em seu rosto. — Vai ficar em casa hoje à noite?

— Talvez eu vá a igreja jogar conversa fora com o padre Marcos, ainda não decidi.

— Está bem. Precisa de mim agora?

— Não. Pode subir e descansar.

Dou outro beijo cheio de amor no meu velho querido e subo para casa, pensando em que roupa usar.



CAPÍTULO 19

Aena

Olho-me no espelho. A saia rodada, na altura dos joelhos, me deixa elegante. Já a regata de alça fina expõe meu colo, ombros e pescoço. Nos pés, uso uma sandália aberta. É uma brincadeira de esconde e mostra. Sim, vamos brincar de provocar Erick um pouco.

No topo da cabeça fiz um rabo de cavalo, limitando a maquiagem a nada mais do que rímel e batom. Pego a bolsa e desço para a loja, tentando me concentrar para não rolar escada abaixo. Estou uma pilha de nervos, e minhas pernas parecem não funcionar da forma certa.

Como esperado, na hora combinada seu carro estaciona em frente à floricultura.

Despeço-me do meu pai, que está nos fundos cuidando das mudas de orquídeas, e, quando abro a porta, dou de cara com Erick. Quase bato com o nariz em seu peito, mas ele me segura antes que o choque aconteça.

— Desculpa, não queria assustá-la. Ia te chamar no exato momento que você apareceu — começa a se explicar, afastando-se um pouco. — Tudo bem com você?

— Tudo bem. Só me assustei. — Levo as mãos ao cabelo, arrumando-o no lugar.

Erick me encara de cima a baixo, fazendo com que eu seja preenchida por um calor, como se o sol queimasse minha pele num dia quente de verão.

— Como sempre, você está linda, Queen.

Sorrio timidamente para ele, que vem para bem perto e cola os lábios nos meus.

Os olhos abertos estudando atentamente o que os meus dizem.

— Obrigada — agradeço quando se afasta. — E você, como sempre, com essa cara de bom moço — brinco com ele e abro um sorriso.

Erick sorri de volta e, com a mão apoiada na base da minha coluna, guia-me até o carro, abrindo a porta para que eu entre primeiro. Quando ele toma o lugar à frente do volante, sinto o cheiro do seu perfume me envolver. Uma fragrância com notas de âmbar, couro e madeira. Combina muito com ele, e expressa uma masculinidade natural e indomável. Como se traduzisse a brutalidade da natureza através de acordes quentes. Completamente dominante.

— Disse para o seu pai que sairia com seu amigo de novo?

Viro o rosto para ele e busco ver se está brincando ou não, mas não consigo distinguir.

— Sim, disse.

— Então, ainda estou na categoria de amigo? — questiona com um tom áspero. Mais uma vez, não sei se de brincadeira ou está falando sério.

— Pelo jeito, sim. Acho que você precisa trabalhar um pouco mais para mudar de categoria. — Dou-lhe uma piscadinha.

Ele só balança a cabeça em afirmativa, mas nada diz. Juro que amo essa implicância que ele tem com o fato de ter sido apresentado como um amigo. Isso me faz ter esperança de que, talvez, Erick esteja interessado em algo que vá bem além da amizade comigo. Só preciso descobrir o quê.

Não vou pagar de sonsa e fingir que não entendi a parte sexual da coisa, mas também quero ver se há chances de termos algo além disso. Se eu quero algo além disso.

— Aonde vamos? — lanço a pergunta quando Erick entra na rodovia expressa, saindo da cidade.

— Vou levá-la a um lugar especial. — Ele permanece enigmático. Pra variar.

De imediato, sou tomada pela ansiedade. Penso logo no calabouço, e as cenas invadem a minha mente. Como reflexo dos pensamentos quentes, cruzo as pernas, apertando uma contra a outra.

Por Deus, preciso me livrar desse tesão que estou sentindo, porque isso não pode ser normal. Não dá para sonhar todas as noites e fantasiar todos os dias com um homem e correntes e se julgar sã.

Mas então percebo que Erick me olha de canto de olho, analisando meus movimentos.

Será que sabe como me sinto? Algo dentro de mim diz que sim.

— Quer ouvir música? — oferece.

— Posso? — brinco.

Erick afirma, esboçando um sorriso sem tirar os olhos do trânsito à sua frente. Em seguida, aperta um botão no volante e logo uma canção soa pelos alto-falantes. Presto atenção, mas não consigo identificar quem está cantando. A música tem uma letra belíssima, acompanhada de instrumental.

— Amei. Que música é essa?

— *Dancing in the dark*, de Eddie Berman.

— Anotado.

Erick vira-se para mim e me dá uma piscadinha. A canção termina e, mais do que de depressa, toco na tela do painel para que a canção toque outra vez.

— Qual é a sua banda preferida? — ele lança a pergunta.

— Não sei se tenho uma única preferida, mas tenho um cantor especial. Bon Jovi.

Ele sorri.

— Também gosto. Qual sua música preferida dele?

— Always. E a sua?

— Gosto muito de Always também, mas a minha é *It's my life*.

— Ah, amo! — confesso.

Percorremos um longo tempo apenas ouvindo música e comentando sobre cada uma delas, até que Erick sai da rodovia, entrando em uma estrada de terra batida. O terreno é acidentado e os solavancos ficam cada vez mais constantes. Penso em perguntar para que tipo de lugar está me levando, contudo, opto em ser surpreendida.

Erick entra em outra estrada e nessa, praticamente, cabe só o carro. Está mais para uma trilha, e a única iluminação é fornecida pelos faróis. Preocupada, inclino a cabeça em sua direção, e ele abre um sorriso.

— Confie em mim, logo chegaremos. — Se fosse qualquer outra pessoa dizendo isso, eu ignoraria. Mas o tom que usa carrega tanta certeza que algo relaxa dentro de mim.

Não demora muito e avisto um portão de ferro. Passamos por ele e entramos em um lugar cheio de plantações. Aquilo são... parreirais?

Lindo, nem parece que viemos por uma longa estrada de terra batida. Ele estaciona o carro e descemos.

— Seja bem-vinda a uma das vinícolas da família Magalhães. Esta propriedade é pequena, e durante muito tempo foi nossa casa de veraneio.

Ele pega minha a mão e andamos por debaixo de um caminho de

videiras. Alguns passos à frente e fico de boca aberta com o que tenho diante dos olhos: uma tenda está montada em uma clareira, com compridos, finos e esvoaçantes lenços brancos ao redor. Nela, há um futon com almofadas coloridas sobrepostas. Tochas iluminam o pequeno caminho até chegarmos lá. A nossa frente, há fileiras a perder de vista de parreiras.

A brisa da noite traz o cheiro de uva fresca e, junto a ela, pode-se ouvir os insetos noturnos fazendo a cantoria. Olho para cima e o céu negro está coberto de estrelas. Sinto-me como se estivesse dentro de outro Universo, um mágico e completamente fora da minha realidade.

— Erick... — solto em um suspiro, extasiada com tamanha exuberância. — Isso é lindo demais.

Ele está parado ao meu lado, de frente para a tenda, enquanto eu apenas consigo admirar o lugar à minha frente.

— Espero tê-la surpreendido.

Viro em sua direção e, de repente, sou tocada pela contradição que é esse homem lindo. Erick é gentileza e dominância; é frio e calor; é calma e turbulência. Eu o desejo com tanta força, que chego a sentir raiva quando não posso tê-lo perto de mim. Desde que entrou em minha loja pela primeira vez, Erick tem consumido meus pensamentos de um jeito que nem sei explicar. E, neste momento, tudo o que sinto é uma vontade louca de beijá-lo. Não penso duas vezes: enlaço seu pescoço, minha boca já buscando por seus lábios. Ele envolve uma mão na minha nuca e a outra segura firme minha cintura.

Só que o beijo dura apenas alguns segundos, porque logo Erick se afasta, olhando-me com tanta lascívia que estremeço sob sua intensidade. Meu corpo inteiro fica à espera, como se soubesse que é ele quem ditará os próximos passos. Quero mais. Preciso de mais. Ao mesmo tempo, fico parada. Como sempre, este homem é capaz de imperar sobre mim com apenas um olhar. E não nego que amo quando faz isso.

É então que seus dedos me puxam pela nuca e Erick volta a me beijar, tomando o controle não só do momento, como do beijo também. É isso o que ele é: um dominador. Enquanto me beija, eu me entrego. O problema é que se afasta cedo demais, porém segura a minha mão e deixa um beijo na palma.

— Venha comigo. — De mãos dadas, me direciona para baixo da tenda. Logo vejo que há uma bandeja com várias frutas e queijos. Ao lado, um suporte com uma garrafa de vinho acompanhada de duas taças. — Está com fome? — Ele se aproxima da bandeja, pega um morango e o coloca diante dos meus lábios.

Queria mesmo era matar a fome que ele me deixou no outro dia — a fome de desejo. Ele não sabe, mas a cada novo encontro, toma um pouco mais do meu coração para si.

Olhando-o fixamente, abro a boca e mordo o morango. O suco da fruta escorre pelo canto dos meus lábios, e imediatamente ele lambe o rastro.

— Gostou? — Seu olhar e tom de voz deixam claro a dualidade na pergunta.

Sorrio e solto um gemido baixo.

— É delicioso...

Abruptamente, ele me puxa e torna a me beijar. Morango e Erick: uma combinação mais do que perfeita. Sua língua dança com a minha, como se ele quisesse me devorar. É uma sincronia perfeita de movimentos: enquanto uma mão me mantém presa a ele, a outra apenas passeia livremente por minhas curvas. Aproveito cada segundo do que ele tem a me oferecer, sonhando com o momento em que não teremos que parar.

Meu corpo implora por ele, clama por toques mais firmes. Erick desperta tudo em mim, a ponto de eu já estar sentindo um incômodo entre as pernas. Preciso dele me preenchendo, me lambendo, me fazendo gozar.

A frustração do outro dia vem com ainda mais força, e tudo o que mais quero agora é... Então, ele interrompe o beijo.

— Você gosta de fazer isso, não é? — questiono-o quando nos afastamos.

— Beijá-la? Sim, adoro.

Balanço a cabeça, respirando fundo.

— Não. Estou me referindo a esse negócio de me tomar para você.

— E de me deixar querendo mais.

Só que não digo essa última parte, apenas faço minha melhor expressão de menina travessa.

— Ah, isso também. E sei que você gosta também.

As palavras saem confiantes, não arrogantes. A colocação objetiva de que eu também gosto de ser tomada não me fere. Tanto ele quanto eu sabemos que é verdade. Gosto mesmo.

Neste exato momento, meu receio é de não me blindar um pouquinho. Posso me tornar um barco à deriva, caso ele não venha a se envolver tanto quanto eu nesta relação. Porém, o desejo que sinto por esse homem é bem mais forte do que a minha racionalidade.

Ele abre a garrafa de vinho e serve duas taças, indicando, em seguida, um lugar no futon.

— Venha. Sente-se aqui.

Ando lentamente e faço como pede, tomando o lugar na ponta do estofado macio. Ele me oferece uma das taças, que aceito de imediato.

— Ao nosso encontro, Atena — propõe um brinde.

Dito isso, tocamos nossas taças e o tilintar de vidro soa alto. Assim como ele, rodo a bebida na taça, observando a coloração vermelho intenso. Quando trago a taça para perto do nariz e inalo seu aroma, sou remetida um belo pomar em dia de verão. Em seguida, levo a bebida aos lábios.

— Delicioso — aprecio o sabor.

— Consegue sentir as notas?

Balanço a cabeça que sim e que não.

— Talvez.

— Descreva-as para mim — pede, olhando-me com atenção.

— Denso, Frutal, seco... tem mais alguma coisa, mas não consigo identificar.

— Muito bem, não foi tão ruim. Classifique a uva. Qual acha ser?

Reflito por alguns segundos, sentindo o gosto na língua. Não sou entendedora de vinho. Não faço a mínima ideia de que uva seja.

— Não sei. Como disse outro dia, não sou grande apreciadora. — Erick eleva a taça diante dos olhos.

— Esse é uma uva Rubi.

— Deve ser muito legal saber definir assim, só provando.

— Aos poucos, vou ensiná-la a apreciar e classificar.

Giro a taça, absorvendo o que disse. Se não estou sendo boba, isso indica que vamos sair novamente.

— Vou gostar de aprender — limito-me a dizer.

Com delicadeza, levo a taça novamente aos lábios e sorvo um longo gole. Ele observa cada movimento meu. Seu olhar é escuro, atraindo-me como uma presa fácil.

Vinho e esse homem? Combinação perigosa.

Ele me estende um pedacinho de queijo, que aceito, porém, não pega um para si mesmo. Apenas me observa enquanto como. Fico sob sua análise, sem saber o que fazer. Eu deveria estar me sentindo estranha, talvez envergonhada, mas algo neste momento me deixa... confortável. Então, sorrio para ele. Há uma certa leveza no ar, e quando termino de mastigar, dou um gole no vinho e abro a boca, pedindo mais um pedaço. Ele balança a cabeça e faz o que quero, colocando um outro quadradinho entre meus lábios. Aproveito e deixo uma mordida leve na ponta de seu dedo.

— Queen... — É quase uma ameaça, porém o bom humor em sua voz não me passa despercebido.

A cada segundo que me olha, me sinto mais quente, mais pronta para o que ele quiser. Este homem me enlouquece e me deixa à beira de um precipício. Seus olhos escuros não saem de cima de mim por um segundo sequer, fazendo com que meu coração martele dentro do peito.

Tomo mais um gole do vinho, esvaziando a taça. Então, Erick a toma da minha mão.

— Quero que se levante e fique nua. — Suas palavras soam tranquilas.

— O quê? Aqui?

— Sim, Queen. Não há com o que se preocupar. Somos só nós dois e... — desliza suavemente a ponta do dedo ao redor da minha bochecha — esta propriedade é particular.

Pisco algumas vezes, processando suas palavras.

Erick me quer nua. Aqui. Agora.

Respiro fundo, reunindo toda a coragem dentro de mim, e fico em pé, virada de frente para ele. Seus olhos percorrem meu corpo de cima a baixo. Ele deita de lado, apoiando o cotovelo no chão e a cabeça na mão, mas em momento algum deixa de me encarar.

Confesso que esse olhar de quem quer me devorar faz com que a minha ansiedade e a vontade de satisfazê-lo fiquem ainda maiores. E isso é tão maravilhoso... porque ao agradá-lo, sei que satisfarei a mim mesma também. Não sei explicar esse sentimento, talvez não tenha como fazê-lo em palavras.

Sem hesitar, abaixo a cabeça, levo a mão às costas e abro o zíper da saia.

— Olhe para mim. — Sua voz firme, rouca e sedutora soa em meus ouvidos. Imediatamente o obedeco. — Não quero que desvie os olhos dos meus. Entendeu? — Afirmo, sacudindo a cabeça. — Ótimo.

Sigo olhando para ele quando dou um leve puxão na saia, que cai aos meus pés, e sinto a parte inferior do meu corpo exposto. Dou um passo para o lado e livro-me completamente dela. Sem demora, seguro na lateral da blusa e a subo, soltando-a no chão.

Achei que teria vergonha, porém tudo o que consigo sentir agora é tesão. É vontade de me entregar a ele. Estou molhada e quero o seu toque por todo o meu corpo.

Estar desse jeito com Erick não é apenas incrível. É irresistível.



CAPÍTULO 20

Erick

Atena se despe diante de mim. Cada peça de roupa que sai é como um presente sendo lentamente desembulhado em noite de Natal.

Posso ver quão excitada está — o que só a deixa ainda mais maravilhosa. Estou cada vez mais louco por ela, meu corpo em chamas, tão excitado que, se não tivesse muito autocontrole, já teria gozado só ao vê-la assim, de lingerie. É toda rendada, com tiras finas, tanto o sutiã, que marca bem os seios, quanto a calcinha.

O desejo que verte em mim é quase indomável. Sinto como se estivesse dando um salto sem paraquedas. Há algo nisso, nela, que me fascina...

— Tire tudo — ordeno, testando sua boa vontade.

Um brilho desponta em seus olhos. Eu sabia que ela gostava disso, sempre soube. Atena leva as mãos às costas para desatar o sutiã — e isso é o suficiente para mim.

Arrasto-me até ela, seguro seu quadril e a puxo para baixo, fazendo com que caia sobre o futon. Debruço-me sobre ela, seus olhos estão acesos e refletem o mesmo que os meus.

Desejo.

Cubro sua boca com a minha num beijo profundo, que ela retribui com a mesma dose de paixão. Ainda com sua boca na minha, posiciono as mãos em suas costas. Com um simples movimento, libero o fecho do sutiã e deslizo a peça pelos seus braços, jogando-o no chão. Neste momento,

percebo sua respiração acelerada, o coração bate forte e descompassado. Levanto e sento-me sobre ela, colocando uma perna de cada lado do seu corpo.

— Você não tem ideia do quanto desejei estar assim com você — confesso.

Ela me lança um olhar, que não consigo entender muito bem. Pela primeira vez, acho difícil ler uma mulher, e isso me confunde e excita na mesma proporção.

Com suavidade, toco seu pescoço com a ponta do dedo e deslizo delicadamente entre o vão dos seios cheios e redondos. A pele é aveludada, suave, delicada. Como a pétala de uma flor.

Quero tomá-los em minha boca, esfregar a ponta da língua sobre eles, fazê-la gozar enquanto chupo os bicos eriçados. Porém, me limito a assistir atentamente às suas reações, não quero perder uma expressão sequer dela neste momento. Até porque, desejo descobrir como gosta de ser tocada, onde sente mais prazer. Quero despertar totalmente seu corpo para mim.

Atena parece em transe, perdida sob meu domínio. Ainda olhando para seu rosto, envolvo a mão ao redor do seio direito e, de imediato, sinto a pele arrepiar embaixo dos meus dedos.

— Você é linda, Atena — sussurro, rolando o bico intumescido com os dedos. — Vou beijar cada centímetro desse seu corpo.

Abaixo-me e a beijo outra vez, apertando o seio. Seu gemido baixo ecoa dentro da minha boca, atingindo meu pau já bastante duro. Sua língua se agita, quase que desesperada contra a minha. Posso sentir que está louca para se entregar a mim, o que me deixa ainda mais inebriado.

Gostosa demais.

Atena acaricia meu cabelo, puxando-o suavemente, e depois enlaça as mãos no meu pescoço. Quando raspa as unhas no local, faz meu corpo retesar e um arrepio sobe por minha coluna.

Caralho...

Ajeito-me de forma que possa beijar seu corpo. Começo passando a língua pelo pescoço, descendo até estar com um de seus deliciosos seios dentro da boca. Primeiro, é apenas uma carícia com a língua, para depois sugá-lo com força. Ofegante, Atena se contrai e geme ao mesmo tempo em que suas unhas afundam um pouco mais em minhas costas. Ela está tão desesperada quanto eu, perdida no momento e completamente entregue.

Empurro os joelhos mais para baixo e desço por seu corpo, parando com o rosto diante de sua calcinha. Ela não move um único músculo, e sigo com o olhar preso ao dela.

Esta mulher é linda demais...

Com delicadeza, passeio o dedo indicador pelo seu abdômen, parando quase em cima do clitóris. Um suspiro profundo vem dela, e saber que um toque tão sutil é capaz de evocar uma reação como essa me obriga a abrir um sorriso predador. Mudo de dedo e uso o do meio, descendo um pouco mais, sentido toda a umidade por cima da calcinha. Empurro o dedo para cima, esfregando um pouco.

— Aaaaah... — solta um gemido, que ecoa pelo parreiral.

— Isso, quero ouvir você, Atena — incentivo, colocando as duas mãos junto ao elástico da calcinha e, sem um mínimo de delicadeza, puxo-a para baixo. Para facilitar, minha Queen inclina um pouco o corpo, e arrasto o pequeno pedaço de tecido por suas pernas. Ouço o som da sua respiração, como se ela estivesse buscando por ar, mas não conseguisse alcançá-lo.

Se está assim agora, imagina depois, quando eu a possuir do jeito que quero?

Decido que está na hora de testar até onde ela aguenta. Desfaço-me das roupas que uso, mantendo apenas cueca.

Volto para ela, beijando com carinho uma coxa, em seguida a outra. Não tenho pressa. Aproveito cada pedacinho dela, que não consegue parar de se contorcer com meus estímulos. Então, abro suas pernas, ficando com o corpo entre elas, e dou um beijo no seu monte de Vênus. Só que sentir seu cheiro faz com que eu precise fechar os olhos: Atena me deixa intoxicado. Dou uma leve mordida em sua pele macia e, em seguida, torno a beijar o local, fazendo com que ela estremeça sob mim e solte outro gemido, agarrando-se ao meu cabelo novamente.

— Me fode, Erick — implora.

Esperava por qualquer outra frase, menos essa. Como sempre, Atena tem a capacidade de me surpreender.

— Vou fazer isso, Queen, mas primeiro vamos brincar um pouco.

Aviso, porém, minha vontade é de me enterrar nela — agora e com pressa. Sem conseguir esperar por mais um segundo sequer, abaixo o rosto e beijo seu clitóris com a boca aberta, correndo a língua em círculos, sentindo seu gosto pela primeira vez. O sabor agridoce, idêntico à sua personalidade, me deixa ainda mais viciado nesta mulher.

Porra, que delícia!

Sugo seu suco como se bebesse o melhor vinho do planeta. Ela geme e move cada vez mais rápido em direção à minha boca.

— Ah... Ah... — Atena grita e mexe o quadril, rebolando na minha cara, empurrando e fugindo ao mesmo tempo.

Eu quero muito você, Atena, inteirinha sobe meu domínio. Por isso, não paro. Continuo lambendo, sugando, brincando e me viciando cada vez mais nela.

— Por favor, Erick, por favor...

Isso, minha Queen, quero te ouvir suplicando.

É como escutar Chopin em alto e bom som. Uma melodia perfeita, cheia de nuances. Não estou aguentando mais de vontade de possuir a linda e delicada flor. Ao mesmo tempo, tento prolongar seu prazer. Estou tão duro que chego a sentir dor, meu corpo berrando por alívio, desesperado para estar dentro dela.

Quando sinto-a começar a estremecer, sei que seu orgasmo está próximo. Mas preciso senti-la gozar comigo dentro. Quero Atena estrangulando meu pau. É por isso que deixo um beijo em sua barriga antes de ficar de pé e pegar uma caixa na lateral do futon, de onde tiro uma camisinha e uma máscara preta de dormir.

— Você vai me vender? — ainda ofegante, ela questiona.

Presto atenção na vibração que vem de sua voz. Não vejo medo, nem receio. Tudo o que vejo é uma mulher excitada, com os olhos brilhando de curiosidade e prazer, as bochechas vermelhas, o cabelo bagunçado e a boca entreaberta.

— Gostaria de fazer isso com você vendada, mas só se quiser.

Esta é uma forma de testá-la. Não só a parte do desejo e da entrega, mas também a confiança que deposita em mim. Atena apenas me olha por alguns segundos — para mim, não para a máscara na minha mão —, como se estivesse me questionando silenciosamente.

“Sim, minha Queen, é disso que eu gosto. Quero ter total controle sobre você, seu corpo e seu prazer. Quero que você se entregue a mim, para que eu cuide de você”, respondo sem usar palavras, apenas encarando-a de volta.

— Eu também quero isso — ela diz, e há firmeza em seu tom. — Confio em você. Sei que não me fará mal algum.

Preciso me controlar para que ela não veja o alívio em meus olhos. Mesmo assim, meu coração acelera.

— Queen, você é maravilhosa. — Não é um elogio vazio. É verdadeiro, e preciso merecer a confiança depositada em mim.

Deito-me sobre ela novamente, passo a venda sobre sua cabeça e, antes de levá-la para escuridão total, beijo seus lábios.

— Você está cem por cento segura. Se não se sentir assim, diga algo que me faça parar.

— Vou precisar de uma palavra de segurança?

— Hoje não, mas gostaria que pensasse em uma para outro momento.

— Orquídea? — ela sugere e sei que está associando ao dia que entrei na floricultura pela primeira vez.

Fico feliz por isso.

— Muito bem. Orquídea será sua palavra de segurança. — Atena balança a cabeça, afirmando.

Não espero mais: baixo a venda, cegando-a completamente. Estou tão excitado que meu pau se agita enquanto coloco a camisinha. Quase sem controle, posiciono-me sobre ela. Beijo seus lábios de novo descendo para o pescoço e chupo seus belos e redondos seios, um de cada vez.

— Diga-me o que você quer, Atena.

— Quero você dentro de mim, Erick — declara sem hesitação.

Vê-la assim, no escuro, pedindo para ser minha, se deixando à mercê dos meus cuidados, é estar no paraíso. Passo os dedos suavemente pelo seu ventre, subindo e descendo, despertando sua pele macia e delicada. Pela primeira vez, me dou conta do quanto é pequena em relação a mim.

— Tudo o que você quiser, Queen.

Lentamente a penetro. Atena está tão molhada, tão gostosa, que deslizo facilmente para dentro do calor do seu corpo... e a sensação é indescritível. Fecho os olhos para absorver melhor cada instante deste momento.

— Humm... Ah, Erick... — ela geme.

Envolvo um seio com a mão e prendo o bico entre os dedos, apertando forte, tornando-o um ponto duro. Movo mais, indo e vindo, bem devagar. Atena solta gemidos e sussurra, as mãos por vezes segurando meus braços, por outras vezes agarrando com força a manta sobre o futon.

Seu corpo se encaixa ao meu tão perfeitamente, assim como a peça certa de um quebra-cabeça. Agarro sua cintura, meus dedos apertando sua pele clara, deixando marcas para que ela se lembre de mim amanhã.

Porra, que sensação espetacular.

Mexo-me um pouco mais rápido, em um vai e vem delicioso, que me faz sentir calafrios de prazer. Então, rodo o quadril e Atena geme mais alto ainda. Deito-me sobre ela, meu corpo grande encobrindo-a por completo e aprisionando-a contra o estofado.

— Diga-me o que está sentindo? — Enrosco os dedos em seu cabelo e morderisco o pescoço.

— Eu... eu... — Atena está perdida, gosto assim. Mas confesso que também estou.

— Vamos. — Volto a morder seu pescoço e assopro, acalmando a pele enquanto movo o quadril em círculos. — Quero saber, Queen.

— Aaah, quero... quero mais — sussurra.

As palavras são fracas, mas seu corpo me dá a resposta que preciso. Sua boceta apertada tanto que Atena respira e geme alto. As ondulações vêm uma atrás da outra, contraindo contra meu pau, porém preciso que me prometa algo, agora, desse jeito: entregue, perda de prazer, quase gozando.

Diminuo a intensidade. Movendo lentamente o quadril, envolvo as mãos ao redor do seu rosto.

— Quero que me prometa algo.

— Pode dizer. — Sua voz é mansa.

Por um tempo, apenas olho para ela, admirando sua beleza. Os lábios e bochechas estão rosados, e acho incrível que, mesmo com os olhos cobertos, Atena não hesita.

— A partir de hoje você é minha. Esse corpo... — Vou mais fundo, empurrando forte dentro dela, fazendo-a gemer alto. — Esse corpo é tão meu quanto seu. De hoje em diante, sou o único que pode te tocar. Entendeu?

— Sim — responde prontamente.

Retiro a venda dos seus olhos e ela pisca algumas vezes até obter foco.

— Não é isso o que eu quero ouvir, Atena. — Por alguns segundos, ela fica quieta. Dou-lhe tempo para pensar. — Estou esperando.

— Meu corpo é seu e de mais ninguém. — Ela é firme e parece segura do que diz.

— É isso mesmo o que você quer? Sabe o que está prometendo? — Quero a certeza. — Seguro sua cintura e dou um leve aperto.

— Sim, é isso o que eu quero.

Beijo seus lábios e volto a tapar seus olhos.

Meu pau lateja dentro dela, mostrando o quão feliz me fez. Desço do futon, seguro em cada uma de suas pernas e a puxo, deixando seu corpo sobre o acolchoado, mas o quadril está suspenso um pouco depois da beirada.

Antes mesmo que diga algo, arremeto com força para dentro dela. Atena grita de prazer, enrolando os dedos no tecido da manta, como se precisasse se segurar em algo. Continuo metendo intensamente, cada vez mais fundo e forte. Ela berra a cada estocada, seus seios balançando no ritmo acelerado do meu descontrole. Vou de movimentos curtos a longos sem dar sequer tempo para ela respirar. Tomo seu corpo, tornando-a minha.

As mãos dela tateiam, buscando meus ombros. Atena enlaça meu pescoço, puxando-me para ter seus lábios junto dos meus. Seios firmes e roçam contra meu peito enquanto ela devora meus lábios. Boca, língua... faminta.

Gostosa pra caralho.

Em segundos percebo que sua respiração fica curta e vibrações vêm ao redor do meu pau. Ela grita e nem percebo que um rugido de puro êxtase sai de mim, reverberando pelo parreiral. Com as mãos agarradas em sua cintura, mantenho-a presa ao meu corpo e empurro duro dentro dela, até que gozamos juntos. Um orgasmo tão intenso que enfraquece meus joelhos e me obriga a fechar os olhos.

Volto a mim, ainda um pouco atordoado com a delícia que foi estar com ela. Atena se ajeita sobre o futon e debruço-me sobre seu corpo novamente, tomando cuidado para manter o peso sobre um braço. Então, retiro a venda. De novo, ela pisca para focar em meu rosto.

Beijo seus lábios.

— Bem-vinda de volta.



CAPÍTULO 21

Aena

Erick me encara como se quisesse ler meus pensamentos — e, sinceramente, acredito que consiga. Ele tem uma expressão segura no rosto, talvez protetora, que faz um calor vibrar dentro de mim.

— É bom ver você de novo. — Deixo um tom de atrevimento na voz.

Mal termino de falar e tenho a boca calada por um beijo.

— Você é deliciosa — sussurra.

Provocante, levo as mãos à sua bunda e raspo as unhas. Imediatamente sinto o fogo voltar em seu olhar e seu pau agitar, já duro contra minha barriga.

Minha Nossa Senhora da estâmina, mas já?

Ele me olha de forma possessiva, a perna esquerda passa por cima do meu corpo, seu olhar não perde o meu. Erick desliza as mãos, parando na minha cintura, segura firme e rapidamente me gira de bruços. Solto um gritinho, junto com uma risada. Bem devagar, ele se deita sobre mim.

— Quero que estique os braços e junte as mãos na frente do rosto. Não pretendo amarrá-la, mas quero que imagine estar. Não se mova. Você entendeu? — ele ordena.

Afastando meu cabelo para o lado, lambe minha nuca e vai descendo com beijos pelas costas, indo até meu cóccix, o que me leva soltar um longo suspiro. Sinto o futon se mover e Erick se afastar.

— Entendeu, Atena? — sua indagação vem junto com um tapa em minha bunda.

— Ah! — como não esperava, deixo um gritinho de susto escapar.

Absorvo o ardor que se espalha pela polpa direita da bunda. Mal tenho tempo de assimilar e outro vem, agora do lado esquerdo, e outro logo seguida.

— Aaaah... — O gemido é alto, porém não me movo.

Algo interessante desperta dentro de mim. Não sei explicar. Gosto do que é mais intenso, mais forte. Nunca neguei isso, mas esta vibração dentro de mim é tão deliciosa que me assusta.

Respiro e quero que ele me dê outro tapa. Depois mais outro. Imediatamente, um calor úmido se forma no meu centro, aumentando o desejo. Imprudente, empurro o quadril em direção à sua mão.

— Você gosta disso, não é? Vamos ver o quanto você é desobediente. — Meu coração dispara ao ouvir suas palavras.

O que ele vai fazer?

Permaneço quieta como ele havia me pedido, apenas viro um pouquinho o rosto de lado para ver o que faz. Erick vai até um cesto no canto da tenda e retira um chicote cheio de fitas — noto que são largas. No mesmo instante, o tesão cresce em mim, fazendo com que a umidade escorra quente da minha boceta. Os bicos dos meus seios intumescem. Comprimo-os contra o tecido de algodão do futon, ao mesmo tempo que fecho as pernas, friccionando as coxas para buscar alívio.

Com uma expressão impenetrável, Erick fixa os olhos nos meus — e é incrível como ele pode ficar assim, até parece ser outra pessoa.

— Olhe para a frente — ordena.

Obedeço na mesma hora, virando a cabeça e encarando minhas mãos.

Ouçoo seus passos e, sem demora, sinto o futon balançar. Acredito que tenha se ajoelhado às minhas costas, porém, não tenho certeza. Uma expectativa, misturada com forte ansiedade, me toma e está me deixando louca.

Espero sentir as cordas, só que nada acontece. Silêncio. Atenta, ouço o som da natureza e dos insetos noturnos ao nosso redor, mas nada de Erick, nem um movimento. Já estou prestes a virar a cabeça quando o toque dos seus dedos desliza pelas minhas costas, subindo até a nuca. Tão suave e delicado que mais parece uma pluma. Mesmo assim, fico toda arrepiada.

Lentamente vai descendo, passando pelas escápulas, depois por cada vértebra, deixando um calor em todas as partes tocadas. Sua mão faz caminho pelas minhas costas até chegar ao cóccix. Penso que vai parar ali, mas ele não o faz. Ao contrário disso, leva o dedo até a fenda da minha

bunda e, involuntariamente, contraio os músculos quando o sinto naquela parte nunca tocada antes.

— Algum problema? — Ele massageia, fazendo-me puxar o ar com força pela boca. — O que houve, Atena?

Sua voz é tão calma que me acaba me tranquilizando.

— Eu... Eu nunca...

— Você nunca fez sexo anal, Queen? — questiona, sem me deixar concluir.

Ele para de massagear, no entanto, mantém o dedo ali.

— Nunca. — Não sei por que fico incomodada em dizer isso.

Ele se movimenta e, de repente, seu hálito quente toca minha bunda, a língua desliza pela fenda e logo planta um beijo ali.

— Vou colocar um laço vermelho bem aqui. — Beija novamente. — No dia em que for comer sua bunda, Queen.

Dito isso, escorrega a língua para baixo, lambendo toda a umidade do meu centro. Meu corpo reage, enviando calor e fazendo com que minha pele se incendeie. Quero me virar para ele, pedir que me possua novamente e beijar sua boca. No entanto, sei que não posso fazer isso, afinal, ele me deu uma ordem.

Levada pela luxúria, empurro o quadril contra sua língua, desejando mais e mais deste homem. Uma respiração ruidosa, curta e rápida como a de um animal diante de sua presa, vem de Erick. Na mesma hora, ele se afasta. Fico sem saber como reagir. Não poder ver seu rosto está me enlouquecendo, porque não tenho como saber o que se passa com ele.

Meu coração dispara tão rápido que posso sentir as batidas nas têmporas.

Droga!

Erick parece não ter pressa, enquanto eu fico aqui, tensa, esperando, ansiando, desejando seu toque e sentindo falta do seu corpo contra o meu. Estou molhada, pulsando, vazia. É então que sinto o tecido das cordas contra minhas nádegas. Ele as desliza de um lado para outro em movimentos suaves, depois, sobe pelas costas. Até que desaparecem e seu corpo deita sobre o meu.

— Pelo seu atrevimento de antes, vou castigá-la — sussurra contra meu ouvido, e o timbre me faz estremecer. — E agora, caso sinta necessidade, use a palavra de segurança. Lembra-se dela?

— Sim — digo num fiapo de voz.

Meu corpo todo está em estado de atenção. Um pouco pela ansiedade, um pouco pelo medo que, de repente, surge. Acho que pelo fato de

ter mencionado a palavra de segurança, não sei. Ao mesmo tempo, nunca estive tão excitada.

— Falei da palavra de segurança, porque não sei qual será sua reação — Erick explica, como se soubesse o que estou imaginando. Isso me tranquiliza um pouco. — Nunca vou passar do seu limite, Atena. Você sempre tem o poder aqui. Entendeu?

Eu queria poder me virar e beijá-lo agora.

— Entendi. Obrigada por dizer isso.

— Qual é a palavra, Atena?

— Orquídea.

— Ótimo. Serão cinco chicotadas na sua bunda. Conte.

Erick deixa meu corpo. Nervosa, fecho os olhos com força e me preparo para o impacto, que não vem. Espero e nada. Nada e nada. Começo a ficar impaciente, até que as fitas tocam a carne da minha bunda.

— Ah! — solto um grito com o choque ao sentir as largas fitas contra a minha pele sensível. — Um.

E outra vem, do lado esquerdo agora.

— Dois.

Outra.

— Três.

Erick não exagera na intensidade, não sei se para me testar, para ir devagar, por ser a primeira vez, não sei dizer. Ele alterna entre um lado e outro, sem deixar as fitas baterem no mesmo lugar, o que dá um certo alívio.

Respiro fundo e absorvo o prazer. Meu corpo inteiro reage a Erick e seu domínio. Estou completamente entregue, me permitindo ser dele. Meu corpo é seu para o que quiser, deixando que me mostre a sincronia perfeita entre dor e satisfação.

E outra chicotada vem.

— Quatro. — Minha voz quase não sai. Quero pedir que pare. Ao mesmo tempo, quero pedir que faça de novo.

Nessa mistura de sensações, sou transportada para outra realidade. Tudo à minha volta desaparece, e o desejo por ele me envolve de um jeito que jamais imaginei ser possível sentir.

— Cinco. — Chego ao fim.

Ouç-o jogar o chicote no chão e algo dispara dentro de mim. Não sei explicar, parece que a luxúria foi potencializada. Estou tão excitada que o líquido escorre pelas minhas coxas. De repente, a dor desaparece e uma mistura de adrenalina e euforia invade todo meu ser.

Ouç-o rasgar outro pacote de camisinha e, logo, suas mãos agarram

minha cintura. Ele puxa meu quadril para cima, deixando-me de joelhos sobre o futon, com a bunda empinada para o ar. Sem que eu tenha tempo de raciocinar, ele me penetra de uma única vez, deslizando facilmente para dentro. Então, começa a meter sem parar.

Desta vez, seus gemidos também são altos e acompanham os meus. Eu me contorço, me deliciando com o prazer desenfreado. Com uma mão envolvendo meu cabelo, ele puxa com força, fazendo meu corpo ficar mais curvado para trás. Fico à mercê do seu controle. Seus movimentos são intensos e ritmados.

— Vou gozar, vou gozar — não consigo parar de gritar, repetindo as mesmas palavras enquanto o prazer me domina.

— Goza, Queen.

Sua ordem é enviada direto para meu centro, que pulsa incessante. Erick atinge um ponto específico, que me leva ao nirvana.

Sem controle sobre meu próprio corpo, explodo em um orgasmo que me arrebatava por completo. Gemidos e sussurros, apelos e palavras descoordenadas saltam dos meus lábios. Erick diz algo que não consigo entender, ao mesmo tempo que seus movimentos ficam intensos e seu corpo ondula junto ao meu. Um arrepio percorre toda a minha pele, acompanhado de um tremor, me deixando sem ar. Por alguns segundos, parece que perco os sentidos.

Vou escorregando pelo futon e Erick vem junto, o corpo colado ao meu, seu peito molhado de suor tocando minhas costas, a respiração ruidosa contra meus cabelos.

— Atena... Atena, você é incrível e irresistível — sussurra entre uma respiração ofegante e outra.

Nada digo, apenas aproveito este momento. Com ele ainda deitado sobre o meu corpo, nossos suores misturados, suspiro aliviada. Pela primeira vez, eu realmente me entreguei. Deixei que alguém me conduzisse e foi... perfeito. Acho que nunca me senti tão satisfeita.

Sei que muitas pessoas não veem desta forma, mas, como Erick me disse, isso é um estilo de vida. E assim como tem pessoas que gostam de sexo calmo "amorzinho", tem quem goste da intensidade. Hoje, acabei de confirmar o que gosto.

Eu gosto de ser dominada. Ninguém está me forçando. Ninguém está me manipulando. Entregar meu corpo a ele desta forma é uma escolha unicamente minha, e amei cada segundo — da dor e do prazer.

Erick rola para o lado, puxa a manta e a joga sobre nossos corpos. Em seguida, me envolve em um abraço carinhoso. Estou tão exausta e extasiada que, sem demora, o sono vem.



CAPÍTULO 22

Erick

No início do nosso encontro, não imaginava que as coisas seriam desse jeito. Apesar de eu ter deixado tudo preparado, ainda não tinha tomado a decisão de dar um passo à frente com Atena. Contudo, quando dava tapas em sua bunda, percebi o quanto isso a excitava. E ainda bem que segui meus instintos

O corpo dela está colado ao meu; seu perfume, misturado ao cheiro de sexo, está impregnado em mim. Com cuidado para não a acordar, apoio a cabeça e a observo. A primeira coisa que vejo é que a manta cobre parte dos seus pálidos ombros. Noto os fios emaranhados dos seus cabelos espalhados sobre um dos meus braços, os seios estão encostados contra a lateral da minha costela, uma de suas pernas está jogada sobre a minha. Na verdade, seu corpo quase todo está sobre o meu.

Ontem à noite, Atena foi incrível. Sua entrega e confiança, seu desejo explícito e sua coragem despertaram o meu lado mais profano. O sexo foi tão intenso que sinto meu corpo enrijecer só de lembrar. Fui consumido por esta mulher, que obedeceu sem hesitar, gostou do que fiz e, mesmo que não tenha proferido com palavras, as reações do seu corpo gritavam por mais.

Já estive com tantas outras mulheres, mas agora, deitado ao lado de minha Queen, que dorme tranquilamente em meus braços, afirmo sem qualquer dúvida: nenhuma delas fez com que eu me sentisse deste jeito. É uma mistura de saciedade com algum outro sentimento, que ainda não

sou capaz de definir. Mas Atena despertou algo em mim, e não sou burro a ponto de ignorar que quero mais dela.

Ajeito-me com cuidado e a encaro, reparando como seus lábios estão rosados, como seus cílios são longos. Quero levá-la ao limite. Vou fazer ruir todas as paredes e descobrir os desejos mais ocultos que mantém escondidos dentro de si. Porque hoje descobri que é disso que ela gosta — e precisa — para se libertar do seu casulo e ser feliz.

Atena é especial com sua doçura, sarcasmo e petulância. Mas, ao mesmo tempo, esse desejo de se entregar me desafia a querer ter tudo dela. Com um movimento, levo a mão e, delicadamente, afasto uma mecha de cabelo do seu rosto.

— Humm... — Suas pálpebras se movem. — Erick?

Saber que, mesmo sonolenta, ela me chama faz meu lado possessivo ser massageado, junto com meu ego.

— Sim, Atena, estou aqui. — Viro de lado e beijo sua testa, alcançando-a mais perto.

— Dormi?

— Dormimos.

Ela abre os olhos e busca meu rosto.

— Preciso ir para casa. — Ela dá um meio sorriso.

— Como se sente?

Quero saber se está tudo bem com ela. Adormecemos e não pude fazer o que tinha que ser feito. Depois de sessões intensas, sempre tenho que saber se está tudo bem. É uma regra. Se bem que não pretendo usar regras com ela, a não ser a palavra de segurança. Pelo menos não agora. Por enquanto, vou conduzir a bela Queen e ver como ela vai se libertando.

— Estou bem.

Acaricio seu rosto com as costas dos dedos e, depois, repito o gesto nas suas costas.

— Qual é a sua comida preferida? — Quero e preciso saber mais dela.

— Eu gosto de tudo, mas a “massonada” do meu pai é a minha comida preferida.

Fico olhando para ela, sem entender muito bem.

— Acho que não conheço esse prato.

Ela afasta um pouco o rosto e solta uma risada.

— “Massonada” é o mesmo que macarronada. Leva esse nome porque era como eu chamava quando era criança.

— Interessante... — Coloco uma mecha de cabelo para atrás do seu ombro. Não consigo parar de tocá-la.

— E você, qual é a sua comida preferida? — Atena devolve a pergunta.

— Amo feijoada. — Inclusive, era uma das coisas que mais sentia falta quando morava fora.

— Tem alguma portuguesa?

— Tem sim, adoro pastel de nata. É um doce típico de lá. Acho que, no Brasil, chamam de pastel de Belém.

— Nunca comi.

— Tem uma confeitaria excelente em São Paulo. Não são como os de lá, mas são bons. Um dia, podemos ir lá para você provar.

— Vou adorar — diz, animada.

Viro de lado e ela faz o mesmo. Assim, ficamos rosto com rosto.

— O que você gosta de fazer nas horas vagas? — Levo a mão a seu braço, com a ponta do dedo do meio passeando do ombro até seu cotovelo.

Sua pele arrepia e preciso controlar um sorriso. Adoro o jeito que ela reage ao meu toque.

— Gosto de filmes, ler bons livros... Não sou de sair muito. Agora, sua vez.

— Gosto de viajar, ler bons livros. — Ela abre um sorriso. — Mas, nos últimos tempos, tenho gostado bastante de frequentar uma certa floricultura.

— É mesmo? Tem uma flor que te atrai para lá?

Eu a puxo para mais perto e a beijo.

— Tem sim, uma bela flor.

Ela sorri e volto a beijá-la. Sua língua dança com a minha em um ritmo calmo, quase preguiçoso, e é tão bom que eu poderia ficar assim o dia inteiro. É justamente por isso que me afasto, deixando um último beijinho rápido antes de acariciar seu rosto.

— Fale-me da sua vida sexual. Como descobriu que gostava de algo mais intenso? — Mudo o foco da conversa para este assunto. Tenho interesse em saber mais sobre o que a atrai.

Atena se ajeita, afastando-se um pouco, e observo cada um de seus movimentos com atenção. No momento, vejo que ela está um pouco envergonhada.

— Nunca consegui sentir prazer no sexo — confessa baixinho, sem me encarar, enquanto puxa um fio da manta. — Meu primeiro relacionamento foi um fracasso total, porque ele achava que estava tudo bem e eu não conseguia dizer o que estava de errado. Então, terminei e preferi ficar sozinha.

— Eu entendo. Como descobriu que gostava de ser dominada na cama?

— Um dia, conheci um cara. E ele... gostava de sexo mais intenso, não muito convencional. Mas nada parecido com o que tivemos aqui. — Ela sorri para mim.

— Explique melhor — peço, controlando meu impulso de odiar um outro homem, apenas pelo fato de ele já ter tocado Atena em algum momento.

— Ele gostava de me empurrar contra a parede, falar sujo comigo, morder, puxar o cabelo, me jogar na cama... Foi com ele que descobri essa minha preferência. Foi a primeira vez que eu senti prazer de verdade. A questão é que nem sempre ele era assim. Na verdade, ele fazia isso de vez em quando, e mais no sentido de brincadeira, sabe? Ficamos juntos alguns meses e as coisas foram ficando mornas. Até que acabou.

— Você se considera uma mulher submissa? — jogo a pergunta de um milhão de dólares.

— Não. E acho que nunca serei. O fato de eu gostar do sexo nesse estilo não quer dizer que eu seja submissa na vida. Não mesmo. — Franzo a testa, intrigado.

— Então, essa entrega submissa é só durante o sexo — concluo.

— Sim. Por quê? — Agora ela fica meio de lado e me encara profundamente. — Você gosta mais das submissas?

— Eu gosto de você, Atena. — Procuro mudar esse rumo da conversa.

Porque sim, gosto das submissas. Não tenho uma preferência exclusiva por elas, mas tenho o hábito de me relacionar com mulheres assim. Por outro lado, gosto do jeito de Atena, da sua personalidade forte, da sua entrega. Gosto muito.

Ela dá um beijo em minha bochecha e se levanta. Juntando as roupas espalhadas, começa a se vestir. Permaneço deitado, apenas olhando para a bela Queen. Penso sobre o que disse e não estou completamente convencido, apesar de que Atena é a petulância em pessoa. Mas também não estou disposto a arriscar o que temos.

Vamos descobrir como será.

— Vamos Erick. — Atena olha para mim, ainda deitado. — Não quero chegar e dar de cara com meu pai lá embaixo, na floricultura. — Sorrio.

Afasto as cobertas e fico de pé à sua frente. Atena me encara, os olhos percorrendo todo o meu corpo até parar no meu pau. De repente, um suspiro fundo vem dela.

— Algum problema?

— Por que haveria? — Ela passa a língua nos lábios e dou alguns passos para frente, encurtando a distância entre nós. Agora que estou perto o suficiente, posso ver a veia do seu pescoço saltar em batidas rápidas.

Adoro como reage rapidamente a mim.

Junto as roupas e começo a vestir peça por peça com calma. Sei que estou sendo admirado a cada movimento que faço.

— Pronto — digo assim que termino de colocar os sapatos.

Sáímos da tenda em direção ao carro. Conforme caminhamos, a brisa suave da madrugada sopra nas vinhas, fazendo as folhas sussurrarem ao nosso redor, trazendo o aroma das uvas maduras. Quando já estamos dentro do automóvel, Atena coloca-se de lado e me olha por alguns segundos.

— Diga: no que está pensando? — questiono, intrigado.

— Como sabe que quero perguntar algo? — Ela passa os dedos pelo cabelo, tentando sem sucesso deixá-los no lugar. Ligo o carro e faço o retorno pela propriedade, até estar novamente na trilha que nos leva à rodovia.

— Li seu corpo, Queen. Sua postura dizia isso. Vamos lá, pergunte o que quer saber — incentivo.

— Que tipo de dominador é você? — ela solta e preciso controlar o sorriso.

Adoro que Atena seja tão... espontânea.

— Do tipo que gosta de estar no comando de tudo.

— Entendo, mas quero saber se é tipo aqueles que vi no clube. — Tiro os olhos da estrada por um momento e olho para Atena, tentando entender aonde ela quer chegar.

— Sou dominador em todos os aspectos da minha vida, sempre carreguei essas características para o mundo real. Não sou esse tipo de dominador que tem uma submissa. Tive, claro, relações com algumas. — Volto o olhar para a estrada e diminuo a velocidade antes de entrar na rodovia.

— E como descobriu que era assim?

— Na verdade, conheci o BDSM em um clube. Um amigo me levou, logo depois que me formei. Eu estava batendo de frente com meu pai nos negócios. Aí me identifiquei com estilo de vida — completo, mas sem entrar em muitos detalhes. Talvez um dia eu conte a história toda para ela, mesmo que não tenha nada traumático nem espetacular demais no meio.

— E o clube?

— O que tem?

— Você é membro e sócio. Tem alguma submissa lá?

— Sim, sou sócio, porém é mais um negócio. Não nego que frequento e já participei de muitas cenas, mas hoje é só um negócio lucrativo. — Sinto seus olhos fixos em mim. — Quem participa paga uma quantia razoável para ser sócio. E, não, não tenho uma submissa. — Tiro a mão do volante

e aperto firme sua coxa. A última coisa que quero é minha Queen sentindo ciúme de forma desnecessária. — No entanto, confesso que tenho vontade de levá-la ao calabouço.

Atena pisca algumas vezes e se remexe no banco. Sei que está revivendo em sua memória tudo o que viu no dia em que esteve no clube — e minha mente se enche com ideias e fantasias de nós dois.

Por algum tempo, ficamos em silêncio, mas depois voltamos a conversar sobre algumas de nossas preferências. É reconfortante saber que ela confia em mim a ponto de não esquivar das perguntas nem evitar as respostas.

A viagem não é demorada e, a essa hora da madrugada, não há trânsito. Em pouco tempo, estaciono na frente da floricultura. Atena se inclina e olha para as janelas no andar de cima.

— Está tudo escuro.

— É madrugada. Acho que seu pai ainda está dormindo.

Termino de falar e envolvo a mão ao redor do seu pescoço, puxando-a para mim e fazendo com que seu rosto fique a poucos centímetros do meu.

— Quero receber seu bom dia assim que acordar. — Aproximo meus lábios dos dela e a beijo.

Claro que isso é um teste: vamos ver se ela obedece fora da cama também. Atena me disse que não é uma mulher submissa, mas preciso ter certeza.

Afasto nossas bocas e libero seu pescoço.

— Agora, entre. Vou ficar olhando até você estar dentro de casa. E, antes de se deitar, passe hidratante na sua bunda. Não quero que fique machucada — oriento.

— Obrigada pela noite. — Ela pisca com uma expressão safada.

Imaginei que ela não iria embora sem fazer uma gracinha.

— O prazer foi todo meu, Queen.



CAPÍTULO 23

Aena

Quando fecho a porta com cuidado, depois de ter cruzado o corredor na ponta dos pés para não acordar meu pai, abro os braços e solto o corpo sobre a cama.

— Uau! — sussurro para mim mesma.

Viro para o relógio na mesa de cabeceira e vejo que são quase quatro horas da madrugada, porém estou desperta demais para conseguir dormir. Sinto como se tivesse acordado agora.

Fecho os olhos e não consigo parar de reviver os acontecimentos da noite. Uma vibração louca vem por todo meu corpo — excitação, euforia, desejo e vontade de mais. Foi imensamente prazeroso estar com Erick. Ele sabia o jeito certo de lidar comigo. Foi um encaixe perfeito, de uma forma que nunca havia sentido antes. Até então, sexo era algo... descartável. Agora, com ele, parece ser necessário.

Deito-me de lado, estico o braço e busco o travesseiro na cama. Abraçando-o, penso que está mais do que confirmando que sinto algo por Erick. E, depois desta noite, isso está em evidência, explodindo pelos meus poros.

Só não posso me deixar levar tanto assim. Preciso manter a razão no comando, porque, apesar de ter transado com ele, ainda estamos nos conhecendo.

Levanto-me da cama, tiro todas as peças de roupa e me enfio debaixo

do chuveiro. Quando passo a esponja na bunda, sinto um leve ardor e sorrio com a lembrança. As cordas me punindo pelo atrevimento agora me fazem sorrir. É inevitável sentir um aperto entre as pernas, que só comprovam aquilo que já sei: eu adorei ser levada ao limite.

Termino de me lavar e saio do banho. Olhando para meu reflexo, vejo que o local está vermelho e há vários vergões onde ele me acertou. Então, faço como me disse e passo hidratante, o que refresca quase de imediato.

Volto para cama, mas estou agitada demais para dormir. Olho novamente para o relógio e descubro que são quase cinco da manhã. Penso em conversar com Elle, mas é muita crueldade ligar para minha amiga a essa hora. É por isso que decido mandar uma mensagem.

Amiga, precisamos conversar.
A noite foi incrível.

Fico mais um pouco na cama, até que, por fim, desisto. Empurro as cobertas e resolvo fazer algumas coisas na floricultura, talvez trabalhar no meu TCC.

Visto a primeira roupa que vejo no armário — um conjunto confortável de moletom — e abro a porta do quarto, tomando todos os cuidados para não fazer barulho. Quando entro na cozinha, levo um susto: meu pai está sentado diante da mesa, com uma xícara de café em mãos.

— Bom dia, filha.

— Bom dia. Não esperava te ver tão cedo. — Aproximo-me e beijo seu rosto.

— Não dormi muito bem essa noite — confessa.

— Foi por minha causa? — Fico preocupada. Como não sou muito de sair, talvez meu pai tenha passado a noite em claro, se perguntando onde eu estava.

Ele fica olhando para frente, como se pensasse em algo para dizer.

— Não, filha, perdi o sono mesmo. Vi que chegou tarde ontem. Como foi?

Analiso suas palavras, não parece soar bravo. Por dentro, sinto-me aliviada.

— Foi muito bom. Depois que jantamos, Erick me levou a uma festa, estava tão bom que nem me dei conta da hora.

Invento uma mentira e fico péssima por isso, mas vou dizer o quê?

Ele me levou para sua vinícola, onde transamos e ele chicoteou minha bunda até ficar marcada.

Mesmo com todo meu lado sarcástico, não posso fazer isso. Tudo

bem que papai e eu sempre fomos amigos e confidenciamos quase tudo. “Quase” sendo a palavra-chave.

— Gostei dele. Parece ser um rapaz muito bacana.

Ah, o senhor não sabe o quanto. Fico tentada a dizer, mas me contenho e apenas sorrio.

— Sim, ele é um cara legal — limito-me a dizer. — Você esteve com padre Marcos? — mudo o foco da conversa, não quero ficar falando de Erick.

Coloco um pouco de café na xícara, sento-me e... ui! Evito fazer uma careta pelo desconforto, mas minha bunda ainda está ardida.

— Estive sim.

Alcanço um pedaço de pão, tentando disfarçar.

— Que bom que não ficou sozinho em casa — digo com sinceridade.

— O senhor sabe que me preocupo.

— Eu sei, mas não precisa. Seu velho sabe se virar bem.

Ele passa a mão pelo meu cabelo enquanto mordo um pedaço do pão e, em seguida, dou mais um gole no café.

— Sabe se temos algum pedido especial para hoje? — Indago ainda com a boca cheia.

— Que me lembre, não. Mas é bom verificarmos.

— Pode deixar comigo. — Enquanto mordo o pão olho para ele. Papai está nervoso, talvez ansioso, não sei bem definir. — Está tudo bem? O senhor parece incomodado com algo. — Ele deixa a xícara de café já vazia sobre a mesa e me olha.

— Não há nada de errado, filha. Não se preocupe.

Aproximo a mão por cima da mesa e seguro a dele.

— Se estivesse acontecendo alguma coisa, o senhor me diria, não é?

— Claro que sim. — Ele aperta seus dedos contra os meus.

Dou um sorrisinho de quem acreditou, mas não fico convencida. Preciso achar uma maneira de descobrir o que está acontecendo.

— Vou descer e conferir o orquidário — ele diz.

— Está bem, pai. Vou só terminar o café, arrumar a cozinha e desço também.

— Não tenha pressa. — Ele se levanta e sai.

Quando termino de tomar café, coloco uma música no celular e começo a lavar a louça. Enquanto ensaboo os pratos, ouço aquela vozinha falar dentro de mim. Sempre levei minha intuição em conta, e agora ela está gritando que há algo de errado com meu pai. Estou inquieta com isso há um tempo.

Com um aperto no peito, finalizo a arrumação da casa e vou para a loja. Enquanto aguardo o computador ligar, vou até a porta dos fundos e observo meu pai conversando com as orquídeas dentro da estufa. Ele usa uma pequena tesoura para cortar folhas e galhos, e parece pedir desculpas à planta antes de fazer isso.

Acredito que talvez seja este o segredo de elas ficarem tão bonitas sob seus cuidados. Olhando-o de onde estou, percebo que hoje ele parece bem.

O computador apita, avisando-me que finalmente iniciou. Deixo meus pensamentos sobre papai de lado, abro as planilhas e começo a verificar primeiro os pedidos. Vejo que o nome de Ane aparece logo na terceira fileira. É inevitável pensar em Erick e em tudo o que fizemos ontem à noite, tanto que minhas bochechas ficam quentes e a vontade de vê-lo de novo vem com tudo.

Pego o celular em cima da mesa e olho as mensagens. Não há nada dele. Ele ainda não me respondeu. A dorminhoca não deve ter visto ainda.

— Vou até a prefeitura levar essas mudas de lírios brancos. As de lá necessitam ser mudadas — meu pai anuncia da porta, distraindo-me.

Olho em sua direção e vejo que tem uma caixa cheia de lírios nas mãos.

— Quer que eu vá para ajudar?

— Não há necessidade. Termine o que está fazendo e depois estude como havia dito.

Assinto e ele sai pela porta fazendo o sino soar alto. Decido que está na hora de deixar as fantasias de lado. Abro a planilha de contas em atraso e vejo que estamos com várias vencendo.

Temos que dar um jeito nisso. Mas como? Pego um post-it e anoto as mais críticas, colando-a na tela do computador. Preciso conversar com papai e ver o que vamos fazer. Levo um tempo calculando e recalculando, checando os pedidos e entregas. Fico tão absorta no trabalho que nem vejo o tempo passar. Esfrego a mão no rosto e pulo de susto quando ouço meu celular tocar sobre o balcão.

Meu coração agita ao ver o nome de Erick piscar na tela. Preciso respirar uma, duas, três vezes para me acalmar antes de atender.

— Alô?

— Boa tarde, Queen

— Tudo bem, Erick?

— Comigo tudo bem. Você acordou agora?

Sorriso.

— Não. Na verdade, ainda nem dormi.

— Pensei ter pedido para me dar bom dia. — Seu tom de voz é neutro, totalmente despretensioso.

É então que me lembro do que me disse quando desci do carro.

Pode ter sido apenas um pedido normal, mas tenho para mim que há uma chance de ele estar me testando. Talvez queira saber se sou obediente mesmo. Preciso deixar bem claro que, longe da cama, ninguém me controla — a não ser que eu permita. Se, um dia, eu cumprir com suas ordens fora das “quatro paredes”, será porque quero lhe agradar, não porque sou uma submissa. Erick precisa entender isso, começando agora.

— Ah, foi, mas estive bastante ocupada agora pela manhã. E depois, como não dormi, achei que não tinha por que dar bom dia. — Olho para o relógio e vejo que já passa da hora do almoço. — Mas posso aproveitar e dar boa tarde. Serve? — Uso da sua despretensão e acrescento um pouquinho do meu sarcasmo, só para não perder o costume.

— Sim, serve. Você está bem? — Mordo o lábio para não sorrir, porque tenho a sensação de que não lhe agradei com minha resposta. Era este mesmo o meu objetivo.

— Estou muito bem. — Ouço um barulho do outro lado e uma voz masculina diz algo. Presto atenção, porém o som é abafado. — Você está em casa?

— Um momento, por favor — Erick pede. Esforço-me para ouvir alguma coisa, só que nada vem do outro lado. — Desculpe, estou no escritório. Tivemos um brunch com os funcionários para comemorar o fechamento do mês — justifica minutos depois, quando volta à ligação. — Atena, gostaria que me acompanhasse em um jantar na minha casa, na sexta-feira. Portanto, não agende nada para esse dia.

— Isso é um convite? — questiono.

— Estou afirmando que você vai.

— E se eu tiver um compromisso na sexta, Erick? Tenho uma floricultura. Às vezes trabalhamos em eventos.

— Mulher frustrante... — ele murmura. — Você tem algo agendado?

Ah, bem melhor. Abro um sorriso enorme, meu modo “vamos mostrar como funciona” está ativado.

— Deixa eu verificar a agenda. — Levo uns segundos apenas segurando o telefone, porque não tenho evento nenhum na sexta, mas ele não precisa saber disso. — Até agora, não tem nada. Mas sabe como é... pode aparecer alguma coisa. Então, não posso deixar nada confirmado ainda.

— Entendo. — Seu tom é aborrecido.

Enquanto isso, estou me divertindo horrores. Erick precisa saber com que tipo de mulher está lidando, e isso tem de ficar claro desde já.

— Mas me diga: como será esse jantar?

— Meus pais vão receber algumas pessoas e gostaria que você viesse. Já conheci seu pai, seria a hora de conhecer os meus. Posso te apresentar como amiga. — A provocação não me passa despercebida.

“Será que quero ir?”, questiono-me em silêncio.

— Humm...

— Será apenas um jantar — ele tenta me persuadir

— Posso confirmar mais perto? Afinal, hoje ainda é sábado. Falta quase uma semana.

— Claro que sim. Mas quero deixar registrado que talvez nos vejamos antes de sexta-feira, já que gosto de uma certa flor que tem aí na floricultura. — Sinto o sorriso em sua voz e não perco o comentário dele durante a nossa conversa na noite anterior.

— Essa espécie de flor deve ser muito rara. — Sigo seu jogo com a dualidade nas palavras.

Há uma pausa do outro lado da ligação.

— Você não imagina o quanto.

Faço uma dancinha de felicidade ao ouvir sua afirmativa. Afasto o aparelho um pouco e respiro profundamente, buscando equilibrar minha respiração e as batidas do coração. Não posso entregar o jogo agora.

— Espero por você.

— Faça isso, Queen. Tenha um ótimo dia.

— Você também, Erick.

Depois que desliga, fico um tempinho olhando para o telefone na minha mão. Não posso me deixar iludir e ser uma garota emocionada. Por outro lado, não posso negar que, a cada dia que passa, estou mais envolvida.



CAPÍTULO 24

Erick

Depois que encerro a ligação, viro-me para a janela e vejo o sol da tarde se estender pelo vinhedo, a luz refletindo nas folhas verdes das parreiras. Contemplo a paisagem por alguns segundos, porém a imagem de Atena sorrindo dança em minha mente de novo. A lembrança de seus olhos coloridos e sonolentos, quando acordou ao meu lado mais cedo, me provoca uma sensação agradável.

Achei que, depois de possuir a pequena Queen, essa sensação passaria, no entanto, a vontade de estar com ela não passa — e quero fazê-la minha de todas as formas imagináveis.

Uma batida na porta chama minha atenção.

— Mãe?!

— Nossa, por que tão espantado em me ver aqui, filho? — Ela franze a testa.

— Não é isso. — Vou ao seu encontro e a beijo no rosto. — Só não esperava vê-la aqui hoje. É sábado.

— Tudo bem? — Com carinho, passa a mão no meu rosto. — Você me olhou como quando era apenas um garotinho e estava escondendo algo que tinha feito de errado. — Ela dá dois tapinhas na minha mão e se afasta, sentando na poltrona de couro em frente à minha mesa.

Dou a volta e sento-me ao seu lado.

— Sim, está tudo bem comigo e com a senhora? E, definitivamente,

não tenho nada a esconder. — Seus olhos se estreitaram após ouvir minha afirmativa. — Veio resolver alguma coisa?

Estou surpreso em vê-la aqui no dia de hoje. Geralmente, ela vem às sextas.

— Só vim me encontrar com seu pai para encontrarmos com a sua avó. Almoçamos juntos. Aproveitei para selecionar alguns vinhos para nosso jantar na semana que vem.

Seu olhar vai para cima da mesa. Ela alcança uma revista de vinhos e começa a folhear.

— Falando nisso, vou levar uma pessoa comigo. — Imediatamente, ela afasta os olhos da página e me encara. Seu olhar varre meu rosto todo, assim como uma águia faz quando avista sua presa.

Ela sempre foi muito protetora.

Lembro-me de quando eu era pequeno e um menino me bateu na escola. Ele implicava comigo sem motivo algum. Ela foi na escola e fez um escândalo, tanto que o diretor o transferiu para outra turma. Na adolescência, as coisas só pioraram. Ela quase surtou quando minha primeira namorada terminou comigo. Na época, sofri feito um cão. Minha mãe dormiu abraçada comigo, dizendo que ela não merecia o menino amável que eu era.

— Uma pessoa? — Seu tom é cauteloso.

— Sim. — Calmamente, devolve a revista para a mesa e se ajeita no lugar. Depois, me olha, esperando que eu explique.

— Eu disse que você estava escondendo algo. Está saindo com alguém, Erick, e não contou? Alguém do nosso círculo de amigos? Ela tem um título ou sobrenome que esteja à nossa altura?

Pronto, começou o bombardeio.

Mentalmente, reviro os olhos. Essa mania de títulos e sobrenomes sempre foi algo que me incomodou na senhora Magalhães.

— Não estou escondendo nada, mãe. E ela não é filha de ninguém que você conheça. — Penso no que dizer. Atena não é minha namorada, ainda, mas também não é uma pessoa qualquer para mim. — Ela é uma pessoa especial, uma amiga.

Ela não me apresentou como amigo ao pai? Então, vamos devolver a gentileza.

— E por que quer levá-la à nossa casa?

— Gosto da companhia dela.

Uma fina linha aparece entre suas sobrancelhas e minha mãe balança a cabeça em afirmativa.

— Ela tem um nome? — Dou-lhe um olhar de desaprovação.

— A senhora irá conhecê-la no jantar.

Neste momento, há uma batida na porta e Claudia coloca a cabeça para dentro do escritório.

— Desculpa interromper.

— Oi, Claudia. Entre. — Faço sinal com a mão.

— Oi, chefe. — Ela se aproxima e nos cumprimentamos com dois beijos, um de cada lado do rosto. Mamãe nos observa enquanto fica de pé.

— Dona Raquel, já podemos descer até a adega para selecionarmos os vinhos.

— Vamos, então, Claudia. Não posso ficar enrolada com isso, porque daqui a pouco meu marido vai querer ir embora. Tchau, meu filho. E ligue para a sua avó. Ela disse que precisava de um favor seu. — Aproximo-me e a abraço.

Despeço-me dela e garanto que farei a ligação. Acompanho as duas até a porta, mas quando Claudia passa por mim, sussurro “boa sorte” para que apenas ela ouça. Ela sabe o quanto a senhora Magalhães pode ser intransigente, até mesmo na escolha dos vinhos que sua família produz.



CAPÍTULO 25

Aena

É final de domingo e tem um bom tempo que estou na frente do computador, trabalhando no TCC. Só quando meu telefone toca é que tiro os olhos da tela e vejo quem liga.

— Salve, aleluia! Não viu a minha mensagem?

— Ah, amiga me desculpe, fui para a fazenda de uns amigos dos meus pais e lá o sinal não pegou de jeito algum. Estamos voltando agora para a civilização, por isso só estou ligando hoje.

— Está no carro com seus pais?

— Estou. Assim que chegar em casa te ligo, estou louca para saber tudo. — A última parte sai como um sussurro abafado. Acho que para os pais não a ouvirem.

— Está bem.

— Ah, eu também tenho uma novidade. — A um silêncio do outro lado, sei que está fazendo suspense. — Roy está comigo. — Finalmente ela diz, sua voz sai abafada novamente.

— Você apresentou o Roy para sua família? — Não sei por que, mas também sussurro, como se trocássemos um segredo.

— Sim! Conto tudo depois. — Senti a vibração eufórica vindo dela.

— Ah, tenha certeza. Beijos fico aguardando.

— Beijos, amiga.



No domingo à noite, estou na cama deitada quando o celular toca. Sei que é Elle me ligando, mas confesso que desejei olhar o visor e encontrar o nome de Erick.

— Oi, amiga. Desculpa não retornar sua mensagem antes. Fui passar o fim de semana na fazenda de uns amigos dos meus pais e só voltei agora. O sinal lá era uma porcaria — ela explica, confessando também que levou Roy na viagem. — Como foi o seu encontro na sexta?

— Já te conto. Primeiro, quero saber de você — incentivo. — Estou muito curiosa para saber se eles gostaram do Roy.

— Amiga, estava quase morrendo de tão nervosa. Sei lá... estava com medo. — Posso imaginá-la cutucando a unha. Elle sempre faz isso.

— Vai logo, Elle. Me diz se deu tudo certo.

— Sim, meus pais nunca foram chatos quanto a namorados. Graças aos céus! Nem sei por que estava tão nervosa. Acho que gosto demais de Roy e queria que meus pais também gostassem dele — ela diz toda manhosa. — Roy é um doce de pessoa. Ele tem aquele jeito meio estranho, mas, no fim, passou horas conversando com meu pai.

Empurro os travesseiros e me ajito, encostando-me na cabeceira da cama.

— Uau! Você está apaixonada de verdade, hein. — Afirmo, pois nunca a vi assim.

— Estou! Estou loucamente apaixonada por ele! — ela grita do outro lado.

— Fico tão feliz, Elle. Sabe, gosto do jeito que ele te trata. Acho que vocês são perfeitos juntos.

Por mais que eu tente negar, os opostos se atraem. Eu e Erick somos a prova viva disso.

— Sim, e ele me ama também — confessa.

— Seu pai fez aquele interrogatório? O que você faz da vida? Quais seus planos para o futuro? — Engrosso a voz, imitando um homem.

— Sem dúvida alguma. Mas gostou de saber que Roy é formado e tem seu próprio consultório.

Também levei um choque quando Elena me contou que ele era dentista. Afinal, nunca teria imaginado que Roy — o mesmo que faz piadas com meu nome, tem um cabelo estranho e usa roupas grandes demais — fez faculdade e trabalha de jaleco. Mas é aquilo: as aparências enganam.

— Está bom, agora eu quero saber tudo o que aconteceu entre você e o gostosão.

Ajeito-me mais, fazendo meu corpo descer um pouco sobre a cama.

— Foi... incrivelmente maravilhoso. — Solto um suspiro. — Elle, parecia que ele me conhecia há tanto tempo.

— Como assim? — Posso até ver o rosto dela me olhando com curiosidade.

— Amiga, ele é gostoso, safado na medida certa e intenso. Sabe quando o cara sabe o momento certo para tudo? É ele.

— Quero todos os detalhes sórdidos. Desembucha — Elena ri.

— Ele me buscou aqui em casa. Achei que iríamos jantar em algum lugar, um restaurante, mas ele me levou para a vinícola da família. Erick tinha mandado montar uma tenda enorme... — continuei contanto como tudo aconteceu para ela. Falo até a parte do sexo incomparável, dizendo que foi algo inesperado e bem do jeito que eu sempre sonhei, porém deixo de fora algumas partes mais íntimas. — Sério, foi uma noite incrível.

Só de me lembrar, já sinto meu corpo responder. Parece que tudo em mim sabe do que Erick é capaz.

— Acho que não sou a única apaixonada — Elle brinca.

— Por que diz isso?

— Porque a senhorita até suspirou enquanto contava. E depois de tudo o que disse, não tem como negar.

— Eu não tenho essa certeza toda.

— Ah, eu tenho.

— Tudo bem, pode ser que eu esteja gostando um pouco mais dele. Eu e meu corpo. Mais o meu corpo, porque, *Minha Nossa Senhora dos orgasmos*, ele é muito bom de cama.

— Deu para perceber. Quer saber? Vai fundo, amiga, só cuidado para não se machucar.

— Eu quero ir devagar, Elle — falo com sinceridade —, mas somos intensos demais juntos.

— Se para você está funcionando assim, ok. Eu só quero que seja feliz.

— Pode ter certeza de que estou muito feliz. Elle — uso um tom baixo de fofoca —, Erick me convidou para um jantar na casa dele, na sexta-feira, com a família. — Mordo o cantinho da unha.

— Ele vai te apresentar aos pais?

Tenho certeza de que ela está com os olhos esbugalhados.

— Pelo que entendi, sim. Mas ainda não dei a resposta se vou ou não. Estou deixado ele cozinhar em banho maria. — Solto uma risadinha.

— Porque mesmo gostando dele um pouco mais, não posso mostrar assim tão facilmente.

— Se eu fosse, não perderia esse jantar por nada nesse mundo. E ainda por cima iria toda trabalhada na beleza! Se ele te convidou, é porque você é mais do que só uma boa foda. — Ela solta uma risada sonora do outro lado.

— Com quem você está aprendendo a ser assim?

— Isso é resultado de conviver com você. — Gargalha ainda mais. Seu bom humor é contagiante e faz com que eu relaxe um pouco.

— Sabe, também pensei a mesma coisa sobre o convite. Mas será que não estamos indo rápido demais?

— É só um jantar. Deixa de pensar tanto nas coisas e nas consequências, Atena.

— De certa forma você tem razão.

— Quase sempre tenho razão. — Até posso imaginá-la olhando a cor do esmalte nas unhas. — Sabe o que eu acho sobre tudo o que me disse?

— Humm... O quê?

— Sabe aquela música? “Apaixonadinha, você me deixou, apaixonadinha...”.

— O quê? Não!

— Está, sim. — Ela cai na risada.

— Não mesmo — defendo-me.

— Aposto meu salário todo que está tão apaixonada por ele quanto estou por Roy. Mas a boa notícia é a seguinte: se ele te convidou para conhecer os pais, acho que está interessado de verdade em você. Talvez até esteja apaixonado também. Pronto, falei.

— Eu realmente não sei. Acho que tenho que esperar um pouco mais para poder confirmar isso, e preciso também ver como vai ser esse jantar. — Bocejo, morta de sono. — Elle, amanhã a gente se fala na faculdade.

— Está bem, eu ainda tenho que terminar uma pesquisa e corrigir algumas coisas do TCC. Boa noite, amiga.

— Boa noite, amiga apaixonada. — Dou risada e desligo.



São dez horas da noite de quarta-feira quando finalmente termino os ajustes no meu trabalho de conclusão que o orientador havia me pedido.

Foram tantas trocas e mexidas no arquivo, que já estou com vontade de mandar meu orientador para junto do Darth Vader, em uma galáxia muito, muito distante. Só espero que ele aprove o resultado.

Confesso que não vejo a hora de tudo isso acabar. Exausta, salvo o arquivo e desligo o computador. Amanhã cedo, tenho que ir à faculdade para entregar e conversar com ele.

— Filha, você já vem? — Ouço a voz de meu pai vindo lá de cima.

— Vou sim, só um minuto.

Sigo até a porta da frente e verifico se está trancada, em seguida, desligo as luzes da floricultura e subo para casa.

O desânimo marca meus passos, não só pelo cansaço extremo, mas também pela saudade. Erick não deu notícia nem apareceu. Não vou mentir, senti falta dele durante a semana. Reflito se seria demais mandar uma mensagem, e fico com medo de parecer desesperada. Melhor deixar pra lá. Já é tarde e, apesar da minha vontade, sei que ele tem muitas ocupações.

Ao chegar à cozinha, vejo papai com a mesa do jantar posta e uma panela fumegante sobre ela.

— Sopa? — Aponto para a panela e levanto as sobrancelhas com entusiasmo. Ele apenas faz que sim com a cabeça.

Deixo as coisas no móvel da sala e vou até a pia para lavar as mãos. Enquanto as enxugo, observo meu pai.

— O senhor está bem?

— Estou, filha. — Ele me oferece um sorriso, e algo em sua expressão me faz relaxar. Ele parece menos cansado hoje.

É bom vê-lo assim. Nós nos sentamos e deixo que ele se sirva primeiro. Vejo que é sopa de feijão, minha preferida.

— Como está o final de curso? — Ele me olha enquanto enfio uma colher cheia na boca.

— Estou quase louca, mas sobreviverei — brinco com ele. Sua boca se contorce em um sorriso de lado. — Terminei os ajustes do TCC. Mais um, na verdade.

— Tenho tanto orgulho de você, filha. — Há um imenso carinho no modo como dia — Minha maior alegria vai ser te ver erguendo aquele canudo.

— Eu sei, pai. Falta pouco.

Não sei se digo isso a ele ou a mim mesma. Estes últimos meses foram difíceis demais, com o peso da faculdade e da floricultura. Mas é isso: falta pouco. Já lutei muito para chegar até aqui, e não sou o tipo de mulher que desiste das coisas.

Quando acabamos de comer e já estamos prontos para tirar a louça da mesa, lembro-me de que fiquei de ver com ele sobre as contas. Ele está tão bem esta noite, não queria ser a mensageira de más notícias... só que não tenho escolha.

— Pai? — Ele para de juntar os pratos e me olha. — Precisamos conversar sobre o que vamos fazer com as contas vencidas. — Fico meio de lado e alcanço os papéis no balcão.

Abro o caderno e tiro de lá o post-it em que tinha anotado os valores e quais eram os mais urgentes.

— Isso? — Ele gira o papel para mim.

— Sim — afirmo de imediato. — Pai, não temos dinheiro para pagar isso.

— Não se preocupe, vou dar um jeito.

— É mesmo? E será que eu posso saber como? Não me diga que arrumou uma planta que faz nascer dinheiro?

Ele me olha, erguendo uma sobrancelha, e balança a cabeça.

— Você e essa sua língua. — Dou de ombros. — Minha filha, já disse que vou cuidar disso. Eu quero que você só se preocupe com a faculdade neste momento. Deixe que dou um jeito no resto. — Ele fica de pé e começa a levar a louça para a pia.

— Pai, não temos dinheiro. — Minha voz demonstra todo o nervosismo que estou sentindo. — De onde vai tirar dinheiro para pagar tudo isso? Daqui a pouco, não vamos conseguir manter os fornecedores.

Ele segura na beirada da bancada e respira fundo.

— Filha, por favor.

— Eu posso usar o dinheiro da poupança que o senhor fez para os meus anos de faculdade para ajudar nas despesas.

Meu pai tinha um carro antigo, que não valia muito. Quando fui para o Ensino Médio, ele o vendeu e colocou o dinheiro numa aplicação. É com esse dinheiro que mantive os anos na faculdade. Mesmo sendo uma pública, tive vários gastos com livros, material, apostilas... Mesmo assim, sobrou alguma coisa, e podemos usar esse dinheiro agora.

— Atena, por favor, não insista. Eu já disse que vou dar um jeito.

Comprimo os lábios e fecho os olhos. Tenho vontade de continuar no assunto, mas me calo. Não gosto de discussão, muito menos com ele.

— Está bem. — Puxo o ar com força. — Vá descansar, pai, deixe que eu limpo tudo aqui.

— Não. Pode ir se deitar, eu arrumo tudo — ordena, sem olhar para mim.

Vou até ele e o abraço por trás. Fico assim por um tempo. Eu o amo tanto... Ele é a única pessoa que tenho nesta vida. Gostaria de poder ajudá-lo mais. Preciso ver o que vou fazer assim que terminar a faculdade. Quero dar uma vida melhor para ele, para nós. Meu pai merece, principalmente depois de tudo o que fez por mim.

— Eu te amo, pai. Boa noite. — Dou um passo e me afasto.

— Também te amo, filha. — Ele se vira e deposita um beijo na minha testa. — Boa noite.

Saio da cozinha com a cabeça a mil.



CAPÍTULO 26

Erick

Finalmente a quarta-feira chega ao fim. Passei os últimos dias trancado dentro do escritório fazendo relatórios e montando gráficos. A empresa precisa passar por essa modernização ou vamos ficar bem atrás dos nossos concorrentes — e, amanhã, pretendo provar isso para o meu pai.

Tem quase duas horas que cheguei em casa. Desde que estou aqui, só trabalhei. Exausto pelas horas ininterruptas de trabalho, esfrego os olhos com as costas das mãos e jogo a caneta sobre a mesa repleta de papéis.

De repente, meus pensamentos insistem em focar na exuberante Atena. Seus olhos, a risada, sua pele macia e o corpo esguio. Meu corpo reage à imagem e à vontade de estar de novo com ela.

Cacete, que vontade de foder de novo a minha Queen...

Olho o telefone sobre a mesa. Várias mensagens piscam na tela, só que nenhuma é dela. Penso em ligar ou mandar mensagem perguntando como está, como passou os dias, porém desisto. Já é tarde e ela deve estar dormindo. Cansado e um pouco estressado, ando até a janela da sala e olho para o breu do lado de fora. Respiro fundo para afastar essa vontade de estar com ela.

Porra, essa mulher está sob a minha pele, impregnada nos meus pensamentos e bagunçando a minha mente.

A calça aperta um pouco, comprimindo a virilha com o desejo de sentir seu gosto mais uma vez.

Preciso me livrar disso.

Com a visão do chicote contra sua pele, vou para o banho. Mas um único pensamento se passa em minha cabeça: Atena.

Recebo a água quente da ducha de bom grado. Espremo um pouco de sabão líquido na mão e seguro meu pau já duro como pedra. Penso naquela bunda deliciosa empinada, minhas mãos e boca ao redor dos seios. Sinto Atena ali comigo, ajoelhada, a boca me sugando, os olhos nos meus.

Put a que pariu...

Imaginar, me faz acelerar os movimentos de vaivém, alternando a velocidade. A respiração encurta e sinto os batimentos alterarem. Espalmo a outra mão na parede de vidro e, na minha alucinação, ouço seus gemidos em alto e bom som. O vapor quente faz o calor do meu corpo aumentar.

Meu pau lateja forte. Escorrego os dedos com agilidade, enquanto fantasio com a imagem dela — de mãos e pernas amarradas, completamente exposta para o meu prazer. Meu corpo vibra, o tesão cresce e gotículas de gozo brilham na ponta.

Fecho os olhos e visualizo meu pau enfiado na perfeição que é sua bunda. Minha respiração soa alto em meus ouvidos. Cerro o punho apoiado no vidro e jorro contra o jato d'água, desejando poder gozar dentro de Atena.

Caralho, essa mulher ainda vai me matar, mesmo que em pensamento.

Quando abro os olhos e observo a escuridão do lado de fora, sinto-me um pouco frustrado por ter batido uma punheta, porque sei que isso é apenas um alívio momentâneo.

Jogo a cabeça para trás, deixando que a água molhe meu rosto, e penso que esperar até sexta-feira será uma eternidade.



— Estes são os relatórios da produção. — Claudia os entrega para meu pai.

Nesses relatórios tem tudo que pretendo fazer.

— De quando são? — questiona, fazendo-me olhar para ele.

— São bimestrais — respondo de imediato. — Minha ideia, pai, é trazer modernidade para as garrafas com as Art Series, ilustradas por grandes artistas daqui do Brasil, e podemos fazer o mesmo em Portugal também. Por isso pedi a Claudia para ficar na reunião — começo a explicar. — Podemos abrir uma galeria e um restaurante. Oferecer uma experiência sensorial,

que vai muito além da simples degustação de vinhos, que é o que fazemos hoje. Durante as visitas, turistas e futuros clientes terão a oportunidade de degustar pratos típicos, apreciar obras de arte, conhecer o processo de fabricação do produto... — sigo falando os detalhes da minha ideia.

Preciso que entenda que é hora de darmos cara nova à empresa. Novos produtos, novos rótulos, estratégias de marketing mais atuais, até mesmo novos formatos de garrafas. Ele volta a olhar para os gráficos no papel à sua frente.

— Erick?

— Sim, pai.

— Está autorizado a ir às duas vinícolas citadas neste relatório e implantar o seu projeto lá. Se nos próximos seis meses mostrar resultados positivos, terá o meu aval para fazer o que quer.

Por alguns segundos, fico em completo silêncio, sem conseguir acreditar no que acabei de ouvir.

— Claro. Agradeço por me deixar tentar. Vou providenciar a visita para a próxima semana. — Não demonstro minha euforia, contudo, estou explodindo como fogos de artifício por dentro.

Claudia, discretamente, me dá um aceno de cabeça. Quase imperceptível, mas sei que ela está tão feliz quanto eu.

Assim que a reunião termina, saio do escritório em disparada para a casa de vovó. No sábado, acabei esquecendo de ligar para ela, e só fiz isso ontem. É claro que ela me atendeu com uma boa dose de chantagem emocional, me pedindo para que eu a levasse à floricultura hoje — pelo que me sinto mais ansioso do que gostaria de admitir. O problema é que já estou quinze minutos atrasado e sei o quanto minha querida avó preza pela pontualidade. Confesso que eu também, mas a reunião demorou mais do que previ.

Estaciono em frente à casa, pela janela do carro, avisto vovó sentada em sua cadeira de balanço na varanda. Já está toda arrumada e usando um dos seus chapéus. O de hoje combina com o casaco vermelho.

— Desculpe, vovó. — Saindo do carro, agito as mãos no ar e vou até ela. — A reunião com seu filho se estendeu mais do que imaginei. — Abaixo-me e deixo um beijo em sua bochecha.

— Não tem problema, meu amor. Seu pai está ficando velho e *cricri*, igual seu avô era. — Com um sorriso torto em seu rosto já bastante enrugado, ela se apoia em meu braço e fica de pé.

— Isso é verdade. — Sorrimos. — A senhora está sozinha ou a Vavá veio fazer companhia? — indago, pois sempre fico preocupado por ela ficar sozinha.

Apesar de ter essa energia toda, há algum tempo contratamos uma moça para ajudá-la com os afazeres da casa, além de passar um tempo com ela. No início, vovó reclamava, dizendo que ainda dá conta de fazer suas coisas sozinha, mas hoje adora a companhia da Vavá.

— Sim, ela acabou de sair. Como foi sua reunião com seu pai?

— Hoje consegui dar um passo adiante. Ele aceitou a implantação do projeto de reformulação em algumas de nossas vinícolas. — Dou uma piscadinha para ela. — Já é um começo.

— Tenho certeza de que você vai acabar conseguindo implantar suas ideias modernas. Ele vai se deixar dobrar. — Nós dois já tínhamos conversado sobre meus projetos, e ela sempre me apoiou. É por isso que esta pequena senhora ganhou o posto de minha pessoa preferida no mundo.

— Assim espero, vó.

— Vamos, não posso chegar na loja de flores e estar fechada.

— Não vai estar — garanto.

Com cuidado, seguro em seu braço e descemos os degraus. Também a ajudo a entrar no carro e, pouco depois, já estou fazendo a manobra.

Os primeiros minutos do percurso se passam com ela falando sobre coisas rotineiras. Depois, o assunto evolui para o almoço que teve com meus pais. Quando estamos perto de chegar, o tópico se torna mais interessante.

— Espero que Atena esteja lá. — De canto de olho, vejo que me olha. — Você a conheceu no outro dia, não foi?

— Sim — respondo, fingindo não notar o leve sorriso que aparece em seu rosto.

— Ando meio sem memória — confessa. — Ela é uma moça linda, não achou?

Conheço a avó que tenho e sei que ela está especulando e se fazendo de desentendida.

— Vó, pergunte logo o que a senhora quer saber. — Ela vira um pouco de lado e me encara.

— Saiu com ela, não foi?

— Saí — afirmo. Não vou mentir para ela.

Viro na quadra da floricultura e vejo Atena na calçada. Penso em parar o carro logo na frente, porém não há vaga. Passo por ela e, pelo retrovisor, vejo o quanto está linda. Usa uma jaqueta jeans por cima de um vestido floral rodado, que para na altura dos joelhos. Meus dedos chegam a coçar com a vontade de tocar aquelas pernas. A quem estou querendo enganar? A vontade que sinto é de tê-las em volta do meu corpo.

“Controle-se, Erick”, repreendo-me. Ficar de pau duro com vovó ao lado não é uma boa ideia.

— Eu sabia! — ela vibra, me trazendo de volta à realidade.

— Como a senhora sabia? — indago, franzindo o cenho. Não lembro de ter comentado com ela.

— Fiquei intrigada desde aquela ligação que fez para saber como ela se chamava. Conheço você, Erick. Não faria isso se não tivesse ficado interessado na moça.

Sorrio para sua astúcia.

— Sim, ela chamou a minha atenção. É linda, inteligente e dona de uma personalidade forte.

Sem falar que gosta de jogar o meu jogo.

— Vai me contar como foi? — Sinto dona Ane me observar atentamente.

— Foi normal. — Não pretendo entrar em detalhes.

— Normal? Que resposta sem graça.

Solto uma gargalhada.

— Vó, ela me intriga um pouco, não sei explicar.

— Está apaixonado?

Novamente jogando verde para ver se colhe maduro. Muito esperta.

— Não estou.

— Está sim, mesmo que ainda não saiba. — Ela dá um tapinha na minha perna enquanto faço a curva, contornando o quarteirão. — Gosto muito de Atena e admiro o cuidado que tem com o pai. Ela é muito inteligente, sem falar que é um doce de menina.

— Concordo com a senhora. É por isso que quero saber mais sobre ela e conhecê-la melhor. Falando nisso, vó, vou precisar da sua ajuda. Convidei Atena para ir ao jantar de sexta-feira.

— Sua mãe já sabe disso? — Sinto o tom de espanto em sua voz.

— Já, sim. Quero dizer, ela sabe que vou levar alguém — revelo. — Confesso que, na nossa família, mamãe é a única que me preocupa.

— Não tiro a sua razão. Se fosse por ela, você se casaria com a filha de um rei. — Rimos juntos. — Pode contar comigo, meu neto. Atena é uma ótima moça e fico muito feliz por estar saindo com ela. — Ela dá uma piscadinha.

— Obrigado, vovó.

Desta vez, quando passo na frente da floricultura, tem uma vaga quase na porta. Porém Atena não está mais na calçada nem dentro da loja. Estaciono o carro e desço primeiro para ajudar vovó.

— Por que está apressado, meu filho?

— É que passamos pela Atena antes e não pude parar. Quero dar

uma palavrinha com ela. — Sendo sincero, quero fazer muito mais do que apenas falar com a minha Queen, só que vovó não precisa saber disso. — A senhora se importa de entrar e aguardar uns minutos até eu voltar?

— Claro que não. Aproveito e coloco o papo em dia com Sebastião.

Dou um beijo em seu rosto e, em seguida, sigo a rua em direção à Atena. Logo a avisto, mas ela parece alheia, olhando as vitrines. Encosto-me em um poste, com os braços cruzados na frente do corpo, aguardo que se aproxime. Quando está passando por mim, seguro em sua mão. Abruptamente, ela para.

— Erick! Ai, você me assustou. — Seus lindos olhos estão arregalados e a mão livre agarra a lapela do meu casaco.

O perfume dela me envolve. Não resisto e a puxo para perto, colando nossas bocas sem me importar que estamos no meio da rua. A dela tem gosto de hortelã e desejo, me deixando embriagado logo no primeiro movimento de sua língua.

Sou surpreendido quando ela passa os braços pelo meu pescoço, retribuindo o beijo com o mesmo entusiasmo. Meu pau reage na mesma hora, deixando claro que a punheta de ontem não foi suficiente. Nada será suficiente depois de saber a perfeição que é está dentro de Atena.

Então, a atrevida empurra a bala que está chupando sobre minha língua. Aceito-a e me afasto.

— Obrigado. — Prendo a bala entre os dentes e mostro a ela.

— De nada. — Em seu rosto, há uma expressão divertida. — O que está fazendo aqui?

— Algum problema em vir te ver? — Ela começa a se afastar, mas a seguro contra mim.

Seus olhos se fixam na pele do meu peito, exposta pelos dois primeiros botões abertos. Juro que gostaria de saber o que se passa em sua mente agora.

Será que sente a mesma vontade que eu?

Pessoas passam pela calçada e nos encaram, mas não me importo com elas.

— Talvez? — Reparo que comprime os lábios, controlando um sorriso. Sempre fazendo gracinhas.

— Posso saber onde estava? — Ergo uma sobrancelha.

— Vamos brincar de quem faz perguntas? — Ela vira um pouco o rosto de lado e me olha de forma amável. Parece que minha Queen está bem-humorada.

— Como sou educado — libero suas mãos e faço um gesto de reverência —, primeiro as damas.

Atena afirma com um balançar leve de cabeça, ao mesmo tempo que começamos a andar de volta para a loja.

— Fui fazer uma entrega de flores — explica. Não sei por que, mas fico aliviado ao ouvi-la dizer isso. — Agora, sua vez.

— Trouxe a minha avó. — Minha resposta faz Atena parar de supetão.

— Sua avó está na floricultura?

— Por que o espanto? Ela sempre vem, não é?

— Sim, mas não com você.

Seguro seus dois braços e a encaro.

— Atena, minha avó sabe sobre nós — declaro. — E outra, não tenho a intenção de te esconder de ninguém. — Ela pisca algumas vezes, analisando o meu rosto. — Você tem motivos para não querer aparecer comigo?

Assim que solto a pergunta, me arrependo. Não quero soar inseguro, mas também não posso dizer que estou agindo da mesma forma de sempre. Com Atena, tudo é novo.

— Não, claro que não — responde de imediato.

— Então, ótimo. — Envolver minha mão na dela e volto a caminhar. — Vamos.

Quando chegamos à porta, sinto Atena tensionar. Ela solta as nossas mãos e me olha, levantando rapidamente os ombros. Não sei por que fez isso, porém aceito seu comportamento em silêncio. Entro logo atrás dela e vejo seu pai sentado no banco, ao lado dele está minha avó. Os dois olham para nós ao mesmo tempo.

— Oi, dona Ane, tudo bem? — Atena cumprimenta.

Reparo que seu pai nos observa com atenção.

— Oi, minha querida. Vejo que meu neto lhe encontrou. — Vovó olha para mim e depois volta-se para Atena.

— Ah, sim. — O desconforto é nítido no rosto de Atena.

— Olá, sr. Sebastião. — Aproximo-me e estendo a mão, cumprimentando-o. Ele aceita, dando um aperto forte.

— Oi... — Afrito, olha para Atena.

— Erick, papai — Atena o ajuda a lembrar. Ela passa por mim e para ao lado do pai.

— Esse é o meu neto, Sebastião. Era sobre ele que estava falando no outro dia. — Sebastião libera nossas mãos.

— Sim, nós já nos conhecemos. — Ele olha para mim. — Desculpe, não sou bom em guardar nomes.

— Não se preocupe, senhor. — Sua expressão fica mais tranquila com

a minha resposta. Então, olho para minha avó. — A senhora já resolveu o que veio fazer?

— Já, sim. — Eu a ajudo a descer do banco. — Obrigada, Sebastião. Assim que meu pedido chegar, avise, por gentileza.

— Por nada, Ane. E pode deixar que avisamos.

Vovó vai até Atena e segura em sua mão.

— Menina linda, nos vemos no jantar de sexta-feira.

Atena me lança um olhar rápido, apenas levanto os ombros.

— Sim, claro.

— Até logo, senhor.

— Até logo, rapaz — Sebastião se despede com um leve aceno.

— Eu acompanho vocês até a porta — Atena avisa.

Já do lado de fora, ajudo vovó a entrar no carro e peço que espere um minuto para que eu me despeça de Atena. Fecho a porta e volto para a linda e um tanto furiosa Queen.

— Me desculpe, sei que minha avó falou demais — tomo sua mão na minha —, mas como eu disse antes, não pretendo esconder você e o que temos de ninguém, nem mesmo do seu pai.

— Eu não confirmei nada. Como pôde dizer para sua avó que eu iria a esse jantar?

— Como assim? Você não ia aceitar o meu convite? — pergunto, confuso.

— Eu disse que estava pensando. E você poderia ter me ligado para confirmar, não é?

— Eu vinha até aqui com a vovó, então achei que seria melhor falar com você pessoalmente. — Não minto quanto a isso. Mesmo assim, seguro seu rosto com as duas mãos e fixo meus olhos nos dela. Preciso que preste bem atenção em minhas palavras. — Não estou brincando sobre o que temos, Atena.

— E o que temos, Erick? — ela retruca.

— Um relacionamento — digo de imediato. — Acho que não precisamos rotular, mas temos um relacionamento. — Atena me encara impassível.

— Um relacionamento? — Arqueia a sobrancelha. — Talvez devamos rotular.

É claro que ela iria me contrariar, como sempre faz.

— Se quiser, posso entrar lá e falar com seu pai. — Aponto para a porta. — Aproveito e peço a permissão dele para que você vá ao jantar comigo.

— Não, está tudo bem. Eu explico sobre o jantar. — Aquele ar desafiador brilha em seus olhos. — Agora, quanto a rotular, depois falamos sobre isso.

— Está bem. Amanhã, às sete da noite, passo para pegá-la.

— Bom, agora que até sua avó está sabendo que vou, não posso negar o convite. — É muito petulante essa mulher. Pelo menos vovó ter falado demais serviu para alguma coisa. Nem Atena é capaz de resistir à dona Ane.

Ainda com as mãos emoldurando seu rosto, beijo-a tão docemente que até eu me surpreendo.

— Tchau, Queen — sussurro.

— Tchau, Erick.

Vou embora com a esperança de que, amanhã, parte da minha agonia terá fim, porque Atena estará de novo comigo. E, desta vez, na minha cama.



CAPÍTULO 27

Aena

Pensando no que dizer para papai, retorno para a loja e noto que ele está ocupado com um pequeno regador, molhando os vasos.

Assim que me sento em frente ao computador, vejo que se aproxima da bancada.

— Por que soube apenas agora, e por dona Ane, que você vai jantar na casa daquele rapaz?

Levanto os olhos da tela e o encaro.

— Porque ainda não tinha decidido se iria. Ele me convidou e fiquei de dar a reposta — explico.

— Tem certeza de que é isso? — Estuda meu rosto.

— Claro que sim.

— Ele não é somente um amigo, é?

E agora? O que dizer?

— Nós estamos nos conhecendo. — Opto pela verdade.

— Você gosta dele... — Não é uma pergunta. Papai me encara, com a cabeça pendendo para o lado, e não sei muito bem como interpretar o que vejo refletido em seu olhar.

— Gosto. — Respiro fundo, cansada de fingir. — Quero dizer, sinto algo por ele, mesmo que eu ainda não saiba no que vai dar.

Com tranquilidade, ele se abaixa e solta o regador no chão.

— Erick parece ser um bom rapaz. O que me preocupa um pouco

é essa diferença social entre vocês. — Encaixo as mãos embaixo do queixo e mantenho meus olhos presos nele, que continua falando. — Mas isso pode ser coisa da minha cabeça. Já disse antes e volto a dizer: se ele a faz feliz, fico feliz também.

Dou a volta na bancada e o abraço forte.

— Eu sei, pai, e entendo sua preocupação. Pelo que conheci até agora dele, isso não tem importância — tranquilizo-o. — Te amo muito, pai — a última parte sai em um sussurro, acompanhada de um beijo carinhoso em seu rosto.

Papai se afasta minimamente e envolve as mãos calejadas ao redor do meu rosto.

— Você é o que tenho de mais precioso nesta vida, Atena. Nada é mais importante para mim do que a sua felicidade. — Com todo amor que sente, beija a minha testa. — Te amo, filha.

Levanto uma sobrancelha e sorrio.

— Oh, isso está muito açucarado. É melhor a gente parar ou sua glicose vai aumentar. — Ele me solta e, com um sorriso no rosto, pega o regador e volta a molhar as plantas.



Estou terminando de arrumar a cozinha quando um barulho estrondoso ressoa na casa toda. Apressada, desço os degraus de dois em dois, enxugando as mãos no avental.

— Papai? Papai? — grito, ainda na escada, preocupada com ele que está há horas lá embaixo.

— Está tudo bem comigo, filha.

— O senhor está bem? — Paro esbaforida na porta do depósito, procurando-o no meio da bagunça. Para o meu alívio, encontro-o no meio de um monte de coisas esparramadas pelo chão, sem nenhum machucado aparente.

— Estou, sim. O barulho foi essa caixa que caiu lá de cima. — Aponta para uma caixa espatifada e, depois, para o alto, onde estava na prateleira. — Só a pobre que se desfez.

Finalmente volto a respirar.

Ele ri, agachando-se em meio à bagunça, e logo começa a recolher pacotes das bandeirolas que usamos para enfeitar a floricultura no mês de

junho. Bolas de Natal, barbantes, embalagens de presentes... está tudo espalhado pelo chão.

Ajoelho-me e o ajudo a organizar as coisas. Quando pego uma sacola cheia de artigos natalinos, vejo uma caixa coberta por um tecido floral.

— O que é isso?

— Não lembro direito o que há aí — papai fala sem dar muita importância.

Sento-me de pernas cruzadas e coloco a caixa no colo. Sou vencida pela curiosidade, abrindo a tampa para ver o que tem dentro. No canto direito, há um par de sapatinhos vermelhos. Pego um e o seguro entre os dedos. É bem pequenino.

— Isso era meu?

Papai levanta a cabeça e, com um olhar nostálgico, senta ao meu lado.

— Foi o seu primeiro sapato. Quando você nasceu e o dia estava quente, mas esfriou no fim da tarde. Então, deixei sua mãe sozinha uns minutos, fui até o comércio perto do hospital e comprei estes sapatinhos para você.

Percebo que ele fica estranho ao contar a história, e penso que deva ser por se lembrar de minha mãe.

— É tão lindo e pequenininho... — Brincando, coloco-o ao lado do meu pé. Papai sorri.

Busco o que mais tem dentro da caixa e retiro de lá uma caixinha de veludo azul. Com um clique na lateral, ela se abre, revelando um colar de ouro — ou, pelo menos, parece ser —, com uma medalha. Viro-a para o outro lado e noto as letras A e S gravadas. Quando olho para meu pai, seu rosto está pálido, como se tivesse visto um fantasma.

— O senhor está bem? — Toco seu braço. Ele permanece calado, encarando o que tenho na mão. — Pai?

— Estou. — Sua voz não passa de um fiapo. Ele pega o colar entre os dedos e o leva diante dos olhos.

O objeto dourado tremula à nossa frente. Na verdade, o que treme é a mão de papai, igual um ramo verde durante uma tempestade.

— Isso era de sua mãe. — Ele passa os dedos sobre a medalha. — Dei a ela quando soubemos que você era uma menina e escolhemos o seu nome. Passei meses guardando dinheiro para poder comprar. — Percebo sua voz embargar.

Nunca tinha visto meu pai tão abalado. Seu rosto está marcado por uma tristeza avassaladora, novamente penso que seja por conta da dor que carrega por ela nos ter abandonado.

— Por que esse colar o perturbou? — questiono, retirando o objeto de sua mão.

— Não perturbou, filha. Apenas trouxe lembranças. — Ele respira fundo antes de continuar: — Algumas são boas, porque se trata de você. Já outras são... complicadas. Reviver esses momentos com sua mãe e tudo o que aconteceu... Ela ter nos deixado quando você ainda era recém-nascida. Mas, enfim, ficamos bem — garante.

— Quer falar sobre isso? — Fito-o atentamente, estudando sua expressão.

— Não há o que dizer. Devo ter guardado isso aí quando sua mãe foi embora. Na verdade, achei que ela tivesse levado junto.

Ele fecha os olhos por alguns segundos e, quando volta a abri-los, sua expressão muda, mas não consigo saber o que se passa com ele. Papai se levanta e, sem dizer nada, volta a recolher as coisas pelo chão.

— Se importa se eu ficar com ele? — indago, apreensiva.

— De forma alguma. Pertence a você. — Segue com os olhos fixos no que faz.

Guardo o objeto dentro da caixinha e o devolvo para onde estava. Dou mais uma olhada dentro nos tesouros do nosso passado, perdidos ali dentro, depois recolho a tampa e fecho a caixa.

— Precisa da minha ajuda, pai?

— Não, minha filha.

— Está bem, vou voltar a lavar a louça. Se precisar, é só chamar. — Ele faz um leve aceno afirmativo com a cabeça. — E, por favor, chega de bagunça por hoje — brinco para ver se o clima melhora, mas ele não reage à minha provocação.

Com a caixa embaixo do braço, fico de pé, tomando cuidado ao passar entre os objetos jogados no chão. Volto para a cozinha ciente de que ele não ficou bem.



CAPÍTULO 28

Aena

Já tinha tomado banho, e agora estou na frente do armário, mais nervosa do que nunca, enquanto tento decidir o que vestir.

É um jantar na casa dele, então não deve ser algo tão grandioso. Mesmo assim, quando abro a porta e olho para as roupas penduradas no cabide, não encontro nada que me agrade. Tudo parece simples demais. Faço um bico e decido que a melhor coisa a fazer é pedir ajuda aos universitários.

Alcanço o celular na mesa lateral, deito no meio da cama e ligo para Elle.

— Fala, rainha das flores — brinca.

— Oi, amiga engraçadinha. — Ela ri. — Preciso da sua ajuda como minha personal stylist. — Ouço sua risada do outro lado.

— É para ir ao tal jantar? — indaga.

— Sim, amiga. Não faço ideia do que vestir — confesso, soltando o ar pela boca.

— Então decidiu ir?

— Erick esteve aqui com avó. Para encurtar a história, ele havia comentado com ela, que comentou comigo... aí acabei aceitando.

— Pois fez muito bem. — Elena solta uma risadinha. — Agora, vejamos... — Até posso vê-la com uma cara de quem está resolvendo uma equação de trigonometria. — Será na casa dos pais, então não precisa ir

toda trabalhada na produção, mas também não vá de blusinha básica, como se fosse para a faculdade.

— De jeito nenhum — concordo com ela.

— Vá com aquela sua calça preta justa e uma camisa social. Use a branca de tecido mais fino que você tem ou talvez a cor-de-rosa. Coloque aquele cinto largo preto por cima da camisa. Fica mais jovial e está na moda usar assim. Use um salto alto e capriche um pouco mais na maquiagem.

Salto da cama e corro até o armário, procurando as peças que Elle falou. Ótimo!

— Ai, amiga, não sei o que seria de mim sem você. Obrigada!

— De nada. E faça o favor de transar com o bonitão. Você fica bem menos sarcástica depois de alguns orgasmos — provoca.

— Eu só não vou mandar você àquele lugar, pois não será fácil arrumar outra amiga que entenda de moda. Beijos. — Ela manda outro e desligamos.

Não demora muito e já estou pronta. A calça preta que Elle sugeriu é bem justa, demarca perfeitamente todos os lugares certos. Especialmente a minha bunda, que fica linda nela. Já percebi que Erick gosta bastante dessa parte do meu corpo.

Escolhi a camisa rosa-claro, que é de um tecido fino e soltinho, porém deixei dois botões abertos — o que não revela muito. E como a noite está agradável, dobrei as mangas até os cotovelos. Dispensei o cinto por cima e optei por usar uma sandália de salto, aberta na frente. Meu cabelo está domado, já que o escovei mais cedo; tem volume, mas está alinhado. Só a maquiagem que não exagerei, porque não curto make pesada. Porém, hoje, decido colocar uma sombra clarinha.

Estou parada em frente ao espelho, tentando controlar meus nervos, quando ouço uma batida na porta. Viro-me para trás e vejo papai parado ali.

— Você está linda, filha.

— Obrigada. — Sorrio para ele.

— Erick está lá embaixo — diz, mas não sei decifrar seu olhar.

— O senhor está bem? — Depois da nossa conversa mais cedo, ele parece ainda mais triste.

— Estou bem. Apresse-se, não deixe o rapaz esperando.

— Claro, já estou indo. — Pego a bolsa e o celular na cama. Ao passar por ele, deixo um beijo em seu rosto.

— Divirta-se, filha, e juízo. — Seu tom é de brincadeira, mas bem sei que, por trás, não está brincando.

— Fique tranquilo. Tenho juízo desde os cinco anos de idade. — Ele solta uma gargalhada e faz sinal com a mão para que eu vá.

Ao descer, dou de cara com Erick me aguardando no pé da escada.

— Você está incrível, Queen — ele diz naquele tom rouco e contido.

Se as borboletas não estivessem voando em meu estômago por conta do nervosismo em conhecer seus pais, com certeza voariam agora, só de ouvi-lo falar.

— Obrigada. Eu poderia falar a mesma coisa para você, porém você está lindo sempre. — Ele franze os lábios, evitando sorrir.

Antes que eu pise no último degrau, Erick se aproxima, levanta a mão e os dedos correm pelo meu cabelo, levando-o para trás dos meus ombros. O olhar que lança para mim é de quem quer me comer ali mesmo, nos degraus da escada. Sem cerimônia, uma de suas mãos desce até a curva da minha cintura e a outra vai para trás da minha cabeça enroscando os dedos nos fios. Ele me dá um puxão, fazendo nossos corpos colarem um no outro. Não consigo conter o suspiro.

Sua boca busca a minha. Sinto maciez aveludada e o gosto dele — que é só dele — contra a minha língua. Meus batimentos aceleram e eu não quero mais sair de seus braços.

Como ele faz isso assim, tão facilmente? Seu cheiro, gosto, toque... tudo me desmonta, me desarma rápido demais.

— Isso é saudade? — brinco, disfarçando com humor o quanto gosto dele.

— Cheia de gracinhas, como sempre. — Faço cara de inocente. — Vamos, não quero chegar tarde.

Ele segura a minha mão e saímos da loja.

Dentro do carro, é impossível parar de pensar no que está por vir. Vou conhecer sua família. Caramba! A ansiedade cresce, fazendo-me torcer os dedos uns contra os outros sobre o colo.

Apoio a cabeça no encosto do banco e olho para fora, prestando atenção na lua. Lua cheia. Ela está enorme e brilha no céu, iluminando a noite. Peço que sua luz ilumine dentro de mim. Nunca fiquei tão temerosa como estou agora. Odeio me sentir assim, vulnerável, mas sei a causa disso: quero que me aprovem, por ele. Por Erick.

Minha mente começa a trabalhar em um ritmo incessante. Gosto dele e quero que as coisas entre nós funcionem.

Dou uma olhada rápida em Erick, que segue concentrado na estrada à sua frente. Sua mão segura firme o volante, e não deixo de notar o dourado reluzente do relógio em seu pulso. Tenho certeza de que o valor do objeto deve custar todo o estoque da minha loja. Isso quer dizer que seus pais têm ainda mais dinheiro, possivelmente pensarão que sou uma interesseira.

— O que foi, Atena? — Sua pergunta me faz subir os olhos para ele. Ainda não entendo como Erick é capaz de me ler tão bem, a ponto de saber que estou nervosa apenas estando ao meu lado.

— Nada. — Não confesso o que me preocupa.

— Seja honesta e sem gracinhas. — Sua voz é autoritária e penso por alguns segundos se devo ou não dizer a verdade. — Diga, Atena — exige, olhando-me rapidamente.

— Estou nervosa — confesso. — Não sei como seus pais vão me receber. Quero que gostem de mim.

— Fique tranquila, estarei ao seu lado o tempo todo. E, por favor, Atena, quem tem que gostar de você sou eu. — Ele tenta me tranquilizar com suas palavras, e fico feliz por isso. Então, como se para enfatizar, solta uma das mãos do volante e, carinhosamente, envolve as minhas. — Adianto que minha mãe pode ser um pouco ciumenta, mas tenho certeza de que você vai se sair bem. E vó Ane também vai estar lá. Não será como se não conhecesse ninguém, além de mim. — Ele me lança um olhar protetor.

Porém a única parte que fica rodando no meu cérebro é a mãe ciumenta. Nunca tive uma relação em que fui apresentada aos pais. Quando era mais novinha, no Ensino Médio, tive uns namoricos, mas nada sério. Depois foram casos sem muito compromisso, tanto que nunca apresentei alguém para meu pai como “namorado”.

Erick espera que eu diga algo, mas apenas dou uma risadinha sem graça, acenando levemente a cabeça. Desvio os olhos dele e reparo que acabamos de pegar a rodovia, no sentido da cidade vizinha.

Não muito tempo depois, estamos diante de um portão. O enorme brasão talhado no metal. É o mesmo que vi no rotulo da garrafa de vinho na noite em que me levou no vinhedo — o que me leva a crer que é de sua família.

Erick aciona um pequeno controle remoto e, imediatamente, os portões se abrem. Logo volta a arrancar com o carro, circulando um extenso jardim, e depois paramos diante de uma verdadeira mansão. Preciso me controlar para não deixar o queixo cair. Na parte da frente há duas pilastras enormes, as janelas são em estilo francês, pintadas de branco e rodeadas por uma varanda que se abre para uma escadaria em mármore. Tudo ao redor é acompanhado por um jardim impecavelmente cuidado.

— Uau... — deixo escapar, estarecida com a beleza da casa.

— É linda, não é? Acho um pouco exagerada, bem ao estilo de minha mãe. Foi construída no século passado e já passou por várias reformas, porém o etilo neoclássico foi mantido.

Ignoro tudo o que falou. Só processo “exagerada” e “mãe”.

— Sim, é linda. Confesso que nunca estive em uma casa assim.

Ele ri.

Antes de descermos, abro a bolsa, retirando o colar de ouro que encontrei mais cedo na caixa. Evitei colocá-lo em casa, não queria que papai me visse usando. Preferi evitar fazê-lo reviver sua relação com a mulher que me trouxe ao mundo — e quem eu nunca quis, nem quero saber da existência. Só que a joia não tem culpa e é muito bonita, além de combinar com a minha roupa.

— Será que pode me ajudar?

— Claro. Vire-se. — Ele pega o colar e eu levanto o cabelo, até ele colocar a corrente ao redor do meu pescoço.

— É lindo. Nunca vi você com ele.

— Era da minha mãe — explico. — Eu o encontrei hoje, dentro de uma caixa.

— Você nunca fala de sua mãe — Erick diz, olhando as iniciais no pingente. — A e S. A é de Atena? — busca confirmação e eu assinto.

— E o S é de Sebastião, meu pai. E não há nada para falar sobre a minha mãe. — Fecho a bolsa. — Vamos entrar ou nos atrasaremos. — Aponto para a entrada da casa.

A última coisa que quero neste momento é falar daquela que me abandonou. Evito saber o que fez da vida, onde vive, ou o porquê de ter largado a família. Criei um lema para me defender emocionalmente disso. Se ela não me quis, por que devo querer algo dela? Com isso, apaguei essa mulher da minha vida.

Erick semicerra os olhos, porém não diz nada. Acho que percebeu que não quero falar sobre o assunto.

— Claro.

Coloco a mão na maçaneta do carro e ameaço descer, mas sou impedida.

— Espere aqui. — Sua voz é exigente.

Franzo as sobrancelhas, mas afirmo com um leve aceno de cabeça.

Ele desce primeiro, dá a volta e abre a porta para mim, como um perfeito cavalheiro. Entrelaço nossos dedos e o sigo. A cada degrau que subo fico mais ansiosa. Faço uma rápida anotação mental de manter a língua sobre controle. Não sou boa nisso, principalmente se as coisas saírem do controle.

Paramos diante da porta e, sorrindo, Erick dá duas apertadas rápidas na minha mão. Quando ele toca na maçaneta, respiro fundo e busco me acalmar.

Lá vamos nós...



CAPÍTULO 29

Erick

— Pronta?

— Sim — Atena diz, ao mesmo tempo que afirma com a cabeça.

Giro a maçaneta e entramos na casa. De imediato, somos recebidos por um burburinho e o som delicado de música instrumental. Segurando com firmeza em sua mão, levo-a pelo estreito corredor e saímos na sala de estar. Tensa ao meu lado, Atena observa tudo. Não sei se fica chocada com o que vê aqui dentro ou se ainda está admirada com o que viu do lado de fora. Mesmo assim, começo a pensar em formas de tentar acalmá-la.

A sala da casa dos meus pais é imensa, projetada de forma moderna para reunir um grande número de pessoas. Há um sofá de cinco lugares, mais duas poltronas, um pufe de dois lugares e uma chaise, dispostos ordenadamente no ambiente. A mesa espelhada de centro está sobre um lindo tapete persa. Na parede, que contrapõe a vidraça com vista para a plantação de uvas, há três grandes telas pintadas a óleo, e do teto pende um deslumbrante lustre de cristal. Como mamãe diz: este é o melhor lugar para se estar com amigos e família.

Com calma, deixo que Atena absorva tudo e todos que estão aqui, e só depois de alguns segundos é que se vira para mim. Ela não precisa dizer nada, porque leio em seu rosto o que pensa.

— Eu disse que era exagerado.

— É muito... tudo — gagueja em um sussurro. — Muito lindo.

Estou louco para mostrar a minha casa para ela.

— Filho! Meu filho, que bom que você chegou. Estava prestes a ligar para saber por onde andava. — Minha mãe, se aproxima e, como sempre, exagera nas reações.

Abraça-me e dá dois beijos, um em cada lado do rosto. Em seguida, olha para Atena e sua expressão muda no ato: de carinhosa para fechada.

— Mãe, esta é Atena. Atena, essa é... — Mamãe levanta a mão no ar, me fazendo calar.

Noto que fica pálida.

— Sou Regina — corta as apresentações. — Filho, por favor, precisamos conversar.

Segurando-me pelo cotovelo, me leva a dar dois alguns para trás. Olho para Atena e percebo que está desconfortável com a situação. Também, como não estaria?

— O que você pensa que está fazendo, trazendo essa moça aqui?

— Ela é a mulher com quem estou saindo, e o nome dela é Atena — limito-me a explicar.

Incrédula, dona Regina estreita os olhos para mim.

— Até posso aceitar que passe algumas noites se divertindo com ela, mas trazer a ralé desta cidade para dentro da nossa casa? Isso já é demais.

— Mãe! — dou um basta.

— Não tem essa de “mãe”! — ela me interrompe. — Erick, você deve ter perdido o juízo, meu filho — esbraveja, porém de forma indiscreta. — Trazer a filha do florista para jantar conosco? Você sequer sabe a reputação dessa gente.

Com a cara fechada, levanto a mão em frente ao seu rosto pedindo que pare de falar.

— Peço que a senhora fale baixo, Atena está ouvindo. — Com desdém, minha mãe vira para trás e mede Atena de cima a baixo.

Minha Queen disfarça, fingindo não prestar atenção em nossa conversa.

Eu sabia que não seria fácil, porém jamais imaginei que minha mãe faria uma cena desse tipo. Sei de sua mania de alta sociedade, só não consigo entender se isso é um preconceito ou algo que ela carrega dentro dela. Mesmo assim, odeio esse tipo de comportamento.

Antes que possamos aprofundar a discussão, escuto a voz de minha avó.

— Atena, que bom que veio. Você está linda, menina. — Viro-me na direção das duas e vejo que vovó abraça Atena.

— Vocês devem ter enlouquecido de vez — minha mãe cochicha,

olhando para a cena que se desenrola a poucos metros de nós. — Não pense que esta conversa acaba aqui. Falaremos sobre isso depois.

Irritada, sai na direção dos quartos. Respiro fundo e reviro os olhos, inconformado.

Será uma longa noite.

— Boa noite, vó. — Aproximo-me delas e dou um beijo no rosto da minha pessoa preferida.

— O que aconteceu com sua mãe? Parece estar furiosa — vovó questiona, enrugando o rosto.

— Ela... — começo a dizer, porém Atena segura meu braço, me fazendo calar.

— Aparentemente, a mãe de Erick não gostou de mim. — Como quem age de forma indiferente, Atena levanta os ombros.

Vovó me lança uma olhadela.

— Não se preocupe, querida. — Enlaça o braço de Atena ao dela. — Regina é um pouco difícil de lidar, principalmente quando o assunto é seu filho querido. Mas isso passa.

— Dona Ane, se tem uma coisa que não estou é preocupada, porém a senhora me conhece. — Atena dá uma piscadinha para minha avó. — Não sou o tipo de pessoa que costuma levar desaforo para casa e posso ser um pouco difícil... quando eu quero. — A última parte da frase vem em um sussurro conspiratório.

— É por isso que gosto tanto de você, menina. Venha.

De braços dados, as duas entram na sala. Atena mal olha para mim, o que me deixa um tanto confuso e, confesso, bastante preocupado. Para tentar acalmar os ânimos, seguro sua mão. Ela abaixa os olhos para onde nossos corpos estão unidos e, logo após, me encara. Com discrição, aproximo-me mais dela.

— Eu também gosto muito de você — reafirmo o que disse dentro do carro.

No meio disso tudo, quem tem que gostar dela sou eu.

Seus intensos olhos estudam os meus por alguns segundos, antes de ela voltar a atenção para vovó.

Droga, não era para ser assim.

— Luci, querida, se lembra de Atena, filha do Sebastião? — Vovó envolve Atena em uma conversa com sua amiga, pelo que me sinto grato.

É a oportunidade que tenho de liberar nossas mãos, pois pretendo ir atrás da senhora minha mãe e deixar algumas coisas bem claras para ela. Ao virar de costas, dou de cara com meu pai.

— Filho? — Ele apoia a mão no meu ombro.

— Oi, pai.

— Sua mãe estava preocupada com você. Por que demorou tanto?

— Mamãe e eu já falamos — aviso. — Demorei, pois fui buscar Atena. — Levanto o queixo e aponto para ela, que conversa com as senhoras.

Minha Queen sorri de algo que vó Ane diz, e isso me faz sentir uma pontadinha no coração. Ela parece mais leve agora. Espero que vovó tenha conseguido deixá-la mais tranquila. Vou até ela e toco seu ombro, fazendo-a virar o rosto para mim.

— Com licença — ela pede às duas senhoras e se afasta.

Dando um curto passo, Atena para ao meu lado. A tensão domina seu corpo novamente.

— Pai, esta é Atena. Atena, meu pai, Magalhães. — Os dois se entreolham, e acho que Atena está à espera da mesma desaprovação que recebeu de minha mãe.

— Muito prazer em conhecê-la. — Papai estende a mão, que ela aceita no mesmo instante.

Só de olhar para ela já posso sentir seu nervosismo. Quero poder reassegurá-la que, de agora em diante, as coisas serão mais calmas. Em relação a meu pai, estou tranquilo. Sei que ele é totalmente diferente de dona Regina. Temos nossas desavenças no trabalho, entretanto, quando o assunto é pessoal, pensamos e agimos de forma parecida.

— O prazer é todo meu, senhor Magalhães. Muito obrigada por me receber em sua casa. — Ela sorri para ele e papai me olha, logo depois, volta-se para ela atentamente.

Sim, pai, foi com esse olhar que ela me conquistou.

— Fique à vontade, querida. — Ele a observa. — Você me recorda alguém, porém não consigo me lembrar de quem.

— Talvez o senhor já tenha ido à loja de flores da cidade.

— Ah, você é a dona da floricultura? — ele indaga, surpreso.

— Sim, sou eu.

— Achava que o dono era um senhor.

— É, sim. Sebastião — ela explica — é meu pai. — Atena olha para mim, levantando a mão e segurando a medalha entre os dedos.

O gesto não passa despercebido por mim, nem por meu pai.

— Aceita beber algo? — ofereço quando a governanta da casa se aproxima com uma bandeja cheia de bebidas. — Vinho, champanhe?

— Para mim, vinho — papai avisa.

— Vinho também, mas só se for o da casa. — Queen me lança um olhar atrevido.

Ah, eu amo isso nela.

Estendo uma taça para ela, outra para meu pai e me sirvo de uma também.

— Da melhor safra. — Com simpatia, papai dá uma piscadinha, elevando a taça em sua direção.

Atena repete o gesto e sorve um gole do líquido dos deuses. Torço em silêncio para que isso a ajude a relaxar um pouco.

— O senhor tem um sotaque diferente.

— Sou português. Nasci em Vila Real, que fica na Vinhateira do Alto Douro, uma região conhecida por produzir o vinho do Porto.

Neste momento, sou um apreciador. É reconfortante ver a interação dela com o meu pai.

— Já ouvi falar de vinho do Porto, mas acho que nunca provei — Atena fala, deixando-me encantado com sua simplicidade sincera.

— Pois faço questão de te apresentar. Tenho certeza de que vai aprovar. Mas só depois do jantar, porque vinho do porto é servido como um digestivo — ele explica

“Nem vem, pai. Depois do jantar, Atena só provará coisas na minha casa. Minha Queen e vinho do Porto juntos deve fazer uma combinação única de sabores”, penso, mas fico quieto. Apenas coloco a mão na base da coluna de Atena, louco para que este momento chegue logo.

— Você já esteve em Portugal, Atena? — papai indaga, enquanto faço carícias circulares com um dedo nas costas dela.

— Não, nunca saí daqui.

— Quem sabe um dia Erick a leve para conhecer nossas vinícolas na terrinha.

Levando a taça aos lábios ela sorve um longo gole e me olha por cima dos cílios.

Isso, Queen... Sinta meu toque. Sinta meu desespero. Sinta a minha saudade.

— Não entendo muito de vinho, mas este aqui é maravilhoso — Atena elogia e vejo que fugiu totalmente da sugestão de meu pai.

Obviamente que não vou deixar assim.

— Obrigado, é de uma boa safra — respondo. — E será um grande prazer levá-la a uma viagem à Europa.

Atena dá um breve sorriso para meu pai e volta a beber do vinho.

— Magalhães, meu filho, venha até aqui — vovó o chama.

— Com licença, vou ver o que ela quer. — Com um sorriso no rosto, papai se afasta.

É então que nossos olhares se encontram, me deixando com uma vontade louca de puxar Atena para um canto e beijá-la até ter certeza de que está tudo bem. Apesar de achar que não.

Estou prestes a levá-la para minha casa, quando a governanta avisa que o jantar está servido. Com tranquilidade, todos seguem em direção à porta que dá acesso à sala de jantar.

No meio do caminho, seguro em seu braço e Atena para de andar, encarando o meu rosto.

— Desculpe pelo que aconteceu com a minha mãe. Se quiser, posso levá-la embora — sussurro em seu ouvido.

— Não, faço questão de ficar. — Atena abre um meio sorriso e volta a andar.

Eu realmente gosto de ver seu atrevimento.

A tensão cresce quando Regina Magalhães, em toda sua pompa, entra na sala de jantar, lançando-me um olhar mortal ao tomar seu lugar no outro lado da mesa, ao lado de meu pai. Como sempre, ele está à cabeceira, com ela à sua direita. Posiciono-me à esquerda dele, com Atena ao meu lado. Vovó senta-se de frente para minha Queen e ao lado da amiga Luci.

— Você está bem, querida? — papai pergunta baixinho, mas não baixo o suficiente para que eu não ouça.

— Algo me desagradou. Conversamos depois. — O tom de minha mãe é pouco amigável.

Deixo de prestar atenção no que falam e reparo na mulher desconfortável ao meu lado. Atena tenta não demonstrar, mas sei que está se sentindo mal com o que aconteceu. Com delicadeza, pega a taça de água e bebe um golinho, enquanto mamãe a observa com uma expressão fechada.

— Atena, como está seu pai? — vovó pergunta.

Os olhos de mamãe perfuram os meus.

— Ele está bem. Adorou sua visita à floricultura no outro dia. Disse que a senhora tem de ir mais vezes lá. Como sabe, meu pai admira pessoas sem frescura, como a senhora. — Atena eleva o rosto e encara a minha mãe.

Por um segundo, fecho os olhos e respiro fundo. “Por Cristo, que não comece uma terceira guerra mundial nesta mesa”, suplico em silêncio.

— Pois diga a ele que, em breve, estarei de volta. E você virá comigo, Luci. — Vó Ane se empolga.

Luci, sem poder falar já que a boca está cheia, afirma com um gesto de cabeça.

— Sabe, Regina, Atena é uma filha maravilhosa. Precisa ver como cuida do pai. Até brinquei outro dia que ela vai ganhar o título de melhor filha do ano.

— Filhos devem fazer o melhor para seus pais. — Todos percebem o tom agressivo na voz de minha mãe.

Sei que a indireta, na verdade, foi uma direta para mim. Por um momento, dou graças aos céus que todos estão comendo e o silêncio impera. Porém a tensão é tanta que pode ser cortada com uma faca — e nem precisa ser afiada.

Querendo acabar logo com esse pesadelo, deito o talher ao lado do prato, sem nem mesmo ter terminado de comer. De canto de olho, percebo que Atena mal tocou na comida. Ela não é a única.

O resto do jantar é dominado por meu pai falando sobre as últimas notícias em Portugal. Agradeço por ter percebido o mal-estar instalado entre mamãe e Atena e conduzido o assunto na maior parte do tempo.

Logo que todos terminam, decido que não vou ficar sequer mais um segundo aqui.

— Pedimos licença. — Queen me encara. — Quero convidar Atena para conhecer a minha casa. — Fico de pé, estendendo a mão para ela.

Vejo minha mãe fechar a cara.

— Ah, você vai adorar o lar de Erick — vovó incentiva.

Sorrio para essa senhorinha que tanto amo, enquanto Atena solta o guardanapo sobre a mesa.

— Com licença. E, sra. Regina, obrigada pelo jantar. — Atena sorri, mas não é qualquer sorriso. É um carregado de cinismo. — Foi um grande prazer estar na sua companhia.

Cacete, ela tinha que usar de sua petulância logo agora?

— De nada. Sempre estamos dispostos a dar comida aos famintos desta cidade.

— Regina! — meu pai a repreende.

Minha mãe nada mais diz, apenas fuzila Atena com os olhos.



Em silêncio, tentando controlar a raiva dentro de mim, conduzo Atena para fora da sala. Assim que passamos pela porta lateral que dá acesso às escadas para o andar de cima, seus ombros cedem e seu copo relaxa um pouco.

— Para onde está me levando?

— Vou te apresentar à minha casa. Tenha cuidado com os degraus, não quero que se machuque. — Aponto para seus pés.

Ela sobe degrau por degrau. Vou atrás dela, admirando sua bela bunda.

— Achei que morasse com seus pais. — Ela para e olha para atrás. — Quero dizer, em um dos quartos da casa... você entendeu. — Volta a subir.

— Quando voltei para o Brasil, não estava disposto a abrir mão da minha privacidade. Por isso construí esse anexo — explico. — A princípio, quis morar em um apartamento na cidade, mas minha mãe achou melhor ficarmos todos juntos e nem se importou com o trabalho que a obra deu.

— Entendo.

Chegando ao hall, abro a porta e faço sinal para que entre. Assim que estamos a sós, puxo Atena para meus braços. Ela solta um gritinho de surpresa, que mal tem tempo de sair dos seus lábios já ocupados com meu beijo. É um pedido de desculpa velado em sua boca. Ela passa os braços ao meu redor, colocando a frustração que sentiu durante toda a noite no nosso beijo.

As mãos sobem para o meu cabelo e ela me aperta contra seu corpo, o que me faz vibrar por dentro ao senti-la se conectar completamente a mim.

— Venha. — Puxo-a pelo corredor. — Passei os dias querendo comer você e não vou deixar esta noite de merda atrapalhar meus planos.

Seus olhos se iluminam em expectativa.

Ao entrarmos no banheiro, Atena fixa os olhos na imensa parede de vidro, que dá vista para o vinhedo. Fiz questão de instalar um assim quando me mudei, e o melhor é que, do lado de fora, ninguém consegue ver o que acontece aqui dentro.

— Você ainda está tensa. — Segurando em seus ombros, levo-a para mais perto da parede de vidro. — Frustrada?

— Sim, não vou negar. Estou um pouco tensa com o que houve com sua mãe.

— Sem problema, adoro a mistura de sexo com frustração. — Dou um passo para trás. — Tire a roupa. — Com o indicador, aponto para seu corpo de cima a baixo.

Atena fixa aqueles olhos hipnotizantes nos meus, ficando assim por longos segundos. Penso que vai dizer não, mas, para a minha surpresa, começa a desabotoar a camisa. Botão por botão, sua pele lisa começa a aparecer, me deixando com vontade de provar cada centímetro.

Ela é maravilhosa, não me decepciona nunca.

O fato de ela ser assim, sempre tão entregue, desperta o lado dominador possessivo em mim — com cada vez mais intensidade.

Com os olhos presos aos dela, toco seu queixo com a ponta do dedo. Vou descendo o toque, traçando um caminho suave por sua pele,

até chegar ao o cós da calça. Sustentando o magnetismo e energia em nosso olhar, movo os dedos e libero o botão com uma lentidão exagerada. Depois, deslizo o zíper para baixo. Ainda sem parar de encará-la, ajoelho-me à sua frente. A expressão que faz é de surpresa, talvez pelo meu ato completamente inesperado.

— Erick?

— Shhh... Você não está autorizada a dizer nada.

Mantendo a expectativa, corro as mãos nas laterais de suas pernas, descendo até os pés. Seguro um e retiro a sandália, colocando-a de lado. Repito o gesto com o outro. Ela obedece aos meus comandos, parada onde ordenei que ficasse. Bem devagar, puxo a calça para baixo, trazendo a calcinha junto. Precisando ter contato visual com ela levanto um pouco a cabeça. Seu cabelo está caído ao redor do rosto, e os olhos brilham com a promessa do que estou prestes a fazer com ela.

Você é tão maravilhosa, Queen...

Com uma expressão impassível, traço os dedos por suas pernas, agora nuas, sentindo a pele macia e quente sob meu toque. Contorno cada curva, até estar com a mãos espalmadas em seu traseiro redondo.

Meu pau reage, pressionado contra o tecido da calça.

Quebrando nosso contato visual, admiro a linda boceta à minha frente. Cheirosa e completamente depilada. Aproximo o rosto e assopro, fazendo movimentos circulares com o ar. No mesmo instante, sua pele fica arrepiada e Atena remexe o quadril. Nossos olhos se encontram de novo — e o desejo está marcado nos dela. Não há medo nem receio. Apenas o tesão e a ansiedade pelo que nos espera.

Com malícia explícita, coloco a língua para fora e roço em sua carne macia. O contato a faz enrijecer o corpo, mas não dou importância. Exploro seus pequenos lábios com a ponta da língua. Inspirando profundamente, sinto seu doce cheiro. Atena apoia-se em meus ombros apertando os dedos com força contra a pele. Neste momento, não resisto, fecho os olhos e aprecio seu inigualável sabor: algo que semelhante a uma mistura de fruta ácida com o melhor doce do mundo se espalha na minha língua.

Ela inspira e geme, contraindo todo o corpo.

Desejo.

Luxúria.

É o mesmo que sinto agora.

Atena puxa o ar com força, o que me faz olhar para ela. Não quero perder nada do que está sentindo, nenhuma de suas reações. Apenas continuo rolando a língua em movimentos circulares enquanto a observo

tremer. Buscando equilíbrio, ela deixa meus ombros e espalma as mãos contra a parede de vidro atrás de si, balançando o quadril em sincronia com a minha língua.

Minha Queen está tão molhada que escorre pela parte interna de suas coxas.

Puxo seu quadril um pouco mais para frente, pressionando seu sexo contra a minha boca. Com cuidado extremo, escorrego o dedo do meio pela fenda da sua formidável bunda até a entrada da boceta. Sem pressa, empurro-o para dentro e começo uma lenta e doce tortura de ir e vir, enquanto minha língua trabalha agilmente, lambendo, chupando, sugando seu clitóris.

— Ah, por favor, por favor, não pare — suplica, ofegante.

Isso, assim que eu gosto de ver você, rainha das flores.

Ouvi-la implorar é música clássica para mim. Sussurrando o meu nome, ela leva as mãos ao meu cabelo e puxa minha cabeça para mais perto, rebolando o quadril. Meu pau protesta de novo, roçando contra os botões da calça, mas ele terá que esperar a vez. Sinto um aperto forte contra meu dedo e sei que é hora de parar, não quero que ela goze agora. Com intenção calculada para deixá-la no limite, chupo bem forte seu clitóris e retiro rapidamente o dedo de dentro dela. Atena arfa e geme alto. Então, volto a ficar de pé.

Ela me encara cheia de desejo. Não esconde nada, mostra-se linda, inteira e vulnerável para mim.

— O quão frustrada você está agora? — Com a cara mais safada que tenho, indago, desabotoando a camisa.

Atena inala profundamente, uma, duas, três vezes. Acredito que em busca do equilíbrio, porque não esconde a indignação por tê-la deixado no limite.

Ela não sabe, mas é assim que a quero: explodindo de desejo.

— O bastante — rosna baixinho, ainda encostada na parede.

— Vamos lá, Queen. Diga-me: quanto? — insisto.

— Depende de qual frustração está falando. A de mais cedo ou a de agora. Se estiver se referindo à última, diria cem por cento.

E sua petulância dá as caras.

Sou obrigado a prender os lábios, contendo a vontade de sorrir.

— Vire-se. — Giro o dedo indicador no ar. — Coloque as mãos no vidro e não se mova.

— Mas...

— Obedeça. — Vejo que fica um pouco contrariada, talvez com vontade de me desafiar, mas, como sempre, cede ao meu pedido.

Sorrindo, a deixo ali, nua e contra a parede de vidro.

Com toda a tranquilidade do mundo, volto para o quarto, tirando as roupas no caminho. Assim que me livro de cada peça, abro a gaveta do armário e pego uma camisinha. Levo o pacote à boca, mordo a lateral da embalagem e desenrolo o preservativo sobre meu pau, que lateja com meu próprio toque.

Caralho...

Nesse instante, tenho uma ideia. Abro outra gaveta e apanho uma caixa, de onde retiro um pequeno objeto. Retorno ao banheiro e fico satisfeito ao constatar que ela está do mesmo jeito que a deixei. Encosto-me no batente da porta e observo a bela Queen, embriagando-me com a visão dela ali, nua e pronta para ser minha. Aproximo-me e passo a língua do meio de suas costas até a nuca. Ela estremece, suspira e sua pele arrepia. Sem dizer nada, volto a me afastar.

Quero jogar sujo com ela hoje. Vou fazê-la viver uma cena e sei que vai gostar.

— Você sabe o que é isso? — Coloco o objeto diante dos seus olhos.

— Não.

— Isso, Queen, é um vibrador clitoriano — explico. — Vire-se para mim e abra as pernas — ordeno.

Calada, Atena apenas obedece. Com total cuidado, prendo o pequeno objeto em seu clitóris. Ela puxa o ar com força.

— Volte a ficar na posição que estava — exijo, e ela o faz. — Vou comer você agora. Quero que imagine que, lá embaixo, há uma plateia assistindo a você sendo minha. Pode fechar os olhos, pode gritar se quiser. Aqui, ninguém vai te ouvir. Você tem alguma coisa para perguntar? Pode dizer — falo baixinho em seu ouvido, tomando cuidado para não tocar em seu corpo.

— Não. — Sua resposta é um gemido.

Eu sei que Atena fica mais excitada quando dominada, quando dou ordens a ela.

Essa mulher é a perfeição.

— Precisa de uma palavra de segurança?

— Não — responde de imediato.

— Não serei cuidadoso. Aqui, eu mando e você obedece. Você vai se submeter para saciar os meus desejos enquanto faço de tudo para levá-la a alcançar os seus. E, como bem sabe, você tem o poder sobre tudo. Está ciente disso, certo?

— Sim, estou.

Sem aviso, aperto o botão do controle remoto e ligo o vibrador no nível um.

— Aaaah! — grita e dá um saltinho para trás ao sentir o objeto massagear seu clitóris.

Apenas sorrio.

— Tudo bem? — questiono, sabendo o poder que o brinquedo tem.

— Sim. — Atena arfa.

Assim que ouço a resposta, colo meu corpo nu ao dela, minha ereção tocando sua bunda. Fico assim por alguns segundos, deixo que sinta o calor dos nossos corpos misturando-se. Traço um caminho com a mão por suas costas, costelas, envolvo a mão em um seio e prendo o bico intumescido entre os dedos, apertando-o.

— Erick...

— Gosta disso? — Torço com um pouco mais de força.

Ela volta a gemer, jogando a cabeça para trás, e fecha os punhos contra o vidro.

É, tenho certeza de que gosta.

Atena se excita muito com a mistura dor e prazer — o que acho ótimo, porque me satisfaz muito ser quem a faz se sentir assim. Libero o seio e envolvo uma das mãos ao redor do seu cabelo. Com um puxão, trago sua cabeça para trás e deixo o pescoço exposto. Em seguida, levo o nariz ali e, respirando seu cheiro de fêmea excitada, chupo delicadamente a pele. Ela volta a gemer, agora mais alto. Aproveito e giro o botão, passando para o nível dois.

— Ah, Erick. — A súplica escapa de seus lábios, assim como seu traseiro rebola contra meu pau rijo.

Sem dó, cravo os dentes na carne macia do seu pescoço. Quero deixar minha marca ali. Na verdade, a vontade que sinto é de marcar seu corpo todo. Quero que Atena se olhe no espelho amanhã e saiba a quem pertence.

Com um movimento rápido, movo os joelhos, empurrando suas pernas para o lado, deixando-as bem abertas. Enrolo seu cabelo com uma mão, enquanto uso a outra para segurar sua cintura. Então, guio meu pau — que está duro como pedra — para dentro dela, ao mesmo tempo que avanço o botão para o nível três. Atena grita alto e meto tudo de uma vez. Segundos depois, ela começa a empurrar o corpo contra o meu, rebolando sem parar.

Não, não é assim que funciona. Minha Queen precisa saber quem está no comando.

Imediatamente, retiro-me todo de dentro, levanto a mão no ar e dou um tapa bem estalado em sua bunda.

— Ai! — ela grita, assustada.

— Quem manda aqui? — rosno perto do seu rosto.

— Você... Você!

Seguro firme em sua cintura e meto de novo, entrando e saindo num ritmo alucinante.

— Erick! Erick, eu...

— Não se atreva a gozar — sibilo em seu ouvido.

Ela solta um longe gemido. Largo o controle no chão e agarro suas mãos na parede, uma de cada lado da cabeça.

— Imagine, Queen, um monte de gente assistindo a você sendo minha agora — sussurro. — Feche os olhos e se coloque no clube, em cima do pequeno palco. Diante de você, vários pares de olhos admiram a cena que estamos dando. — Instigo sua imaginação.

Ela deixa escapar um murmúrio de aprovação.

Aperto os dedos contra os dela e sigo implacável em minhas investidas, tanto que seu corpo se choca contra a parede. Meu pau lateja forte, mas não quero gozar, não quero que acabe ainda.

Na verdade, gostaria de fazer o mundo parar exatamente agora.

Retiro-me de dentro dela e, com um movimento rápido, viro seu corpo de frente para mim. Nossos olhos se encontram e fico louco ao ver suas pupilas dilatadas, o rosto vermelho e suado. Cheio de tesão, beijo sua boca, mordo seus lábios e língua, num frenesi sem controle. Ainda com a boca na dela, passo as mãos ao redor de suas coxas e, com um impulso, levanto seu corpo. Na hora, Atena enrola as pernas ao meu redor. Dou um passo à frente colo suas costas à parede.

Ofego, e ela também, quando nos encaixamos. Meu pau deslizando para dentro de sua boceta quente e apertada. A porra do paraíso. Inquieta, ela arqueia as costas, facilitando os movimentos. Eu a tomo com paixão desenfreada e fome insaciável.

Atena me enlouquece. Posso dizer, sem qualquer dúvida, que jamais senti essa mistura insana de desejo e prazer com outra mulher — e já estive com muitas para comparar.

Empurro os quadris, preenchendo-a por completo.

Gememos.

Sussurramos.

Arfamos.

Ao mesmo tempo, dentro da boca um do outro, porque não consigo parar de beijá-la. Com nossos corpos cobertos por uma fina camada de suor, entramos numa perfeita dança sincronizada.

— Cacete... Você é muito gostosa — declaro, mordiscando seu queixo e lábios.

Enfraqueço quando sinto o aperto dos seus músculos internos contra o meu pau. Ondulações atrás de ondulações.

— Não goze — exclamo entre nossas bocas.

Vou mais fundo, mais forte, mais rápido.

— Ah, não aguento mais, por favor, por favor... — choraminga fechando os olhos.

— Olhe para mim — exijo.

Mansamente, ela obedece, sustendo nosso olhar em silêncio.

— Sou sua. Sua... — sussurra, encarando-me. — Sua — repete.

Meu coração dispara e quase gozo ao ouvir suas palavras ditas livremente. Não resisto mais. Desço a boca e lambo, mordisco, chupo, passo os dentes nos seios. Ela abaixa o rosto e um sorriso doce aponta em seus lábios Inferno!

Meu mundo explode em cores de arco-íris dentro daqueles olhos. Ela sabe que estou prestes a me render, sabe que, neste momento, ela é minha, assim como sou dela. As ondulações vêm mais fortes agora.

— Goza comigo — ordeno.

Atena envolve as mãos ao redor do meu rosto e me oferece seus lábios. Beija-me demorado e sufocante, com tesão, mas com calma. Depois de longos segundos, deixa minha boca e joga a cabeça para trás. No instante que sinto um líquido quente vir dela, aperto os braços à sua volta e impulsiono seu corpo para cima e para baixo, com estocadas ritmadas.

Ofego... Ela geme...

Rangendo os dentes, gozo junto com minha Queen.

Amparada pelos meus braços, Atena leva a mão entre nossos corpos e retira o vibrador. Ainda dentro dela, escorrego para o chão, mantendo-a segura em meu colo. Ela enfia o rosto no meu pescoço e inala com força, ofegante.

Ficamos em silêncio, sua cabeça apoiada em meu ombro, e esperamos nossas respirações voltarem ao ritmo normal.

— Amo o seu cheiro depois do sexo — resmunga entre uma respiração e outra, me fazendo sorrir.

— E a frustração? — indago em tom de brincando.

— Não sei do que está falando. — Mesmo que eu não esteja vendo, posso sentir seu sorriso.

Com Atena assim, aninhada em meus braços, me dou conta de que estou maleável a ela — e isso não é comum de acontecer comigo.



CAPÍTULO 30

Aena

Jogados em sua imensa cama de casal, ainda tento me recuperar do sexo maravilhoso que Erick me proporcionou. Ele está na vertical, enquanto eu estou na horizontal, com a cabeça apoiada em suas pernas. Erick acaricia meu cabelo num cafuné gostoso, que me deixa ainda mais sonolenta. Já tem tempo que estamos assim e, se eu tiver que ser sincera, acho que nunca mais quero sair daqui.

Depois de tomarmos um banho, conversamos um monte de coisas triviais, como músicas, comida, lugares, enquanto me levava para um tour em sua bela casa. Na verdade, acho que é um loft, com a sala e a cozinha integradas no mesmo espaço. Creio que vou me sentir como uma sardinha enlatada quando entrar no meu apartamento e perceber que, na cozinha, só cabe uma pessoa por vez.

Dou uma olhadela para ele, que está com os olhos fechados, mas sem parar de acariciar a minha cabeça. Tão lindo...

Durante nossa conversa, evitei o assunto sobre a “diaba que veste grife”, vulgo sua mãe, e o que aconteceu. Quando subimos para sua casa, pensei no que — e se — diria sobre aquela senhora completamente desagradável. O problema é que não quero causar atrito entre Erick e sua mãe.

Vim para esse jantar desejando que tudo corresse bem, mas lá no fundo, bem no fundo do coração, minha intuição dizia que algo estava prestes a dar errado.

Como sempre, ela não falhou.

Penso que nem Erick imaginou que poderia ser assim. Nunca precisei de tanto autocontrole na vida. Apesar de preconceituosa, prepotente e arrogante, Regina Magalhães ainda é a mãe dele, e eu não podia simplesmente rasgar o verbo e soltar todas as verdades que estavam engasgadas na minha garganta. Nada teria tornado a situação mais fácil. Então, fiquei quieta por Erick, por seu pai, que foi muito gentil comigo, e por dona Ane. Pessoas maravilhosas, menos aquela mulher intragável.

Divago em mil pensamentos enquanto sinto o suave vaivém dos seus dedos nos fios do meu cabelo. Brinco com os dedos da sua outra mão, entrelaçada à minha.

Erick parece conhecer as minhas necessidades mais do que eu, e o mais estranho é que são aquelas escondidas, as mais íntimas. Sei que é importante conversar, discutir sobre o problema ou a situação que levou à mágoa ou à frustração. Mas, para mim, primeiro preciso me livrar da tensão antes de conseguir conversar. Posso estar fazendo uma leitura errada, no entanto, acho que Erick também é assim. Vi em seus olhos o quanto queria se conectar comigo o mais profundamente possível.

Ele enxerga mais do que mostro e, confesso, é assustador e excitante ao mesmo tempo. Gosto dessa mistura de desejo e medo — não um assustador ou angustiante — que ele me proporciona, apesar de não ser comum ter alguém que saiba exatamente como agir e reagir com a gente. Quando seus olhos castanhos me olham, é como se Erick me despisse a alma inteira.

Amo a interação que temos, e o único instinto que prevalece em mim é o de obediência. Sinto um prazer enorme em cumprir com o que me pede enquanto me possui. Isso me faz chegar a outro patamar de atração. É como se eu entrasse em um mundo paralelo, onde tempo e espaço não significam nada. O importante é o momento que vivemos e o prazer que estamos proporcionando um ao outro — que me satisfaz por inteiro. Com ele, consigo me entregar sem ressalvas, ser quem sou, liberto o desejo sem questionamentos ou receios. Pela primeira vez, consigo vivenciar o prazer na sua totalidade.

— Atena... ei?

Volto dos devaneios e viro o rosto para ele.

Vou confessar que amo quando me chama pelo meu nome. Ele faz cada letra soar de forma quente e fria, ao mesmo tempo que parece ser um pedido e uma ordem.

— Diga.

— O quão aberta é a sua mente? — Intrigada com a pergunta, puxo as pernas e sento no colchão, o que faz meus cabelos caírem sobre os ombros, cobrindo a nudez dos meus seios.

— Bastante, eu acho. Por quê? — Ele dá um sorriso de lado, tendo a certeza de que despertou a minha curiosidade.

Por longos segundos, apenas me olha, e daquela maneira intensa.

— Você iria comigo ao clube?

— Claro. — Nem penso antes de responder. — Adoraria voltar lá. — Estendo a mão e acaricio seu cabelo.

— Quero que viva uma cena comigo. — Seus olhos não se afastam do meu rosto, o que me faz sentir um friozinho gostoso na barriga. — É desta forma que estou falando — esclarece.

Mordo o lábio, fingindo pensar. Finjo, porque imaginei mesmo que o convite era nesse sentido. Mesmo assim, resolvo buscar mais informações.

— Qual cena?

— Sim ou não? — Ele estuda cada reação minha.

— Sim, o que você quiser. Porém... — Deixo a frase no ar.

Seguro sua mão e a levo até meu pescoço. Depois, vou descendo, fazendo-o tocar minha pele, passando pelos seios...

— Porém? — questiona com uma sobrancelha erguida.

Quando levo sua mão até as costelas e desço um pouco mais, soltando-as na junção das minhas pernas, seus olhos escurecem como o chegar de uma tempestade ao entardecer de um dia claro.

— Que você seja o único a me tocar — termino a frase observando-o atentamente.

— Quanto a isso... — ele agarra a minha cintura e gira, ficando sobre meu corpo. Solto um gritinho e seguro firme em seus braços — ... nunca vou deixar ninguém tocar em você.

Assim que a última palavra sai de sua boca, Erick está beijando minhas pálpebras, depois o nariz, e logo seus lábios se unem aos meus, as mãos passeando pelos meus seios. Intuitivamente, aperto os dedos contra os músculos dos seus braços e envolvo as pernas ao seu redor, sentindo seu corpo forte sobre o meu. Mais uma vez, entrego-me de corpo e alma a ele.



Acordo em um sobressalto e completamente desorientada. Levo

alguns segundos para tomar consciência de que não estou no meu quarto, e sim no de Erick. Julgando pela escuridão do lado de fora, ainda é madrugada. A primeira coisa que percebo é que estou sozinha na imensa cama. Como tudo é aberto, não demoro para ver sua silhueta atrás da bancada da cozinha. Evitando fazer barulho, deixo a cama e, com toda elegância que meu corpo recém-acordado possui — ou seja, nenhuma —, ando até ele.

— Que horas são? — Erick vira ao me ouvir

— Duas da manhã. Está com fome?

Puxo um banco alto e sento, debruçando-me sobre a pedra fria do balcão. Ele vem até mim e me puxa para um beijo. Penso que não seria nada ruim viver isso todos os dias.

— Um pouco — confesso assim que ele se afasta.

— Deve estar mesmo. Você não comeu nada durante o jantar. — Ele se volta para o fogão. — Estou preparando algo para nós.

— Você cozinha? — Ele vira apenas o rosto e seu olhar me diz que ficou indignado com a pergunta.

— Claro que sim!

— Quero só ver — provoco, soltando uma risadinha. — O que vai sair daí?

— Omelete. Gosta?

— Gosto de tudo. Quer ajuda?

— Não. — Erick me dá uma boa olhada por cima do ombro. — Pode ficar sentadinha aí. Depois você vai sair dizendo que só ficou bom porque ajudou a fazer.

— Ah, você está ficando muito esperto — zombo dele.

Enquanto prepara a comida, salto do banco e começo a analisar tudo na sala. A casa é toda em conceito aberto, e os ambientes se integram. Como não tenho um pinga de vergonha nessa carinha linda que Deus me deu, resolvo bisbilhotar suas coisas. Paro diante de uma estante cheia de objetos. Livros, discos, fotos, coleções de carrinhos de corrida, bonecos.

— Não sabia que curtia vinil. — Admiro a coleção à minha frente.

— Por anos fiz coleções. Hoje, quase não tenho tempo de garimpar na internet. Esse último — segurando um batedor de ovos, aponta para a fila de discos na estante —, arrematei em um leilão.

Pego o disco ao qual se refere, é de Aretha Franklin, *I Never Loved a Man The Way I Love You*. Viro a capa e leio os títulos das músicas.

— Esse disco é o meu preferido de toda a coleção. Foi lançado em 1967 — ele diz. Levanto os olhos e vejo que ainda está de costas, mexendo freneticamente algo. — A música *Don't Let Me Lose This Dream*, para mim, é a melhor. Coloque para tocar e tire suas próprias conclusões.

Cheia de curiosidade, faço como pede. Abro a tampa transparente da vitrola ultramoderna e acoplo o disco no lugar.

Logo, o som de uma voz limpa, cortante e forte soa no ambiente. Fecho os olhos e deixo a canção, que fala algo sobre perder um sonho, preencher meus sentidos. Fico assim por instantes, apenas absorvendo o que ela tem a me oferecer. Ao seu término, decido brincar um pouquinho.

— Achei que só ouvisse fado². — Dou a ele meu olhar mais provocador.

A gargalhada que Erick solta é sonora e faz seu corpo inteiro se mexer. Sinto meu coração se aquecer com a visão, sabendo que fui eu a causadora dessa felicidade, mesmo que momentânea.

— Gosto também, sou um apreciador de música. *Opa!*

Apressado, retira a frigideira da chama.

— Ei, não quero comida queimada — provoco de novo.

— Ha-ha — ele imita uma risada, desta vez sem qualquer humor.

Sorrio com nossa interação. Tudo está tão leve, tão tranquilo... De certa forma, parece que somos um casal. Suspirando — e tentando não me arremessar em seus braços e declarar amor eterno, recebendo, assim, o título de “a emocionada do ano” —, resolvo bisbilhotar mais um pouquinho. Paro diante de um porta-retratos: a foto é de Erick com seus pais. Pego-o na mão e observo os detalhes. Eles estão diante de um vasto parreiral e o sol de fim de tarde se estende sobre eles.

— Bonita fotografia.

— Foi tirada pouco tempo antes de eles voltarem ao Brasil — ele explica, colocando os pratos sobre a bancada.

Volto o olhar para a foto, na verdade, para a mãe dele. Seu cabelo está preso em um coque baixo e usa óculos de sol com aro arredondado. Ela sorri, abraçada ao filho. Olhando para ela, tenho a mesma sensação que tive quando cheguei à sua casa: ela me lembra alguém.

É então que me vem à mente o dia que cheguei mais cedo da faculdade e encontrei uma senhora conversando com meu pai. Não posso afirmar, mas tenho quase certeza de que era essa senhora da foto, ou seja, a mãe de Erick.

“Pense um pouco, Atena”, digo a mim mesma. Acho que não deve ser, devo estar enganada. Mas as roupas claras, o cabelo preso em um coque, a postura...

— Está apaixonada por mim, pode confessar. — A voz de Erick me arranca dos pensamentos.

Fico parada com o porta-retratos em mãos, sem saber muito bem o que falar quando me viro para ele e vejo que está me encarando.

2 Fado é um estilo de música típica de Portugal.

“Sim, estou”, respondo mentalmente.

— Na verdade, estava analisando os seus defeitos. — Pisco para ele, dando uma risada.

Não serei a primeira a confessar meus sentimentos, ainda me sinto insegura quanto ao que estamos tendo. Até agora, ele vem me mostrando que está interessado em mim. Mas daí a estar apaixonado também? Não é a mesma coisa. Posso esperar mais um pouquinho.

— Já disseram que você é a petulância em pessoa? — Os cantos de sua boca curvam-se, ameaçando um sorriso.

— Nunquinha! — Faço cara de inocente.

Devolvo a fotografia ao lugar e volto para a bancada, mas não consigo deixar de me sentir inquieta. Sento no banco e começo cutucar as unhas.

— Você está bem?

Levanto a cabeça, apenas para ver que Erick está me encarando. Claro que percebeu a mudança no meu estado de espírito. Com seus olhos castanhos sobre mim, ele nos serve a omelete e um pouco de suco de laranja.

— Sim, tudo bem. — Dou uma garfada e fico admirada: ele sabe mesmo cozinhar. — Nossa, isso está uma delícia.

— Fico feliz que gostou. — Erick senta à minha frente e começa a comer.

Enfio outro pedaço na boca, dando-me conta de que estava morrendo de fome.

— Vai dizer o que está te incomodando?

— Não tem nada me incomodando — respondo de imediato, encarando meu prato.

Não acho que seja a hora certa de conversar sobre a mãe dele.

— Atena. — O modo como me chama é mais forte do que a minha resistência. Ergo o olhar. — Algo perturbou você. Sua expressão mudou, seu corpo ficou tenso. Vamos, diga o que é.

Por que ele tem que me ler tão bem?

— Ok. É sobre a sua mãe.

— Imaginei que seria sobre ela.

— Você sabe se, alguma vez, ela esteve na floricultura ou se conhece meu pai?

— Talvez tenha ido. Por quê? — Ele empurra o prato de lado ao terminar de comer.

— É que, ao ver a fotografia, fiquei com a impressão de já ter visto uma pessoa parecida com ela na loja, mas posso estar enganada.

— Sua loja é única na cidade, então é possível que sim. Aproveitando

que tocou nesse assunto. — Ele vira o banco de lado, ficando de frente para mim.

— Não quero falar sobre o que aconteceu no jantar — adianto-me. Erick me observa em silêncio.

— Eu preciso me desculpar. Não sabia...

— Não, você não tem que se desculpar — interrompo-o. — Ela é sua mãe.

Ele segura minha mão e beija cada dedo.

— Estou gostado de você, Atena. Não quero e não vou deixar que minha mãe seja um empecilho.

Eu o encaro e... grande erro. Meu coração tamborila desgovernado. Olhos muitos escuros me encaram de volta, como se exigissem uma resposta minha. E ali, pela primeira vez, vejo algo além do homem dominante de sempre. Vejo também uma certa vulnerabilidade.

— Também estou gostando de você — solto a pior mentira de todas.

Porque não estou gostando dele. Estou, a cada dia que passa, mais apaixonada por esse homem. Não só por tudo o que ele é, mas por ele ter sido o único a conseguir libertar o meu eu verdadeiro.

Erick vira meu pulso para cima e planta um beijo molhado ali. Respiro fundo, sentindo a temperatura do meu corpo subir. Analisando friamente, tenho que agradecer à diaba, afinal, fez o filho abrir o coração com sua atitude arrogante.

— Por que você nunca fala da sua mãe?

Na mesma hora, o calor evapora e um frio percorre o meu corpo. Levanto e começo a juntar os pratos e copos, levando-os para a pia.

— Não há nada a dizer. Já contei que ela nos abandonou.

— Você não gosta de falar sobre isso, não é? — Balanço a cabeça, afirmando. — Tudo bem, não precisamos falar disso.

Erick para à minha frente, passa os braços por cima dos meus ombros e olha dentro dos meus olhos.

— Eu preciso ir embora — digo fugindo do assunto, e dele também.

— Não quer ficar? — Ele dá um passo à frente, leva a cabeça até meu pescoço e mordisca minha orelha. Na hora, meu corpo todo se arrepia.

— Adoraria, mas não posso. — Então, ele se afasta.

— Preciso pegar a chave do carro que ficou na casa dos meus pais.

— Espero aqui, vou terminar de me arrumar.

Ele envolve minha cintura e me puxa de uma vez contra seu corpo, dando-me um beijo demorado. Logo depois, veste suas roupas e sai.

Vou até o banheiro e dou uma conferida em como estou. Olho-me

no espelho e vejo uma mulher diferente refletida ali, com os olhos brilhando e um sorriso bobo estampado. Sei que isso é efeito de me sentir viva. Acredito que seja esta sensação de paixão que faz isso com a gente. Essa intensa atração sexual, a vontade de ficar mais perto, essa coisa que deixa a gente meio boba...

Por outro lado, Erick deixou claro que não está brincando. Mesmo assim, preciso ir com calma, muita calma. Essa intensidade toda, ao mesmo tempo que me deixa eufórica, também me causa um pouco de medo. Por isso, decido não passar a noite aqui. É contraditório fugir enquanto se quer estar junto. Mas nunca me apaixonei por alguém antes, e sinto que é exatamente isso o que está acontecendo agora.



CAPÍTULO 31

Erick

A primeira coisa que faço quando saio da cama é descer para ter uma boa conversa com minha mãe. Sei que não vai adiantar muito, sei do seu posicionamento, mas ela vai ter que me ouvir. As coisas que disse ontem à Atena passaram dos limites.

Dou sorte quanto atravesso a porta da cozinha e a vejo sentada, tomando café com o iPad na mão.

— Bom dia. — Meu tom é seco.

— Bom dia, filho, você me assustou. — Imediatamente, ela coloca o dispositivo de lado.

— Não foi intencional. E o pai?

— Saiu para jogar golfe.

— Ainda tem café? — Aponto para o bule em cima da mesa.

— Sim. — Regina se levanta. — Deixa que eu sirvo para você.

Ela vai até o armário e retira de lá um conjunto de xícara e pires. Pego um pedaço de pão, passo manteiga e o jogo na boca. Logo ela volta para a mesa e enche o recipiente com café.

— Aqui. Coma direito, menino, você mal se alimentou ontem à noite que eu vi. — Levo uma bronca.

Aproveito que mencionou a noite passada e decido entrar logo no assunto que me trouxe até aqui.

— Falando no jantar, o que foi que aconteceu? — Ela me olha com

cara de inocente, — Estou falando de Atena, mãe, e de como a senhora a tratou mal.

— Essa garota não é mulher para você. Gostaria que ficasse longe dela. — Seu tom é enfático.

Termino de engolir outro pedaço de pão e, depois, respiro fundo algumas vezes.

— Não sou mais uma criança para a senhora decidir com quem devo andar. Estou bem grandinho.

Ela bufa.

— Não importa quantos anos você tem, sempre vou saber o que é melhor para você. Até porque, homens pensam com outra parte do corpo em vez de usar a cabeça, por isso não conseguem distinguir A de B.

Seu comentário me deixa com vontade de revirar os olhos. Se ela soubesse o tipo de homem que seu filhinho é, não diria essas coisas com tanta leviandade.

— A senhora sabe o quanto a respeito, mas não vou permitir que se intrometa desta forma na minha vida. Gosto de Atena, a senhora achando isso bom ou não.

Minha mãe estreita os olhos para mim, do mesmo jeito que fazia quando eu tinha dez anos e estava prestes a ficar de castigo. Só que isso não funciona mais.

— Você não sabe o que está dizendo.

— Por que essa implicância com ela? Sei que gostaria que eu me envolvesse com uma Duquesa de Bragança ou sei lá... — Jogo as mãos para o alto, cansado de sempre ter a mesma conversa e nunca chegar a lugar algum. — Só que isso não vai acontecer, mãe. Desista.

— Quando você vai aprender a ver as pessoas como elas são? Será que não percebe que essa garota não vale nada? Erick, ela só está querendo o seu dinheiro.

Solto a xícara ainda cheia e me levanto.

— Sei cuidar da minha vida. Não se meta. — Aponto o dedo em sua direção.

Arrasto a cadeira e saio da cozinha, não dando a chance de ela dizer mais nada. Até porque, sei tudo o que vai falar.



— Ah, finalmente consegui trazer você ao clube. — Yosef aumenta a voz acima da música barulhenta assim que me vê chegando. — Agora que está amarrado — provoca, estendendo o copo de uísque em minha direção —, está difícil de te encontrar aqui no clube. Tirando a sua relação com a Roberta, que era submissa, acho que nunca vi você com uma namorada.

— Não estou amarrado. — Reviro os olhos, tomando o lugar ao seu lado. Apoio um cotovelo sobre o balcão e bebo um gole da bebida. — Quem se amarrou foi você.

— Não vou mentir, Joice me tem nas mãos. Morra de inveja, ela é uma submissa nata. — Ele estufa o peito cheio de orgulho. — E tem se mostrado cada vez mais perfeita para mim.

Não posso negar que meu amigo tem estado mais feliz desde que começou seu relacionamento com ela. Inclusive, da última vez que vim no clube e trouxe Atena comigo, não pude deixar de notar que os dois estavam encenando. Joice desperta um lado diferente nele, tanto que eles estavam naquela cena pública — algo bem raro para o meu amigo, que sempre preferiu algo particular. Conheço Yosef Alid há anos, já que nossos pais são grandes amigos e sempre passamos as férias juntos, e nunca o tinha visto tão tranquilo. Assim como eu, ele também foi criado para assumir os negócios da família — no caso dele, um império imobiliário, herdado de seu avô libanês.

— E você? — ele pergunta, me tirando dos pensamentos. — Esses dias vi que estava com uma mulher aqui. Foi ela que passou as algemas em você? — Sua voz se mistura aos ruídos das conversas dispersas em volta do bar e do grande salão do clube.

— Larga de ser metido, Yosef. — Ele ri do meu comentário, jogando a cabeça para trás. — Sim, a trouxe aqui pois precisava saber como reagiria. E, se quer saber, vou trazê-la novamente ao clube. Não sei se para jogar, ando meio possessivo, mas veremos.

— Ela é uma sub?

— Acho que não.

— E topou participar de um jogo contigo? — Yosef franze o cenho.

— Ela gosta de jogar — levo o dedo dentro do copo e rodo o gelo —, mas apenas no sexo. Entre quatro paredes ou vivendo uma cena, ela se submete. Se entrega tão docemente... Só que fora do quarto, aquela mulher é imprevisível. — Bebo outro gole. — Estou indo com cuidado, dominando aos poucos. Uma investida aqui, outra ali. Não quero que fuja. Ela é especial.

— Bom, gostar de jogar no sexo é, digamos, oitenta por cento do

caminho andado — ele diz e acabo concordando. — Agora, me diga: o que ela tem de tão diferente assim?

Levo o copo aos lábios e, tomando todo o seu conteúdo de uma vez, penso como seria bom ter Queen e sua petulância sob meu domínio vinte quatro horas por dia, sete dias da semana.

“Talvez em seus sonhos Erick”, uma vozinha cochicha em minha mente.

— Ela é doce, petulante e me desafia de um jeito... Ao mesmo tempo, quando olho para ela parece, que tudo fica em paz. — É a melhor forma que consigo resumir.

Mesmo que seja muito mais do que isso. Atena traz à tona diversos sentimentos que ainda não sou capaz de explicar. A necessidade que tenho de estar perto dela chega a beirar a dependência, e preciso me controlar o tempo todo para não colocar uma coleira nela e deixá-la presa ao meu lado, só para que eu possa beijá-la a qualquer segundo da porra do dia. Sentir seu gosto. Seu cheiro. Penetrar seu corpo.

Estou viciado e parei de sequer tentar disfarçar.

— Essa sua cara diz tudo, meu amigo. Você está ferrado! — Debochando, toca o copo dele no meu e sorve todo o conteúdo. — Quando pretende trazê-la aqui? Não quero perder isso.

— Em breve. Vou precisar ficar fora nos próximos dias. Tenho que fazer uma visita às vinícolas no Sul. Estou tentando mostrar o lado moderno de uma empresa para o meu pai, que acha que ainda vive no século passado. — Yosef ri. — Com muito custo, consegui apresentar em números como vale a pena investir em mudanças.

— Tenho certeza de que vai convencê-lo.

— E você?

— Tenho feito progresso, meu pai não é tão tradicional quanto o seu. Temos nossos confrontos, mas tudo de forma saudável.

De repente, ouvimos o som de um chicote e outro de mão batendo na carne. Um rosnado prazeroso ecoa pelo salão. Nós dois nos posicionamos de frente para o palco e assistimos ao espetáculo. Uma dominatrix está açoitando seu submisso na cruz de St. Andrew.

— Lana, está destruindo Mário hoje — Yosef comenta ao meu lado.

Morena, de cabelos curtos e cacheados, ela tem um corpo esculpido, que fica em evidência pelo macacão preto de látex. Ela é empresária do ramo de sapatos, muito bem-sucedida, tem várias lojas pelo Brasil e há anos joga aqui no clube. Sem pena nenhuma, desce o chicote no traseiro de seu submisso.

— Ele aguenta. Lana fez um bom trabalho, nunca vi ninguém gostar tanto de se submeter como ele.

— É uma dominadora nata, que adora satisfazer seu sub. Assim como nós, sente prazer em cuidar, guiar, proteger e dominar seu escravo. Ela sabe jogar muito bem — Yosef explica babando na bela morena.

— Acho que Lana tem um admirador... Quer que eu peça a ela para amarrar você na cruz? — Dou uma risada alta.

— Não me importaria, se não gostasse de agir do mesmo jeito que ela.

Isso é verdade. Yosef é um dominador, jamais se colocaria na posição de submisso. E não por orgulho, mas sim porque é de sua natureza dominar. Nesse jogo, aprendemos logo cedo que não podemos ir contra a nossa natureza.

— Nunca se sabe — provoco mesmo assim, por pura implicância.

— Vai se foder, Erick.

Sem desviar os olhos dos dele, Lana corre os dedos pelos cabelos de Mário antes de tomar seus lábios em um beijo exigente. Em seguida, desce a mão até suas bolas, envolvendo os dedos ao redor da eminente ereção. Ela o massageia antes de apertá-lo a ponto de fazer seu escravo gemer.

— Mostre como você sente prazer com sua dona.

Ela volta a apertar, massageando a ereção do homem que geme e se contorce até gozar.

Lana rapidamente o libera da Cruz, e Mário cai de joelhos. Ela senta ao lado dele, colocando a cabeça do homem em seu colo com cuidado, acariciando o cabelo. Então, sussurra algo que não ouvimos, mas sabemos que são palavras de carinho e de como ele foi um bom sub ao obedecer sua dominadora

Yosef e eu voltamos a virar para o balcão.

— Você deveria escolher alguém livre essa noite e jogar um pouco. — Meu amigo me olha de lado.

— Hoje não.

O corpo de Atena dança em minha mente.

Quero jogar, sim, mas não tem ninguém por quem me interesse neste lugar. A mulher que vem me satisfazendo em todos os sentidos não está aqui.



CAPÍTULO 32

Aena

O movimento está corrido hoje. É o primeiro dia de novembro e muitos fregueses fizeram pedidos para o Dia de Finados. Abro a planilha e começo a verificar todas as encomendas de amanhã. Meu pai saiu, mas estou esperando que ele chegue para me ajudar a separar as flores, verificar quais temos que entregar e quais são clientes que virão buscar. Ele não disse aonde iria, apenas saiu, e como está demorando, começo a ficar preocupada.

Quando digito o nome da avó de Erick, paro o que faço e olho para o telefone ao meu lado. Penso se ligo ou não para ele. Não tenho por que não ligar... Depois da noite em sua casa, temos nos falado e mandado mensagens quase todos os dias. Só não nos encontramos, porque ele está trabalhando muito.

Mas a saudade que sinto está começando a me consumir. Então, decido ligar. Pego o telefone e digito o primeiro número, porém desligo ao ouvir a sineta da porta soar. Rapidamente levanto o rosto, achando que possa ser meu pai, mas levo um susto ao dar de cara com a mãe de Erick.

— A senhora? — Não posso acreditar que Regina Magalhães está aqui. — Procurando algo?

— Surpresa, garota? — Ela não faz questão alguma de esconder o desdém em sua voz.

— Senhora — uso do mesmo tom de desdém —, não vou admitir que me insulte na minha própria loja. Se veio para isso, dê meia volta e saia.

— Mal conversamos e você já coloca suas garrinhas de fora. Não aprendeu a ter educação?

— E a senhora deveria ter aulas de boas maneiras. Sabia que o padre da catedral dá aulas de comportamento para menores infratores? — Ela segue olhando, concentrada, para um vaso de violetas. — Talvez fizesse bem para a senhora participar de algumas. — Regina me encara e endureço minha expressão. Afinal, não tenho medo dela.

— Meu filho já se divertiu com você. — Ela ignora o que acabei de dizer. — É para isso que você serve, menina. Di-ver-são. — As últimas palavras são pontuadas.

— Ah, sim, sei disso. Nós adoramos esse tipo de di-ver-são — imito-a. — Se é que a senhora me entende. — Com total descaramento, passo o dedo polegar pelo canto dos lábios. — Por isso nos damos muito bem. — Com deboche exagerado, pisco para ela.

— Não pense que você será mais do que isso, garota atrevida. Vou te dar um conselho. — A dona da arrogância caminha dois passos, parando bem em frente ao balcão. Ela se curva na minha direção e seu rosto quase cola ao meu. — Para o seu bem, e do seu pai também... como é mesmo o nome dele?

— Sebastião — digo, mesmo sabendo que ela tem conhecimento do fato.

— Isso mesmo. Afaste-se do meu filho. — Com toda elegância e pouca educação, Regina se vira e começa a ir embora.

Ela me ameaçou? Foi isso mesmo o que acabou de acontecer? Ah, mas é muito abuso.

— Ei, você — chamo. Na mesma hora, ela se volta para mim.

Minha cota de paciência e educação chegou ao fim. A partir de agora, irei tratá-la com a mesma “gentileza” que tem usado comigo desde que pisei em sua casa.

— Não tenho medo de você e, agora, está na minha hora de oferecer um conselho. — Ela levanta uma sobrancelha. Noto que é o mesmo gesto facial de Erick. — Não se ache tão superior. Lembre-se de que o Titanic também era tido como o melhor navio do mundo e, mesmo assim, afundou. — Abro um sorriso.

A diaba me lança um olhar mortal.

Sem dizer nada, vai embora, batendo a porta atrás de si. Solto o ar com força pela boca, constatando que vacas não existem só em fazendas. Essa, por exemplo, mora em um palácio.

Volto indignada para detrás do balcão. Como aquela mulher é as-

querosa! Ainda com suas palavras ecoando na mente, digito a senha do computador e volto para a planilha de clientes.

Nas próximas horas, nem tenho tempo de pensar no que aconteceu, porque a correria é enorme. Clientes entram e saem o tempo todos, querendo encomendas para o Dia de Finados. Enquanto isso, pergunto-me por onde será que meu pai anda.

Horas depois, ouço o barulho da caminhonete, seguido do ranger do portão dos fundos. Meu velho finalmente dá o ar da graça.

— Oi, pai. Onde o senhor estava? — Levanto uma sobrancelha e o observo. Ele parece preocupado.

— Fui levar as flores à igreja e depois fui à cidade resolver algumas coisas.

Ele não me olha diretamente e, de repente, sinto um mal-estar se instalando. Não sei se é reflexo do meu estado por ter recebido a visita da diaba ou então o fato de meu pai não estar falando direito comigo. Desde que voltei do jantar na casa da família de Erick, papai tem estado mais estranho. No dia seguinte, ele me perguntou se estávamos namorando. Ao mesmo tempo que não confirmei — porque Erick e eu ainda não chegamos a rotular nosso relacionamento —, também não neguei. Só disse que estávamos saindo com cada vez mais frequência. Não sei se é isso o que tem deixado papai mais distante. Será que é ciúme ou tem algo mais acontecendo?

Endireito as costas e viro de frente para ele.

— Está tudo bem com o senhor?

— Claro. Só estou um pouco cansado. — Ele torna a abrir a porta e volta para a caminhonete. Logo depois, retorna com um cesto de Lisiantos.

— Ficou tudo bem por aqui?

— Sim, tudo certo, mas esperava ter o senhor aqui para me ajudar — reclamo.

— Desculpa filha. Achei que não demoraria tanto.

— Tudo bem. Que coisas o senhor foi resolver? — Empenho-me em soar indiferente para descobrir o que está acontecendo.

Porque essa história de “igreja” e “coisas para resolver” não colou para mim.

— Nada demais. Vai sair com seu amigo hoje? — ele desconversa.

— Não. — Lembro que acabei não ligando para Erick. — Hoje, não. Ele se agacha e arruma as flores nos baldes com água.

— Vou subir tomar um banho — diz, levantando-se do chão, e se espreguiça. — Nossa, foi um longo dia. Vou preparar algo para a gente comer.

Quando começa a subir os degraus da escada, vou atrás dele.

— Espere.

Meu pai volta-se para mim. A luz da escada é fraca, então ficamos quase na penumbra.

— Que foi?

— Pai, o que está acontecendo? Por favor, me diga.

Nós dois sempre dividimos tudo, os bons e maus momentos. Desde que me entendo por gente, somos nós contra o mundo. Por isso, não consigo compreender o que está se passando com ele agora. Tenho evitado confrontá-lo, mas agora chega de esperar. Sei que tenho meus segredos — já que não revelei a ele que a mãe de Erick me odeia — e, com toda certeza, meu pai tem os dele, mas sinto que algo está errado. Ele precisa falar comigo.

— Não é nada. De verdade, Atena.

— Eu tenho uma pergunta.

Ele levanta o rosto e me encara.

Lentamente, desce os degraus que nos separa, ficando a apenas um de distância.

— Pois diga. Há algum problema com você?

— Comigo não. Mas tem algo que quero saber. Outro dia, quando eu chegava da aula, dei de cara com uma mulher conversando com o senhor. Nunca a tinha visto antes. Quem era ela?

— Provavelmente, uma cliente. Por acaso ela esteve aqui de novo?
— Noto um tom de preocupação em sua voz.

— Não, ela não esteve. Mas tem certeza de que é só um cliente? Achei que a tivesse visto outro dia no Saru — minto. — Lembra o nome dela?

— Não perguntei. Você é boa de memória, mal lembro de como era o rosto dela. E sim, ela é uma cliente.

“Ele está mentindo”, minha intuição sussurra dentro de mim, me fazendo sentir um nó na garganta.

— Se é só uma cliente, devemos ter o nome dela na lista. — Papai me lança um olhar apreensivo, o que só confirma ainda mais as minhas suspeitas.

— Ela não quis se identificar. Pagou em dinheiro e não revelou mais nada. — Outra mentira.

— Entendi. Agora, mais uma coisa que precisamos falar. Como o senhor tem conseguido dinheiro para pagar as contas, quando sei que não está entrando o suficiente?

Ele fica me olhando sem ação.

— Eu já falei que não tem com o que se preocupar. Estou dando

meu jeito e, no fim, é isso que importa. Agora, vou fazer o jantar.

Cabisbaixo, ele volta a subir. Sinto uma pressão enorme no peito. Preciso descobrir o que está acontecendo com meu pai. Tenho certeza de que está escondendo coisas de mim, e duvido que sejam boas.



É domingo de manhã e a floricultura está uma loucura. Desde que abrimos, papai e eu não paramos nem para tomar água. Assim com o Dia das Mães e dos Namorados, as vendas sobem muito no Dia de Finados, pelo que sou muito grata. Com o dinheiro das vendas de hoje vamos conseguir pagar algumas contas atrasadas.

Enquanto fico na loja, tomando conta do caixa e dando conta dos clientes de última hora, papai está na rua fazendo as entregas das encomendas que já foram pagas. É então que a sineta da porta toca mais uma vez, e quando levanto o rosto para ver quem entrou, meu coração salta no peito. Erick está parado ali. Não sei se é a saudade ou o fato de eu ter a consciência do que estou sentindo por esse homem, mas assim que nossos olhares se cruzam, é como se meu corpo flutuasse até ele. É um sopro de vida, uma energia que me aquece por conta dessa intensidade incontável que me invade toda vez que estou perto dele.

— Quanto deu? — Pisco algumas vezes para a moça a minha à frente.

Esforço-me para entender o que disse, mas não consigo, lutando para controlar o frenesi que me toma. Observo todas as garotas e até algumas senhoras olham na direção dele.

— Moça? — a cliente torna a chamar. Balanço a cabeça, tentando voltar à realidade, e obrigo-me a focar nela.

— Desculpa — digo, sem graça. — Vinte e cinco Reais.

Ela me entrega o dinheiro e, rapidamente, devolvo o troco e a nota fiscal.

— Obrigada e volte sempre.

Reparo que Erick entrou na fila do caixa, então, lembro-me de que sua avó tem uma encomenda para retirar. Ele deve ter vindo buscar. Como sempre, está lindo. Calça jeans, camisa polo azul-marinho, sapatos esportivos e cabelo bagunçado. Chamo o próximo cliente, e o outro, mas sempre lançando alguns olhares para ele. Não consigo evitar, é mais forte do que eu. Com seu sorriso arrasador, ele levanta a mão e acena para mim, fazendo-me perder de vez o pouco de concentração que ainda me resta.

Continuo achando que esse sorriso dele deveria ser proibido, mesmo que, agora, esteja direcionado para mim.

Vejo que meu pai vai até ele. Os dois se cumprimentam e conversam algo, mas não consigo ouvir o que dizem. Também não demoram muito, pois papai logo é chamado por duas senhoras. Uma delas é Luci, amiga de dona Ane. Gentil, Erick a cumprimenta. A outra é dona Maria, esposa do dono da farmácia. Ambas lançam olhares sobre Erick.

— Oi, Queen. — Ele abre seu sorriso fatal ao chegar no caixa.

— Oi, o que faz aqui? — indago, devolvendo o sorriso.

— Vou almoçar na casa de vovó. Vim convidá-la para ir junto.

Reparo que a moça atrás dele faz cara feia.

— Ficou esperando esse tempo todo para isso? — Lanço um olhar curioso em sua direção, enquanto faço sinal para que vá para o lado e libere passagem na fila.

— Fiquei — afirma dando um passo para o lado e apoiando-se no balcão. — Não estava com pressa, e assim pude admirar o quanto está bonita hoje. Senti saudade.

— Próximo, por favor — anuncio, tentando controlar o sorriso e o friozinho na barriga. — Também senti a sua falta — confesso baixinho.

— Acha que vai poder ir?

— Sinto muito, mas não tenho como deixar meu pai sozinho. Hoje é um dia de grande movimento — explico enquanto recebo o valor por um buquê de rosas brancas de uma cliente. — Sua avó tem uma encomenda aqui. Você vai levar para ela?

— Queria levar você.

— Sinto muito, de verdade. Diga a ela que estou mandando um abraço e que irei em outro momento. — A expressão desapontada em seu rosto me comove, principalmente porque me parece ser genuína. — Oh, por favor, não fique assim.

Ele se aproxima, parando às minhas costas. Fico nervosa com a proximidade, sentindo meu corpo inteiro se arrepiar com sua presença. Procuro meu pai e vejo que ele está alheio a tudo, conversando com as duas senhoras. Há três pessoas na fila e elas observam atentamente à nossa interação. Mesmo assim, Erick coloca a cabeça perto do meu ouvido, me fazendo estremecer.

— Entendo que não possa almoçar comigo, porém mais tarde, quando a loja fechar, vou estar te esperando aqui na frente. Você vai jantar comigo e quero que vá de saia, sem calcinha. Entendeu? — ele sussurra calmamente, porém há um tom de comando na voz.

Meu coração dispara. No mesmo instante, aperto uma perna contra a outra, na tentativa de barrar o tesão que suas palavras despertam em mim. É intenso o desejo de ser tocada, beijada, chupada, golpeada, marcada por ele. Despertar e libertar quem sou como só ele é capaz de me fazer sentir.

Prendo a respiração e solto aos poucos para controlar os impulsos que vibram pelo meu corpo. Olhos curiosos estão sobre nós, mas, sinceramente, não me importo. Ninguém tem nada a ver com minha vida. Como quem não fez nada, ele volta a se posicionar ao lado do balcão, seus olhos estudando cada reação minha. Sei que tem absoluta certeza do estado de excitação que me deixou.

Assinto, encarando a cliente à minha frente, que nem tenta disfarçar não estar prestando atenção em nós.

— Obrigada, volte sempre. — Forço um sorriso para a mulher, que desde que parou na frente do caixa não tirou os olhos de Erick.

Bom, não posso culpá-la: não tem como ficar sem admirar o homem lindo que Erick é.

— Vou levar as flores de vovó — ele diz

Limpo a garganta e engulo em seco.

— É, desculpa, o que foi que disse? — indago com falsa timidez e seus lábios se curvam em um sorriso.

— Disse que vou levar a encomenda de minha avó.

— Claro, pode retirá-las com meu pai. — Levanto o queixo e aponto para o local.

Tento disfarçar um pouco do efeito que causa em mim, mas acho que falho miseravelmente.

— Até mais tarde, Atena.

— Até, Erick.

Antes de sair, ele me lança uma última olhada e compreendo perfeitamente o que seus olhos me dizem: “não me desaponte”.



CAPÍTULO 33

Erick

Desde que cheguei à casa de vovó, não penso em outra coisa senão em Atena. Estou um pouco frustrado por ter que me ausentar durante alguns dias, agora que nos aproximamos, porém não tenho escolha. A visita às vinícolas do Sul será um divisor de águas para os meus planos. Preciso fazer dar certo se quero que meu pai confie em mim com o futuro da nossa empresa.

Olho mais uma vez para o relógio antigo pendurado na parede da sala, contando as horas para poder me encontrar com a minha Queen.

— Estes pensamentos todos estão na sua velha avó ou em uma certa garota de olhos bicolores? — Vovó não faz questão de conter uma risada.

— Sim, vó, estou pensando nela — confesso.

Vó Ane sempre foi minha melhor amiga. Em todos os momentos complicados que passei — crises com meu pai, brigas com minha mãe, decisões difíceis —, ela sempre esteve ao meu lado.

— Atena é uma garota muito especial. Fico feliz que esteja gostando dela. Uma pena não ter vindo almoçar com a gente — diz, servindo chá de maçã em duas xícaras de porcelana francesa.

Vovó ama chá de maçã. Aprendi desde menino a gostar, já que todas as vezes em que a visitava ela me servia essa bebida. É quase um ritual.

— Ela disse que virá na próxima vez. — Lanço uma piscadinha para vovó. — Estou muito feliz, vó, mas acho que vou comprar uma guerra com dona Regina.

— Ia falar com você sobre ela. O que foi aquilo no jantar? Sua mãe perdeu todo o bom senso?

Vó Ane me entrega a xícara e senta na poltrona confortável ao meu lado na sala.

— Não sei. Ela sempre foi ciumenta, mas nunca como agora. É como se ela odiasse Atena. Não posso acreditar que minha mãe seja tão preconceituosa. Vó, não posso admitir que ela interfira em minha vida desse jeito.

— Não se preocupe. Sua avó aqui — ela aponta para si mesma — sempre vai estar ao seu lado.

— Eu sei que posso contar com a senhora. Obrigado. — Envolver sua mão a minha e levo aos lábios, depositando um breve beijo no dorso. — Sabe, vó, estou tentando entender a reação de minha mãe. A senhora não sabe mesmo de nada? — Deixo a curiosidade falar mais alto.

— Ah, meu filho, não faço ideia. Sua mãe é bastante reservada, para não dizer fechada.

Isso é verdade, minha mãe não é de se abrir sobre muita coisa, a não ser com meu pai.

Olho no relógio e vejo que já passa de cinco da tarde. Tiro o celular do bolso e envio uma mensagem para Atena, avisando que logo estarei lá.

— Já vou indo, vó. — Deixo a xícara sobre a mesa lateral e fico de pé.

— Ah, fica mais um pouco.

— Não posso. Tenho que ir em casa e depois vou me encontrar com Atena. — Ela sorri.

— Humm. Sendo este o motivo, deixo você ir. Mas não demore a voltar.

— Pode deixar. — Abaixo e dou um beijo em seu rosto. — Não precisa se levantar, sei o caminho.

Quando entro no carro, penso novamente se ela vai cumprir o que pedi. Não me decepcione, Queen.

A caminho de casa, algo me ocorre. Conhecendo a petulante Atena, talvez, só talvez, ela ache uma brecha para descumprir as minhas ordens, mas desta vez estarei preparado. Passo pelo centro e encontro um loja de roupas femininas aberta.



Pouco depois, estou passando pela pequena ponte Duque's, que divide o centro da cidade do bairro de Atena. Logo, estaciono em frente à floricultura. Noto que, na parte de baixo do pequeno sobrado, tudo está escuro, mas, de repente, a luz da frente é acesa e ela aparece.

Abro um sorriso de pura satisfação ao vê-la vestida com uma saia preta curta e justa, e uma blusa da mesma cor, transparente o suficiente para mostrar seu sutiã. A peça está grudada na pele, dando-me noção exata dos contornos do seu corpo. Nos pés, uma sandália dourada.

Espero que esteja sem calcinha.

Ansioso, salto do carro e a espero, mas a ansiedade é tanta que não consigo me conter. É uma força convergente e incontrolável. Quando se aproxima, envolvo-a em meus braços, as mãos se encaixam ao redor do seu rosto, e a beijo vigorosamente. Quando sua língua acaricia a minha com ardor, meu pau reage a essa intensidade quase palpável.

Ainda durante o beijo, desço umas das mãos pela frente do seu corpo até a ponta de sua saia. Bem devagar, deslizo os dedos entre suas coxas. Preciso descobrir se foi obediente. Ela reage ao toque, suspirando contra minha boca, e então sou surpreendido quando sinto o tecido.

— Isso é um...? — Dou um passo para trás e a olho. Ela está de saia, mas...

— O que foi? — Atena me encara, fingindo inocência.

Estico a mão e puxo o tecido um pouco para cima. A peça tem um shortinho por baixo.

— Isso é uma saia? — Dou a ela um olhar bastante questionador.

— É, sim.

Com um olhar frio, toco o tecido que cobre aquilo que deveria estar exposto.

— Tenho a impressão de ter dito saia.

— Isso é uma saia. Você não especificou o tipo. Só disse saia, sem calcinha. Achei que essa estaria de boa. Não estou usando calcinha.

Atena me olha como se fosse uma criança completamente perdida. E se não a conhecesse tão bem, seria capaz de cair nessa falsa inocência dela.

Vou deixá-la pensar que ganhou de novo. Com uma cara de quem perdeu o jogo, abro a porta do carro.

— Entre, Atena. — Ela me dá um beijo no rosto e faz o que peço, contente por ter ganhado.

Ela que me aguarde.

Dou a volta e entro.

— Para onde vamos? — quer saber.

— Você vai ver.

Sorridente, ela apenas balança a cabeça em afirmativa, aguardando a minha surpresa.

Mal arranco e ela liga o rádio, passando as estações até chegar a uma que está tocando uma balada pop. Não faço ideia de quem esteja cantando, mas a música é boa. Sigo em direção à ponte, passo pelo lago, circulando-o por completo, até que chego em Vale dos Campos. Ela continua cantarolando.

— Você parece feliz hoje — comento.

— Eu sempre estou feliz. Hoje só estou mais animada.

“E cheia de gracinhas também”, penso, porém não verbalizo.

— E posso saber o motivo?

— O dia foi bom. Trabalhamos muito, mas o resultado valeu a pena.

— Isso é bom — falo com sinceridade e Atena explica sobre o movimento do feriado.

Conversamos um pouco sobre trabalho e, minutos depois, chegamos ao local. O sorriso que Atena abre ao ver onde estamos é tão lindo que faz meu coração bater mais forte.

— Meu Deus! Isso é um parque de diversão?

— Você gostou da ideia, pelo jeito. — Entro no estacionamento e encontro uma vaga.

Outro dia, estava passando por aqui e vi que tinham montado um parque de diversão. Na mesma hora, pensei em trazê-la.

— Muito. Tem anos que não faço isso. Acho que, da última vez que estive em um, eu era adolescente.

Descemos do carro e Atena está saltitante, parece uma criança de seis anos. Se soubesse que ficaria tão feliz, a teria trazido antes.

Como em todo parque, há muitas luzes e tudo é colorido. Carrinhos de pipoca, algodão-doce, maçã do amor e cachorro-quente estão por toda parte. Fora todos os brinquedos, barraquinhas e atrações.

A primeira parada é na banca de tiro ao alvo.

— Você é boa de mira? — questiono em tom de desafio.

— Eu? Sou a melhor — responde de queixo erguido.

Essa é, a minha rainha atrevida.

Pegamos as armas e começamos a atirar nos patinhos que vão passando. Saímos de lá com um urso gigante que ganhei para ela, já que Atena só acertou três.

— Obrigada pelo urso, eu adorei. — Deixo um beijo rápido em sua boca.

Em seguida, vamos para os brinquedos. Divertida, aponta para o trem fantasma. Ela grita e tapa os olhos, com medo, todas as vezes que os fantasmas e monstros aparecem. Com maldade, puxo a mão do seu rosto.

— Olhe... — Gargalhando, deixo que um zumbi a assuste.

Atena berra e se agarra a mim. Passo o braço em volta de seus ombros e o carrinho nos leva até o túnel das bruxas. Desta vez, ela não fecha os olhos, apenas se mantém firme em meu aperto. Saímos e ela aponta para o outro lado.

— Olha, o carrossel. — Ela faz uma carinha de pidona. — Vamos, vamos...

De novo, sou puxado para outro brinquedo.

Ficamos na fila por uns dez minutos, até que, por fim, conseguimos entrar. Monto no pônei e ela, no cavalinho. Uma cena ridícula, com certeza.

— Você ficou lindo — como uma menina travessa, tira sarro da minha cara.

Sua alegria é contagiante. Não me lembro de quando foi a última vez que me diverti assim, tanto que não consigo parar de sorrir.

— Adorei o carrossel — anuncia quando deixamos o local.

— Eu também.

Sem conseguir resistir ao momento, puxo-a para meus braços e a beijo. Um beijo calmo, enquanto acaricio seu cabelo e tento demonstrar como a noite de hoje está sendo maravilhosa. E inesperada.

Há quanto tempo eu não relaxava dessa forma? Nem me lembro. Mas Atena desperta outros lados meus... Com ela, é fácil me deixar levar. Então, permito que minha boca mostre o que as palavras ainda não são capazes. Beijo-a com carinho, uma dança de lábios e línguas, sentindo seu gosto e me deliciando com os sons baixos que emite. Ela se agarra a mim, segurando meu braço com força, como se também não quisesse se afastar.

Atena derruba todas as minhas barreiras, até mesmo as mais sólidas tornam-se poeira. Ela me atrai demais e de uma forma que ainda não consigo entender. Esse misto de sentimentos — entre a vontade de bater em sua bunda até que a marca da minha mão salte aos olhos e o desejo de colocá-la em meu colo e passar horas apenas a mimando — me confunde. A sensação é como andar numa ponte velha, estreita e sobre um precipício. Empolgante, porém aterrorizante.

— Está com fome? — pergunto, encostando nossas testas e não sendo nada discreto no duplo sentido.

— Sim. — Ela alonga a pronúncia do sim, como numa nota musical.

Sorrio para ela, dou um passo para trás, segurando sua mão, e aponto

para uma barraca de cachorro-quente. Comemos enquanto andamos pelo parque. Ela aponta para a montanha-russa e depois para a roda-gigante, falando sem parar. Estou prestes a convidá-la para irmos na roda-gigante, quando ela segura meu braço.

— Vem cá.

Lentamente, Atena se aproxima do meu rosto e lambe o canto da minha boca, em seguida me dá um beijinho. Sinto um estalo dentro de mim, um calor que aquece meu peito. Fito-a nos olhos, vendo o carinho estampado ali.

— O que foi? — Ela sorri.

— Nada. — Pego em sua mão e planto um beijo no pulso.

— Vamos. — Ela começa a me puxar em direção ao brinquedo.

Seguro em sua cintura e a levo no sentido contrário.

— A roda... é para o outro lado — informa, apontado para trás de si.

— Eu sei, só preciso fazer uma coisa antes.

Entrelaço nossas mãos e a levo ao estacionamento. Abrindo a porta traseira do carro, pego a sacola que havia deixado ali.

— O que é isso?

— É um presente para você. — Com um sorrisinho malicioso, entrego a sacola para ela. — Quero que entre no carro e coloque isso — ordeno.

Curiosa, ela abre a embalagem e retira a peça de roupa de dentro. Por alguns segundos, apenas fica olhando a delicada saia rodada. Anseio para saber o que vai fazer. Seus olhos buscam os meus e, no segundo seguinte, solta uma gargalhada.

— Você quer que eu vista isso? — A expressão bem-humorada permanece.

— Exatamente.

Ela entra no carro e, antes de fechar a porta, me lança um olhar bem safado.

Viu só, minha Queen? Mesmo que você me desobedeça, as coisas ainda acontecem do meu jeito...

Quando volta para o meu lado, vejo que agora está vestida com a roupa certa — que ficou perfeita nela. Chego perto, até quase nossos corpos se tocarem, meus olhos fixos nos dela. Sinto sua respiração se agitar, ela sequer pisca. Toco a pele nua das coxas e, com uma lentidão exagerada, vou subindo, sentindo o calor da pele aquecer meus dedos.

Deixo escapar um gemido de contemplação quando toco a carne macia e úmida na junção entre as suas pernas. Esfrego um pouco os dedos ali, ainda sem tirar meu olhar do dela. Depois, levo-os à boca e os chupo,

deliciando-me com seu gosto. Noto que fica com a respiração presa e posso sentir o quanto quer mais, porém vou deixar isso ainda mais excitante.

— Você ficou linda. — Encaro-a de cima a baixo.

— Gosto de te agradar, mas não se acostume.

Como sempre, Atena me desafia. Amo e odeio isso nela.

— Essa sua língua é tão atrevida quanto deliciosa. — Ela ergue o queixo. Com os cantos de sua boca curvando-se em um sorriso, faz questão de me mostrar o quanto é mesmo atrevida.

Num impulso, puxo-a pelo pescoço e a beijo, exigente, ganancioso, possessivo. É assim que Atena consegue me deixar. Afasto-me um pouco, o coração e outra parte do meu corpo pulsando. Sou tomado por uma vontade de empurrá-la para dentro do carro e possuir a tentação que é seu corpo, mas resisto. Tenho algo muito interessante em mente.

— Vamos — aviso.

Calada, mas com uma expressão feliz, segue comigo de volta para o parque. Compro os ingressos para a roda-gigante e entramos na fila, que não está muito grande. Quando nossa vez chega, ajudo-a a entrar na gôndola, sentando-me ao seu lado. Então, começamos a subir e tudo à nossa volta vai se expandindo. Temos a visão de todo o parque. Subimos até o topo, para depois começarmos a descer. Recomeçamos nossa viagem ao céu. Desta vez, quando estamos mais ou menos na metade da subida, levo a mão debaixo da sua saia. Atena fica estática.

— Abra um pouco para mim — ordeno.

— Erick... — Seu rosto busca o meu.

— Obedeça.

A roda gira, quase atingindo o topo. Percebo que está receosa, mas não me decepciona. Abre um pouco as pernas e meus dedos a tocam: ela está úmida. Por mais que esteja receosa, também está excitada — e adorando cada segundo. Movo os dedos, massageando seu clitóris. Ela morde o lábio e suas mãos seguram com força a barra de proteção. A roda alcança seu topo, então enfio um dedo dentro dela. Atena solta o ar pela boca, deixando um doce som escapar.

Ela se remexe, o que faz a gôndola balançar um pouco.

— Não se mova.

Ninguém percebe nada, todos atentos a tudo, menos a nós.

Ela fecha os olhos, acredito que para se conter. Noto que os bicos dos seios estão pontudos, sua excitação nítida em cada parte de seu corpo. Passo um braço por cima dos seus ombros, como se a abraçasse, e prendo um dos bicos entre os dedos. Aperto sem dó, ao mesmo tempo, esfrego

e meto de novo o dedo, sentindo a umidade escorrer. Meu pau está duro feito pedra.

Vou mais fundo agora, e mais rápido.

— Erick... — Meu nome sai num longo gemido.

— Curta o passeio, Queen.

Começamos a descer. Torço mais um pouco o bico do seio e enfio outro dedo. Sinto um espasmo vindo dela, que indica a aproximação de um orgasmo. Observo que estamos quase na metade do percurso.

— Isso... goza para o seu homem.

Busco sua boca num beijo, recebendo seu gemido de prazer. O corpo de Atena tremula como um ramo de flor ao vento.

— Ah, Queen... — sussurro. — Como é bom sentir você se derretendo na minha mão. — Aprofundo o beijo e ela se contrai de novo.

Gostosa para caralho.

Assim que goza, afasto-me dos seus lábios, ela ainda mantém os olhos fechados. Retiro os dedos e levo-os à sua boca.

— Sinta o seu sabor.

Com um movimento suave, ela abre os olhos. Mesmo na escuridão da noite, posso ver a chama em seu olhar. Ela vai entreabrindo os lábios enquanto deslizo os dedos para dentro de sua boca. Meu corpo sobe dois níveis de tesão ao presenciar essa magnífica cena.

— Bom?

— Sim.

A roda-gigante chega ao fim do percurso. Ajeito-me na gôndola, o rapaz levanta nossa barra e descemos. Passo o braço ao redor de sua cintura e seguimos.

— Como se sente? — quero saber.

— Você não tem um pingo de juízo. — Um sorriso enorme estampa seu rosto. Ela para de andar e gira em torno de si própria. — Porém... — faz suspense — confesso que adorei a adrenalina.

Num rompante, se joga em meus braços e me dá um beijo.

Esta é a resposta que eu precisava para levá-la a jogar comigo no clube. Seguro em sua mão e caminho para o portão de saída do parque.

— Venha, tenho uma surpresa para você.



Assim que entro no estacionamento do restaurante, o olhar de Atena busca o meu.

— Vamos jantar?

— Vamos ao clube — declaro em um tom seco, a expectativa dominando o momento. — E não espero questionamentos.

Ela ergue a sobrancelha. Por um momento, penso que vai me desafiar, mas não o faz.

Pego em sua mão e entro pela porta de acesso, que dá direto ao clube. A casa está lotada, como tem sido há vários meses. As pessoas cada vez mais estão se libertando e vivendo como acham que devem e podem viver.

Ando com Atena até a ponta do bar e faço sinal para que sente num banco. Peço uma dose de uísque escocês com sabor cítrico de laranja para ela, e um Jameson original duplo para mim. Rapidamente somos servidos.

— Sabe, estava ansiosa para voltar aqui. — Ela me lança um olhar malicioso pela borda do copo enquanto sorve sua bebida.

— Como disse outro dia, tudo tem hora certa para acontecer.

— E hoje você achou que era a hora certa, senhor? — A rainha da petulância não resiste em me desafiar.

— Sim, porque, como sabe, quem decide sou eu.

— Uh-hum — resmunga e volta a bebericar.

Observo-a enquanto seus olhos pousam no que está acontecendo no grande salão. Quando leva a mão ao pescoço e cruza e descruza as pernas, sei que está excitada.

Os gemidos ao fundo, a baixa iluminação, a música sensual... tudo está contribuindo para que ela fique ainda mais curiosa para o que estamos prestes a fazer. Meu pau está duro desde a nossa interação na roda gigante, e não vejo a hora de colocar em prática algumas das fantasias que tenho em mente. Viro o restante da bebida e, em seguida, levo um dedo até Atena, trazendo seu rosto para mim.

— Hoje é seu dia. Vou tomá-la na frente de todos. Venha.

Não espero resposta nem gracinhas. Seguro sua mão e a puxo do banco. Ela rapidamente salta e me segue.

Passo pelo corredor e vou até as salas privadas. Temos três salas aqui, cada uma diferente da outra. Elas ficam dispostas para o salão. Na primeira, quem está do lado de fora assiste a tudo que acontece do lado de dentro. E, se tiver permissão, pode entrar e participar. Na segunda, as pessoas dentro e fora conseguem ver o que acontece. Já na terceira e última, que é a que vou usar, só quem está do lado de dentro vê quem está do lado de fora. Mas obviamente Atena não sabe disso. E vou fazer uso desta falta de

informação para ver a reação da minha Queen. Jamais iria expor ou fazer qualquer cena que envolvesse Atena e mais pessoas. Minha possessividade sobre ela não permite.

Abro a porta e faço sinal para que entre. Com passos decididos, ela passa por mim. Entro logo atrás, parando ao seu lado, e fixo meu olhar nela para não perder sua reação. Fizeram exatamente como pedi: a iluminação é fraca, deixando o quarto num jogo de luz que mostra e esconde. Ela olha para a cama em dossel, forrada com lençóis de cetim vermelho, posicionada de frente para a parede de vidro, depois para as pessoas do lado de fora.

— Está com medo?

— Não. — Como sempre, não hesita.

— Muito bem. — Dou um passo e paro às suas costas. — Serei seu dono, e é assim que vai me chamar. Vou amarrá-la na cama, pernas e braços abertos, vou ter você do jeito que eu quiser, na frente de todos do salão — sussurro em seu ouvido. — Preciso da sua permissão, Atena. Como está ciente, tudo aqui envolve confiança e tem que ser consensual.

Ela começa a se virar, mas seguro em sua cintura, impedindo-a. Ela logo compreende e obedece.

— Sim.

— Sim, o quê, Atena?

— Sim, estou de acordo, meu dono.

Atrás dela, abro um sorriso satisfeito. Perfeita demais.

— Muito bem. Vou sair um momento, enquanto isso, se desfaça de todas as roupas. Quando eu voltar, quero você nua, sentada na beirada da cama com as pernas abertas para o público que assiste do lado de fora. Mantenha a cabeça baixa, mirando seus pés. Não levante o rosto em momento algum nem faça nada sem que eu mande você fazer. Compreendeu?

— Sim, meu dono.

Afasto-me, deixando que cumpra com o que ordenei. Minha saída é apenas para gerar expectativa e, claro, testá-la mais uma vez. Por isso volto ao bar, peço outra dose de uísque e saboreio a bebida com bastante calma.

Quando viro o último gole, empurro o copo sobre o balcão e retorno para a sala onde a deixei. Preciso conter o sorriso ao vê-la do jeito que mandei. Às vezes, fico impressionando com o quanto Atena é capaz de obedecer na hora do sexo. Ela se entrega completamente a mim. Lentamente, vou até a prateleira ao lado da porta e retiro os objetos que vou usar. Enviei para cá mais cedo e pedi que os guardassem aqui. Tiro a camisa e cubro meu rosto com uma máscara na cor preta. Hoje tenho algo especial para ela. Ligo o aparelho de som e deixo a playlist que havia selecionado tocar.

Música e sexo: sempre achei uma combinação perfeita.

Com passos largos e decididos, me aproximo dela, vestindo apenas a calça. Paro à sua frente e, delicadamente, acaricio seu cabelo.

— Muito bem, vejo que minha rainha obedeceu.

Toco com o indicador seu queixo e elevo seu rosto, conectando nossos olhares.

— Quero que use isso. — Mostro a coleira — E que só retire do pescoço quando nos encontrarmos novamente.

Ela desvia os olhos para a peça nas minhas mãos e, pela primeira vez, noto que sua confiança em mim oscila. Sua reação me preocupa. Não esperava isso, não agora, não depois de tudo que já fizemos.

— Tenho uma condição — Atena diz e balanço a cabeça, esperando que ela explique. — Sei o quanto isso tem um significado, então, usarei aqui. Apenas aqui. — Seu olhar prende o meu. — Pelo menos até termos uma definição. Um rótulo.

Ah, então minha rainha está insegura sobre nosso futuro juntos e achou um jeito de dizer isso de forma velada. Ela é tão bobinha... Não faz ideia de como me tem em suas mãos e dos planos que tenho para nós dois.

— Tudo bem, Queen, condição aceita.

Com um clique, prendo o objeto de couro fino com uma pequena argola ao redor do seu pescoço, mas mantenho soltas as duas finas correntes, que pendem uma de cada lado.

Desço os dedos pelo seu pescoço e prendo o bico de um dos seios com firmeza. Ela entreabre os lábios e suspira. Dou o mesmo carinho ao outro e recebo a mesma reação.

Com cuidado, levo-a até o centro da cama. Seu cheiro doce misturado com excitação chega até mim, e aperto o maxilar para controlar o desejo que tenho de deixar isso tudo de lado e fodê-la imediatamente. Tentando manter o controle, puxo as correntes com algemas presas ao dossel e prendo um de seu braço. Desço com calma, dou a volta e prendo o outro. Calada, Atena observa o que faço. E vê-la assim, tão entregue, faz com que a vontade de tocá-la fale mais alto do que meu bom senso. Com delicadeza, corro as mãos por todo seu corpo, fazendo sua pele se arrepiar pelo caminho.

— Amo como seu corpo reage ao meu toque.

Contornando suas curvas, desço até seus pés e os prendo também. Dou um pequeno passo para trás e admiro a linda rainha das flores, estendida sobre a cama. Meu pau reage, raspando contra a minha calça.

Volto para a cama e deixo os objetos ao lado. Subo novamente,

ajoelhando-me ao seu lado, depois abaixo e tomo sua boca na minha, mergulhando num beijo quente e profundo. Ainda com minha boca na dela, pego uma das correntinhas da coleira e, com um leve aperto, prendo o clipe no bico do seu seio entumecido. Atena solta um grito de dor contra meus lábios ao sentir o beliscão. Sem dar chance para respirar, prendo o outro.

— Calma, querida, logo a sensação do aperto vai passar.

Beijo seu pescoço e desço até o seio, passando a língua sobre o mamilo saltado para fora do clipe. Movo as mãos pelo seu abdômen até estar entre suas pernas, e sou recebido por uma boceta molhada. Enfio dois dedos entre a carne inchada e quente, que se contrai ao meu redor.

Ah, querida, como gosto de saber o quanto ama ser minha...

Deslizo para cima de seu clitóris, bem devagar, até que cada toque fica mais íntimo. Ouço seus gemidos e sussurros, aumentando a minha excitação. Mantendo o controle sobre a vontade do meu pau em estar dentro dela, pego o vibrador e, sem aviso, coloco sobre seu clitóris. Atena se contorce, puxando as correntes com força.

— Ah, ah, ah...

Mantendo o vibrador no lugar, levo uma das mãos e puxo levemente o clipe do seio. Para o meu total prazer, ela grita alto.

— Você gosta disso, minha Queen?

— Sim, meu dono.

Sorrindo por detrás da máscara, continuo massageando seu clitóris até que os músculos da sua coxa comecem a estremecer. Afasto a mão e esfrego os dedos molhados em seus lábios. Vê-la lambendo meus dedos me enlouquece. Abro os botões e abaixo a calça. Meu pau salta para fora, forte e duro. Agarrando uma boa quantidade de seus cabelos, enfio meu pau em sua boca.

— Hoje vou foder essa sua boca atrevida, minha rainha gostosa.

Gemendo baixinho, ela me engole todo. Receber o calor da sua boca me faz estremecer. Gostosa para caralho! Meto no fundo da sua garganta repetidas vezes. Quando me dou por satisfeito, retiro-me da gostosura dos seus lábios, jogo o vibrador sobre a cama, pego a camisinha do bolso e cubro meu pau com ela. Em seguida, posiciono-me na sua entrada e a penetro de uma vez só. Ela está tão molhada que escorrego com facilidade. Entro e saio várias vezes, forte e rápido, enquanto Atena geme e se contorce sob meu controle. Com um prazer absoluto, movo as mãos e puxo com mais intensidade as correntes dos seios, sinto os espasmos vindo do seu interior.

— Não está autorizada a gozar ainda, Queen. Entendeu?

— Sim.

Puxo os cliques com mais força, enquanto rolo os quadris em círculos.

— Sim, o quê?

Volto a puxar, agora esticando os bicos duros, vermelhos por falta de circulação.

— Sim, meu dono — grita.

Ah... puxo o ar com tanta força e meto repedidas vezes, tomando para mim a única mulher que me fez sentir assim na vida. Esse pensamento me faz invadir seu corpo como um alucinado. Solto os cliques e meto mais forte, mais fundo. Com uma mão, seguro sua cintura. Levo a outra até seu pescoço e aperto firme. Seus olhos encontram os meus e essa conexão, confiança e adoração que vejo neles é demais para mim: não consigo mais me segurar.

— Goza para mim, Queen — ordeno, rangendo os dentes.

Ao ouvir meu comando, sua boceta aperta em volta do meu pau.

— Sou sua! Sou sua! — Atena geme infinitas vezes. Então, empurro intensamente contra ela, levando-me à entrega, agonizando de prazer. E gozo com ela.



— Como se sentiu? — pergunto, quando já estamos a caminho de casa.

O sorriso que ela me oferece responde à pergunta. Mesmo assim, ela diz:

— Foi incrível. Você sempre me faz sentir assim: livre.

Meu ego infla ao ouvir suas palavras.

— Fico feliz em saber, mas gostaria de saber se estar diante da plateia te incomodou?

— No início, fiquei meio receosa... mas quando você me tocou, tudo à minha volta simplesmente deixou de ter importância. A sensação era que estávamos somente nós dois ali.

Sua resposta me mostra o quanto gosta de jogar, ao mesmo tempo que me faz sentir um certo alívio por saber que, realmente, ela queria estar ali. Atena não foi apenas por minha causa, e sim pela própria vontade.

— Saber disso me deixa mais feliz do que possa imaginar. — Ela vira o rosto e sorri.

— A sala que usamos é sua? — quer saber

— Sim.

Noto que sua expressão muda, e ela fica séria de repente.

— De seu uso?

— Sim — confirmo mais uma vez.

— Hum...

— Está com ciúmes, Queen? — Aperto os lábios para não sorrir.

— Eu? Imagina.

— Pareceu.

— Não sou desse tipo de mulher ciumenta.

— É mesmo?

Não consigo mais conter a risada. Atena nem imagina o quão transparente é.



CAPÍTULO 34

Aena

No caminho, Erick descansa a mão sobre minha coxa e, a todo momento, rouba um olhar. Aninho-me perto dele e começo a cochilar. Quando dou por mim, já está estacionando em frente à floricultura. Ao desligar o carro, solto o cinto e o abraço, buscando sua boca quente e gostosa.

— Obrigada pela noite incrível, senhor — digo, me afastando dos seus lábios.

— Sempre às ordens para te satisfazer, minha Queen.

Fico olhando para ele e pensando no meu próximo ato. Levo a mão ao pescoço e retiro a coleira.

— Isso deve ficar com você. — Estendo o objeto para ele.

— Ela devia ficar no seu pescoço — retruca num tom autoritário, sem pegar a coleira de volta.

— Quando tivermos uma definição, voltamos a falar sobre o assunto. — Ofereço meu melhor sorriso, lembrando a conversa que tivemos antes de ele colocar a coleira em mim no clube.

— Agora passou a ser quem manda aqui?

— Ah, querido, se fosse eu quem mandasse, você estaria amarrado e amordaçado na minha ou na sua cama.

Solto uma risada alta e vejo-o balançar a cabeça.

— No nosso próximo encontro, vou amarrá-la de novo e mostrar quem manda nesta relação. Poderia fazer isso hoje ainda, mas amanhã

tenho um voo marcado para bem cedo — explica.

Ao mesmo tempo que fico decepcionada por não ter mais tempo com ele, fico feliz por ter me avisado de seus planos. “Talvez a coleira volte para meu pescoço novamente, e de forma definitiva”, reflito achando engraçado que eu, Atena Montevani, esteja pensando assim. *Que loucura...*

— Você vai viajar? — indago, por fim.

— Sim, tenho que visitar duas vinícolas no Sul. Na próxima vez que eu for, quero que venha comigo. — Ele bate o dedo na ponta do meu nariz.

Ouvir que pretende me incluir em algo para o futuro faz com que uma esperança de que nossa relação vire algo mais sério borbulhe dentro de mim.

— Vou adorar — confesso. — Quando você volta?

— No próximo domingo, se tudo correr bem por lá. — Com o mesmo dedo, empurra meu rosto para cima. — Vai sentir a minha falta?

— Óbvio... — faço uma pausa, criando suspense — ...que não. — Solto uma risada.

— Ah, Atena. — Erick balança a cabeça em negativa.

— Estou brincando. É claro que vou sentir saudade — revelo.

Ele envolve as mãos ao redor do meu rosto e, ainda com os olhos presos aos meus, me beija de forma incrivelmente possessiva. Não me atrevo a devolver sua pergunta, mas pela forma que me beija, nem preciso ouvir a resposta: está mais do que claro que sentirá saudade também.

— Não deixe de atender as minhas ligações. — A ordem é direta, deixando seu lado dominador aparecer no tom das palavras.

— Pode deixar, Erick. — Ele fica me olhando por um tempo, depois acena lentamente a cabeça. — Vejo você quando voltar. — Solto um suspiro e me preparo para descer.

— Até a volta, Queen. — Ele levanta a coleira em minha direção.

— Até a volta, Erick.



Respirando fundo, porém com a sensação de dever cumprido, desço os degraus da Universidade e olho para o céu. A apresentação do TCC foi bem difícil. Mas acabou. Ciclo encerrado. Nunca uma quarta-feira foi tão maravilhosa. A sensação de dever cumprido é inexplicável.

— Ei, Atena! — Paro de andar e viro rápido para trás quando ouço

a voz de Elle. — Que bom que ainda te encontrei aqui — diz, sem fôlego, e vem correndo para me dar um abraço apertado. — Acabou! Acabou!

— Sim! — Começamos a pular e sorrimos uma para outra. — Nem acredito, mas vou sentir falta daqui. — Dou uma olhada para a grande construção atrás de nós.

— Você deve estar louca! Saudade é a última coisa que vou sentir. — Elle enrosca o braço ao meu e começamos a seguir para os portões da saída.

— Tenho certeza de que, um dia, você vai.

Ela balança a cabeça, negando. Talvez não sinta mesmo. Afinal, Elena nunca quis fazer Administração, e só concluiu o curso para agradar seus pais. Empolgadas, começamos a atravessar a rua.

— Com a correria dos últimos dias, você ainda não me contou os detalhes do que aconteceu no parque de diversão — Elle me lembra. E é a mais pura verdade.

Nas últimas semanas, as coisas têm estado bastante agitadas. É claro que conto tudo sobre Erick sempre que tenho um tempinho. Quando ela pode, passa na floricultura e fofocamos, mas não é a mesma coisa. As provas finais, os ajustes do TCC e as nossas obrigações de trabalho dificultaram um pouco a frequência dos papos.

— Amiga, vivi uma das melhores experiências da minha vida — confesso.

— Você está falando sobre o que, exatamente?

— Sobre ter um orgasmo andando na roda-gigante — cochicho, mantendo os passos ritmados, fingindo que não há nada de mais no que acabei de dizer.

Ao chegarmos do outro lado ela para de andar e me encara.

— Detalhes disso *agora*.

Abro um sorriso.

— No outro domingo, ele esteve na loja e me convidou para sair. Também pediu que eu fosse de saia. Como prova de que não faço tudo o que ele quer, na hora que quer, fui com aquele *short* saia que tenho.

— O preto?

— Esse mesmo — afirmo, sorrindo. — Erick me levou para o parque de diversão, que está montado no Vale dos Campos.

— Sim, vi que se instalou lá — Elena me interrompe, empolgada.

— Então, fomos nos brinquedos — retomo a história —, até que, antes de irmos para a roda-gigante, ele me levou até o carro e me entregou uma sacola. Advinha o que tinha dentro?

Ainda não acredito que ele comprou uma saia... Mais uma prova

de que Erick me conhece bem demais e sabe que minha teimosia não tem limites.

— Não sei. — Elle dá de ombros.

— Uma saia. — Subo e desço as sobrancelhas de forma sugestiva. — Acredita?

Elle começa a cutucar o canto da unha. O dono do posto se aproxima, então nos movemos para perto da parede.

— Boa tarde, meninas. — O senhor passa por nós.

— Boa tarde. — Falamos juntas.

— Vai, continua — ela pede.

— Então, Erick *ordenou* que eu a vestisse.

— Mas para quê?

— Para de ser sonsa! — Dou um tapinha no braço da minha amiga.

— Não exige muito de mim — Elle choraminga. — Acabei de deixar a minha alma naquela apresentação.

Solto uma risada e começa a narrar o que aconteceu, mas sem entrar nos detalhes sórdidos. Porém sou tomada pelas sensações e desejo. Meu corpo se lembra do toque na minha pele, da forma como apertou forte meu seio, do seu dedo entrando e saindo de dentro de mim. Do medo que senti que alguém nos visse, do quão excitada fiquei por estar fazendo aquilo em público. Também de sua surpresa ao me levar ao clube, de como foi intenso, excitante estar naquela sala, e o mais impressionante de como lá, esqueci completamente do mundo a minha volta.

— E enquanto a roda descia pela última vez, ele me fez gozar. — Balanço dois dedos, deixando claro o modo como ele conseguiu fazer isso. — Depois disso, ele me levou para o clube e me fez ter a melhor noite de sexo da minha vida.

— Você poderia, por favor, parar de me deixar com inveja? Se não bastasse viver o que viveu na roda gigante... *Pelamor*. — Ela abana a mão no ar, como se precisasse se refrescar. — Vamos, conte-me tudo.

— Amiga, foi a experiência mais sensacional da minha vida. Entramos numa sala, que tem lá dentro do clube — explico. — Ele me amarrou na cama e foi uma loucura. — Dou risada.

Depois, conto mais algumas coisas, porém omito alguns detalhes.

— Você ganhou na loteria e não sabe — ela brinca. — Será que Roy faria isso comigo? — Elle fica pensativa e eu reviro os olhos. — Sério, você deveria deixar de ser boba e de ficar se questionando tanto. Tem que fazer sexo infinito com esse homem.

— Elle! — reclamo com ela.

— É sério! Se joga, garota. A vida é feita de experiências. E você, pelo jeito, está vivendo uma bem prazerosa. — Ela solta uma risada alta.

— Meio que já me joguei — revelo enquanto voltamos a andar. — E não posso dar garantias, mas tenho uma leve impressão de que Erick também.

— Como assim, ele chegou a dizer alguma coisa?

— Não disse com palavras, mas prestando atenção nas ações dele, posso dizer que está tão envolvido quanto eu...

Penso nos comentários que ele fez, no convite para a próxima viagem e todas as outras sugestões nada sutis de que teremos um futuro juntos. Erick ainda não rotulou nosso relacionamento, mas suas ações têm dito muito mais do que palavras. E o modo como me trata, olha, toca... tudo isso deixa muito claro que, assim como eu, ele também não é imune a esse sentimento que parece evoluir a cada dia.

Só espero que eu não esteja fantasiando.

— Perdida em pensamentos, amiga? — Elle chama a minha atenção e, quando vejo, já estamos a poucos passos da floricultura.

— Desculpa. — Faço uma careta e ela ri.

— Ei, mais tarde passa lá na loja. Vamos comemorar! — minha amiga diz, empolgada.

— Vou ver como estão as coisas na floricultura e te ligo. Pode ser?

— Combinado!

Ele me dá um tchauzinho enquanto atravessa a rua, indo para a boutique. Antes que eu consiga entrar, dou de cara com o Padre.

— Sua benção, Padre. — Estendo a mão para ele.

— Atena, minha filha. Deus te abençoe. Como você está? Parece animada.

— Estou bem, graças a Deus. Acabei de sair da apresentação do TCC. — Junto as mãos, enfatizando a bênção. — Agora estou livre da Universidade.

— Parabéns, minha filha.

— Obrigada. — Sorrio.

— Tem tempo que não vejo seu pai. Diga a ele para aparecer lá na igreja.

— Tem...?

Sua frase me confunde, tanto que fico prestes a perguntar como pode ser verdade, já que meu pai diz vê-lo toda semana. Mas então fico quieta, porque já sei a resposta: meu pai mentiu pra mim. Outra vez.

— Sim — o Padre confirma. — Acho que a última vez foi quando trocaram as flores da igreja.

— Já faz bastante tempo mesmo — concordo. — Pode deixar que darei o recado a ele.

Nós nos despedimos e eu sigo atordoada.

O que papai está escondendo de mim? Por que tem mentido tanto? Primeiro sobre a mãe de Erick, depois sobre o dinheiro, e agora sobre o Padre. Sempre fomos transparentes um com outro. Cumplicidade e lealdade são as bases da nossa relação.

Para ter mais tempo de pensar, resolvo dar a volta no quarteirão e entrar pelos fundos. Enquanto caminho, tento encontrar alguma justificativa para esse comportamento dele.

Talvez esteja namorando e tenha ficado com receio de me contar. É uma possibilidade. Pode ser que esteja se preparando psicologicamente, afinal, está solteiro há anos, quem sabe tenha receio de que não vou aprovar, ou coisa do tipo.

Posso entender isso.

Por outro lado, essa teoria não justifica as outras mentiras.

Ao me aproximar da entrada, noto que papai deixou uma cesta de mudas de minirrosas ao lado da porta. Ele anda esquecido demais... Vou até lá e a trago para dentro. Porém estanco quando ouço a voz de uma mulher na loja. Reconheço-a de imediato: é a diaba de grife, Regina Magalhães. Com cuidado para não ser notada, deixo a cesta no chão e, com bastante cautela para não fazer barulho, aproximo-me da porta.

— Eu não quero aquela garota envolvido com o Erick! — a bruxa má vocifera, bem irritada.

— E o que você quer que eu faça? Não posso pedir para Atena simplesmente deixar de gostar do seu filho — papai diz em um tom calmo.

— Não me interessa o que você vai fazer nem como fará. Isso é problema seu, não meu. Eu a quero bem longe da minha família. Você sabe que tenho motivos suficientes... — ela está praticamente gritando. Decido que vou entrar e dizer umas boas verdades para essa mulher.

— Regina, como pode ser tão cruel? Atena tem o seu sangue correndo nas veias.

Congelo com a mão na maçaneta. O que ele disse?



CAPÍTULO 35

Atena

Meu coração tamborila sem parar.

— Ela pode ter, mas nunca será nada para mim!

— Não ouse chegar perto dela, Regina. Atena não tem culpa de nada do que aconteceu no passado. — Desta vez, a voz de papai sai firme e fria.

— Você, melhor do que ninguém, sabe que isso nunca deveria ter acontecido. Eles nunca deveriam ter se encontrado. Eu não quero isso, Sebastião. Mantenha essa garota longe do meu filho.

Como se estivesse em câmera lenta, dou alguns passos para trás, tentando absorver a informação que acabei de escutar. Mas logo começo a correr pelo quintal, atravesso a rua que nem uma louca e só para quando entro com tudo na loja de Elle.

— Atena?! O que foi?

— Elle... me ajuda. — Quase não consigo dizer as palavras. Elena e suas duas vendedoras me olham, assustadas. Em pânico, desabo de joelhos no meio de sua *boutique* e começo a chorar.

— Atena. — Elle corre até onde estou e me ajuda a ficar de pé. — Venha, vamos lá para dentro.

Ela passa o braço ao meu redor e me arrasta pela escada até seu escritório. Depois, me leva até o sofá de veludo e senta comigo ali.

— Agora, amiga, me conta o que a deixou desse jeito. Se foi aquele engomadinho, eu juro que vou dar nas fuças dele.

Ao ouvi-la se referir a Erick, choro ainda mais.

Minha Nossa Senhora das...

Não, nem piadas eu consigo fazer.

— Não tem nada a ver com ele. — Fungo e respiro algumas vezes, tentando prosseguir. — Bem, talvez seja sobre ele também.

Oh, meu Deus!

Elena esfrega minhas costas, em uma tentativa inútil de me acalmar. Afinal, neste momento, nada é capaz de me fazer ficar tranquila.

— Respire, Atena, apenas respire — Elle repete baixinho várias vezes. Minha amiga vai até a mesa e enche um copo com água, em seguida, o coloca em minha mão. — Beba e tente ficar calma.

— Amiga — bebo quase todo o conteúdo, depois aperto o copo entre os dedos —, acho... não sei direito, mas é possível que eu esteja namorando o meu irmão.

Elle se afasta rapidamente.

— O que você está dizendo? Eu entendi direito?

Passo uma das mãos no rosto, afastando as lágrimas.

— Isso mesmo. Estou desesperada, Elle. O que vou fazer?

Elena me abraça forte.

Meu irmão.

Pelo que ouvi na floricultura, Erick é meu irmão.

Erick é meu irmão.

Isso não pode ser verdade.

— Calma — pede, com a voz carinhosa. — Acho que você precisa conversar com seu pai e esclarecer isso.

— Vou fazer isso agora mesmo, não posso esperar.

Beijo seu rosto e fico de pé.

— Sim, deve fazer isso, porém fique aqui um pouco mais para se acalmar. — A preocupação é nítida no modo como me olha. — Posso ir junto com você, se quiser.

— Não precisa. Obrigada, amiga. — Seguro em suas mãos e a encaro. — Antes de mais nada, preciso saber mais sobre o que ouvi. — Fungo e volto a limpar o rosto. — Tenho que descobrir a extensão das mentiras que meu pai contou.

— Faz sentindo. — Elle observa-me com uma expressão triste.

— Será que posso dormir na sua casa hoje? — peço, quase implorando. — Independente do que meu pai disser, não quero ficar lá.

— Hoje, amanhã... quantos dias você quiser.

Depois de alguns minutos e um pouco mais calma, fico de pé e nos abraçamos. Ainda com o braço ao meu redor, ela me leva até a porta da loja.

— Vou ficar esperando você aqui. — Elle limpa meu rosto com os dedos e me ajuda a me recompor. — Vai ficar tudo bem.

Apenas aceno.

Deixo a loja, com passos lentos atravesso a rua. Cada metro andado faz meu coração bater mais rápido. Preciso conversar com meu pai e descobrir de uma vez por todas o que está acontecendo. Porém, quando vou abrir a porta da floricultura, descubro que está trancada.

Tiro a chave da bolsa e entro na loja, vendo as luzes apagadas.

— Pai? — chamo, mas ninguém responde.

Do jeito que estou me sentindo, talvez seja uma boa ideia ele não estar por aqui. Mesmo assim, estranho o fato de ele ter encerrado o expediente antes do horário. Eu poderia reabrir a floricultura, sentar atrás do balcão e fingir que nada demais aconteceu. Só que não consigo. Hoje não.

Acabei de descobrir que o homem por quem estou apaixonada é, possivelmente, meu irmão. Só de pensar nisso, sinto um nó se formar em minha garganta e meus olhos se enchem de lágrimas.

“Controle-se, Atena”, digo para mim mesma.

Em pedaços, vou para o meu quarto e começo a arrumar minha mala. Antes de sair deixo um bilhete dizendo que estou na casa da Elle, e que não precisa me ligar.



Quando a noite cai, Elle e eu jantamos com os pais dela. Mal consigo mastigar a comida, e sei que eles percebem meu estado de total apatia, mesmo que não digam nada. O pior é que não sei o que pensar. Queria ter tirado essa história a limpo com meu pai, perguntado se o que ouvi é verdade ou apenas uma confusão... mas ele não estava na loja. Esperei mais um tempo, liguei algumas vezes, e fui contemplada com o silêncio.

Depois de comer, minha amiga e eu subimos para o quarto. Ela escolhe uma série para assistirmos, porém é impossível prestar atenção.

— Agora que estamos a sós, quero saber o que seu pai falou.

— Ele não estava na floricultura, Elle — explico.

— Como assim?

Ela joga o controle remoto sobre a cama e senta-se de frente para mim, as pernas cruzadas uma em cima da outra.

— Não tive a chance de confrontá-lo, amiga. — Encarando fixamente

o meu par de meias desbotado, faço como ela e cruzo as pernas também. — Papai fechou tudo mais cedo e... sumiu. Acho até que foi bom, porque preciso encontrar a melhor forma de entender o que está acontecendo. Na verdade, acho que preciso conversar com a outra parte desta história primeiro. — Levanto o rosto, deixando claro o meu medo. — Erick.

— Eu sei, amiga. Elle segura minha mão. — Quando ele volta?

— Amanhã, talvez. — Fungo e as lágrimas começam a escorrer. — A viagem ao Sul foi mais longa do que ele tinha previsto.

Meu choro aumenta. É um misto de saudade e medo.

E se ele for mesmo meu irmão? O que farei da vida se nunca mais puder beijá-lo? Se nunca mais puder sentir seu toque?

— Ei, vamos parar com isso. — Elle enxuga meu rosto com as pontas dos dedos. — Você não escutou a conversa toda.

— Eu pensei nisso. — Fungo, tentando controlar o choro.

Ao mesmo tempo, as palavras de meu pai não saem da minha mente. “Atena tem o seu sangue correndo nas veias.” Haveria outro significado para isso?

Mais do que Erick ser meu irmão, isso quer dizer que a insuportável da Regina Magalhães, aquela mulher que fez questão de me humilhar quando fui à sua casa, é minha mãe. Aquela que me abandonou quando eu era um bebê. Mas como seria? Os pensamentos explodem na minha cabeça, só que não fazem sentido algum. Se bem que Erick e eu temos meses de diferença, meu pai disse que minha mãe foi embora com outro homem, então sim, é possível que ele seja meu irmão.

— Venha, vou colocar uma comédia para gente distrair um pouco — Elle avisa.

Minutos depois, quando estamos esparramadas na cama assistindo a uma comédia dos anos noventa, meu celular toca. Penso na possibilidade de ser meu pai, mas pego o aparelho e vejo o nome de Erick piscando na tela.

— É ele — falo, sentindo meu coração bater acelerado. — Não sei se atendo. — Viro o celular para Elle, provando o que estou dizendo.

— Claro que sim. Converse com ele. Caso não queira falar por telefone, aja normalmente. Vou lá embaixo pegar dois copos de refrigerante para nós.

Ela dá uma piscadinha e salta da cama, deixando-me na privacidade do seu quarto.

— Oi, Erick — atendo.

— Olá, Queen. Tudo bem?

“Não”, quero responder.

— Estou bem. E como está aí, bebendo muito vinho? — Finjo uma falsa animação.

Ele solta uma risada gostosa. Imediatamente, seu sorriso lindo surge na minha mente. Fecho os olhos e, sem conseguir evitar, lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Neste momento, estou deitado na cama, pensando que você poderia estar aqui comigo. Ou podemos brincar um pouco por telefone, o que acha?

Ouvir sua voz rouca faz um frio gostoso percorrer meu corpo todo. A hipótese de que temos o mesmo sangue me quebra, me dilacera. Puxo as pernas para perto do peito e apoio a cabeça nos joelhos.

— Erick, nós precisamos conversar. — As palavras saem antes que eu consiga barrá-las.

— Aconteceu alguma coisa, Atena? — Seu tom muda, ficando mais grave e preocupado.

— Você vem amanhã?

— Sim, devo estar aí no meio da manhã. Agora, responda o que perguntei.

— Falamos amanhã. Precisa ser pessoalmente. Será que pode vir me pegar na casa de Elle quando chegar? Vou dormir aqui hoje.

— Claro. — Noto apreensão no seu tom.

Por Deus, eu devia ter ficado de boca calada.

— Mando o endereço dela por mensagem.

— Por favor, diga-me o que está errado — ele insiste, fazendo com que meu coração se quebre em um milhão de pedacinhos.

— Não fique preocupado, amanhã falamos. Até mais, Erick.

— Até, Atena.

Sei que o deixei preocupado, mas não podia seguir falando. Como eu poderia dizer que suspeito que somos irmãos com ele lá do outro lado do país? Solto o telefone sobre a cama e choro. Choro descontroladamente, me perguntando em meio a soluços por que isso está acontecendo com a gente.

Elle volta para o quarto e, ao me ver nesse estado, rapidamente sobe na cama e me abraça.

— Calma, minha amiga, vai ficar tudo bem — ela tenta me consolar, mas é em vão.

— E se o que ouvi for verdade? E se... e se... eu estiver completamente apaixonada pelo meu irmão? Ou, pior ainda, e se dormi com o meu irmão?

— Atena, não se torture antes da hora. O que foi dito pode ter sido compreendido de forma errada. — Fungo e nego, sacudindo a cabeça.

— Realmente não sei, mas foi o que pareceu.

— Como eu disse — Ele esfrega minhas costas com a palma da mão aberta, acalentando-me —, não se precipite no sofrimento. Amanhã mesmo vocês vão poder tirar isso a limpo. — Ela me puxa e me encara. — Vão os dois até o laboratório e façam um exame de DNA. Aqui mesmo, em Vale dos Campos, tem o laboratório que envia para São Paulo.

— Elle, e se formos mesmo... — Não consigo completar a frase.

Ela me ampara sem dizer mais nada, porque não há nada a ser dito nessa situação. Deito em seu colo, meu coração completamente partido.



CAPÍTULO 36

Erick

Estou uma pilha de nervos quando deixo o aeroporto e entro no carro, rumo a Vale dos Campos. Tem algo de errado com Atena. Ontem ela estava chorando ao telefone, o que me deixou beirando o desespero. Sabia que minha Queen precisava de mim — ou então estava chateada comigo —, mas não havia nada que eu pudesse fazer com centenas de quilômetros nos separando.

Quando atravesso a placa “Seja bem-vindo”, estaciono no posto, pego o celular acoplado no painel e releio a mensagem com o endereço da casa de Elle. É fácil de chegar. Devolvo o celular no lugar e sigo para lá.

Poucos minutos depois, entro na rua do bairro onde sua amiga mora. Reduzo a velocidade o mínimo possível e vou verificando a numeração, procurando o 280. Acelero um pouco e logo estaciono em frente a uma grande casa, com janelas francesas do teto ao chão, rodeadas por arbustos verdes. A casa é antiga, mas muito bem conservada.

Volto a pegar o telefone e digito uma mensagem, avisando Atena que estou esperando por ela. Estou com saudades da minha Queen, mas também receoso sobre o que tem para me dizer. Desço do carro e a aguardo, encostado à porta do passageiro.

Sem muita demora, Atena aparece carregando uma mochila. Ao seu lado está Elle, porém só tenho olhos para a mulher mais linda do mundo.

Queen sorri para a amiga, seu cabelo revoltado balança quando as duas

se abraçam. Algo é dito entre elas, mas foco nas reações que meu corpo tem ao vê-la: sinto-me eufórico, os dedos coçando para estarem enfiados entre os fios volumosos, talvez apertando a bunda redonda, ou então acariciando a pele macia. Quando as duas se afastam, Ele acena um tchauzinho para mim, que devolvo de imediato com um breve sorriso.

Atena desce os três degraus e, pela primeira vez, não consigo interpretar seu olhar. Há tristeza e... algo a mais.

— Oi. — Ela está estranha.

— Oi, linda.

Dou um passo adiante, pego a mochila de sua mão e, em seguida, aproximo a boca da dela, mas Atena não me recebe como sempre. Ela vira o rosto e o beijo é dado na bochecha. Encaro-a sem entender o que está acontecendo, mil pensamentos me atingem feito um trem desgovernado.

O que aconteceu na porra desses dias que estive fora?

Ela cede à intensidade com que a olho, baixando o olhar para o chão. Não consigo ler o que se passa com ela e isso está me irritando.

— Venha, entre. — Abro a porta do carro e ela segue meus comandos.

Vou até o porta-malas e coloco sua mochila lá, minha cabeça rodopiando com as várias hipóteses do que pode tê-la deixado nesse estado de frieza. Dando a volta, vou para trás do volante. *Pronto, Queen, agora somos só eu e você.*

— Será que é possível ir para algum lugar onde possamos conversar com calma? — Identifico a dor atrás de suas palavras. — O que tenho a dizer é muito importante.

— Podemos ir para minha casa? — sugiro, minha preocupação aumentando a cada segundo.

— Não! — Fico intrigado com a rapidez que responde. — Qualquer outro lugar.

— Está bem.

Dou partida no carro e sigo pela via de acesso até a estrada principal. Não sou um homem inseguro, mas não consigo parar de imaginar que algo está errado com o nosso relacionamento. Será que não é mais suficiente para ela? Será que Atena cansou de ser submissa na cama? Será que ultrapassei algum de seus limites? Mas é justamente por isso que temos palavras de segurança.

A ansiedade começa a me consumir. Pior do que ela, só o medo de perder Atena. De canto de olho, busco analisar seu comportamento: minha Queen, sempre tão brincalhona e atrevida, agora parece a porra da rainha de gelo. Ela mal me tocou desde que me viu, enquanto tudo que

mais quis nesses últimos dias foi tê-la em meus braços de novo. Então, sinto a ansiedade se transformar em agonia, e sei que preciso parar o carro o mais rápido possível.

Vejo a entrada para um hotel fazenda logo à frente. Já fui lá algumas vezes, sei que há um parque, e o estacionamento tem vista para um lago.

Decido que será ali mesmo.

Entro no hotel e não deixo de reparar que Atena torce os dedos das mãos com aflição, o que aperta meu peito ainda mais. Pouco tempo depois, paro diante da bela paisagem. Desligo o carro e, ainda segurando o volante, viro e olho para a linda mulher no banco do passageiro.

— Será que agora pode me dizer o que está acontecendo? — pergunto, tentando manter a minha preocupação mascarada.

Ela fecha os olhos e as lágrimas correm pelo seu rosto. Meu peito aperta, como uma caixa que vai se fechando.

— Atena? — Estico a mão e seguro as dela. — Por favor, diga o que há de errado.

— Não podemos...

Seu choro se intensifica.

— Não podemos o quê? — Procuro não demonstrar, porém o medo se expande cada vez mais dentro de mim.

— Não podemos... — repete, quase sem fôlego.

A aflição que vem dela é palpável. Meio de lado, puxo-a para os meus braços, e deixo que liberte nas lágrimas tudo o que tanto a atormenta.

— Acalme-se, por favor. Preciso entender o que está acontecendo — peço, intensificando meu abraço.

Estou quase sufocando por vê-la tão desesperada. Sem dúvida alguma, sei que algo terrível está por vir, Atena não ficaria assim por qualquer coisinha. Todas as situações que imaginei antes vão embora. Ela não estaria chorando desse jeito se estivesse descontente com a nossa relação — e não sei se entender isso me deixa mais ou menos preocupado. Um monte de situações se instala na minha cabeça, porém procuro ficar firme. Seja lá o que for revelar, ela precisa de mim.

Leva alguns minutos até que os soluços diminuam. Vou um pouco para trás e toco seu queixo com o dedo, fazendo com que me encare. Com os polegares, limpo seu rosto, enxugando as lágrimas. Seus olhos estão opacos, sem vida, como se a luz que sempre esteve ali tivesse sido apagada.

— Minha linda, eu preciso que me diga o que você tem.

— Acho... — Atena fecha os olhos e puxa o ar com força. — Acho que somos irmãos.

Irmãos? De onde ela tirou isso?

Mas assim que solta as palavras, volta a chorar descontroladamente. Sem entender nada do que está dizendo, abraça-a, tentando passar o máximo de conforto que consigo. Atena precisa se acalmar para que possa explicar direito essa ideia louca. Espero alguns minutos afagando suas costas, até que, por fim, coloco as mãos sobre seus ombros e lentamente a faço olhar para mim.

— Preciso que me diga o que está acontecendo. E com calma.

Ela se ajeita no banco e encara o imenso lago à nossa frente. Em seguida abre o porta-luvas e pega a caixa de lenços que mantenho ali.

— Ontem, voltei da faculdade e... — Ela retira um lenço e limpa o nariz. — Quando cheguei em casa, ouvi uma conversa do meu pai com a sua mãe. — Ela segue com os olhos fixos no lago. — Eles estavam discutindo.

— Sobre o quê?

— Sobre nós. — Atena vira o rosto para mim. Em seus olhos, há tanta dor que chego a ficar arrepiado. — Sua mãe disse que não nos quer juntos. Ela estava muito brava. — Volta a olhar para o lago, e faço o mesmo que ela.

Em silêncio, observamos um pássaro com grandes asas, que apresenta sua delicada dança. Quase um balé sobre o espelho d'água.

— E o que aconteceu? — Sinto-me dormente.

Pergunto-me o que mamãe pode ter feito, ou dito, para deixar Atena desesperada assim.

— Meu pai pediu para sua mãe não ser cruel — ela abaixa a cabeça e encara a caixa que segura como um escudo sobre o colo —, pois eu tenho o sangue dela correndo nas minhas veias.

Ela vira e me olha. Como uma espiral infinita, suas últimas palavras circulam ao redor da minha mente.

“Sangue dela?”

— Como pode ser verdade? — indago, completamente confuso. — Não existe a menor possibilidade de isso ser real.

— Há apenas uma verdade, Erick. — Atena engole e lágrimas voltam a rolar como um rio em seu rosto. — Somos irmãos. Entende a gravidade disso?

Ela cobre o rosto com as mãos e chora sem qualquer controle. Fico ali, parado, olhando para a mulher que tem o meu coração, confuso porque isso não pode ser verdade. Abraço-a com força enquanto ela fica dura como uma tábua, mas não me afasto.

Caralho, como assim? Será que meu pai...? Será eu não sou filho do meu pai? Será que Regina estava grávida de outro homem?

Vários questionamentos vão surgindo e não gosto de ficar assim, sem respostas.

— Não pode ser... Tem algo de errado nisso. Meus pais nunca mencionaram ter outro filho ou filha — afirmo, ainda com os braços ao seu redor.

Será que ela é filha do meu pai?

— Eu ouvi — ela insiste, fungando contra meu peito. — Eu ouvi — repete.

— Falou com o seu pai sobre isso?

— Não. Ele não estava em casa, e depois achei melhor conversar com você antes.

— Fez bem. — Eu me afasto dela.

Decidido acabar com essa agonia agora mesmo. Ligo o carro e dou ré.

— Para onde estamos indo?

— Vamos tirar isso a limpo e agora e acabar com essa agonia. — Estou decidido a esclarecer de vez esse assunto. Não ficaria um dia sequer com isso na mente. — Vou buscar minha mãe. Quero os dois frente a frente.

Arranco com tudo, acelerando pela via paralela até a estrada principal.

— Tem certeza de que isso é o melhor a ser feito? Pensei em fazer um teste de DNA para tirar isso a limpo — ela sugere.

— Não diria que é o melhor, mas é o jeito mais rápido, e talvez correto. Um teste vai levar sei lá quantos dias. Partindo pelo pressuposto de que somos irmãos, não vou conseguir olhar para minha mãe sem questioná-la.

Ela faz uma cara de quem não tem muita certeza. Volto os olhos para a rua e sigo direto para a floricultura. Acho que nunca dirigi tão rápido na vida. Assim que estaciono, seguro o braço de Atena para que permaneça no carro.

— Preciso que faça um esforço e aja o mais normal que conseguir. — Ela me encara sem entender. — Quero surpreender os dois, pode fazer isso?

— Vou tentar.

— Vamos enfrentar seja lá o que tivermos de enfrentar juntos — encorajo.

Puxo-a para os meus braços e planto em beijo em sua cabeça, mesmo que minha vontade seja de beijar sua boca. Não, Atena não é minha irmã. Ela *não pode* ser minha irmã, porque não é certo estar apaixonado por uma irmã desta forma.

— Nos vemos daqui a pouco. — Com uma tristeza nítida, ela deixa o carro.

Neste instante, um sentimento estranho enche o meu peito. É uma dor, uma desesperança, uma raiva... Não sei ao certo. Mesmo assim, respiro fundo algumas vezes e engulo a vontade de gritar.

Ligo o carro e resolvo que, antes de confrontar a senhora minha mãe, vou conversar com vovó. Noto que minhas mãos estão tremendo de nervoso, no entanto, ficar sentado não vai adiantar nada.

Perco o controle dos pensamentos, a palavra “irmão” fica repetindo na minha mente, como um ioiô indo e vindo. Só a hipótese de isso ser verdade me enjoe. Um frio percorre minha espinha, congelando minha alma.

Eu posso estar completamente apaixonado pela *minha irmã*. Posso ter feito sexo — e ainda sinto uma vontade louca de fazer — com a *minha irmã*.

Se isso for verdade, o que vou fazer?

Levo pouco mais que alguns minutos para chegar até a casa de vovó Ane, freando bruscamente à sua porta.

Vejo que está sentada em sua cadeira de balanço, mas se levanta com esforço ao me ver. Assustada e com curiosidade, vai até o parapeito e espera para, provavelmente, me dar uma bronca por estar dirigindo feito um maluco.

Desembarco e bato a porta, o som da pancada soando alto.

— Posso saber o motivo de estar dirigindo feito um doido? — ela zanga, comprovando que a conheço bem demais. — Sua mãe não ensinou que não se deve bater a porta desse jeito, menino?

Aproximo-me sem aviso e a pego em meus braços.

— Estava morrendo de saudade, vovó.

— Falando assim, acaba com a minha vontade de dar bronca em você. Também senti a falta do meu neto preferido. Como foi a viagem?

Quando a solto, dou um passo para trás.

— Foi tudo bem. Consegui grandes avanços.

— Por que parece tão nervoso? — Ela emoldura meu rosto e me observa com cuidado. — Eu conheço você, filho. — Em Seguida, desce uma das mãos e coloca sobre meu coração. — Conte para a sua avó.

Ela me leva para a varanda e me faz sentar na cadeira ao lado da dela.

— É sobre Atena e eu — solto, meio sem saber direito como começar.

— Sabia que era questão de coração. — Dá uma batidinha na minha perna.

— Não, vó, não é bem nesse sentido. — Ela me olha, com dúvida. — A senhora sabe se meus pais tiveram outro filho?

Vovó franze as sobrancelhas e faz um ligeiro movimento de cabeça, inclinando-a para cima.

— O que está acontecendo? Esclareça essa conversa. Não estou entendendo aonde quer chegar, meu filho.

Chego o corpo um pouco para frente e apoio os cotovelos nos joelhos. Com leve movimento, viro o rosto e encaro vó Ane.

— Nem eu sei direto... Atena ouviu uma conversa do pai dela com a minha mãe.

Então, começo a explicar tudo o que me disse no carro. Conto todos os detalhes que me lembro, precisando desabafar com alguém o peso desse segredo.

— Meu filho! — Ela chega um pouco para a frente e segura minhas mãos. — O que está me dizendo?

— Pois é, fiquei assim, igualzinho à senhora. Não tem como ser verdade, vó.

Levanto-me e começo a andar de um lado para outro na varanda. Meu peito dói, e acredito que nunca me senti tão confuso na vida.

— Eu não sei de nada disso, meu filho, juro. Jamais ouvi menção de outros filhos. Isso é loucura.

Ela me olha como se fosse dizer mais alguma coisa, mas nenhuma palavra sai de sua boca.

Paro de andar e a encaro.

— Vó, a senhora sabe a gravidade disso? — Com uma expressão séria, ela afirma. — Eu vou levar dona Regina até a floricultura e colocá-la frente a frente com Sebastião. E isso vai ser agora.

— Eu vou com você. — Apressada, minha avó tenta se levantar. Dou um passo adiante e a ajudo, segurando em seu braço.

— A senhora tem certeza? A situação pode ficar bem difícil.

Vovó para de andar e me lança um olhar intrigado.

— Eu jamais deixaria você sozinho nessa. Só faça um favor para a sua avó. — Encaro-a, pensando no que será que ela quer agora. — Dirija com civilidade, porque sou velha, mas quero viver muito ainda.

Solto uma gargalhada alta, a primeira de verdade desde que voltei de viagem.



Estaciono em frente à casa dos meus pais, coloco a mão na maçaneta para abrir a porta, mas sou impedindo por vovó.

— O que vai dizer para sua mãe para conseguir levá-la até a loja de flores? — Encaro vovó, não havia pensado nisso. — Deixe comigo. Tive uma ideia. — Ela pisca para mim.

Envolvo as duas mãos ao redor do seu rosto e dou um beijo em sua

testa. Por fim, abro a porta e deixo vovó ir na frente. Sem demora, minha mãe vem em nossa direção. Não sei nem mensurar o que sinto ao vê-la. Mesmo assim, engulo a raiva.

— Meu filho, amado, que saudade! Como você está? Fez boa viagem?

— Oi mãe. Foi tudo bem. — Ela me abraça. Fico meio desconfortável, porém retribuo.

— Oi, Ane, tudo bem? — As duas se cumprimentam.

É horrível ter algo entalado na garganta, principalmente se tratando de minha mãe — a mulher que sempre cuidou de mim e em quem confiei minha vida inteira. A vontade é de soltar tudo de uma vez, mas engulo as palavras e procuro me acalmar. Preciso ser paciente. Neste caso, tenho certeza de que o melhor a ser feito é colocar os dois cara a cara.

— Venham — Ela segura na minha mão e sai me puxando para dentro da sala. — Pedi para Samira fazer um bolo de banana. Daquele jeito que você adora, com bastante canela. Está quentinho.

Vovó e eu nos entreolhamos, mas seguimos minha mãe até a copa, onde a mesa está posta para um café. Todos nos sentamos e ela serve as fatias de bolo.

— Ane, quer café ou chá? — Aponta para os dois bules em cima na mesa.

— Chá, por favor, minha querida.

Ela serve vovó enquanto me sirvo de café. Mas não consigo comer nem beber um gole. O nó que se instalou em minha garganta não permite.

É impossível parar de pensar em Atena e na possibilidade de ela ser minha irmã.

Minha mãe pergunta sobre a viagem e finjo empolgação na hora de responder. Vovó percebe meu estado de ansiedade, e ajuda mantendo a conversa fluida. Quando terminamos, ela discretamente — e em cumplicidade — pisca para mim.

— Regina, preciso de um grande favor seu — diz com a voz doce. Eu realmente amo essa senhora.

— Claro, Ane. Do que precisa?

— Bom, sei do seu bom gosto para arranjos de flores, e preciso muito comprar algumas para decorar o salão principal da igreja. — Vovó coloca uma expressão triste no rosto. — Sabe que minhas amigas do grupo de chá têm feito isso, mas estou me sentindo péssima, porque as decorações delas sempre ficam melhores e mais bonitas do que as minhas.

Fico impressionada com a capacidade de minha avó de inventar desculpas. Minha mãe fica calada, bebericando um pouco de chá. Agora,

posso ver nitidamente o seu desconforto ao ouvir sobre a floricultura. O dedo bate na borda da xícara, como sempre faz quando está nervosa, enquanto se decide se vai ou não.

— Ajudo, claro. — Há um pouco de insegurança no modo como fala, mas ela disfarça ao sorrir para mim. Sei que só aceitou por não fazer ideia de que Atena a viu na loja.

Enquanto as duas conversam e se preparam para sair, mantenho-me impassível. Isso foi uma coisa que aprendi a administrar com a dominação. Há um tempo, me sentia um nada, um zero à esquerda, cada vez que meu pai me barrava profissionalmente. Eu queria provar para ele que era capaz. Foi quando me concentrei em mim, no que eu era, e trouxe isso nas sessões de dominação. Dominar não se aplica somente no sexo; é muito mais do que isso — é domínio mental. Desde então, aplico isso na minha vida.

Hoje, mais do que nunca, preciso usar o que aprendi a meu favor.



CAPÍTULO 37

Aena

Estou tão ansiosa que meu pai já percebeu. Desde que cheguei, evito seus olhares constantes. Tenho certeza de que não vai demorar muito para começar a indagar sobre o porquê de eu estar assim.

Assim que passei pela porta, mandei uma mensagem para Elle dizendo que conversei com Erick; que estou, na medida do possível, bem. Avisei que vamos falar com nossos pais e que, depois, mando notícias.

— Como foi a noite na casa da sua amiga? — ele puxa assunto. Reparo que está calmo.

— Foi tudo bem, me diverti — minto sem culpa. Afinal, ele vem mentindo para mim há não sei quanto tempo.

— Fico muito feliz. Você precisa aproveitar mais a vida, filha.

Enquanto ele fala coisas aleatórias, olho para o relógio, esperando que Erick chegue logo. Muito nervosa, esbarro na segunda prateleira e um vaso de lírio espatifa-se no chão.

— Droga! — resmungo.

Agacho e recolho os restos pobre planta. Rapidamente, meu pai está ao meu lado.

— Não se preocupe, vou replantá-la. — Ele estende a mão.

— Acha que ela vai ficar bem? — indago, preocupada. Não gosto de machucar as plantas.

— Vai, sim. — Agradecida, entrego a planta para ele, que fixa os olhos em mim. — Você não está bem... O que aconteceu, Atena?

Mordo a ponta da língua para confrontá-lo, mas prometi a Erick que não falaria nada até ele estar aqui com a mãe.

— Estou bem, pai. Só andei muito estressada por conta do TCC, mas já passa. — Forço um sorriso, sentindo meu estômago revirar.

— Tem certeza de que é só isso? — Ele estuda atentamente meu rosto. — Se estiver com algum problema, sabe que pode contar com o seu velho pai.

As palavras dele fazem meu coração se apertar.

Será mesmo que posso contar com você, pai?

— Eu... obrigada — limito-me a dizer, tentando controlar as lágrimas que lutam para cair. — Vou pegar a vassoura e a pá para limpar a bagunça — aviso, já saindo para o fundo da loja.

Quando volto, ele já está do lado de fora cuidando do lírio. Recolho a sujeira que fiz e, assim que jogo no lixo, penso na forma que Erick me amparou em seus braços, da calma controlada em sua voz enquanto eu chorava, agonizando com o medo. Eu mal consegui fazer as palavras saírem. Só a ideia de ser irmã dele me estilhaça.

Imagino como ele deve estar agora, depois do que ouviu. Coitado.

O sino da porta soa e meu coração dá um pulo dentro do peito.

Assim que me viro, vejo Erick segurando a porta para dona Ane. Logo atrás dela, Regina me encara com desgosto.

Ah, cara senhora, pode apostar que eu também não estou nem um pouco feliz em revê-la.

— Atena! — dona Ane diz, toda amorosa. — É bom vê-la novamente, minha filha. — E me acolhe num abraço carinhoso.

— É bom revê-la, dona Ane. Estava com saudades da senhora — digo quando me solta e se afasta um passo atrás.

Erick fecha a porta e vem para o meu lado.

— Oi — ele fala baixinho, me dando um beijo no rosto.

Só o pequeno gesto já é capaz de me deixar à flor da pele, desesperada por seu toque e odiando a mim mesma por me sentir assim.

Irmão, Atena. Erick é seu irmão.

— Oi — nervosa, consigo soltar a pequena palavra.

Já sua mãe olha tudo na loja, menos para nós.

— Onde está seu pai? — dona Anne pergunta, e isso faz com que Regina fique mais inquieta.

— Ele está lá nos fundos. Vou chamá-lo.

— Ane, minha querida, vamos escolher logo as flores. Não pretendo demorar neste estabelecimento.

— Claro. — Ouço a avó de Erick dizer enquanto caminho até os fundos da loja.

Abro a porta e lentamente caminho entre os vasos de mudas, até chegar em frente à estufa. Por uns breves segundos, fico ali, parada, apenas olhando para ele. Observo-o segurar um galho seco de uma *Amarilis* e cortar, em seguida, o solto no chão. Por um instante, sinto-me como aquele galho descartado sem vida. As lágrimas descem por meu rosto, mas enxugo-as com as costas da mão. Respiro fundo e endireito o corpo.

“Vamos lá, Atena, está na hora de esclarecer esse assunto de uma vez”, penso.

— Pai? — Ele vira para mim assim que ouve minha voz.

— Algum problema?

— Não. — Esforço-me para disfarçar o nervosismo. — É... dona Ane... ela está na loja e quer vê-lo. — Ele acena com um leve balançar de cabeça.

Continuo parada, observando-o, e tenho uma sensação estranha circulando o corpo, como se meu coração quisesse me dizer algo. Talvez para amenizar a possível decepção que estou preste a viver. Ele solta a tesoura e retira a luvas, deixando-as ao lado do vaso.

— Vamos. — Um frio congelante transpassa minha espinha. Assim que ele se aproxima, seguro em seu braço. — Pai?

— O que foi, filha? Você está pálida.

— Eu... eu... Nada, não é nada. Vamos.

Sou tomada pela sensação de que tudo na minha vida está prestes a mudar, e o medo me corrói de dentro para fora. Mesmo assim, abro a porta. No mesmo instante, Erick se vira para nós e estuda cada traço do meu rosto.

— Boa tarde, rapaz, senhoras — pai cumprimenta a todos.

— Sebastião, querido, como está? — Dona Ane, como sempre, é muito atenciosa.

Ela e meu pai conversam amenidades, mas mantenho minha atenção na outra mulher, que fica estática, olhando para meu pai. Talvez não esperasse vê-lo na loja.

— Bom, agora que todos estamos reunidos aqui — paro de falar e ando até a porta da frente, trancando-a, e viro a placa de “fechado” —, acredito que precisamos esclarecer alguns fatos.

Papai me encara. Em seu rosto, vejo que está confuso. A diaba de grife

arregala os olhos, assustada. Volto para os fundos e fico ao lado de Erick.

— Erick e eu gostaríamos de saber se essa mulher — aponto para Regina — é a minha mãe.

Meu pai se encosta ao balcão. Regina o encara com espanto.

Já meu coração martela dentro do peito.

— O quê? O que está dizendo? — ele indaga.

Vou até meu pai e seguro em suas mãos, fazendo com que olhe em meus olhos.

— Pai, por favor, só preciso saber a verdade. — Respiro fundo, reunindo toda a coragem que tenho dentro de mim. — Outro dia ouvi essa senhora — aponto para Regina — conversando com o senhor, aqui mesmo. “Atena tem o seu sangue correndo nas veias”, estas foram as suas exatas palavras.

Os dois ficam em silêncio, estarrecidos. Parecem esperar que uma mágica aconteça e todos desapareçam, sem precisarem esclarecer nada. Uma raiva, misturada com profunda tristeza, transpassa todo o meu ser.

É tão forte esse sentimento que me sinto prestes a explodir, como uma bomba que acabou de ser acionada. Meu coração tamborila incessante em meus ouvidos e meu corpo começa a tremer.

— Você é minha mãe?! — O grito vem do nada, em um surto.

É o acúmulo de tudo. De tristeza, de abandono, de medo, de ódio, desse sentimento de traição... Perco o controle e começo a chorar, enquanto Erick me ampara, envolvendo-me em um abraço.

— Diga a ela, Sebastião. Conte a verdade a essa pobre garota — Regina pronuncia cada palavra como se cuspsse veneno. — Já passou da hora de ela saber a verdade.

Penso que Regina — apesar da raiva que deixa transbordar — esteja dando uma oportunidade a meu pai de esclarecer a história.

— Pai! — imploro, soluçando.

Eu me sinto tão quebrada.

— Sebastião, seja o que for, revele à sua filha e ao meu neto. Eles precisam saber a verdade. É direto deles — a avó de Erick sugere com toda a serenidade que lhe é característica.

— Então, foi para isso que me trouxeram aqui? — Regina encara a sogra, Erick, depois a mim. — Já que vou participar desse *show* de horrores, vamos aos fatos. — Irônica, a mulher bate palmas.

— Regina! — Seu nome sai como uma súplica da boca de meu pai.

— Sebastião é um mentiroso — ela o acusa. — Mentiu sua vida toda, garota. Diga à sua filha que você foi, e ainda é, um covarde, Sebastião.

Ele a atira um olhar gélido, como se quisesse que Regina desaparecesse do mundo. Coloco-me de frente para meu pai, a fim de que veja somente a mim, sua filha.

— Por favor, explique o que essas acusações significam — imploro, em prantos.

Erick segura a minha mão, puxando-me para perto dele novamente. Estou desabando como uma correnteza, destruindo tudo pela frente.

— Não tem coragem de falar? Pois eu tenho. — Mais uma vez, as palavras de Regina são cheias de ironia.

Olho para meu pai, aguardando alguma reação, qualquer que seja, mas a única coisa que faz é baixar a cabeça, nitidamente esperando sua sentença.

Neste momento, meu coração se parte em milhões de pedaços.

— Seu querido pai, Atena, era... — ela faz uma pausa, revezando olhares entre nós dois — ...ninguém menos do que meu marido.

— Por favor, por favor, saia daqui, Regina. Vá embora. O que aconteceu no passado deve ficar lá. Não há motivo para causar tanta dor.

Com a raiva transbordando por meus poros, coloco-me na frente dele de novo.

— Não, ela fica. Deixe-a falar — pela primeira vez na vida, grito com meu pai. — Fale, Regina — peço.

Ela encara meu pai, e o desprezo que sente por ele é evidente.

— Fui casada com esse homem durante seis anos da minha vida — Regina volta a falar. — Dividimos a vida, as lutas, assim como qualquer casal pobre faz para ter uma condição melhor.

— Por favor, Regina, pare com isso — ele volta a implorar para que se cale.

— Ah, por favor, Sebastião. Me deixe contar nossa linda história de amor para todos aqui. E você não concorda que já é tempo de sua filha saber quem é realmente o pai dela? — debocha.

— Continue, Regina. — Estou desesperada para saber mais.

— Um dia, estava em casa, tinha acabado de chegar do trabalho. Na época, eu trabalhava como atendente em uma padaria. Seu pai era garçom e foi trabalhar na cidade vizinha, a poucos quilômetros de onde morávamos. — Pensativa, Regina faz uma pausa. — Naquela noite, ele voltou para casa com um bebê — ela retoma. — Claro que eu o questionei, entretanto, ele disse que a mãe da criança estava muito doente e não tinha ninguém no mundo para ajudá-la, mas não queria dar o bebê para adoção. Segundo ele, a moça era uma garçonzete e amiga dele há anos. Insistiu, dizendo

que era apenas até a tal mulher ficar melhor de saúde. A forma como ele colocou isso me tocou, os detalhes de como a amiga estava sofrendo me comoveram. Não podia negar ajudar a um bebê inocente.

— Mãe, por que nunca contou para nós? — Erick a questiona.

— Deixe-me terminar, meu filho. Não foi para isso que me trouxeram aqui? — diz, ressentida. Erick afirma em silêncio. — Não pensei duas vezes — Regina recomeça. — Peguei o bebê de seus braços e fui cuidar daquele pequeno ser indefeso que, nos meus cálculos, era um recém-nascido, ou talvez tivesse apenas uns dias de vida. Lembro-me de ter perguntado qual era o nome da bebezinha, e ele disse ser Atena. — Ela olha para mim. — Nos dias seguintes, Sebastião estava estranho, bastante nervoso, sentia que escondia algo de mim.

Ao ouvir o que aquelas palavras, sou tomada por uma onda de pânico. As lágrimas inundam o meu rosto. Neste momento, é como se uma represa rompesse dentro de mim, abrindo passagem e arrancando do lugar a minha vida inteira.

— Prossiga, mãe. — Erick me puxa novamente para seus braços, amparando-me.

— Alguns dias depois, pedi para me levar até a amiga, pois queria saber quem era e se podia ajudá-la um pouco mais. Sebastião disse que ia tentar entrar em contato com ela, pois há dias ninguém tinha notícias. Obviamente, estava inventando uma mentira, porém eu confiava plenamente no meu marido. Segui cuidando da criança, até que, poucos dias depois, Atena amanheceu doente, com febre, e precisamos levá-la ao hospital. — Ela estreita os olhos em direção ao meu pai. — Quando chegamos, ele foi até a recepção. Era nítido o seu estado de nervosismo, porém considerei que fosse pelo bebê estar doente. Ele mostrou um documento e, na hora, entendi que era a certidão de nascimento. Com tudo que estava acontecendo, acabei esquecendo de pedir para ver.

Regina balança a cabeça em negativa, a expressão endurecida.

— Você chegou a descobrir algo no hospital? — dona Ane indaga, aflita.

— Não. Na volta para casa, pensei em questioná-lo sobre o documento, porém a bebê não estava bem, chorava muito. Eu estava exausta e a criança também, logo deixei para outro dia. No entanto, passei em claro cuidando da criança, mas a história do documento não deixava meus pensamentos. Então, na manhã seguinte, quando ele saiu para o trabalho, corri até a pasta de documentos que guardávamos em cima do guarda-roupas.

Regina respira fundo e passa a ponta do dedo sobre a ruga formada em sua testa. Acredito que buscando forças dentro de si para continuar.

Olho para meu pai, que não se moveu desde então. Segue sentado de cabeça baixa, como quem aguarda sua sentença. Não consigo mensurar o que sinto, tenho vontade de ir até ele e sacudi-lo até que expresse alguma reação.

— Não encontrei a certidão de nascimento, mas encontrei um documento do hospital onde ela nasceu. Decidida a descobrir a verdade por trás daquela história, peguei a bebezinha e fui até lá. — Regina encara meu pai, que é a derrota em forma humana. — Quer contar para sua filha o final desse filme de horror, Sebastião?

Todos estamos esperando que ele fale algo, porém meu pai nem se mexe. Tenho vontade de gritar, sacudi-lo, mas sei que nada vai adiantar.

— Pai... — incentivo-o.

— Você é um covarde! — Regina grita. — Foi lá na recepção do hospital que descobri que Sebastião era o seu pai. Que a tal moça não era amiga dele, e sim a amante.

Meus joelhos cedem. Erick me segura, colocando-me sentada no degrau da escada.

— Atena? — meu pai diz, ficando de pé. — Você precisa entender...

Levanto a mão na frente do corpo e sacudo enfaticamente a cabeça, negando. As lágrimas escorrem e salgam a minha boca.

— Está feliz? Era isso o que você queria, Regina? — Finalmente uma reação, mas não a que eu esperava.

— Não terminei ainda — ela contrapõe, cheia de veneno.

E, pela primeira vez desde que a conheci, eu a compreendo. Deve ter sido horrível passar pelo que passou. Como ela mesma disse, nós fomos vítimas nessa história horrenda. Colocando-me em seu lugar, acho que também não iria gostar de ter essa merda toda jogada de novo na minha vida.

— Diga logo tudo que precisamos saber, mãe — Erick exige.

— O pior de tudo isso foi saber que a moça — Regina recomeça —, a tal amiga, a amante em questão, não era qualquer pessoa. Ela era a minha irmã.

— Irmã?! — Erick e eu indagamos juntos.

Todos os olhos recaem sobre Regina, menos meu pai, que agora está de costas, com os ombros caídos, virado para os fundos da loja. Não sei o que dizer ou pensar sobre ele.

— Sim. Ela se hospedou por um tempo em nossa casa, até conseguir um emprego e sumir no mundo. Sua mãe se chama Raquel, e ela é minha irmã.

Erick e eu nos entreolhamos.

— Pai? Pai? — sussurro.

— Bem, acho que não tenho mais nada para fazer aqui — Regina diz com total desprezo.

— Não! — Desvencilho-me dos braços amorosos de Erick. — Quero saber tudo.

— O que mais você quer saber, menina? — Ela levanta uma sobrancelha com arrogância. — Que depois não aguentei? Num belo dia, peguei minhas coisas, tirei todo o dinheiro que tínhamos do banco e fugi para outro país. Lá, pude refazer a minha vida longe da imundice do passado. Deixei as mentiras onde elas deviam ficar. Você era essa mentira. — Ela olha de mim para o meu pai. — Não tenho raiva de você, afinal, foi tão vítima quanto eu, porém eu não queria essa parte imunda da minha vida perto de mim. Infelizmente, seu envolvimento com meu filho trouxe isso à tona.

Todos ficamos atônitos.

— Vamos, Erick, me leve para casa.

Erick beija meu rosto e sussurra que falamos depois. Entrego a chave para que abra a porta.

— Venha, vamos vó.

Dona Ane dá alguns passos e para ao lado do meu pai.

— Você, meu velho amigo, deveria ter revelado a verdade para sua filha enquanto teve tempo. — Ela troca um olhar com Regina. — Teria evitado muita dor e decepção. Segredos como esse não ficam guardados para sempre. — Volta a encarar sua nora, como se as palavras ditas servissem para ela também.

— Desculpa, Ane, você sempre foi muito boa para mim — ele diz, levantando o rosto, sua expressão revelando todo seu arrependimento.

— Não é a mim que deve desculpas. — Dona Ane carinhosamente segura minha mão. — Sinto muito, minha filha.

Aceno levemente a cabeça, pois não consigo dizer nada. Há uma pedra atravessada na minha garganta, formando um enorme bolo preso ali.

Os três vão embora, deixando-me a sós com o homem que admirei minha vida toda pelo bom exemplo e caráter. *Que piada...*



CAPÍTULO 38

Aena

— Filha, eu... — Levanto a mão, pedindo que se cale.

As lágrimas, que tinham deixado meu rosto momentos antes, voltam a escorrer sem controle.

— Se for para falar alguma coisa, que seja tudo. Quero saber de tudo agora, não deixe nada de fora. — Em um impulso, começo a enumerar todas as dúvidas que ficaram presas em minha garganta nos últimos meses. — De onde tira o dinheiro para pagar as contas? Quem é a mulher que vi saindo daqui outro dia? Por que diz que está conversando com o padre, quando descobri que tem um bom tempo desde a última vez que apareceu na igreja?

Cuspo todas as indagações quase sem respirar. Estou farta de tantas mentiras. Farta de ser feita de idiota. Depois de tudo o que ouvi de Regina, o outro lado da verdade precisa vir à tona.

— Eu, eu... — meu pai gagueja.

— Desembucha logo! — grito, perdendo de vez o controle.

— Sua mãe está viva! — ele solta a informação de uma só vez, me fazendo dar um passo para trás. Eu sabia que ela estava viva. Ou melhor, ele nunca tinha me dito o contrário. Mesmo assim, não imaginei que todas as minhas perguntas tinham a ver com a sua existência.

— Minha mãe me abandonou quando eu ainda era um bebê — digo o óbvio.

— É ela que tem pagado as nossas contas. Na verdade, o marido dela paga uma mesada para que você nunca a procure, ele me paga para que eu te mantenha longe dela. — Engulo em seco, sem conseguir acreditar.

— Por quê? — É tudo o que consigo dizer.

— Eu me sujeitei a isso porque ela nunca te quis, e a última coisa que eu queria era te ver magoada — papai ignora a minha pergunta e continua explicando. — Porém, precisava do dinheiro, então aceitei a mesada que ele começou a pagar para que você nunca fosse atrás.

— Mas por que eu iria atrás dela? — questiono, ainda sem entender muito bem o motivo disso tudo.

Meu pai puxa o ar com força, esfregando o rosto com a mão em um gesto nitidamente frustrado. Então, como se tivesse finalmente criado coragem, me encara novamente.

— Quando nos abandonou, Raquel conheceu um outro homem. E ele é... muito, mas muito rico. Na verdade, ela nos abandonou porque já tinha um envolvimento com ele. A última coisa que eles querem é que você apareça e faça um escândalo.

Fico em choque com a revelação. E com o tamanho da rejeição. Sinto vontade de sair correndo, me jogar nos braços de Erick e chorar até que a tristeza tenha saído de mim em forma de lágrimas. Mas em vez de fazer isso, opto pelo oposto: ergo a cabeça.

— O que está dizendo? — Tento colocar o máximo de firmeza na voz. — Ela paga para que eu não a procure e o senhor, durante todo esse tempo, aceitou o acordo? Estamos vivendo com o dinheiro dela?

— Há... alguns meses. — Meu pai abaixa o rosto, a vergonha estampada no modo como encara o chão. — Eu não sabia o que fazer. Estávamos afundando. Então, fui atrás dela pedir ajuda, mas foi o marido que apareceu e propôs o acordo.

— Eu não sei de quem tenho mais raiva, pai. Se dela, por ter sido tão cruel, ou de você, por ter mentido durante todo esse tempo. Como o senhor pôde fazer isso? — Sinto a confusão de sentimentos correr por minhas veias, me deixando cada vez mais enjoada.

Primeiro, penso que Erick é meu irmão. Depois, descubro que não é — mas continua sendo meu primo, o que não melhora muito a nossa situação. Agora, descubro que minha mãe tem ainda menos escrúpulos do que imaginei. Além de me abandonar, ainda faz questão de pagar para que eu fique longe. E a única pessoa que pensei sempre estar ao meu lado é um mentiroso.

— É com a minha mãe que você tem se encontrado? — questiono, lembrando das vezes que ele dizia ver o Padre.

— Não, meus encontros são com a secretária, que vem deixar o dinheiro todo mês. — Ela esteve aqui uma ou duas vezes apenas.

Solto uma gargalhada sem nenhum pingo de humor, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Inacreditável — murmuro.

— Por favor, filha, me perdoe. — Papai vem até mim cai de joelhos na minha frente. — Por favor, perdoe seu pai. Só estava pensando no seu bem-estar, no quanto sofreria com toda essa história de abandono. Por isso escondi tudo de você, meu amor.

— Pensando no meu bem-estar... — repito, olhando para ele, e chego alguns passos para trás. Vê-lo assim, tão derrotado, parte o meu coração. — Sinto muito, pai, mas não penso assim. No seu lugar, eu jamais aceitaria nada dessa mulher que sempre nos trouxe dor. O senhor mentiu, me traiu, escondeu uma parte tão importante da minha vida... — Engulo em seco, tentando controlar as lágrimas que queimam atrás dos meus olhos. — Neste momento, eu não consigo perdoar. Talvez um dia, mas agora preciso ficar longe do senhor, longe de toda essa loucura. — Respirando fundo, fungo e limpo o rosto com as costas das mãos.

— Atena, eu errei. — Ele se ergue do chão e vem até mim.

— Então, é essa a sua justificativa? O senhor teve tantas oportunidades para me contar... Não é como se a nossa relação fosse fechada. — Viro-me de costas e começo a caminhar na direção da escada.

— Guardar este segredo de você quase me matou, filha. — Sua confissão não passa de um sussurro, mesmo assim, ela faz com que eu pare de andar. — Eu não conseguia comer direito, não conseguia dormir... Durante meses vivi em uma completa agonia. Tudo porque não podia te contar a verdade.

Suas palavras machucam demais.

— Você podia, pai. — Olho para ela por cima do ombro. — O senhor não quis me contar a verdade.

— Eu não queria te machucar, Atena. Não queria te ver sofrendo.

— Com isso, me fez sofrer ainda mais.

— Por favor, filha, me perdoe — ele pede.

Em seu olhar, há uma culpa genuína. Uma tristeza profunda.

— O senhor está pedindo algo que, neste momento, não posso oferecer.

Sem esperar que diga qualquer outra coisa que seja, saio da floricultura. Corro pela escada e só paro quando estou em meu quarto. Queria poder curar essa ferida aberta no peito, mas não há remédio que possa

fazer isso agora. Talvez o tempo. Choro feito uma criança que acabou de ralar o joelho. A diferença é que a dor física é mais fácil de ser controlada do que a dor emocional. A gente passa um remédio na ferida e logo sara; já a emocional... essa leva muito mais tempo e, às vezes, nunca cicatriza.

Sussurro, entre soluços agonizantes, para as paredes do quarto. Não posso ficar aqui, decido por fim. Pego uma pequena mala sobre o armário e coloco várias peças de roupas dentro. Também separo alguns itens pessoais e de higiene. Faço tudo no automático. Assim que acabo, ligo para Elle, que imediatamente se dispõe a me ajudar.



CAPÍTULO 39

Erick

Dentro do carro, há um silêncio constrangedor. Pelo retrovisor, noto que minha mãe está olhando para fora da janela, mas parece estar a quilômetros de distância. Tenho certeza de que não deve ter sido fácil para ela se expor deste jeito.

— Mãe, meu pai sabe sobre isso? — pergunto assim que estaciono na frente da casa de vó Ane.

— Seu pai sabe de tudo da minha vida. Só não vi necessidade de trazer a história para mais ninguém — ela declara e, em seguida, se cala novamente.

Vovó me direciona um olhar compreensivo enquanto abro a porta e ajudo-a a descer. Mas antes ela olha para minha mãe, que desvia os olhos imediatamente.

— Tenha paciência e tolerância com ela. — Carinhosa como sempre, vovó pede.

— Pode deixar, vó.

Deposito um beijo em seu rosto e volto para o carro. O restante da viagem é feito com uma total ausência de conversa.

Fico pensando em Atena e no caos que deve estar sua vida agora. As revelações que ouviu, o relacionamento com o pai. Fora que somos primos. Não somos irmãos, mas...

Respiro fundo algumas vezes, tentando entender de que forma ética

posso lidar com isso tudo. Será que ela ainda vai aceitar ser minha depois do que ouvimos?

Odeio estar apaixonado pela única mulher no mundo que não posso ter. Dentre bilhões de pessoas no mundo, aquela que amo é minha prima.

Que grande merda.

Assim que estaciono na frente de casa, mamãe abre a porta e quase sai correndo. Parece que não quer ficar um minuto mais na minha presença. Franzo o cenho, estranhando o comportamento.

— O que aconteceu? — meu pai pergunta quando entramos na sala.

— Ele descobriu a verdade. — De forma pesarosa ela aponta para mim.

— Tudo? — indaga, revezando olhares entre nós dois. Mas é a aflição que toma sua voz que me deixa confuso.

— Gente, por favor, se existe algo que eu deva saber, ou que vocês precisam me contar, gostaria que nos sentássemos e conversássemos como sempre fizemos nesta família? — peço apontando para o sofá.

— Acho que já passou da hora de Erick saber a verdade.

Consigo notar o cansaço no semblante de minha mãe quando ela senta no sofá e puxa uma almofada para o colo, fechando os olhos e apoiando a cabeça no encosto. Na mesma hora, fico preocupado com o que está por vir.

O estado do meu pai não é muito diferente. Ele anda de um lado para o outro, como se não estivesse esperando por isso agora.

— Tem certeza, querida? — pergunta a ela, que com um olhar coberto de incertezas, assente sem dizer mais uma palavra.

— Do que vocês estão falando? — quero saber, cruzando os braços na frente do corpo me encosto a parede de frente para os dois.

Pela primeira vez na vida, vejo meu pai, um homem tão confiante e seguro de si, hesitar. Ele esfrega o rosto várias vezes e, em seguida, dá alguns passos na minha direção. Isso só me deixa ainda mais angustiado.

— Erick — começa, sua voz contida e bastante preocupada —, a verdade é que você não é filho de Regina — solta as palavras de uma vez, e o impacto delas me atingem como um soco. Viro de imediato e encaro minha mãe, ou não mais minha mãe, que está pálida. Ela morde os lábios, depois prende o inferior entre os dentes, puxa o ar com força, tentando controlar as lágrimas, mas sem sucesso. — Sua mãe biológica era uma namorada que tive, — Estávamos juntos há mais ou menos dois anos, quando ela engravidou. No momento que soube assumi ela e você. — Ele para de falar, por alguns segundos comprime os olhos com as pontas dos dedos, como se sentisse dor, e acredito que esteja sentindo mesmo. Cutucar feridas, mesmo

as cicatrizadas, o que aqui não parece ser o caso aqui, é o mesmo que mexer num vespeiro. — Ela morreu quando você nasceu. No parto — acrescenta. — Quando me casei com Regina, você tinha quase dois anos.

A informação é... não tenho palavras para descrever. Mas sinto-as em cada pedaço da minha alma, a ponto de não conseguir me manter de pé, e acabo desabando em uma das poltronas. Apoio os antebraços nos joelhos e encaro o chão.

Minha mãe... não é minha mãe. Isso tudo parece um grande pesadelo.

— Eu sempre quis ter filhos, porém não pude realizar esse sonho por um problema de saúde que tive ainda na adolescência. Acho que era a minha sina ser mãe de crianças que não vinham do meu ventre — ela diz, e sei que está se referindo à Atena. — Logo que seu pai e eu nos conhecemos e ele me contou que tinha um filho pequeno, fiquei um tanto apreensiva, como sabe, por tudo que tinha acontecido no passado. Porém, quando meus olhos pousaram em você, eu me apaixonei. E a cada dia que convivíamos, você foi me conquistando... Era o menininho mais encantador que já tinha visto. Quando me casei com seu pai, prometi que você seria meu filho, e ninguém nunca tiraria esse título de mim. Ver você crescer, participar de todos os momentos da sua vida, foi o maior pra-prazer...

Então, Regina desaba em choro.

Não consigo compreender muito bem a história que acabei de ouvir, mas o desespero nela deixa claro que não pode ser mais uma mentira. Meu lado de filho que ama infinitamente sua mãe, tem vontade de abraçá-la, confortá-la, mas há uma dor dentro do peito, uma mágoa que invade, por eles nunca terem me contato essa parte da minha vida. É a minha vida Caralho!

— Como vocês puderam esconder isso de mim? — Olho para meu pai, que parece tão mortificado quanto minha mãe. — Eu tinha o direito de saber a verdade. E não por esse motivo, mas por ser a minha vida.

— Filho, por favor, entenda que nunca vimos necessidade de contar. Para que mudar algo que estava certo? — Meu pai declara, e não posso acreditar que pense que isso esteja certo.

— Que tal a necessidade de algo como agora não acontecer? — acuso. — Eu não posso acreditar em vocês dois. Minha avó sabia disso?

— Sabia — Regina diz, a voz embargada pelo choro, a expressão de culpa cobrindo seu rosto. — Nós a proibimos de falar qualquer coisa sobre esse assunto com você. Ela queria, por várias vezes nos pediu para contarmos. Porém, como seu pai disse, não vimos necessidade.

— Pelo menos minha avó tentou... Como sempre, ficou do meu lado. Pelo jeito, ela é a única pessoa sensata nessa família.

Esfrego o rosto com as mãos, cansado... tão cansado que não sei nem o que fazer agora.

Como eu nunca percebi isso? Como não tenho lembranças de uma época sem Regina Magalhães na minha vida?

— Erick, por favor, acredite em mim quando digo que você é, e sempre será, a melhor coisa que já aconteceu à minha vida. — Ela me olha, tão desolada que não tenho como responder, apenas assinto com a cabeça.

Fico pensando na confusão que se instalou por conta de todas essas histórias mal contadas.

— O que me magoa não é o fato de você não ser minha mãe biológica, e sim a mentira. Não consigo entender por que me esconderam isso por tanto tempo.

— Crianças não se lembram com tanta facilidade do que acontece quando elas são pequenas — meu pai explica. — Quando Regina apareceu, você era muito pequenino. Sem falar que você estava tão carente de uma mãe que se agarrou a ela e não queria mais soltar. Foi amor à primeira vista, filho.

— Para nós dois. — Minha mãe se levanta do sofá e vem até mim, emoldurando meu rosto.

Não tenho forças para me afastar.

— De agora em diante, sem mais mentiras, ouviu? — Exijo, sério, encarando seu rosto

— Não se preocupe, querido. No fundo, me liberei de dois enormes pesos que carregava e me atormentavam há anos. — Ela finge um sorriso.

— Imagino o quanto deve ter sido difícil me ver com Atena. Mas quero que a senhora entenda que ela não tem culpa.

— Eu sei disso, só... — ela respira fundo, acariciando meu rosto. — Só queria me manter longe daquele passado doloroso. Vê-la com meu filho trouxe à tona toda a podridão que lutei durante anos para enterrar. É claro que ela não tem culpa do que aconteceu e foi tão vítima das circunstâncias quanto eu.

— A senhora nunca chegou a amá-la? Digo, quando cuidava dela? — quero saber porque isso foi a primeira coisa que me perguntei quando soube.

— Não tem como não amar um bebê. Quando fui embora, tinha certeza de que estava sendo cruel com ela. Por outro lado, olhar para aquela bebezinha linda era o mesmo que ter uma faca cravada no coração. — Ela se afasta um pouco, as mãos caindo ao lado do corpo. — Ela era a prova viva da traição das duas pessoas que eu mais amava na minha vida.

Eu nem consigo imaginar como deve ter sido difícil para ela lidar com tudo aquilo sozinha. Também não posso julgar, de forma alguma. Quem sabe, em seu lugar eu não agiria da mesma forma, talvez sim, talvez não. Não tenho como saber se não vivi.

— Preciso de um tempo para absorver toda essa história — Regina abaixa a cabeça, sentindo o peso das minhas palavras. Então, completo —, mãe.

Seus olhos encontram os meus, agora marejados de emoção.

Jamais renegaria a mulher que me criou, que me protegeu com unhas e dentes a vida toda. Ela pode ter seus muitos defeitos. Mesmo assim, foi aquela que sempre lutou por mim e me ajudou a me transformar no homem que sou hoje. Acho que nunca me senti assim na vida: tão exausto, confuso, angustiado. Algo dentro de mim parece perdido. Mentiras fazem isso, elas correm como ferrugem em ferro, minando tudo. E apesar de estar assim, a única coisa que quero agora é encontrar a mulher que amo e foder com ela a noite toda. Porque apesar dessa desgraça toda que aconteceu hoje, agora nada mais nos impede de fazer isso.

Por isso, deixo um beijo em sua cabeça e me levanto do sofá, determinado a encontrar Atena e colocar tudo a limpo. Só que antes de chegar à porta, sou interrompido:

— Erick!

A stylized, handwritten signature in black ink that reads "Atena". The script is fluid and cursive, with a large, sweeping initial 'A'.

Saio da loja sem sequer falar com meu pai. Estou tão decepcionada que tenho medo de dizer alguma coisa e piorar ainda mais a situação. Já estamos machucados demais, cansados demais... Tanto ele quanto eu precisamos de tempo para processar o impacto dos últimos acontecimentos.

Ele me espera ao lado do carro de sua mãe. Fico feliz por ter uma amiga que saiba dirigir. Abro a porta de trás e jogo a mala do banco, antes de me sentar no lugar do passageiro.

— Oi, amiga — ela diz com um tom triste.

— Obrigada pela carona.

— Não precisa agradecer. Conte-me: o que aconteceu?

— Aconteceu tudo. — Solto um suspiro, me controlando para não voltar a chorar. — Meu pai mentiu para mim a vida toda. Tenho uma mãe

que nunca me quis e sou prima... — encaro-a, engolindo em seco. — Estou trepando com o meu primo.

Uso as piores palavras possíveis para definir o tipo de relacionamento que tenho com Erick. Há alguns dias, estávamos conversando sobre o fato de eu estar apaixonada. Ontem, falamos sobre um possível incesto. Agora, sobre estar trepando com meu primo.

Quando será que minha vida vai deixar de ser uma novela mexicana?

— *Pera*, vamos pôr ordem nas coisas. Explica a parte da prima, porque até então você achava que era irmã.

— Não sou filha da Regina, e sim da irmã dela, que teve uma relação extraconjugal com meu pai quando ele era casado com a Regina — solto a bomba.

— *Pelamor*, que rolo. — Ele coloca as duas mãos na boca, como se não acreditasse. — E Erick, sendo filho da Regina, se torna seu primo. — Ela levanta a sobrancelha. — Mas, amiga, pegar o primo nem é tão anormal. Tem um monte de gente que faz isso.

— Eu sei, mas só consigo imaginar tendo filhos com doze dedos.

Elena cai na risada. Apesar de nada disso ter um pingão de graça, me vejo obrigada a rir também.

Mas nada disso importa agora, porque, quando as coisas ficam complicadas, só consigo pensar em estar com ele. Erick se tornou meu porto seguro. E, neste momento, preciso do apoio que só ele tem a me oferecer.

Durante todo o percurso até a casa dele, Ele tenta me acalmar. Mas nada do que ela tenha a dizer é capaz de trazer um pouco de tranquilidade para este momento. Conto a ela tudo o que meu pai disse, a outra briga que tivemos e o que descobri sobre minha mãe.

Elena escuta minhas aflições e, como boa amiga que é, oferece alguns conselhos. Mesmo assim, preciso de Erick.

— Obrigada por me trazer, amiga. — Ainda dentro do carro, dou um abraço em Ele.

— Se precisar de qualquer coisa, me liga. Promete que vai fazer isso? — Respiro fundo e balanço a cabeça, afirmando.

— Prometo.

Com um sorriso triste, desço do carro, abro a porta traseira e pego as minhas coisas. Assim que ela avança para longe, dou alguns passos até a entrada da casa, mas paro assim que ouço a voz de Regina. Meu coração tamborila nos meus ouvidos.

— Erick! Sei que fui cruel nas vezes que me encontrei com Atena. Obviamente ela não mereceu ser tratada do jeito como agi. Nem você.

— Ouço Regina falar e busco compreender o que ela quer dizer com isso. — Se quiser continuar com ela, não vou mais me opor. Agora você sabe de toda a verdade e os reais motivos que eu tive para ser uma pedra no caminho de vocês.

— Sua bênção é importante demais para mim, mãe, apesar de que nada me afastaria de Atena nessa vida. Mesmo se ela fosse minha prima.

Aproximo-me mais. Neste momento, os dois se viram em minha direção. É nítida a surpresa em seus rostos ao me verem parada ali. Não sei o que dizer nem o que fazer.

— Atena? — Erick para à minha frente. — Você está bem?

— Eu... Tive uma briga com meu pai e resolvi vir pra cá. Não sei se fiz certo. — Olho para Regina.

— Claro que fez. — Com uma expressão que não consigo decifrar, ele pega a bolsa da minha mão.

— Atena? — Regina se aproxima. — Preciso me desculpar com você. Acabei sendo cruel nas vezes que nos encontramos. Obviamente, você não mereceu toda a raiva que despejei sobre você. — Viro o rosto devagar e lanço uma olhadela para Erick. — Espero que entenda a minha situação e aceite minhas desculpas. Foi muito difícil ver meu passado se encontrar com o meu presente.

— Eu entendo a senhora — falo com sinceridade. — Compreendi que, assim como eu, você também foi uma vítima dos erros do meu pai.

— Obrigada. E, aproveitando, quero deixar claro que não tenho nada contra a relação do meu filho com você.

Fico confusa com suas últimas palavras, e surpresa também. Regina dá um beijo no rosto de seu filho e, com uma expressão de alívio, volta para dentro de casa.



CAPÍTULO 40

Erick

Assim que mamãe sai, encaro Atena. Ela tem os olhos e nariz inchados, o que deixa claro o quanto chorou. Meu coração se aperta ao vê-la nesse estado.

— Venha — digo, apoiando a mão em suas costas. — Vamos subir.

Assim que passamos pela porta, Atena se vira para mim.

— Tinha que sair de lá, e a única pessoa que queria ver era você, mesmo sendo meu primo...

Atena começa a falar, mas nem presto atenção no que diz. Passo a mão pelo seu pescoço e a puxo para um beijo. Sinto seu gosto, inalo seu cheiro, me sentindo como quem acha uma fonte de água em pleno deserto.

Sou tomado pelo alívio, ao mesmo tempo que o desejo me consome.

— Não somos primos — sussurro, afastando minimamente os nossos lábios. — Não somos nada.

Nada além do amor da vida do outro.

— Como? O que está dizendo? — Ela se afasta com uma expressão confusa no rosto.

— Não somos primos. Acabei de descobrir que você e eu não temos nenhum laço sanguíneo.

— O que você está falando? — ela pergunta, a respiração ofegante, a boca entreaberta. — Eu...

— Antes de chegarmos na questão dos primos, conte-me o que

aconteceu entre você e seu pai — peço, louco para colocar tudo a limpo e acabar com esse sofrimento.

Puxo-a para o sofá e Atena começa a narrar toda a história, que mais parece um filme de horror. Seguro sua mão enquanto ela conta que a própria mãe pagava para que ela não a procurasse, e ainda por cima o pai aceitou a chantagem. Estou com meu coração partido por minha Queen, rejeição não é algo fácil de ser superado, ainda mais maternal. Ela vai precisar muito do meu apoio, para passar por cima disso.

— Sinto muito, Atena — digo passando os braços por seus ombros e a trago para meu peito. — Não consigo nem imaginar o que está sentindo.

— Pelo menos estou mais tranquila, afinal, não somos irmãos. E, pelo visto, nem primos. — Ela me oferece um sorriso. — Vai, conta essa história que estou louca pra saber.

— Não sou filho da sua tia. — Atena franze a testa e, por alguns segundos, fica assim.

— Tia? — Ela ainda não fez a ligação entre a mãe biológica e a Regina.

— Regina. — Arregala os olhos.

— Você é adotado? — Sua voz sai num misto de surpresa com espanto.

— Não. Minha mãe verdadeira morreu no parto. Eu tinha, segundo disseram, quase dois anos, acho, quando Regina se casou com meu pai. E me criou como filho dela.

Atena solta uma risada, não sei se de alívio ou o quê.

— Meu pai do céu, será que vamos descobrir mais coisa ainda sobre nossas famílias? E você está bem com isso?

— Confesso que foi um choque. Principalmente por ter descoberto isso só agora — revelo. — Eles deveriam ter me contado antes. Não é como se fizesse muita diferença. Minha mãe continua sendo minha mãe. Ela me criou, fez tudo por mim a vida inteira... — Dou de ombros. — Só que mentiras sempre afastam as pessoas.

— Nós dois sabemos muito bem disso. — Atena me oferece um sorriso triste. — Por outro lado, fico feliz por toda essa história ter sido esclarecida. — Ela envolve as mãos ao redor do meu rosto e me dá um selinho. — Pelo menos, não vamos ter filhos com doze dedos nos pés. — Outro selinho. — Ou orelhas coladas.

Solto uma risada alta e a puxo contra meu corpo, tomando o controle do beijo. Afasto a boca da dela, mordiscando seu pescoço. Louco: é assim que me sinto, quero estar dentro dela, foder seu corpo todo até a exaustão. Sem culpa, sem remorso. Só tesão, que é o que sinto por essa mulher. Preciso ouvi-la gritar meu nome desesperadamente a noite toda.

— Quero que você tire toda roupa e suba em cima da mesa de centro, sente-se sobre seus joelhos, junte as mãos nas costas, baixe a cabeça e me espere — sussurro em seu ouvido.

Sem dizer mais nada, deixo-a sozinha para que faça o que ordenei. Já no quarto, derramo um pouco de espuma de banho na banheira e ligo as torneiras, regulando para que a água fique bem quente. Assim estará na temperatura certa quando viermos para cá.

Ela vai precisar de um banho relaxante depois do que pretendo fazer com ela.

Enquanto a banheira enche, troco de roupa. Escolho uma calça de moletom, não faço questão alguma de manter a cueca. Volto ao banheiro e fecho as torneiras. Faço tudo com a maior calma do mundo. Sei que Atena fica excitada quando não sabe o que vai acontecer. Abro a última gaveta do closet, pego a vela, óleo corporal, vibrador e as cordas.

Dispondo de tudo que vou precisar, volto para a sala, onde a encontro exatamente do jeito que ordenei.

Coloco a corda e a vela no sofá, ando até o interruptor e apago a luzes, deixando apenas a arandela da parede acesa. A penumbra torna tudo mais sedutor. Com passos bem lentos, aproximo-me dela e deslizo a ponta do dedo da nuca até sua deliciosa bunda. Seu corpo imediatamente reage ao meu toque.

Pego a corda e passo as cerdas em sua pele, fazendo com que sinta e tenha consciência do que é.

— Você confia em mim? — É uma pergunta retórica. Já sei a resposta, porém necessito da confirmação todas as vezes.

— Sim, confio em você.

— Precisa de uma palavra de segurança, querida?

— De forma alguma.

Sua resposta é imediata, dando-me certeza de que deposita total confiança em mim.

Ela nunca me decepciona.

Com sua confirmação, começo o processo de amarrá-la. Primeiro ato suas mãos unidas nas costas, depois contorno seu dorso, puxando a corda para que fique firme. Atena respira fundo — e posso ver que sente tanto prazer quanto eu.

Quero deixar as marcas na sua pele. Por isso, faço laçadas e nós. Atena geme baixinho e meu prazer só aumenta. Cruzo a corda pelo seu pescoço, passo entre os seios contornando-os, em seguida desço pelas pernas e prendo seus tornozelos.

Vê-la imobilizada por minhas mãos é um deleite.

Faço cada movimento com total paciência, sem pressa, afinal, este é o sentido do *shibari*. Curto cada segundo. Sua respiração está entrecortada e a veia do seu pescoço salta em batidas. Ela está muito quieta, o que me deixa curioso.

— Está autorizada a dizer o que está pensando.

— Estou recordando do prazer que senti na primeira vez que me amarrou — declara.

— Tenho total certeza de que vai gostar do que vou fazer hoje com você — sussurro.

Seu corpo todo estremece, e sorrio ao saber o quão ansiosa está. Termino de amarrá-la e, com todo cuidado, ajudo-a a ficar de quatro em cima da mesa.

Dou um passo para trás e... que visão espetacular.

— Vou foder você assim. — Encosto minha virilha na sua bunda empinada.

Enquanto absorve minhas palavras, levo a mão até seus seios capturados pelas cordas. Sinto-os volumosos contra minha palma, pesados, os bicos intumescidos, sensíveis pela falta de circulação. Belisco e torço sem dó o pico de um deles, ela geme e se contorce. Sorrio, satisfeito, sabendo que mal comecei.

Deslizo a mão por seu abdômen, até sua boceta, que para meu deleite está encharcada. Esfrego o polegar em seu clitóris inchado. Atena arqueia o corpo, gemendo sem parar.

Isso... é assim que quero você, minha Queen.

Sem qualquer aviso, desço com toda força a mão sobre um lado de sua bunda. O estalo soa e, para o meu prazer, ela grita.

— Erick... — Meu nome sai como um lamento.

— Não se mova — ordeno.

Afasto-me, admirando a bela mulher obediente de quatro sobre a minha mesa de centro. Puta que pariu, que sorte eu tive ao entrar naquela floricultura. Às vezes, o destino pode ser surpreendentemente fantástico.

— Vamos jogar, minha Queen? Hoje, serei o seu senhor — aviso.

Com cuidado, afasto seu cabelo para o lado, abaixo-me e beijo seu pescoço. Em seguida, mordo bem onde a pulsação salta em batimentos rápidos.

— Sim — sussurra ofegante, respondendo à minha pergunta.

Envolvendo a mão em seu cabelo, puxo com um pouco de força e sua cabeça arqueia para trás.

— Sim, o quê?

— Sim, senhor.

Sorrio.

— Muito bem. — Libero seu cabelo.

Pego a vela e a acendo, deixando que o aroma de baunilha se espalhe pela sala. Volto para Atena, foco nos seios volumosos acariciando-os. Com a respiração entrecortada, empurra-os ainda mais contra minha mão, procurando por mais contato.

— Gostosa... Você é muito gostosa, Atena.

Escorrego o dedo até sua boceta, que está pronta para me receber. Quero fazê-la estremecer sob meu domínio. Prendo o volume do seu clitóris entre dois dedos e aperto levemente, em seguida, enfio um em sua boceta. Ela se mexe um pouco, no entanto, atada como está, não pode fazer mais do que isso.

— Erick... — implora, porém esquece do que pedi.

Levanto a mão alto no ar e dou outro tapa em sua bunda, agora mais forte.

— Ai! — Seu grito soa como uma sinfonia para mim.

— Como foi que pedi que me chamasse hoje? — Dou outro tapa.

Noto que o vermelho se espalha por sua pele, a vontade de fodê-la até não poder mais aumenta.

— Senhor... senhor — murmura.

— Muito bem.

Retiro o vidro de óleo do bolso e despejo uma boa quantidade na palma da mão. Com carinho, passo por toda a extensão das costas e bunda. Então, levo o dedo lubrificado até seu ânus, fazendo com que seu corpo se contraia ao meu toque.

— Shhh, calma. Hoje vou provar disso. Serei cuidadoso — garanto.

Meu pau se agita, tão louco quanto eu para estar dentro desse lugarzinho apertado.

— Eu... — ela começa a falar.

Movo-me rapidamente, agachando em sua frente, e ela se cala.

— Não quero saber de nada. Quero sua entrega. E que apenas sinta. Farei com que goste.

— Sim, senhor. — Ela nunca me decepciona.

Sei que nunca foi comida ali, e isso me fascina ainda mais. Serei o primeiro a provar essa delícia.

Levanto-me, vou até a vitrola e coloco uma música. O som *sexy* da canção nos envolve. Pego a vela e, com cuidado, mostro-a à Atena.

— Vamos usar isso hoje? — ela quer saber.

Observo seu rosto e não vejo medo em seus olhos, nem receio em suas palavras.

— Não é uma vela comum — explico. — Não vai ferir sua pele, vai apenas aquecer e provocar um certo ardor. É própria para essa finalidade. — Ela concorda, afirmando com a cabeça.

Mantendo uma distância segura, viro um pouco, fazendo pingos caírem sobre suas costas.

— Ah, ah! — Atena se assusta com o ardor na pele.

— Concentre-se no prazer, Atena.

Ajoelho-me na lateral do seu corpo. Com a outra mão, provoco seu clitóris, estimulando-o, ao mesmo tempo que derramo mais algumas gotas. Estou sendo consumido pelo tesão, sentindo o líquido de seu prazer escorrendo em meus dedos.

Desesperado por mais, apago a vela. Mal tenho tempo de baixar a calça, colocar a camisinha e já estou dentro dela. Atena grita, e o som é como o de um animal que acabou de ser capturado.

Confesso que isso me alucina, meto mais e mais forte.

— Minha... Minha Queen.

Estou perdendo o controle, tanto que minha voz falha. Desde a primeira vez que a vi, sabia que ela seria capaz de me deixar assim. Puxo mais seu quadril, penetrando-a profundamente. Ela geme, sussurra e estremece diante do meu ataque. Arqueio meu corpo sobre o dela e belisco o bico de um dos seios, fazendo-a choramingar. Sinto uma contração contra meu pau, sinal de que está tão entregue quanto eu. Louca para chegar ao clímax.

Movo a mão para sua boceta gostosa, fazendo movimentos circulares, e esfrego sem dó a carne macia.

— Ah, Erick, senhor, eu...

Cesso os movimentos, retirando-me. Ela está perto de gozar e eu também, mas quero estar em outro lugar quando isso acontecer. Volto a pegar o óleo e, com a outra mão, abro um pouco sua bunda, despejando uma boa quantidade ali. Seguro meu pau contra seu músculo contraído, lubrificando-o bem. Com cuidado, posiciono-o na sua carne enrijecida e vou brincando.

— Calma... Relaxa. Vou tomar isso para mim — sussurro, acariciando seu clitóris.

Malcriada, empurra a bunda contra meu pau. Dou um tapinha em seu clitóris e empurro o pau um pouco. Ela choraminga.

Put a que pariu, que delícia.

Sigo com a mão acariciando sua boceta e ela se retrai, mas logo se solta e geme... tudo para meu prazer.

É tão apertado.

Que. Tesão.

Já completamente dentro dela, pego o pequeno objeto no bolso, debruço-me novamente e prendo o vibrador em seu clitóris.

— Isso você já conhece. — Aviso, ligando o pequeno aparelho.

Ao sentir o vibrador, ela solta um longo gemido e empina a bunda um pouco mais. Jogando a cabeça para trás, começo a fodê-la.

— Senhor... Mais... — ela pede, encontrando minhas estocadas.

— Atena, não há nada mais prazeroso do que comer a sua bunda.

Sinto seus músculos se contraírem e sei que vai gozar.

— Erick... Erick... Erick... — Meu nome vira um mantra em sua boca.

Respiro fundo, aumento a velocidade do vibrador e me movo, metendo gostoso. Em gritos, ela goza. Perco-me junto, urrando de prazer absoluto.

Ela é maravilhosa demais!

Quando consigo raciocinar com lógica, desligo o vibrador e, com cuidado, retiro-me de dentro daquele paraíso apertado que é sua bunda. Ela geme, acredito que agora com um pouco de dor. Abraço-a como dá, ficando assim até conseguir recuperar o fôlego.

— Calma, vai ficar tudo bem, vou cuidar de você agora.

Saio de cima dela e começo a tarefa de desamarrá-la. Assim que a liberto, pego-a em meus braços. Seu corpo está mole, exatamente como planejei deixá-la. Ando com ela no colo, com carinho, coloco-a dentro da banheira. Entro também, posicionando-me atrás dela.

— Como se sente? — pergunto, começando a retirar a cera da vela das suas costas. — Como foi o sexo anal, foi bom? — Estou curioso para saber.

O sol vermelho como fogo está se pondo, a luz aos poucos vai tocando a pele dela, fazendo com que fique dourada. Atena vira a cabeça um pouco para trás e seus olhos brilham em tons de azul, amarelo e violeta.

Eu amo essa mulher. Minha rainha.

— Leve, livre e feliz... — diz, voltando o olhar para a espuma branca sobre a água. — Pode ficar convencido com o que vou dizer, mas sexo com você é sempre maravilhoso.

— Ah, obrigado por elevar meu ego — brinco.

— Ai, meu Deus! Cuidado para não sair voando por aí como um balão.

— Ela ri. — Mas sobre o sexo anal, foi mais do que imaginei. Foi intenso, um pouco desconfortável no começo. Mas gostei da dominação que senti.

— É sempre um prazer proporcionar isso a você.

Ela apoia a cabeça no meu peito.

— Amo a forma que me sinto com você.

— Sempre estarei aqui quando precisar, e quando não precisar também. Fique um pouco de pé. — peço. — Preciso retirar o restante da cera.

Ela imediatamente atende meu pedido. Com delicadeza para não ferir sua pele, começo a retirar a cera. Assim que termino, dou um beijo em sua bunda.

— Pronto. — Ela volta a sentar.

Por um tempo, apenas acaricio sua pele macia.

— Você é a mulher mais incrível que já conheci — declaro sem receio.

— Eu sei — brinca naquele tom petulante que tanto adoro.

— É sério. Você é destemida, paciente, forte. — Pego um pouco de espuma e espalho por seus ombros. — E o que mais me surpreende é a coragem que tem de se entregar ao desconhecido, de flertar com o medo, desejo, dor e prazer. Você apenas se joga, é lindo de ver.

— Você sabe que é mérito seu. — Ela se vira, revirando a água para todos os lados. Em seu rosto, há um lindo sorriso que leva luz aos seus olhos. Ela emoldura meu rosto e me beija.

Envolvo-a em meus braços, profundamente satisfeito por ser o cara que a faz se sentir assim.

— Ainda bem que não somos irmãos. Nem primos... — falo contra a sua boca. — Odiaria estar tão apaixonado assim por alguém da minha família. — Então, Atena trava. Posso ver em seus olhos o momento em que absorve as minhas palavras. É por isso que apenas confirmo: — Eu te amo, Queen.

— Também te amo, Erick.



CAPÍTULO 41

Erick

— Amo quando está de vestido. Principalmente os que possuem zíper nas costas. — Termino de ajeitar o fecho da roupa

Demorei uma semana para conseguir colocar meus planos em prática e salvar a mulher por quem estou loucamente apaixonado. Atena não estava bem depois de tudo o que aconteceu. Ela não merecia passar por tudo aquilo, foi uma vítima das circunstâncias.

Convencido a fazer algo para ajudá-la, fui até meu pai e tive uma conversa honesta com ele, sobre minha vida, sobre trabalho e principalmente sobre a mulher quebrada que dormia na minha cama há algumas noites. Achei que ele não fosse compreender, nem aceitar, mas fui surpreendido positivamente quando acatou meu pedido desesperado de ir para Portugal, levando Atena comigo.

E quando disse que estava orgulhoso de mim e do meu trabalho, senti um peso sendo erguido dos meus ombros. Principalmente depois do sucesso que foi a reunião com os diretores dos departamentos de marketing e de produção. Os novos rótulos estão sendo feitos e os vinhedos do Sul já estão começando a ser adaptados para os novos modelos.

Olhando agora para Atena, devo confessar que fiquei com bastante receio de ela não querer vir junto. Fiz tudo sem consultá-la antes. Foi a primeira vez, desde que a conheci, que vi Atena tomar uma decisão sem pensar no pai.

Não sei se isso foi bom ou ruim, mas achei que manter os dois afastados por um tempo era a solução mais correta.

— Pronto?

— Sim, minha rainha. — Ela dá um passo à frente e se vira, encarando-me com aquele ar petulante.

— Até quando vai me chamar assim?

— Até quando eu achar que devo. — Pisco para ela

Ela vira a cabeça de lado e pensa no que dizer.

— Ainda bem que é rainha, assim posso mandar e desmandar em tudo. — Ela adora me desafiar, e eu amo isso.

Agarro-a pela cintura e a jogo sobre a cama, prendendo seu corpo sob o meu.

— Você sempre sendo malcriada.

— Você vai amassar a minha roupa e terá que esperar mais uma hora até eu me arrumar de novo. — Ela ignora o meu comentário.

— Quem disse que eu ligo?

Enfio a mão por baixo do vestido e afasto sua calcinha.

Vou mostrar para ela o que acontece com mulheres malcriadas...



Os dias com Atena no Porto estão sendo maravilhosos. Aproveitamos os passeios diurnos e as noites quentes da primavera. Fazemos pequenos almoços e jantares, andamos a Ribeira... É impossível não passar por lá e se encantar com a vista da Ponte Dom Luís I e dos barcos em cores vibrantes, que sobem e descem o Rio Douro. Atena se encantou com as casas coloridas e a paisagem.

— Para onde estamos indo? — ela pergunta, admirando a costa com o Oceano Atlântico ao fundo.

Estamos num dos bairros mais nobres e bonitos, o Foz do Douro. Ontem, depois de quase um mês em Portugal, Atena finalmente enviou uma mensagem para o pai. Foi curta e grossa, apenas perguntou se estava tudo bem com ele, mas para mim já foi um progresso. A única pessoa com quem fala quase todos os dias é sua melhor amiga, Elle. Seu contato com o pai me animou a fazer o que vinha planejando.

Com isso, estou levando Atena para jantar no melhor restaurante do local. O Debum fica à margem da orla. Sei que ela vai apreciar.

— Já chegamos — digo, parando em frente ao Debum.

— Isso é um castelo? — indaga, surpresa, olhando a fachada do lugar.

— Era. Agora é um renomado restaurante português.

— Por acaso tem um calabouço? — Ela me lança um olhar malicioso, enquanto abro a porta do carro para que possa descer.

— Infelizmente não. — Dou uma piscadinha.

— Que pena... — Seu sorriso *sexy* quase me faz voltar e amarrá-la na minha cama. Felizmente, posso fazer isso mais tarde.

Coloco a mão em suas costas e a direciono para dentro. Meu celular toca, obrigando-me a parar de andar. Tiro-o do bolso e vejo que é Claudia.

— Quem está ligando essa hora e em pleno fim de semana?

— Claudia, mas depois envio uma mensagem para ela.

Claudia acabou ficando no Brasil para me ajudar no desenvolvimento de todo processo de mudança.

— Claudia? Humm.

— O quê?

— Nada, não.

Já conheço essa reação e preciso me controlar para não rir.

— Não fique com ciúmes, minha Queen. Ela é apenas uma amiga que trabalha na empresa, nada mais do que isso.

— Pois fique sabendo que todos os dias você é meu, e só divido você com os negócios de segunda a sexta.

Solto uma risada alta. Envolvero seu rosto com as duas mãos e fixo meu olhar no dela.

— Acho que preciso lembrar você de quem é o dominador aqui. — Seus lábios dobram num sorriso contido enquanto vejo um brilho malicioso passar em seus olhos.

— Talvez eu precise ser lembrada — desafia.

Se eu não tivesse outros planos para esta noite, eu a levaria para o carro e teria o maior prazer em lembrá-la.

— Pode deixar que vou te ajudar com isso. — Aproximo minha boca da dela e possuo seus doces lábios enquanto movo a mão e aperto sua bunda. Ela geme baixinho contra minha boca e meu pau, claro, reage. — Vamos entrar.

Depois do jantar, voltamos para o apartamento em Doro. Atena está feliz, o brilho intenso em nos seus olhos me diz isso.

Ainda no elevador, ela fica me olhando.

— Diga, Queen, o que foi? — questiono, sei que está pensando em dizer algo.

— Me diz uma coisa: aquele dia que nos encontramos na boate Saturno, você foi atrás de mim?

— Claro que não, aquilo foi puro acaso — minto descaradamente. Atena ri alto. Ela não é boba, sabe que não estou sendo sincero.

— Uh-hum, sei.

Faço-me de desentendido, e sou salvo quando a porta do elevador abre. Quando entramos no apartamento, vou até o aparador perto da porta e retiro os dois objetos que deixei ali antes de sair. Atena está virada para a janela, olhando a noite iluminada pela lua cheia. Com passos silenciosos, vou até onde está e me ajoelho atrás dela.

— Queen? — Ela se vira, olha para mim, arregalando os olhos leva a mão aos lábios.

Ela desvia o olhar para o que tenho nas mãos. De uma para outra, depois volta a me encarar.

— Erick... — Pela primeira vez, eu a vejo sem palavras.

— Um dia desses você me pediu uma definição.

— Isso é um pedido de casamento? — Ela toca a coleira com tanta delicadeza que me pergunto se tocou mesmo. Em seguida, faz a mesma coisa com o anel sobre a palma da minha mão.

— Sim, Atena. Você quer se casar comigo? — Ela nem respira, mas, de repente, vira o rosto de lado e sei que está pensando em alguma coisa.

— Espera, você não me pediu em namoro, como pode estar me pedindo em casamento?

Nem nesse momento ela deixa sua petulância de lado. Mulherzinha frustrante a minha.

— Porque, querida Queen, eu posso pular essa etapa. Agora vamos, responda. Quer ser minha?

Ela pega a coleira e a coloca diante dos olhos.

— Antes de dar a minha resposta — seu olhar se fixa no meu —, você sabe que jamais serei submissa fora do quarto. Isso é algo que você tem que estar ciente, *cem por cento ciente*, Erick. Não vou usar a coleira fora dele, a não ser, claro, em algumas exceções. Você está ciente disso?

— Acredite, minha rainha, eu sei onde estou me metendo. Eu sei quem você é, me apaixonei por você exatamente por ser assim. — Ela abre um sorriso. — Nada me fará mais feliz do que viver o resto da minha vida nesses dois mundos com você.

Com a outra mão, ela pega o anel.

— Sendo assim, digo sim. Sim! Sim!

Tinha certeza do sim, mas ouvi-la dizer a pequena palavra faz um alívio tremendo dominar meu corpo.

Ela estende o anel em minha direção. Rapidamente, pego o lindo solitário com um quilate de brilhante, que pertencia à minha vó Ane, e o coloco em seu dedo.

— É tão perfeito... — diz, estendendo a mão diante do rosto.

— Era de vovó. E agora pertence a você.

Com os olhos brilhando, ela me entrega a coleira. Uma peça delicada, feita em couro e com uma fina argola na frente. Fico de pé e, assim que a prendo em seu pescoço, ela leva a mão e toca o objeto.

— Pronto, agora você é minha. — Coloco as duas mãos em sua cintura e a puxo para que nossos corpos fiquem juntos.

É impressionante como sinto essa necessidade de tocá-la.

— Eu já era antes — retruca, como sempre está pronta para me desafiar. Calo-a rapidamente, beijando seus doces e carnudos lábios.

— Eu te amo, minha Queen.

— Eu amo você também, meu Erick.

Dizem que a maioria dos homens não pensam no para sempre, mas aqui, com Atena em meus braços, tenho certeza de que quero viver até lá com ela.

Ainda com meus lábios nos dela, acaricio delicadamente seu rosto, pescoço, e ouço minha Queen gemer baixinho. Confesso que fico louco todas as vezes que ela faz isso. Pego-a no colo e vou em direção ao lugar onde sei que a faço imensamente feliz.



CAPÍTULO 42

Aena

Deitada ao lado de Erick, olho para ele dormindo e reflito como a vida da gente pode ser uma coisa louca. Imaginar tudo o que vivi desde que nos conhecemos: desde o dia que entrou na floricultura com seu jeito de menino riquinho, metido, estalando os dedos no ar... mas depois conheci o verdadeiro Erick, fazendo cair por terra a primeira impressão que tive dele.

Num primeiro momento, tive medo de que estivesse apenas brincando com uma moça simples de uma cidade pequena do interior. Várias vezes me questionei. Por que meu coração disparava quando o via? Por que surgia um sorriso no rosto cada vez que pensava nele? Por que meu corpo reagia, acedendo um fogo, quando se aproximava? Até que finalmente assumi: eu estava completamente e perdidamente apaixonada.

E hoje estamos noivos.

O homem dormindo será meu marido.

Meu companheiro na vida.

Meu dono no quarto.

Meu amor para sempre.



Depois que retornamos ao Brasil, a conversa que tive com meu pai não foi fácil. Recordo-me de cada palavra que ouvi e do que disse a ele como se fosse agora.

— *Atena, espero que, um dia, você perdoe os meus erros. Apesar de tudo, sempre pensei que estava agindo da melhor forma para você.*

Eu poderia ter jogado as verdades em sua cara, mas preferi acreditar que, desta vez, ele estava sendo sincero. Sim, ele errou. Muito. Um erro quase imperdoável, se não fossem todos os outros acertos nos anos anteriores na minha vida, eu acho que não conseguiria. Meu pai sempre foi minha âncora. O homem que me levou à escola, me abraçou quando eu estava triste, moveu o mundo para que eu tivesse a chance de ser uma mulher independente...

Todos cometemos erros, alguns até mesmo irreparáveis, mas não fui capaz de ignorar todo amor que ele me ofereceu. Todos os sacrifícios que fez por mim. Naquele momento, eu só queria colocar um ponto final na dor e no rancor. Precisava recomeçar minha vida, deixando espaço para que o futuro fosse de infinitas possibilidades. Por isso, suspirei fundo e disse:

— *Eu já te perdoei, pai. Mas acredito que nunca mais minha relação com o senhor será como antes.* — Era a verdade, por mais que fosse dolorido dizer aquelas palavras.

As mentiras criaram cicatrizes em nossa relação, e mesmo cicatrizadas elas jamais desapareceriam.

A floricultura me trazia dor, não podia mais continuar lá depois de tudo. Então, naquele mesmo dia, me mudei para a casa de Erick. Há alguns meses estamos morando juntos. Foi difícil deixar a loja, as flores e a rotina de uma vida inteira, mas acredito que foi a melhor decisão que tomei.

Com ele, estou me especializando na plantação de uvas e tenho me envolvido com os negócios da vinícola, usando o conhecimento aprendido na universidade para ajudar nos cuidados com as plantas. Admito que ainda não sei muito bem como será minha vida daqui para frente, também não estou com pressa para descobrir. Aos poucos, chego lá.

Se fui forte o suficiente para resistir até agora, serei mais forte ainda daqui para frente.

A rejeição ainda é um assunto que me dói bastante, principalmente por eu saber onde minha mãe está e tudo o que fez para se manter longe de mim durante todos esses anos. Por isso resolvi contar com a ajuda de uma psicóloga. E isso tem me ajudado bastante.

Um tempo atrás, Erick e eu estávamos conversando e decidimos fazer uma cerimônia íntima para oficializar nossa união, afinal, já estamos morando juntos há algum tempo.

Uma cerimônia com o nosso jeito de ser.

Dona Regina quase ficou louca quando Erick comunicou que faríamos algo íntimo — bem íntimo, na verdade. Ela queria uma grande festa, com toda a alta sociedade. No fim das contas, nem ela foi convidada.

Preferi ficar fora da briga, até porque, quando meu futuro marido me contou como queria que fosse a cerimônia, eu simplesmente amei a ideia.

Meu pai também não aprovou, disse que queria entrar de braço dado comigo na igreja e que Padre Marcos nos abençoasse. Só que, depois de tudo o que aconteceu, não fiz muita questão de convencê-lo a aceitar, apenas disse que a decisão já havia sido tomada.

Com o coração cheio de amor, ando até a janela da sala — do que agora é a *nossa* casa — e admiro os raios de sol se derramando sobre o vinhedo, com os tons das folhas variando de verde-escuro para quase amarelo.

Não vejo hora de amanhã chegar para finalmente oficializar que escolhi ser dele.



EPÍLOGO

Aena

À meia-noite em ponto, entro no salão do clube. Por três dias seguidos, atravessei esse corredor, fiz e refiz o caminho até o centro do salão principal onde vamos nos unir e me preparei para este momento. Erick me contou que, nesse estilo de vida, há várias cerimônias, mas que esta é uma que a ele considera uma das mais bonitas e significativas, pois simboliza um vínculo eterno.

O corredor está coberto por pétalas de rosas brancas e vermelhas, marcando meu caminho até ele. Ao dobrar a curva, eu o vejo — e hoje está mais lindo ainda em seu smoking preto com camisa branca. Noto que, na lapela do casaco, há uma minirosa vermelha e outra branca.

Nas mãos, carrego uma única rosa branca, que já está quase aberta, enquanto Erick segura uma na cor vermelha, com as pétalas um pouco fechadas. Tanto na minha quando na dele há espinhos nos caules.

Sobre a pequena mesa à frente, há velas acesas e uma fina corrente. Nossos amigos estão ao seu lado no pequeno altar improvisado.

Com passos lentos, aproximo-me mais do amor da minha vida. Do meu presente e do meu futuro. Meu coração está batendo tão disparado que chega a fazer minhas mãos tremerem. Acredito que toda mulher, independentemente do tipo de celebração, se sinta assim nesse momento. Ser unida desta forma ao homem que amo, que desperta todos os meus desejos, é maravilhoso.

Finalmente paro de frente para ele e nossos olhares se encontram. É impossível deixar de notar que Erick está do modo dominador. Aquela postura ereta e séria que assume todas as vezes que estamos aqui ou vivendo alguma cena.

Então, vejo-o alcançar algo brilhante. Ele leva as mãos na frente do meu corpo, descansando-a sobre ele um colar. Não... na verdade, é uma coleira. Bem diferente da que me deu no dia do pedido de casamento. Essa é delicada, um fio mais grosso de ouro branco, com uma pequena argola de onde pende a letra E, cravejada de brilhantes. Uma joia linda.

— Lembro-me bem do dia que você me pediu para rotular o nosso relacionamento — ele começa a dizer, aquela voz grossa e rouca me provocando arrepios. Depois, coloca sua rosa sobre a mesa, e brevemente a passa a coleira sobre a chama da vela. — Esta é a minha forma de dizer que não aceito nada além de “para sempre” ao seu lado, Queen. Prometo protegê-la e guiar seus passos por toda a vida, e além dela também — declama, enquanto prende a joia ao redor do meu pescoço.

As lágrimas preenchem meus olhos, estou tão emocionada que mal consigo respirar.

Ele volta a pegar a rosa vermelha e, com cuidado, segura a minha mão esquerda. Com o espinho da flor, fura o meu dedo do meio e deixa que duas gotas de sangue caiam sobre a rosa branca, manchando a delicada pétala. Trêmula, ofereço a rosa para ele, que a pega, desta vez furando o próprio dedo e deixando o sangue pingar primeiro sobre uma pétala nova e, depois, sobre aquela já manchada. Seu olhar me procura no momento que une nossos dedos, selando nossas vidas.

— Faço deste ato o símbolo da nossa união, para que toda a energia dos nossos corpos se una, tornando eterno o nosso amor — promete.

Depois, repito suas palavras, refazendo a promessa.

Nossos amigos e testemunhas da nossa união pegam a corrente sobre a mesa — Elle e Roy em uma ponta, Yosef e Joice na outra — e passam pela chama da vela. Em seguida, nos envolvem com ela e, novamente, recitamos as promessas. Primeiro Erick, depois eu.

Trocamos as rosas e colocamos as duas dentro de um vaso, que será levado para o nosso quarto na suíte do hotel. Depois, serão guardadas pelo resto de nossas vidas em uma caixa feita especialmente para elas.



Quando chegamos à suíte nupcial, Erick está comigo no colo. Com a cabeça virada de lado, dou uma rápida olhada ao redor e constato que nunca estive em um lugar tão maravilhoso em toda a minha vida. Porém, mal tenho tempo de apreciá-lo, pois Erick corre para a cama.

Ele me coloca sobre ela, deslizando o fecho do vestido de noiva que Elena me ajudou a escolher. A peça é curta, de um ombro só e coberta por pequenos cristais. Por baixo, não uso absolutamente nada. Quando me movo para ajudar meu marido a remover o vestido, os cristais reluzem e não mais consigo conter o sorriso.

— Tenho muita sorte na vida mesmo — Erick brinca, sem tirar os olhos de mim, enquanto retira o blazer e a camisa, jogando-os de lado.

Ele é tão maravilhoso...

— Tem mesmo — provoco.

Com um olhar faminto, envolve as mãos ao redor dos meus seios, apertando-os com um pouco de força, me beija com fúria e desejo. Como sempre acontece, meu corpo se acende a ponto de me deixar sem ar. Acredito que sempre vou me sentir assim, com esse fogo que me consome até a alma.

Afasto-me uns centímetros, pensando se solto as palavras que rondaram minha mente.

Por que não?

— Amarre-me. — Ele vira a cabeça de lado, me observando com atenção. Sem dizer nada, apenas se move, sentando-se sobre minhas pernas. — Faça-me sua até eu não aguentar mais — peço, oferecendo os braços para ele.

Erick leva a mão atrás do corpo e retira do bolso da calça uma fita de seda vermelha. O que me diz que estamos — como quase sempre — na mesma sintonia.

Com delicadeza exagerada, segura meus pulsos e circula-os várias vezes, fazendo o famoso nó de marinheiro com a fita. Um sorriso malicioso se faz em meu rosto, acompanhado de muito tesão.

Amo isso.

Amo meu marido.

Amo ser dele.

A vida nunca é linear, e nós dois somos a prova disso.

FIM

AGRADECIMENTOS

Quando estamos perdidos, precisamos de apoio para seguir em frente, afinal, às vezes, não conseguimos fazer tudo sozinhos — e não é todo mundo que está disposto a nos estender a mão e o coração.

Dai Leitzk, obrigada por surtar comigo na primeira versão. Gratidão por me ouvir e me aconselhar.

Mari Monni, serei sempre grata a você por me dar força, por me incentivar a não desistir, por me orientar, pela paciência, horas de chamadas de vídeo e ligações e por me mostrar que sim, dá para fazer melhor.

Obrigada, amiga. Se não fosse todo seu apoio, nós não estaríamos aqui hoje.

Vall Chruscielski.